



**Cecília Maria
da Silva Monteiro**

Simone de Beauvoir e Portugal



**Cecília Maria
da Silva Monteiro**

Simone de Beauvoir e Portugal

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Franceses, realizada sob a orientação científica do Dr. Pedro Manuel Calheiros, Professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Dr.a Otília da Conceição Pires Martins
professora associada da Universidade de Aveiro

Prof. Dr.a Cristina Maria da Silva Robalo Cordeiro
professora catedrática da Faculdade de Letras de Coimbra

Prof. Dr. Pedro Manuel Alves Ferreira Calheiros
professor auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Quando se está a preparar um trabalho de investigação, as horas mais difíceis são aquelas em que, na solidão dum escritório fechado, nos deparamos com a pressão exercida pelo papel branco que urge ser preenchido.

Assim, pretendo aqui testemunhar uma palavra de agradecimento àqueles que ajudaram a suportar esses momentos de desalento, através de uma palavra amiga, ou mesmo de preciosos contributos, sem os quais este trabalho não seria possível.

Ao Prof. Dr. Pedro Calheiros, orientador desta dissertação, sinto-me especialmente grata pelo apoio, paciência e compreensão que sempre me transmitiu, bem como pela integridade científica das suas sugestões e críticas. A sua seriedade profissional, aliada à sua simpatia natural tornaram a sua colaboração inestimável.

À Prof.^a Dr.^a Otilia Martins pelo permanente encorajamento e pela total disponibilidade prestada nas diferentes fases deste trabalho. Agradeço ainda a humanidade com que sempre me tratou e as palavras de ânimo que, em horas de fraqueza, foram o elixir inspirador que ajudava a preencher o tal papel branco.

Mais quero salientar o meu reconhecimento por todos os professores da parte curricular do Mestrado em Estudos Franceses do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro por tudo o que me ensinaram e pela forma dedicada como expunham os conhecimentos.

Agradeço ainda a todos os meus mestres pelo muito que lhes devo, por acreditarem em mim e por me fazerem acreditar que dentro de nós existem forças inimagináveis capazes de nos fazer ultrapassar todos os obstáculos ao longo da vida.

Testemunho o meu profundo reconhecimento aos colegas que diligentemente colaboraram na leitura e correcção do Português; às amigas *do coração*, cujo apoio, mesmo se à distância, foi essencial para me ajudar a ultrapassar os momentos de maior desânimo; ao Jorge, pela sua carinhosa solicitude e apoio constantes; e aos colegas de Mestrado, que, ao longo deste trabalho, se foram tornando amigos verdadeiros.

Desejo ainda expressar o meu agradecimento aos meus pais pela generosidade e carinho com que me brindaram ao longo de toda a minha vida e pela paciência que demonstraram nos momentos mais difíceis; à minha irmã por me apoiar e me compreender quando o cansaço se apoderava de mim e à restante família pela preocupação e interesse demonstrados.

Um agradecimento muito especial à minha avó que, não podendo estar presente fisicamente na conclusão deste sonho, me acompanha sempre em espírito e cuja lembrança me dá força e alento para lutar contra as contrariedades, de forma a deixá-la orgulhosa, esteja ela onde estiver.

resumo

O nome de Simone de Beauvoir é frequentemente associado à luta do *feminismo* e à filosofia existencialista. Dotada de uma forte personalidade regida por ideais sociais e políticos bem definidos, esta escritora, com uma carreira multifacetada, inspirou vivas reacções através do seu projecto de escrita e das posições pessoais que tomou ao longo da sua vida. Habitúamo-nos a vê-la envolvida na defesa dos mais elementares direitos humanos e testemunhámos a forma como o seu *engagement* condicionou a sua relação com Portugal.

Tendo este trabalho como objectivo, ilustrar os vários aspectos da relação de Simone de Beauvoir com o nosso país, abordámos, com esse intuito, as visitas efectuadas por esta autora ao nosso país, dando a conhecer as diferentes facetas que as envolveram e, ao mesmo tempo, estabelecendo um paralelo com outros escritores franceses que visitaram Portugal e que se pronunciaram sobre ele, bem como com a imagem que a sua irmã, Hélène de Beauvoir, criou acerca de Portugal, não só através das suas telas, mas também da sua obra, *Souvenirs*.

A análise do impacto que as suas visitas obtiveram na imprensa periódica portuguesa contribui para uma melhor compreensão da relação da escritora com o nosso país.

Relativamente à representação de Portugal criada através da sua obra escrita, detivemo-nos especialmente sobre o romance *Les Mandarins*, não só devido à polémica que causou, mas também à notoriedade que alcançou; e pelo facto de aí, o episódio português assumir um maior destaque. Para além desta, analisámos outros textos como *La Force des choses* e *La cérémonie des adieux*, estabelecendo, sempre, uma correlação com as outras obras da escritora.

Esta dissertação pretende, assim, iluminar a forma como Simone de Beauvoir viu o nosso país, desmistificando-a, ao mesmo tempo que demonstrando a sua complexidade.

abstract

The name Simone de Beauvoir is frequently associated to the struggle of feminism and to the existentialist philosophy. Endowed with a strong personality driven by social and political ideals clearly defined, this writer, with a multifaceted career, inspired vivid reactions through her writing project and her personal positions taken throughout her life.

We got used to see her involved on the defense of the most basic human rights and we witnessed the way her *engagement* conditioned her relation with Portugal.

Bearing in mind that this work has the objective of illustrating the several aspects of Simone de Beauvoir's relation with our country, we approached, with that purpose, the visits made by this author to our country, revealing the different aspects that involved them and, at the same time, establishing a parallel with other French writers who visited Portugal and wrote about it, and the image of Portugal that her sister, Hèlène de Beauvoir, created, not only, through her paintings, but also, through her book, *Souvenirs*.

The analysis of the impact that her visits had on the portuguese regular press, contributed to a better understanding of the relation the writer had with our country.

Concerning the representation of Portugal created by her writing, we focused specially on the novel *Les Mandarins*, not only due to the controversy it caused, but also due to the notoriety it reached and to the fact that, in this novel, the portuguese episode assumes greater relevance. Besides this one, we analyzed other works like *La Force des choses* and *La cérémonie des adieux*, always establishing a correlation with the other works of the writer.

This dissertation wishes, by these means, to cast some light on how Simone de Beauvoir saw our country, demystifying her vision, as well as showing its complexity.

résumé

Le nom de Simone de Beauvoir est intimement associé à la lutte du féminisme et à la philosophie existentialiste. Dotée d'une forte personnalité et guidée par des idéaux sociaux et politiques bien définis, Simone de Beauvoir a inspiré de vives réactions, par son projet d'écriture et ses prises de position personnelles. On la savait concernée par la défense des droits humains les plus élémentaires: notre recherche nous a permis de témoigner la forme dont son *engagement* a conditionné sa relation avec le Portugal.

Afin d'illustrer les divers aspects de la relation de Simone de Beauvoir avec notre pays, nous avons étudié les différents textes qui relatent ses deux voyages au Portugal, en essayant d'en dégager les aspects et circonstances qui les ont entourés. Nous avons, ensuite, tenté d'établir des liens entre sa vision et celle d'autres auteurs français qui ont, eux aussi, visité le Portugal. Dans ce sens, nous nous sommes intéressée de près, aux images que sa sœur, Hélène de Beauvoir, a retenues, non seulement à travers ses peintures, mais aussi à travers son livre de *Souvenirs*, de ce pays neutre dans lequel elle a vécu, toute la durée de la Seconde Guerre Mondiale.

L'analyse des répercussions et des échos de ses visites dans la presse périodique portugaise a contribué à une meilleure compréhension de la relation de l'écrivain avec notre pays.

En ce qui concerne la représentation du Portugal dans son œuvre écrite, nous nous sommes spécialement intéressée au roman *Les Mandarins*, non seulement à cause de la polémique dont il a fait l'objet, et qui lui a valu une belle notoriété, mais aussi par le fait que *l'épisode portugais* y prend une grande importance. Nous avons aussi analysé *La Force des choses* et *La cérémonie des adieux*, en les mettant toujours en rapport avec ses autres écrits.

Ce travail prétend, essentiellement, mettre en évidence la façon dont Simone de Beauvoir a vu notre pays, l'a démythifié, tout en en révélant la complexité.

«À quoi bon voyager? On ne se quitte jamais», m'a dit quelqu'un. Je me quittais; je ne devenais pas une autre, mais je disparaissais.

Simone de Beauvoir, *La Force de l'âge*, Paris, Gallimard NRF, 1960, p.92

ÍNDICE GERAL

Introdução	p.10
------------	------

Capítulo I - Um olhar sobre Simone de Beauvoir

1. Literatura e <i>engagement</i> :	p.15
1.1. A importância do <i>engagement</i> político	p.19
1.2. O <i>Humanismo solidário</i>	p.25
1.3. A questão do feminismo	p.29

Capítulo II – Hélène de Beauvoir e Portugal

1. Simone e a sua irmã	p.35
2. A estadia do casal de Roulet em Portugal:	p.40
2.1. Os motivos da visita	p.40
2.2. A primeira vinda de Lionel de Roulet a Portugal	p.41
2.3. O regresso a França e os avanços da doença	p.41
2.4. A segunda vinda a Portugal	p.44
2.5. A chegada de Hélène de Beauvoir	p.44
2.6. O exílio e o casamento	p.46
2.7. O contacto entre as irmãs Beauvoir durante o período de guerra	p.51
2.8. O fim da guerra e o regresso a França	p.54
2.9. A representação de Portugal em <i>Souvenirs</i> de Hélène de Beauvoir	p.59
2.10. A acção do casal de Roulet:	p.67
2.10.1. A nível cultural	p.68
2.10.2. A nível social	p.77
2.10.3. A nível político	p.78

Capítulo III – Simone de Beauvoir e Portugal

1. A primeira visita de Simone de Beauvoir a Portugal:	p.80
1.1. A visita na imprensa portuguesa	p.86
1.1.1. A caracterização de Simone de Beauvoir	p.86
1.1.2. O conhecimento acerca da sua obra	p.87

1.1.3. Encontros com a imprensa	p.88
1.1.4. Informações relativas às conferências de Beauvoir	p.89
1.2. A temática das conferências realizadas	p.92
2. Artigos sobre Portugal:	p.99
2.1. Os artigos do <i>Combat</i> e de <i>Libertés</i>	p.101
3.A polémica recepção do romance <i>Les Mandarins</i> :	p.107
3.1. Em França	p.113
3.2. Em Portugal	p.118
4. A segunda visita de Simone de Beauvoir a Portugal :	p.121
4.1. A opinião da imprensa	p.123
4.1.1. Em França	p.123
4.1.2. Em Portugal	p.125
4.2. Conferências realizadas	p.128
5. A visão de Portugal na obra de Simone de Beauvoir :	p.132
5.1. <i>Les Mandarins</i>	p.134
5.1.1. Os motivos da viagem	p.136
5.1.2. A viagem	p.142
5.1.3. A bela e colorida capital marítima	p.145
5.1.4. A miséria do povo	p.149
5.1.5 A oposição	p.153
5.1.6. A beleza do país	p.158
5.1.7. O regresso a França	p.162
5.2. <i>La Force de l'âge</i>	p.170
5.3. <i>La Force des choses</i>	p.175
5.4. <i>La Cérémonie des adieux</i>	p.184
Conclusão	p.187
Bibliografia	p.191

Introdução

No quadro do pensamento europeu, Portugal permaneceu, durante muito tempo, um país desconhecido pela maior parte dos franceses, passando praticamente despercebido no panorama cultural francês.

À distância que separava o nosso pequeno país da França junta-se o facto de a Espanha constituir um obstáculo de grande envergadura. Não nos referimos somente à distância geográfica que qualquer visitante devia obstinadamente percorrer até atingir a fronteira portuguesa, mas sobretudo à inevitável e redutora associação de Portugal a Espanha. Esta relação criava, no espírito francês, uma imagem de Portugal diminuído, dependente da nação vizinha e quase insignificante face à sua grandeza geográfica, cultural e diplomática. No cômputo geral, Portugal era visto como um acessório, como um *parente pobre* da cultura ibérica. Tanto mais que os estrangeiros (franceses, mas não só) praticamente não conheciam o país.

No fundo, este desconhecimento tinha a sua origem numa fraca campanha de propaganda¹ que revelasse no estrangeiro as inesgotáveis riquezas do país e que contribuísse não só para o

¹ Sobre este assunto consultar João Martins Vieira, *A Economia do Turismo em Portugal*, Lisboa, D.Quixote, 1997, pp.30 a 36.

aumento do turismo, mas também para a superação dos estereótipos criados ao longo do tempo que davam uma imagem deficitária de Portugal: um pequeno país perdido num dos cantos da Europa. Desta falta de publicidade derivava o parco conhecimento acerca do país que concorreu para o seu progressivo afastamento cultural e económico da Europa; se a essa ignorância acrescentarmos a atitude de indiferença por parte dos franceses em relação à lusitanidade, facilmente compreendemos por que razão a história cultural das relações franco-portuguesas se pautou, durante um largo período de tempo, pelo desconhecimento e pela falta de interesse. Para esta situação contribuiu também a asfixia do regime ditatorial de Salazar que, extremamente nacionalista, era um regime fechado e voltado para si mesmo, de tal forma que menosprezava as vantagens que poderiam advir do estrangeiro. Parece óbvio que Portugal não tinha sido capaz, até então, de mobilizar as energias e as paixões do povo francês, não conseguindo fixar imagens caracteristicamente lusitanas no imaginário da maioria da população gálica.

O grande impulsionador da campanha de divulgação internacional de Portugal e, em suma, o responsável pela viragem das relações franco-portuguesas foi António Ferro² que convenceu Salazar da importância de uma política promocional capaz de controlar a ideia de Portugal delineada além-fronteiras. É neste sentido que se entende a seguinte afirmação de Martins Vieira:

«Em 1931 abriu em Paris a primeira de várias casas de Portugal reforçando-se assim, no estrangeiro, uma estrutura promocional que foi de importância capital para o desenvolvimento do turismo internacional em Portugal e a sua promoção, com o inevitável aproveitamento político a que não foi estranha a criação do SPN – Secretariado da Propaganda Nacional, cujo primeiro responsável foi António Ferro.»³

Assim, no intuito de promover a cultura portuguesa no estrangeiro (e simultaneamente a imagem idílica do seu regime político), Portugal promoveu uma série de acções propagandísticas que, inevitavelmente, o aproximaram de França: criação de uma secção de serviços de recepção aos estrangeiros; divulgação de uma bibliografia específica do Secretariado da Propaganda Nacional (S.P.N.), que servia os interesses do governo de Salazar; publicação ou apoio à edição de obras portuguesas laudatórias do ditador português e da sua política através do Instituto Português do Livro; organização de conferências e exposições internacionais sobre a cultura lusitana; recurso à “Casa de Portugal” como órgão divulgador da cultura portuguesa; criação de uma cadeira de estudos camonianos no Centro Cultural de Nice; etc.

Desta forma, assistimos progressivamente à penetração da cultura lusitana no quadro cultural francês. No entanto, convém ressaltar que esta aproximação progressiva foi lenta e não alcançou o grande público.

² Para mais informações consultar João Medina, *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1977.

³ João Martins Vieira, p.35.

Foi com o propósito de aproximar França de Portugal, e vice-versa, que foram convidados a visitar Portugal vários escritores e jornalistas franceses desejosos de aí encontrar a materialização das suas ideologias políticas (grande parte destas personalidades perseguiram um ideal de direita nacionalista e anti-democrático): Jacques de Lacretelle, Henri Massis, François Mauriac, Georges Duhamel, Maeterlinck, Valéry Larbaud entre outros. Através dos relatos destes intelectuais, a França ficou a conhecer a idílica miragem de uma nação tranquila e disciplinada, de um povo trabalhador e afável e de um regime político que associava a autoridade ao trabalho de forma a construir uma dita sociedade harmoniosa. Estas são as isotopias edificadas pela maior parte das descrições de Portugal elaboradas, a partir de 1930, pelos escritores que visitaram o nosso país. Portugal passa a ser visto pelos franceses como uma espécie de paraíso perdido, como uma ilha de felicidade no meio da tumultuosa Europa.

Posteriormente, durante a década de quarenta, esta visão paradisíaca continuou a ser sustentada pela semelhança ideológica entre o governo de Vichy e Portugal: o autoritarismo moderado e o corporativismo que caracterizavam o regime português eram, por exemplo, encarados como um modelo a seguir⁴.

Nesta altura – durante a Segunda Guerra Mundial –, encontrava-se no nosso país Hélène de Beauvoir que tinha vindo juntar-se ao namorado e futuro marido, Lionel de Roulet. Foi em Portugal que o casal uniu as suas vidas e atravessou o conturbado período de guerra que assolava a Europa.

Finda a guerra, eis que um novo grupo de visitantes franceses procura o charme e bucolismo que sempre caracterizaram Portugal no estrangeiro: Jacques Chardonne, Paul Morand, Michel Deon, entre outros. E o pequeno país à beira-mar plantado contava ainda com o seu esplendor junto do olhar francês. Com efeito, nos textos destes escritores ainda encontramos traços da visão edénica de Portugal.

Simone de Beauvoir, que vem ao nosso país a convite do Instituto Francês em Portugal, onde o cunhado havia assumido funções, destaca-se deste panorama ao dar ênfase – nas suas obras *Les Mandarins* e *La Force des choses*, bem como nos artigos escritos sob o pseudónimo de Daniel Secrétan – aos problemas reais do país: a pobreza, o analfabetismo das populações, as profundas injustiças sociais, as más condições de vida dos portugueses, etc.

Não negando a beleza e a riqueza do país, a escritora não deixa de chamar a atenção para os problemas económicos e político-sociais do mesmo. Não poderia ser de outra forma, já que – como tentaremos demonstrar no capítulo que se segue – a sua própria personalidade exigia transparência no que dizia respeito à recriação da imagem de uma sociedade ou de um país.

⁴ Sobre este assunto consultar Helena Pinto Janeiro, *Salazar e Pétain. Relações luso-francesas durante a Segunda Guerra Mundial (1940-44)*, Lisboa, Cosmos, 1998.

O presente trabalho pretende mostrar a forma como estas duas irmãs francesas olharam para Portugal e a maneira como o retrataram. Dado que a representação de um país no estrangeiro não se constrói apenas através da escrita, pareceu-nos conveniente abordar a forma como Hélène de Beauvoir apresenta Portugal, não só nas suas memórias recolhidas por Marcelle Routier em *Souvenirs*⁵, mas também na sua obra pictórica. Se bem que a nossa intenção diga sobretudo respeito à representação do nosso país na obra de Simone de Beauvoir – dado que, através dos escritos desta autora, a realidade portuguesa foi mais divulgada do que propriamente através das obras da sua irmã, que permaneceram pouco conhecidas do grande público –, pareceu-nos relevante e deveras interessante estabelecer um paralelo entre a visão de Portugal de Hélène e a de Simone, bem como tentar compreender toda a complexidade e extensão das suas respectivas representações do país. De forma a desmontar as causas motivadoras da construção da imagem que cada uma formou, propusemo-nos analisar as razões que conduziram as irmãs Beauvoir ao nosso país e os condicionalismos que orientaram a imagem construída.

Para além disso, considerámos premente estudar o impacto que a estadia do casal de Roulet produziu em Portugal, pois a presença de Hélène de Beauvoir e de Lionel de Roulet neste país não foi improficua e as consequências foram benéficas quer para os portugueses, quer para o casal.

É ainda essencial, ao estudar uma determinada *representação*, avaliar a situação do sujeito «regardant»⁶, ou seja, do responsável pela criação dessa representação, bem como a sua condição e toda a sua bagagem cultural e ideológica, que, propositadamente ou não, acaba por interferir na construção da *imagem* da realidade estrangeira.

De forma a enriquecer e tornar mais abrangente o entendimento da *imagem* criada por Hélène e Simone de Beauvoir, procurámos confrontá-las com as de outros escritores que também contribuíram para a divulgação de Portugal no estrangeiro, ao imprimir, nos seus textos, a visão que retiveram após terem visitado esta terra lusitana.

Finalmente, pareceu-nos impreterível tentar desvendar a controvérsia que envolveu a obra de Simone de Beauvoir onde o episódio português é mais longo – *Les Mandarins* – não só em Portugal mas também em França, perspectivando a forma como essa alteração se relacionou política e ideologicamente com a descrição realizada do nosso país.

Todavia, este estudo não estaria completo sem a apreciação da segunda vinda da escritora ao nosso país. Cerca de trinta anos depois da primeira visita, em 1945, Beauvoir regressou a Portugal, em 1975, na companhia de Sartre. Quais os motivos da sua visita? Como foi recebida? Que impressão levou de Portugal? As suas opiniões acerca do nosso país sofreram alguma alteração?

⁵ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs* (recueillis par Marcelle Routier), Paris, Librairie Séguier, 1987.

⁶Sobre este assunto consultar Daniel-Henri Pageaux, “Une perspective d’études en littérature comparée: l’imagerie culturelle” in *Synthesis*, VIII, Bucarest, 1981, p.171.

Estas e outras questões têm sido pouco discutidas e merecem a nossa atenção, pois concorrem para um melhor entendimento da complexa relação entre a escritora e o nosso país.

De forma a levar a bom termo este estudo, visitámos várias bibliotecas francesas e portuguesas, no intuito de alargarmos o nosso horizonte bibliográfico e de completarmos as informações obtidas. Para além das obras indicadas na bibliografia, consultámos vários periódicos portugueses e franceses da época em que Simone de Beauvoir esteve no nosso país (Março e Abril de 1945 e de 1975) e aquando da edição de *Les Mandarins* (Janeiro de 1956, em França, e Fevereiro e Março de 1976, em Portugal, para o primeiro e segundo volume, respectivamente).

A consulta da imprensa portuguesa ocupou grande parte do tempo dedicado à pesquisa, pois verificou-se ser um processo deveras difícil – alguns periódicos não estavam disponíveis, outros estavam em muito más condições – mas necessário para uma melhor compreensão da problemática que nos propusemos analisar.

Para além disso, ao longo deste trabalho de investigação, mantivemos contacto, via internet, com a editora francesa da obra de Beauvoir, Ed. Gallimard, bem como, contacto telefónico com a livraria Bertrand, que, em Portugal, detém os direitos de publicação de grande parte das obras da escritora. A correspondência trocada com Sylvie le Bon de Beauvoir, a herdeira de Simone de Beauvoir e organizadora da edição de algumas das suas obras, forneceu, de forma semelhante à das editoras, algumas pistas de trabalho que fomos investigando.

Finalmente, visitámos o Instituto Francês em Portugal e a Comissão para a Igualdade dos Direitos da Mulher com vista à obtenção de dados biográficos e de documentos que testemunhassem a passagem de Beauvoir pelo nosso país. Embora os resultados desta pesquisa nem sempre tenham sido profícuos, todas as informações recolhidas ajudaram a construir um trabalho mais seguro e fundamentado.

Em suma, este estudo, não querendo ser exaustivo, pretende contribuir para uma mais sólida compreensão das diferentes relações estabelecidas entre Simone de Beauvoir e Portugal. Assim, propusemo-nos abordar as diferentes vertentes dessa relação bilateral que inevitavelmente influenciaram a edificação da *imagem* de Portugal nos seus escritos.

Capítulo I – Um olhar sobre Simone de Beauvoir

«Le fait est que je suis écrivain: une femme écrivain, ce n'est pas une femme d'intérieur qui écrit mais quelqu'un dont toute l'existence est commandée par l'écriture. (Pour l'écrivain, il s'agit de communiquer "le sens de l'être dans le monde"). Cette vie en vaut bien une autre. Elle a ses raisons, son ordre, ses fins auxquels il faut ne rien comprendre pour la juger extravagante.»

Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, Paris, Gallimard NRF, 1963, p.213.

1. Literatura e *engagement*

Para Simone de Beauvoir, a escrita deve ter um sentido, algo que lhe dê significado e coesão. A totalidade dos seus escritos – a sua obra literária, jornalística, ensaísta, etc – se bem que tenha a sua fonte de inspiração na vida mais íntima da escritora e esteja, desde logo, enraizada numa época e local específicos, aspira a globalidade através dos temas que trata: o amor, a liberdade, o valor da vida humana, entre outros. São temas essenciais para toda a humanidade, que retratam os anseios e as esperanças de todos nós e que conferem à obra da escritora a universalidade e a coerência desejadas. É nesse sentido que Georges Hourdin diz que:

«Simone de Beauvoir a cherché, instinctivement ou volontairement à construire son œuvre romanesque à partir de la vie vécue, de son expérience, du moment bien déterminé où lui avait été donné d'être sur la terre.»⁷

Apesar de famosa pelo seu empenhamento em causas políticas e sociais, nem sempre Beauvoir se sentiu directamente implicada no destino dos seus concidadãos quando retratava a realidade. Era sobretudo a sua experiência pessoal que a ocupava no momento de escrever. Esse sentimento de responsabilidade foi algo que levou algum tempo a instalar-se e a ocupar o seu espaço próprio na sua forma de encarar o mundo.

Na verdade, foi à escrita que coube, durante um longo período da sua vida adulta, o papel de destaque na *filosofia de vida* da escritora. Já na adolescência, Simone de Beauvoir questionava seriamente os valores morais e religiosos que a família, sobretudo a mãe, e a sociedade lhe impunham e procurava substituí-los pela força imortal das palavras. Assim, desde muito cedo que a

⁷ Georges Hourdin, *Simone de Beauvoir et la Liberté*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1962, p.94.

escrita se lhe apresentava primordialmente como uma forma de salvação e se tornou o seu projecto de vida. Tomada esta decisão, nem mesmo os primeiros fracassos a fizeram desistir da sua ambição. Este empreendimento perseguido com tenacidade justificava, segundo ela, a própria existência e representava simultaneamente uma decisão, uma justificação e um ponto cardeal que guiasse a sua vida.

Muitos críticos associaram esta faceta da autora à sua ausente vontade de procriar. Com efeito, a comparação entre o acto de escrever e o de procriar não é recente e atesta a coerência da empresa a que se propôs Simone de Beauvoir: se para alguns é o acto de ter e criar descendentes que dá sentido à vida, para a autora, a forma de aceder à imortalidade podia ser outra. Ela havia decidido que os seus descendentes seriam os livros. Pretendia, assim, ultrapassar o universo da imanência e aceder ao da transcendência, alcançando um lugar privilegiado e inolvidável no mundo. As suas melhores criações não seriam filhos, mas sim livros, que é o mesmo que dizer, filhos do espírito e não do sangue. Para além disso, a escrita era um meio de se sentir aprovada *pelo outro* e por si mesma, uma forma de se sentir útil e, como já dissemos, de justificar a sua existência, o seu lugar e a sua conduta neste mundo.

Após se libertar dos constrangimentos da sua família, Simone de Beauvoir pôde finalmente satisfazer os desejos que escondia no interior de si. Assim, a busca da alegria e da felicidade tomaram o lugar outrora ocupado pela escrita. No entanto, esta felicidade era mais do que a simples procura de momentos agradáveis, representava, sim, a aliança entre a satisfação pessoal e a necessidade de encontrar a verdade acerca do mundo e de si própria. A sua vida em Paris e o encontro com aquele que seria o seu companheiro para toda a vida, constituíram a sua época mais feliz e despreocupada. É neste sentido que se entendem as palavras de Chantal Moubachir:

«Pas un instant à perdre, vivre l’instant, sont deux impératifs, on pourrait presque dire deux mots d’ordre, de l’éthique beauvoirienne. D’où l’importance de la fête.»⁸

Assim, Sartre e Simone eram como dois «órfãos de Deus»⁹ (pois tinham renegado a religião e a ideia de Deus em geral) descomprometidos e livres que procuravam a salvação através da literatura e a alegria através da liberdade. Tal como diz Moubachir:

«La gaieté d’exister est en définitive soutenue, motivée, justifiée par la liberté, liberté vis-à-vis de la nature mais aussi à l’égard des autres.»¹⁰

Porém, a escolha do objecto sobre o qual se debruçaria o seu trabalho de escrita foi, durante algum tempo, uma incógnita. E seriam as memórias, ricas e vibrantes, a dar origem aos seus

⁸ Chantal Moubachir, *Simone de Beauvoir ou le souci de différence*, Paris, Seghers, Collection philosophes de tous les temps, 1972, p.28.

⁹ Hourdin, p.187.

¹⁰ Moubachir, p.29.

primeiros sucessos de vendas. Posteriormente, foi o desejo de conhecer o mundo e o seu gosto pela aventura que a levaram a relatar as suas viagens e a descrever, através desse relato, diferentes povos e diferentes formas do homem se posicionar na vida. Com efeito, o seu projecto de conhecer o mundo estava intimamente ligado ao de o expor. A atitude de recusa face à simples atitude do “olhar” em favorecimento do “ver” levou à construção de uma obra desligada das aparências e em sintonia com a realidade. É nesta óptica que se entende a sua atitude no que diz respeito à realidade portuguesa. Chegado o momento de a retratar através da escrita, a escritora encontrava-se numa fase da sua vida onde os valores morais e éticos falavam mais alto que as suas conveniências pessoais.

Não obstante, Simone de Beauvoir passou grande parte da idade adulta empenhada na busca da felicidade pessoal. Coube à guerra determinar um momento de viragem decisivo na evolução do pensamento beauvoriano, criando, na escritora, um forte sentimento de responsabilidade e, inevitavelmente, impossibilitando-a de tomar uma posição neutra face à realidade circundante. É esta a evolução que Christiane Romero refere ao dizer:

«Da individualista não politizada, dominada por uma oposição essencialmente estética ao seu mundo burguês, nasceu uma mulher profundamente empenhada no campo intelectual e social e, por fim, político, que elegeu para grande princípio da sua vida uma responsabilidade pelos outros, uma solidariedade com os outros que, a partir de França, abrangia todo o Mundo. (...) O caminho para o empenhamento, nas diferentes formas que assumiu ao longo da vida de Simone de Beauvoir, foi um pouco mais lento. Tanto a destruição do mundo anterior à guerra e à ocupação como o desapontamento, senão desengano, quanto ao desenvolvimento da França e da Europa depois da guerra, foram etapas importantes.»¹¹

A partir desse momento, Beauvoir não mais poderia deixar de participar na luta pelos direitos da Humanidade e a forma que encontrou para participar nessa luta foi através da escrita.

Esta preocupação pelo *outro*, este Humanismo, decorre da filosofia pela qual o casal Sartre-Beauvoir ficou conhecido: o Existencialismo.

De facto, os existencialistas ao advogarem que as ideias, ou essências, são contemporâneas das coisas e não anteriores a elas, estão simultaneamente, a negar a existência de Deus (pois não há nada anterior à existência concreta) e da natureza humana (não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber) e a valorizar o primado da liberdade em relação ao ser. Assim, o homem, tal como o concebe o existencialista, não é definível, porque primeiramente não é nada. O homem constrói-se a si próprio, tomando as suas decisões de forma mais ou menos consciente e moldando a sua vida de acordo com elas. Daqui decorre que o Existencialismo é, fundamentalmente, uma

¹¹ Christiane Zehl Romero, *Simone de Beauvoir*, tradução de Maria Nóvoa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp.57 e 58.

antropologia, ou seja, uma reflexão filosófica sobre o homem enquanto ser existente concreto inserido num determinado contexto. Neste sentido, os primeiros esforços do Existencialismo foram o de devolver ao homem o domínio sobre si mesmo – destruindo dogmas como o destino, Deus ou qualquer outra força superior – e o de lhe atribuir a total responsabilidade pela sua existência. Esta responsabilidade não se esgota na sua restrita individualidade: cada um é responsável, concomitantemente, por si e por todos os indivíduos. Deste facto decorre que o Existencialismo encerra em si uma moral¹² da acção, pois considera que a única coisa que define o homem é o seu acto. Acto livre por excelência, mesmo que o homem esteja sempre situado num determinado tempo e lugar. Como veremos no capítulo seguinte, Simone de Beauvoir defende a responsabilidade do intelectual em relação à sociedade e elogia a literatura enquanto forma de acção. Aliás, para ela, essa era uma das melhores formas de resistência à ocupação alemã; dois dos seus mais conhecidos estudiosos, Francis e Gontier, reiteram esta mesma ideia:

«La littérature restait la seule forme de résistance possible, c'est ce qu'avait toujours pensé Simone de Beauvoir. Elle commença son deuxième roman, *le Sang des autres*. Elle y racontait l'Occupation et la Résistance mais ne comptait pas le voir publié avant la victoire à laquelle elle s'efforçait de croire.

Elle était persuadée que l'écrivain se devait agir par ses œuvres.»¹³

Segundo ela, a literatura era uma forma de agir na sociedade e um meio privilegiado na defesa dos direitos humanos; consequentemente, era também uma forma de «existir».

Conclui-se que o Humanismo, enquanto movimento que exaltava o valor do homem e da sua obra, individual ou colectiva, estava intimamente ligado ao Existencialismo, pois em ambos o homem era o centro principal de interesse.

Como veremos no capítulo seguinte, este Humanismo, pelo qual a escritora é hoje em dia reconhecida, não surgiu espontaneamente, foi antes o resultado de um “acordar” para a dura realidade do mundo para o qual contribuiu, como veremos, a sua estadia em Portugal.

¹² Simone de Beauvoir analisa a problemática da moral segundo uma perspectiva existencialista na sua obra *Pour une morale de l'ambiguïté*, essai, Paris, Gallimard, Coll. Les Essais, XXVI, 1947.

¹³ Claude Francis; Fernande Gontier, *Simone de Beauvoir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985, pp.216 e 217.

1.1 A importância do *engagement* político

Simone de Beauvoir é a pensadora, a intelectual orgulhosa que rejeitou todas as subserviências, que apresentou as razões para a sua luta pela liberdade e que, ao longo dessa luta, foi construindo uma obra literária de relevo.

É, hoje em dia, uma escritora mundialmente conhecida, em grande parte devido aos seus escritos e à sua luta pelos direitos da mulher. Denunciou através do seu talento e da sua figura mediática, os vícios da burguesia intelectual da sua época e, a um nível mais global, as opressões e as injustiças no mundo. É neste sentido que Hourdin diz:

«Elle est désormais un écrivain célèbre, qui a cherché à servir les autres et qui a voulu, avec cette ténacité qui la caractérise, construire à partir de sa vie une oeuvre significative. Elle a même fait scandale par son attitude et par les idées qu'elle professe. Elle est le type de la femme indépendante, de la femme moderne, de la femme qui fait sa vie et qui veut aider les autres à se libérer.»¹⁴

Os valores humanos, éticos e morais passaram a estar no topo da sua lista de prioridades devido aos acontecimentos marcantes da Segunda Guerra Mundial que transformaram a forma como a escritora perspectivava o mundo. A guerra e a Ocupação levaram-na a admitir a intersubjectividade e a coexistência *do outro* que condicionava a sua própria existência e que, de certa forma, limitava a sua liberdade. Esta tomada de consciência não foi tranquila. A relativa ataraxia e a confortável inocência que caracterizavam a sua vida foram substituídas pela necessidade de empenhamento, ou seja, pela obrigatoriedade de uma tomada de posição. Não mais poderia a escritora fingir que ao afastar-se dos problemas do mundo estava a defender uma posição de neutralidade. O optimismo inconsciente que a distinguia transformava a sua visão da realidade, afastando-a, desresponsabilizando-a e conduzindo-a a uma «dé-réalité» que caracterizava a vida da maior parte dos intelectuais oriundos da pequena burguesia. Anne-Marie Lasacki fornece uma explicação reveladora deste estado de semi-consciência:

«Par “dé-réalité”, nous pensons qu'elle [Simone de Beauvoir] entend cette fuite devant la réalité, ce refus de considérer les situations et les faits nus tels qu'ils se présentent dans la vie (...) cette évasion vers un idéalisme confortable et aveuglant qui fait considérer l'Humanité et non les hommes, voile les conditions de l'existence et soustrait de les considérer telles qu'elles existent.»¹⁵

¹⁴ Georges Hourdin, p.11.

¹⁵ Anne-Marie Lasacki, *Simone de Beauvoir ou l'entreprise d'écrire: essai de commentaire par les textes*, Netherlands, Martinus Nijhoff, 1971, pp. 58 e 59.

No fundo, até então, o mundo era o cenário onde decorria a sua agitada vida pessoal, a política aborrecia-a e acima de tudo, Simone de Beauvoir via-se como escritora e filósofa, sendo que o seu papel como cidadã não lhe despertava grande interesse. Sem Sartre para a dirigir, ela ignorava o que podia fazer pelo seu país e desconhecia a forma como poderia contribuir para Resistência. A liberdade era o seu estandarte, mas por debaixo dela, sem o saber, escondiam-se os perigos da inconsciência. É essa a realidade que a escritora reconhece nas suas memórias:

«Nous ignorons sur tous les plans le poids de la réalité. Nous nous targuions d'une radicale liberté.»¹⁶

A guerra trouxe a ansiedade e o medo decorrentes do facto de dois entes queridos poderem estar em perigo de vida: Sartre e Bost. A ausência de Sartre, seu companheiro insubstituível, associada ao desassossego e à inquietação, foi lentamente transformando o quotidiano de Beauvoir. Dotada de uma racionalidade concreta, mais do que sofrer pelo destino da humanidade em geral, Beauvoir sofria pela situação periclitante em que se encontravam duas pessoas dilectas. Apesar de lamentar a guerra e as suas nefastas consequências, não era o destino de todos os franceses que lhe ocupava constantemente o pensamento, mas antes as preocupações do quotidiano e a *sorte* daqueles dois homens. Assim, no dealbar da guerra, à semelhança de grande parte dos seus compatriotas, a escritora tentava viver o dia a dia da forma mais natural possível, tentando esquecer os males do mundo. Deirdre Bair descreve da seguinte forma a vida de Beauvoir durante a Ocupação:

«Sartre s'adaptait à sa vie de prisonnier de guerre en se pliant à la routine qu'il s'était imposé et au rythme de la vie quotidienne; Beauvoir s'adapta à la sienne, dans une ville vaincue et occupée. Pendant la journée, elle faisait ses cours, lisait à la bibliothèque, écrivait au Flore et au Dôme. Ses soirées, elle les partageait entre ses parents, chez qui elle dînait plus qu'une fois par semaine, et ses amis. D'habitude, comme ils manquaient tous d'argent et de tickets de rationnement, ils se réunissaient dans sa chambre d'hôtel et se serraient sur son lit en essayant de se tenir chaud. Ils bavardaient et discutaient, écoutaient la radio ou des disques sur un vieux phono qu'Olga trimbalait avec elle depuis des lustres. Lorsque quelqu'un (en général Natacha) apportait une bouteille de vin ou un morceau de pain et de saucisson, on partageait.»¹⁷

Apesar dos perturbadores acontecimentos mundiais e dos inconvenientes da Ocupação, a vida da escritora decorria com relativa tranquilidade. Na verdade, foi sobretudo no Pós-guerra que Simone de Beauvoir, seguindo os passos mestres de Sartre, alterou a forma de se posicionar no mundo.

¹⁶ Simone de Beauvoir, *La Force de l'âge*, Paris, Gallimard NRF, 1960, p.19.

¹⁷ Dierdre Bair, *Simone de Beauvoir*, traduit de l'anglais (États-Unis) par Marie-France de Palomé, Paris, Fayard, 1991, p.281.

A dura realidade da guerra levou Sartre a reflectir sobre a sua posição face à vida política e convenceu-o de que todas as pessoas tinham o dever de assumir a sua existência, assumindo e defendendo uma posição. Qualquer outra atitude era uma fuga, um desrespeito para com todos os outros seres. Foi então que, em 1941, o filósofo criou, juntamente com J.L. Bost, Merleau-Ponty, Dominique Desanti e Jean Pouillon, o grupo de resistência intelectual “Socialisme et Liberté” que pretendia ser uma vertente de esquerda mais moderada do Partido Comunista. O movimento não durou muito tempo e foi dissolvido não tinha ainda completado um ano de existência, devido às sucessivas divergências com o modelo a respeitar: o Comunismo.

Quanto a Simone de Beauvoir, apesar de pouco interessada pela política, seguia as movimentações de Sartre com atenção, preferindo assumir uma posição menos radical do que a sua. Enquanto Sartre definia e defendia o que era o Existencialismo, Simone tinha um papel de menor destaque e preferia a noção de responsabilidade que considerava em correlação directa com o Existencialismo. Para Sartre, era vital que todos os escritores se consciencializassem da importância do seu papel e tomassem uma posição face à realidade, conjugando o *ser* com o *fazer* num plano histórico concreto. A mensagem a transmitir era essencial, bem como o exemplo que os escritores deviam dar. É nesse sentido que se entendem estas suas palavras:

«Ainsi doit-on recommander aux auteurs contemporains de délivrer des messages, c’est à dire de limiter volontairement leurs écrits à l’expression involontaire de leurs âmes. (...) Qu’ils raisonnent donc, qu’ils affirment, qu’ils nient, qu’ils réfutent et qu’ils prouvent; mais la cause qu’ils défendent ne doit être que le but apparent de leurs discours: le but profond, c’est de se livrer sans en avoir l’air.»¹⁸

De facto, a promoção de uma libertação social ocupava grande parte da vida do filósofo enquanto que, para Beauvoir, a literatura continuava a ser o ideal a alcançar; menos entusiasta e mais distante, ela preservava uma certa autonomia face ao *engagement* preconizado por Sartre, o que lhe permitia continuar a reproduzir – através da escrita – a sua experiência pessoal de vida e as suas preocupações mundanas.

Apesar de não renunciar ao antigo projecto de vida, Beauvoir começava a definir as suas noções de responsabilidade e de liberdade, tendo como base a realidade concreta e não vagueando em abstrações. Durante este período de definição moral, ela procurava, desta forma, apresentar problemas abstractos sob formas concretas e aplicar a metafísica à realidade. Esta preocupação ético-filosófica, que teve a sua origem nos anos negros da guerra, à semelhança de Sartre, também se reflectiu na sua escrita ao abordar temas existencialistas: *Le Sang des Autres*, *Pyrrhus et Cinéas*, *Tous les hommes sont mortels*, *Les bouches inutiles*. No fundo, o que ela tentava fazer era dar uma base positiva à moral existencialista, colocando a ênfase, tal como refere Lasocki, na ideia que «la

¹⁸ Jean-Paul Sartre, *Qu’est-ce que la littérature?*, Paris, Folio, Collection essais, 1947, pp. 40 e 41.

liberté est le fondement de toute valeur humaine et elle constitue l'unique fin capable de justifier les entreprises des hommes»¹⁹

Assim sendo, Simone de Beauvoir colocava, em primeiro plano, a ambiguidade, o carácter contraditório e duplo da condição humana. O Existencialismo era, para esta escritora, a única filosofia que partia plenamente da condição humana tal como ela era, ou seja, que tinha origem na sua inerente ambiguidade. O materialismo aprisionava a consciência, o idealismo negligenciava a importância das coisas materiais na vida do homem, o realismo pretendia conciliar as duas visões, mas só o existencialismo abrangia tudo o que dizia respeito ao homem. Só ele absorvia toda a energia vital, as ambiguidades e as contradições da existência humana. Para Beauvoir, este pensamento não era uma filosofia do absurdo, mas da escolha, daí a ambiguidade.

Para além disso, o Existencialismo de Simone de Beauvoir e de Sartre era ateu: o homem autêntico não reconhecia, a não ser em si mesmo, o responsável absoluto pelo seu destino, pelo seu trajecto de vida ou pelas suas decisões. Para Simone, o homem era a sua própria razão de ser. Assim sendo, não se justificava a necessidade de valores universais para dar sentido à sua existência, pois o homem atingia a transcendência através do uso da liberdade. Se Sartre encontrava nesta liberdade, muitas vezes ambígua, uma razão para a angústia, Beauvoir preferia encará-la como uma forma de restabelecer o lugar de direito do homem: a ele cabiam todas as decisões; ele tomava finalmente o lugar que lhe tinha sido retirado pela ideia de Deus. É neste sentido que Hourdin diz:

«Le Dieu défini, singulier, dont parlent certains chrétiens et qui pourrait satisfaire nos aspirations humaines vers une transcendance, n'est pas universel s'il existe, disons plutôt qu'il n'est plus Dieu. S'il reconnaît et accepte notre liberté, il limite la sienne.»²⁰

Muitas foram as críticas lançadas a esta filosofia, dizendo que os seguidores do Existencialismo, ao assassinar a figura de Deus, estariam a difundir a ideia de que não havia distinção entre o bem e o mal, entre o moral e o imoral. Sem essa instância superior, reinaria o amoral e tudo seria permitido.

No entanto, o Existencialismo colocava, como já vimos, a ênfase na noção de responsabilidade:

«Si Dieu n'existe pas, tout est permis. Certes non. Simone de Beauvoir répond à cette attaque en disant : C'est au contraire parce que l'homme est délaissé sur la terre que ses actes sont des engagements définitifs, absolus. Il porte la responsabilité d'un monde qui n'est pas l'œuvre d'une puissance étrangère, mais de lui-même, et où s'inscrivent ses

¹⁹ Anne-Marie Lasocki, p.73.

²⁰ Georges Hourdin, p.33.

défaites comme ses victoires. Un Dieu peut pardonner, effacer, compenser, mais si Dieu n'existe pas, les fautes de l'homme sont inexpiables.»²¹

O respeito pela liberdade individual é notório em Simone de Beauvoir e levou-a a rejeitar o determinismo marxista e a forma como essa doutrina considerava sistematicamente apenas as situações colectivas. A sua consciência impelia-a a aceitar a lei moral de um homem que construindo voluntariamente, mas sem ilusão, o seu destino, fazia as suas escolhas conscientemente e tentava conquistar a sua liberdade face aos outros. O que Beauvoir defendia era que Deus já não tinha razão de ser; cabia à própria consciência humana ditar os parâmetros a respeitar. Desta forma, todo e qualquer homem estava *engagé* e carregava consigo o fardo da responsabilidade.

O pensamento da autora não poderia ser de outra forma: desde criança que ela se sentia diferente dos outros e que lhe afirmavam, a cada sucesso escolar, o seu individualismo e o seu perfil de excepção.

Na realidade, o meio social em que cresceu ajuda-nos a compreender as suas reacções e a necessidade de libertação que a invadiu mal aquela rapariga tão dotada tomou consciência da sua força, das suas ambições e da hipocrisia que a rodeava. Para além disso, a contradição entre o fervoroso catolicismo da mãe e o ateísmo *descontraído* do pai, criaram nela um sentimento de revolta e de descrença face à religião. Habituada a questionar tudo, sinal de uma mente atenta e inteligente, Simone de Beauvoir foi encontrando nas contradições da religião mais um pretexto para a abandonar e para se entregar de corpo e alma à defesa do livre arbítrio. Assim, a liberdade de agir em conformidade com as suas próprias opiniões foi sempre um dos maiores objectivos que a escritora se tinha fixado, daí que a ideia de indivíduo estivesse muito bem definida na sua mente. No entanto, não podemos negligenciar o papel do sentimento/atitude que denominamos de Humanismo solidário²² na sua percepção do real. Pois, para Beauvoir, o respeito pela liberdade e pela consequente responsabilidade do indivíduo só se entendia na medida em que fosse compatível com a preservação dos direitos essenciais dos restantes seres humanos. Assim, a noção de individualidade só era aceite na medida em que se tratasse de uma atitude, simultaneamente responsável. Uma liberdade sem conteúdo tornava-se amargura, náusea; a única forma de evitar esse vazio era fazer um uso responsável da liberdade individual de cada um, respeitando a liberdade dos outros.

Toda uma parte da obra de Simone de Beauvoir foi consagrada a denunciar os pensadores, os intelectuais e, em geral, todas as pessoas que seguiam as verdades absolutas sem alguma vez se questionarem sobre a importância do seu papel enquanto indivíduos racionais e dotados de direito de escolha e da faculdade de agir. Talvez por essa razão, Beauvoir se tenha debruçado inúmeras

²¹ *Id., ibid.*, p.20.

²² Sobre este assunto consultar o ponto seguinte.

vezes, por exemplo, sobre a atitude do escravo, da mulher e do adolescente: nestes tipos humanos é ainda mais nítida a obediência a ideais morais, físicos e/ou políticos que lhes eram impostos.

Sem esquecer que foi após a Segunda Guerra Mundial que as noções de liberdade, livre arbítrio e dignidade humana se tornaram mais concretas e prementes para Beauvoir, podemos compreender que após este crescimento pessoal, ela não poderia jamais fechar os olhos às injustiças do mundo, em especial, às injustiças com que lidava de mais perto. Logo, sempre que pediam a sua opinião ou o seu apoio na defesa de alguma causa com a qual ela concordava, Beauvoir não hesitava em se manifestar. Assim se entendem os inúmeros prefácios²³ que escreveu, a sua vasta carreira de conferencista que nunca se limitou ao tema da literatura, abordando frequentemente temas relacionados com os direitos da mulher, com a luta contra a guerra, entre outros de igual valor humanitário e os seus artigos, enquanto jornalista, que, muitas vezes, denunciavam casos de opressão que ela havia testemunhado (foi o caso de Portugal).

Era desta forma que a intelectual Simone de Beauvoir encarnava o papel defendido pelo seu companheiro Sartre para o escritor: o *engagement* era vital, era um dever de todos, mas mais do que tudo era uma obrigação para aqueles que pelo seu papel mais mediático, ou pela sua profissão de maior destaque ou importância, podiam influenciar as opiniões e consequentemente o destino das populações. De facto, para Sartre, o escritor tinha uma missão e não a podia recusar. Tal como o intelectual, o escritor era responsável por aquilo que escrevia e essa responsabilidade era inerente à sua profissão.

Mesmo se Sartre não encarnava propriamente o ideal de modelo intelectual resistente, após a guerra, foi considerado a representação do *engagement* intelectual e literário e Beauvoir acompanhou-o nessa tarefa, assimilando algumas das características que eram atribuídas ao filósofo existencialista.

Em conclusão, podemos dizer que os anos conturbados da guerra permitiram que Beauvoir se visse irremediavelmente implicada no destino do Homem e que, a partir daí, víssemos surgir uma nova mulher, mais madura e mais implicada no desenrolar dos acontecimentos mundiais. Na verdade, a partir desse momento, o que Simone de Beauvoir procurou foi descobrir a verdade do mundo e da sua própria existência tentando, à sua maneira, criar um mundo melhor para si e para os outros.

²³ Por exemplo: Jean-François Steiner, *Treblinka: la révolte d'un camp d'extermination*, avant-propos de Gilles Perrault, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Fayard, 1966; Renée Saurel, *L'enterrée vive: Essai sur les mutilations sexuelles féminines*, suivi de la conférence de la mi-décennie de la femme à Copenhague, préface de Simone de Beauvoir, Genève-Paris, Éditions Slatkine, 1981; Yvette Roudy, *À cause d'Elles*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Albin Michel, 1985; etc. Para mais informação consultar a Bibliografia no final do nosso estudo.

1.2 O Humanismo Solidário

Uma grande parte dos escritos de Simone de Beauvoir é autobiográfica: os quatro volumes das suas memórias – *Mémoires d'une jeune fille rangée* (1958), *La Force de l'âge* (1960), *La Force des choses* (1963), *Tout compte fait* (1972) –, bem como o testemunho acerca da morte de sua mãe, *Une mort très douce* (1964) e sobre a de Sartre, *La Cérémonie des adieux* (1981). Na origem desta análise autobiográfica está o desejo de se conhecer melhor, de entender melhor as opções tomadas na vida e também a necessidade de analisar o seu percurso de vida, fazendo um balanço da sua existência. As memórias de Beauvoir oferecem um testemunho fascinante sobre a vida de uma intelectual do século XX. Nos seus escritos, ela revela-se de corpo e alma, mostra as suas ideias político-sociais e descreve com honestidade e relativa crueza o seu percurso de vida. Desta forma, através dos seus textos, podemos conhecer melhor a pessoa que foi Simone de Beauvoir. Com efeito, a própria escritora procurou, como já vimos, a consciência de si própria e a razão da sua existência na sua obra literária.

Se, no início, Beauvoir privilegiava o ideal de liberdade como tema dos seus escritos, ao longo do tempo, ela foi tomando consciência da necessidade de tomar um partido, de se empenhar numa causa, de fixar um objectivo pelo qual lutar. Tal como refere Georges Hourdin, este tomar de posição, a adesão ao chamado *engagement*, não foi imediato, veio com o seu “acordar” para as situações de injustiça que se passavam no mundo:

«Simone de Beauvoir n'est point arrivée tout de suite, nous l'avons déjà vu, à la pleine conscience de la nécessité qu'il y avait pour elle prendre un engagement politique.»²⁴

Se no início da Segunda Grande Guerra, Simone revelava um sentimento de relativa indiferença face ao desenrolar dos acontecimentos, esta atitude de afastamento do mundo era, provavelmente, uma forma de autodefesa, uma maneira de encontrar algum conforto no mundo que parecia desmoronar-se à sua volta. É neste sentido que se entendem estas suas palavras:

«Admirable petit matin d'automne, marronniers dorés, odeur de feuilles mortes. Je pense à des petits plaisirs: lire *L'Adolescent*, lire Gide. Je dis: Sartre ne mourra pas, peut-être Bost ne mourra pas et je me sens indifférente à tout, à tous. Pas malheureuse: hier non plus. Le monde terrible est dehors, et ce matin pour une ou deux heures je suis retirée du monde.»²⁵

²⁴ Georges Hourdin, p.160.

²⁵ Simone de Beauvoir, *Journal de guerre septembre 1939- janvier 1941*, édition présentée, établie et annotée par Sylvie Le Bon de Beauvoir, Paris, Gallimard, 1990, pp. 21 e 22.

Posteriormente, a importância dos acontecimentos provocados pela guerra contribuiu para o seu “acordar” para a realidade que a cercava:

«... je me sens replongée dans le monde, dans la guerre, de nouveau seule, juste un morceau d’une humanité tragique. »²⁶

Alguns acusaram-na de egoísmo ao concentrar a sua energia na busca da felicidade pessoal, enquanto outros há já muito lutavam, política e intelectualmente, pela liberdade da França e do mundo. Somente em 1939, quando Sartre foi mobilizado, é que Beauvoir sente na pele, devido à infelicidade pessoal de se ver afastada do seu companheiro, o sofrimento por que passavam as vítimas daquela guerra e a importância do empenhamento político para o destino da humanidade.

Beauvoir, que tinha uma natureza forte e impulsiva, que tinha conquistado, através do seu próprio mérito, a liberdade e que a guardava como o seu maior tesouro, começava a sentir-se directamente implicada no infortúnio dos seus semelhantes. A partir do final da Segunda Guerra Mundial, Beauvoir tornou-se mais permeável ao facto de que muitos seres humanos, por falta de instrução e de poder de decisão, sobreviviam na vergonha, na miséria, na fome, na ignorância e na inconsciência. É assim que se compreende que ao visitar Portugal e ao encontrar o povo português nas condições acima referidas – apesar de se ter fixado como objectivo para a sua viagem a Portugal a busca de alguns momentos felizes e descontraídos longe do cenário de guerra –, a escritora não tenha conseguido calar a sua consciência e, chegada a França, tenha iniciado os mecanismos que, como intelectual, tinha ao seu dispor para ajudar esse povo. Era o início de uma nova fase na sua vida. Uma fase de crescimento pessoal que a levava a lutar obstinadamente por um mundo melhor e mais livre.

Assim, após a guerra, ela declarou-se socialista e empenhou-se numa luta ininterrupta contra todas as formas de opressão e exploração.

Sartre-Beauvoir, casal a nível intelectual e afectivo, percorreu o mundo testemunhando e combatendo todas as opressões. A nível político, o casal situava-se à esquerda e apesar das relações tumultuosas com o partido comunista, participou regularmente nas manifestações ditas antifascistas.

Na realidade, o casal empenhou-se veementemente na denúncia de todos os privilégios, contra a segregação e todas as formas de opressão. Segundo Beauvoir, os homens eram iguais entre si e todos tinham direito à instrução intelectual e ao esclarecimento espiritual. Só desta forma, todos podiam exercer efectivamente os seus direitos mais básicos, bem como os seus deveres mais importantes (o direito de participar na vida política do seu país, por exemplo – *l’engagement politique*). No entanto, se durante a Segunda Guerra Mundial, Simone de Beauvoir tomou

²⁶ *Id., ibid.*, p. 44.

consciência²⁷ de que nem todos os povos possuíam a liberdade para exercer esse direito, durante a sua visita ao nosso país, ela constatou que havia outra razão *sine qua non* para a criação da igualdade entre os homens: para haver instrução intelectual e espiritual, as populações deviam, primeiro, ter o que comer, tinham que possuir garantias de alimentação, de higiene e de combate à doença, sem as quais dificilmente se conseguiriam libertar das malhas da miséria real e espiritual. Estes dois tipos de flagelo são as duas faces de uma mesma moeda que, na maior parte das vezes (e era o caso de Portugal), era cunhada pelo próprio regime político em vigor. Durante a viagem a Portugal e aquando do regresso a França, foi o Humanismo Solidário de Simone – a preocupação pelos seus iguais, a piedade e a compaixão que a levavam a lutar por um destino melhor para a humanidade, bem como a sua consciência social aguda que criava nela um sentimento de revolta que não podia ser silenciado – que a impediu de ver Portugal da mesma forma que muitos outros autores haviam feito antes dela: um paraíso exótico situado na cauda da Europa, suficientemente perto para o alcançar num dia e meio de viagem e suficientemente longe para aí se poder gozar dos pequenos luxos da vida sem a preocupação constante da guerra.

Este é o espírito do humanismo preconizado pela escritora que contribuiu, não só para que o estrangeiro tivesse uma visão mais alargada e completa do Portugal no século XX, mas também para que a autora não pudesse mais fechar os olhos às injustiças que flagelavam o mundo e a humanidade. Neste contexto se entende que a vida de Beauvoir durante a guerra da Argélia (1954-1962) tenha reflectido, ao mesmo tempo que a sua oposição à guerra, uma recusa visceral do clima de mentira, de imoralidade e de silêncio que ela era obrigada a suportar. Defensora da independência da Argélia, Simone de Beauvoir publicou, em 1962, com a colaboração de Gisèle Halimi, a advogada de Djamila Boupacha, o relato²⁸ da tortura imposta pelos franceses a esta jovem argelina. Para além disso, contribuiu para a divulgação de inúmeras obras²⁹ de grande valor humano, prefaciando-as e publicitando-as.

Enquanto intelectual, Simone de Beauvoir via-se, em primeiro lugar, como um ser humano e, só depois, como uma mulher. Como ser humano, ela sentia-se afectada pelo destino de todos os seus *iguais*, como intelectual, sentia-se compungida a agir contra as injustiças de que padecia a humanidade.

²⁷ De certo que Simone de Beauvoir possuía já conhecimento destes casos, mas foi durante este período conturbado da História da Europa e do Mundo, que a escritora se sentiu verdadeiramente implicada no destino dos seus irmãos.

²⁸ Gisèle Halimi, Simone de Beauvoir, *Djamila Boupacha Témoignages*, Paris, Gallimard, 1962.

²⁹ ASSOCIATION CHOISIR, *Avortement: une loi en procès: l'affaire de Bobigny*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, Collection idées, 1973; Marie-Andrée Lagroua Weill-Hallé (Dr), *La Grand'peur d'aimer, journal d'une femme médecin*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Éditions René Julliard, 1960; Violette Leduc, *La Bâtarde*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, 1964; *Les femmes s'entêtent*, présentation par Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, Collection Idées, 1975; Annie Pisan, Anne Tristan, *Histoires du M. L. F.*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Éd. Calmann- Lévy, 1977; etc.

Entre 1953 e 1960, a escritora realizou, entre outras, várias viagens aos Estados Unidos e uma à China, que lhe permitiram precisar o seu pensamento político, confrontando-a com duas experiências humanas opostas, uma de tipo capitalista e outra de tipo comunista. Ambos os sistemas políticos e ideológicos pretendiam resolver os problemas do país e apresentavam-se como o melhor sistema político. Destas visitas resultaram dois livros, *L'Amérique au jour le jour* (1948) e *La Longue marche* (1957), que tiveram uma certa influência na evolução da forma como os franceses encaravam aquelas duas sociedades. Nestas duas obras, Simone de Beauvoir aborda a experiência política estrangeira evitando o preconceito e a parcialidade. Inevitavelmente sentem-se as suas simpatias e preferências pessoais, mas compreende-se, ao mesmo tempo, o esforço realizado para evitar uma literatura de propaganda.

Como podemos constatar, a escrita de Beauvoir está intimamente ligada à sua experiência pessoal e isso torna a sua obra mais real, mas também mais pessoal; tal como o diz Georges Hourdin:

«Elle n'est point si fermée au réel et à toute grandeur humaine, qu'elle ne soit désireuse de faire connaître à sa pensée, au cours des voyages qu'elle accomplit à l'étranger, un affrontement fructueux avec le réel.»³⁰

A sua escrita busca uma fonte de inspiração na realidade. Talvez por essa razão, as suas obras sejam de uma clareza e justeza impressionantes. O discurso de Simone de Beauvoir não precisando de imitar o real, mas apenas de retratá-lo tal como ele se tinha passado, torna-se, assim, mais realístico, mais vivo, pessoal e pitoresco, especialmente no que diz respeito aos relatos de viagem. As imagens, as metáforas, as comparações utilizadas, bem como os retratos, as digressões filosóficas ou políticas fazem os seus textos palpitar de energia, pois têm origem nas mais sinceras impressões da autora.

A escrita de Beauvoir que, como já vimos, está em pleno acordo com o seu percurso de vida, vai-se modificando ao longo do tempo, como que a acompanhar a maturidade, o humanismo e a piedade crescentes da autora. À medida que a obra, tal como a vida, se aproxima do seu *terminus*, o apostolado da liberdade, que caracteriza os seus primeiros escritos filosóficos e os seus romances, vai dando lugar, gradualmente, a um discurso marcado pela compaixão e pela nobreza de sentimentos, tornando-se simultaneamente, mais pessoal e intimista. É, sem dúvida, a maturidade e a sabedoria de uma mulher experiente que se revela nas páginas das últimas das obras³¹ de Beauvoir.

³⁰ Georges Hourdin, p.169.

³¹ É o que acontece em *La vieillesse*, *Tout compte fait* ou ainda em *Une mort très douce*, onde o próprio tema das obras – a velhice, a morte – contribui para o tom melancólico e maduro dos textos.

1.3. A questão do feminismo

Como tivemos a possibilidade de constatar nos pontos anteriores, o nome de Simone de Beauvoir, assim como o de Sartre, está inevitavelmente associado a uma política de esquerda e apesar da imagem da escritora que o grande público guardou corresponder à de uma intelectual que foi, desde sempre, muito activa politicamente, a verdade é que a sua maturação política e humanista começou a ser atingida – tratou-se de um processo gradual – sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial³².

No entanto, se a consciência social de Beauvoir se revelou principalmente durante a sua idade adulta, a recusa dos estereótipos relativos à condição feminina construídos e perpetuados pela sociedade foi, pelo contrário, afirmada desde cedo. Recordemos que, durante a sua infância e adolescência, Beauvoir era considerada um ser de excepção, o que lhe permitiu, desde logo, afastar-se dos cânones femininos da época. Com o dealbar da idade adulta, a questão parecia respondida à partida: Simone de Beauvoir não era uma mulher como as outras. Não negando a sua feminilidade, recusava seguir subservientemente as imposições da sociedade. Ela que sempre se havia sentido igual ou até superior aos demais não iria deixar de alcançar o que desejava – o seu projecto de escrita, por exemplo – só por ser mulher. Esta foi uma das razões que a levaram a negar alguns dos constrangimentos relativos à feminidade (o casamento e a maternidade, por exemplo) e a dedicar-se perseverantemente ao trabalho e ao estudo. A sua filosofia de liberdade e ética levaram-na a debruçar-se sobre a condição feminina e a contribuir para a sua desmistificação.

Assim, quando, em 1949, Simone de Beauvoir publicou *Le Deuxième Sexe*, nada voltaria a ser como antes para a identidade feminina. A escritora restabelecia a identidade e o papel da mulher na sociedade: a mulher não precisava de um homem para ter valor, ela tinha valor por si própria e traçava, no plano histórico, o enquadramento que conduziu à posição obnóxica da mulher na sociedade ocidental.

Se é verdade que Beauvoir lutou pela liberdade do ser humano em geral, também é exacto dizer que uma das causas pelas quais ela ficou mundialmente conhecida foi precisamente o feminismo. Foi a sua condição de mulher que a levou a reflectir sobre as diferenças entre os sexos e tal como diz Fabrice Rozié, *Le Deuxième Sexe* foi sobretudo uma prova identitária cujos motivos se prendiam com questões pessoais da escritora:

«*Le Deuxième Sexe* fut pour Beauvoir une épreuve identitaire, avant de le devenir pour ses lectrices. Il peut donc être lu comme un roman de

³² Simone de Beauvoir tinha 33 anos no início da Segunda Guerra Mundial.

formation: l'héroïne doit brûler celle qu'elle fut et ce qu'elle a aimé. À travers ce masochisme libérateur, Beauvoir rejoint l'entreprise de Leiris: elle enquête sur elle-même, elle sonde l'imaginaire de son siècle, elle redistribue la donne sociale des identités.»³³

E foi esta reflexão que esteve na origem da obra *Le Deuxième Sexe*, que causou uma enorme polémica em todo o mundo, chegando a ser interditada em muitos países. Aliás, desde a aparição dos primeiros excertos no número de Maio de 1948 da revista *Les Temps modernes*, que Beauvoir se havia tornado o alvo de uma série de ataques de um sexismo sem precedentes. As conclusões a que chegou após esse trabalho de reflexão, para além de a revoltarem profundamente, fizeram com que concentrasse a sua atenção e os seus esforços na luta pelos direitos da mulher. Daí que Hourdin diga:

«Ce livre est magnifique, brutal, impudique, irritant, nécessaire. Il ne cache rien. Il fouille tout. Il dit tout, avec une violence et une colère froides. Il révèle ce que nous savions déjà. Il répète inlassablement ce qu'il était peut-être inutile de dire. Il arrache l'admiration et provoque l'agacement.»³⁴

Com esta obra, Simone de Beauvoir pretendia traçar e compreender a história da opressão da mulher e, para isso, elaborou um profundo e rigoroso estudo, recorrendo aos mitos, à História, à Teoria Política, à Biologia, à Sociologia e à Psicologia. No fundo, ela pretendia reescrever a história das mulheres, colocando em questão os estereótipos e os dogmas que, desde o início dos tempos, *castravam* as mulheres, impedindo-as de usufruir dos mesmos direitos que os homens. Beauvoir ambicionava nada mais do que arrasar com os tabus e com os preconceitos referentes ao papel e à posição da mulher.

Como todas as mulheres que ousaram colocar em questão os valores tradicionais vigentes e reivindicar os direitos da mulher, Beauvoir confrontou-se com a reprovação de um grande número de intelectuais e com a hostilidade e as acusações de alguns dos seus colegas – Camus, por exemplo, criticou-a por ridicularizar o macho francês. No entanto, o livro foi um enorme sucesso, tendo sido vendidos 22.000 exemplares do primeiro volume da obra em apenas uma semana. O sucesso estendeu-se a todo o mundo, sendo que, no primeiro ano de vendas, só em língua inglesa, foram comprados mais de dois milhões de exemplares e que, no Japão, o livro ficou na lista dos mais vendidos durante todo o ano. Em pouco tempo, Simone de Beauvoir tornou-se uma das escritoras mais lidas no mundo inteiro e uma das feministas – se bem que ela ainda não tivesse definido a sua posição face a esse assunto – mais reconhecidas internacionalmente. Na verdade, na época, Simone pensava ainda na hipótese da luta das mulheres não precisar de ser um combate específico. Segundo a sua opinião, o aparecimento do socialismo colocaria automaticamente um

³³ Fabrice Rozié, “Devenir Beauvoir”, in *Le Français dans le monde*, n.º304, mai-juin, 1999, p.53.

³⁴ Georges Hourdin, p.116.

ponto final no sexismo e instauraria a igualdade. Entre 1949 e 1969, ela mudaria de opinião, ao constatar que em lado nenhum as mulheres tinham obtido os mesmos direitos e a mesma liberdade que os homens.

Para além da obra de Simone de Beauvoir, é necessário ter em conta alguns outros romances e ensaios de mulheres de cariz feminista muitos dos quais foram apoiados e prefaciados pela escritora: *L'enterrée vive: Essai sur les mutilations sexuelles féminines* de Renée Saurel, *Les femmes s'entêtent* e *À cause d'Elles* de Yvette Roudy são disso exemplos.

Todavia, a mudança de mentalidades tardava a instalar-se. Com a queda de Hitler e Mussolini, em 1945, constituiu-se a Federação Democrática Internacional das Mulheres. Um ano mais tarde, a ONU constituiu a Comissão da Condição Jurídica e Social da Mulher e anexou os seus documentos à Declaração dos Direitos do Homem, como sinal de que eram precisas proclamações especiais. Apesar dos princípios existirem, a prática estava longe do desejado.

Em Portugal, a mulher continuava a ocupar o mesmo lugar de sempre: uma senhora decente e honesta não frequentava cafés, muito menos usava calças compridas (à excepção da prática de alguns desportos), não fumava (pelo menos não em público), era olhada com uma certa desconfiança se se aventurava nos ramos do saber ditos masculinos, não devia sair à rua sem o seu chapéu ou sem ter os cabelos devidamente alinhados e não frequentava certos lugares. Foi este o panorama sociológico que Hélène e Simone de Beauvoir encontraram aquando das suas estadias em Portugal e que retrataram nos seus escritos. Nessa altura, a sociedade portuguesa estava ainda longe de aceitar que as mulheres fossem iguais aos homens: podia aceitá-lo na teoria, mas não na prática. Daí que para as duas irmãs, Portugal fosse um país de *donas de casa*.

Hélène, a irmã mais nova e menos mediática, que passou uma longa temporada no nosso país, disse a este respeito que Portugal era um país dominado pelos homens e deu um exemplo:

«...j'ai loué un logement chez une vieille dame, pas si vieille que cela d'ailleurs mais, dans ces pays dominés par les hommes, les femmes sont rapidement considérées comme hors d'âge.»³⁵

Como podemos constatar, o facto de Portugal ser dominado pela visão masculina, condicionava a própria imagem das mulheres: bastava que uma mulher tivesse um pouco mais de idade para ser excluída da sociedade dita activa e jovem; bastava que uma mulher fosse um pouco mais ousada para ser afastada e considerada à parte da moral e dos bons costumes. E nem mesmo as agitações femininas que decorriam em outros países aceleravam o processo de desconstrução do machismo português: em 1963, Betty Friedman publica *A Mística da Mulher*³⁶ que põe em causa o “american way of life” de mulheres casadas exemplares e Katte Millet publica *A Política*

³⁵ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs* (recueillis par Marcelle Routier), Paris, Librairie Séguier, 1987, p.149.

³⁶ Betty Friedman, *The Feminin Mystique*, New York, W.W. Northon & Company, 1963.

*sexual*³⁷. Estes são apenas alguns exemplos da mudança de mentalidades que começava finalmente a atingir dimensões importantes. As mulheres tomavam consciência de quem eram e dos seus direitos e passava a existir a noção de “mulher emancipada e livre”, aquela que começara a libertar-se dos espartilhos e que cortara o cabelo *à garçonne* nos loucos anos vinte.

Quanto a Portugal, a agitação das mentalidades deu-se sobretudo após a revolução do 25 de Abril e, antes dessa data, aquando dos relatos de Maio de 68 em França. As causas feministas viram a luz e a ousadia nas *Três Marias* – Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa – que escreveram o manifesto *Novas Cartas Portuguesas*³⁸, causador de um longo e penoso processo judicial, apoiado por mulheres feministas em todo o mundo³⁹. Ainda assim, as feministas foram acusadas de queimarem “soutiens”, de serem reaccionárias, mal amadas, malucas e amorais. Raramente se discutiam legitimidades, no fundo, eram apenas sonhos e as desigualdades continuavam latentes. Ainda hoje a luta feminista encontra, em Portugal, algum atrito: basta, para isso, pensar no caso das empresas que evitam empregar mulheres ou que não lhes renovam o contracto quando elas engravidam, o facto de o desemprego ser maior no sexo feminino, de as mulheres terem menos acesso ao poder, de a violência doméstica ser quase exclusivamente sofrida pelas mulheres, etc. Hoje em dia, a igualdade é legal e, de certo modo, pedagógica. Mas passá-la para a vida real exige uma fiscalização da lei e uma alteração de mentalidades que se sabe ser um processo lento e demorado.

Há mais de cinquenta anos atrás, como agora, as ideias de Simone de Beauvoir faziam todo o sentido e eram veiculadas permanentemente. A França, por seu lado, continuava a fornecer o exemplo em matéria de emancipação. De facto, o direito de voto, a justa proporção de participação política e cívica foram conceitos nascidos nos clubes de mulheres, embebidos no espírito da Revolução Francesa.

Há quem chame ao século XIX o século do feminismo, mas é na madrugada de 1900 que se fundam as organizações de mulheres na Alemanha, na França, nos Estados Unidos da América, na Inglaterra e no Japão.

Em 1909, nasce a Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, a nossa primeira organização feminista, presidida por Ana de Castro Osório, que pedia o direito ao voto, ao divórcio, à instrução e ao trabalho, bem como a criação de escolas maternas. Surgem as primeiras revistas femininas e, em 1914, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, fundado pela médica Adelaide Cabete. A primeira mulher que votou no nosso país, Carolina Ângelo, fê-lo, não

³⁷ Kate Millet, *Sexual Politics*, New York, Doubleday, 1970.

³⁸ Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas*, Prefácio de Maria de Lourdes Pintassilgo, Lisboa, Estúdios Cor, 1972.

³⁹ Sobre este assunto consultar Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas, O Livro das Três Marias 25 Anos Depois*, Lisboa, D. Quixote, 1998.

por direito, mas por ser viúva – numa interpretação da lei que concedia o voto aos chefes de família.

No entanto, o processo sofreu um sério revês pois, a 28 de Maio de 1926, um golpe militar instaurava o regime fascista e a ditadura, anti-feminista e anti-liberdade, que amordaçava todas as vozes e limitava os espaços. Para a mulher sobrava o lar. Em 1937, Salazar criou a Obra das Mães pela Educação Nacional e as mulheres que trabalhavam fora de casa, escassas, ganhavam apenas dois terços do salário dos homens. Nas escolas, ensinava-se às mulheres o seu papel através da chamada “formação feminina”: à mulher competia, sobretudo, os cuidados domésticos, manter o azeite, a ordem e a alegria do lar, cuidar dos filhos e tornar a casa agradável e acolhedora, prestar ao marido a deferência e submissão que lhe devia como chefe de família. Assim, eram preparadas as mulheres nas escolas dos anos quarenta.

Quando a guerra veio modificar a ideia que as pessoas tinham do mundo e da realidade, as mulheres estiveram nas filas de racionamento, nas enfermarias, mas também nos lugares dos homens nas fábricas. Contingências que a paz voltou a pôr no seu antigo lugar: as mulheres eram *obrigadas* a regressar ao lar.

Hélène de Beauvoir, assim como a sua irmã, Simone, do tempo que passou em Portugal, guardou em suas memórias, como já referimos, a ideia de um país de *donas de casa* ou do tempo dos *senhores medievais*⁴⁰ onde o estado servil em que se encontrava a mulher tinha como aliado as próprias mulheres que não lutavam nem reivindicavam os seus direitos. Assim, para Hélène.

«Le Temps du seigneur n'était plus aboli. Un merveilleux pays médiéval!»⁴¹

Uma tradição portuguesa à qual Simone atribuiu muita importância, por achar que revelava uma profunda tradição machista, era o facto de não se passar à mesa enquanto não chegasse o «Mestre», o dono da casa. O homem e os seus convidados ocupavam lugar de destaque e, também por isso, eram os primeiros a ser servidos. Na verdade, a sociedade portuguesa era, a seu ver, demasiado patriarcal. E mesmo passados trinta anos desde a primeira visita de Simone de Beauvoir⁴² ao nosso país, o sentimento de desilusão face à situação da condição feminina em Portugal, continuava a prevalecer. Na conferência pronunciada a 6 de Maio de 1975 subordinada ao tema «Solidaire d'Israël: un soutien critique», Simone diz:

«Cela m'amuse beaucoup, ce que vous me dites là parce qu'il y a trois semaines j'étais au Portugal et j'ai eu à peu près la même conversation; j'ai dit que c'était honteux la manière dont les femmes étaient traitées au

⁴⁰ Hélène de Beauvoir, p.165.

⁴¹ *Id.*, *ibid.*, p.165

⁴² Simone de Beauvoir esteve no nosso país em Março e Abril de 1945 e de 1975.

Portugal et on m’a répondu “Mais Madame vous ne vous rendez pas compte de la situation, il y a des problèmes beaucoup plus importants”. En Israël ce qui compte c’est la sécurité, au Portugal c’est la Révolution qui est en train de se faire... De toute façon, les femmes doivent passer après. C’est une inégalité très flagrante.»⁴³

De facto, esta afirmação deixa transparecer a sua desilusão face à atitude indolente das mulheres em Portugal.

Não pretendendo efectuar um estudo exaustivo do feminismo em Portugal ou no mundo, esperamos que este nosso deambular pela História da luta pela igualdade entre os sexos tenha contribuído para uma visão mais alargada dos condicionalismos que definiram a forma como as irmãs Beauvoir se relacionaram com o nosso país.

Como veremos nos capítulos seguintes, a educação, a personalidade e a bagagem cultural de cada uma das irmãs interferiu, como é óbvio⁴⁴, na imagem de Portugal que cada uma construiu para si e para os outros.

⁴³ Simone de Beauvoir, «Solidaire d’ Israël: un soutien critique», in *Les Cahiers Berbard Lazare*, n.º51, juin, 1975.

⁴⁴ Em Literatura, todas as *representações* sofrem a interferência do seu criador: os vários condicionalismos sociais, culturais e históricos que desenharam a sua personalidade constituem um ponto de referência que ele usa como norteador do olhar que pousa sobre a realidade. Sobre este assunto consultar: Daniel-Henri Pageaux, *Imagens de Portugal na cultura francesa*, Lisboa, Ed. Biblioteca Breve, 1984; Daniel-Henri Pageaux, *La Littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin, 1994; Gerhard R. Kaiser, *Introdução à Literatura Comparada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

Capítulo II – Hélène de Beauvoir e Portugal

«Comment rendre le charme de cette mer aux tons de pastel? Comment rendre aussi le charme des rangées de maisons aux balcons étroits, aux fenêtres multipliés à l'infini dans un décor qui parle de temps plus heureux? La gaieté naturelle des habitants, la gentillesse du peuple, le sourire vous disent: «Revenez.» Et cependant, derrière cette joie se cache une mélancolie primitive.»

Julien Green, *La Lumière du monde* (journal 1978-1981), Paris, Seuil, 1983, p.203.

1. Simone e sua irmã

Simone-Ernestine-Lucie-Marie Bertrand de Beauvoir nasceu a 9 de Janeiro de 1908. Françoise de Bertrand, sua mãe, e Georges de Beauvoir, seu pai, desejavam um rapaz, mas aceitaram de bom grado o bebé robusto e saudável⁴⁵ com que tinham sido presenteados. Simone era o primeiro filho deste casal pouco simétrico e esta dicotomia entre as opiniões e acções de seus pais influenciaram bastante Simone nas suas decisões pessoais. Se era certo que Françoise era católica, era também sabido que Georges pousava sobre o mundo um olhar agnóstico. Enquanto que Françoise estava presa às convenções da sociedade, o seu marido era muito mais independente e individualista. E se a mãe de Simone de Beauvoir pretendia educar a filha dentro de uma óptica rígida de religião e moral, o pai preferia que a filha seguisse os seus próprios impulsos, que fosse inteligente e que ganhasse a sua própria vida, visto a família possuir poucos recursos económicos.

Assim, Simone depressa se viu confrontada com problemas existenciais e humanos através da resolução dos quais ela ia formando a sua personalidade, tornando-se, talvez por essa mesma razão, uma rapariga dotada de uma forte personalidade. De facto, Simone foi desde muito cedo tratada como uma pequena adulta; a sua maturidade surpreendia tanto quanto a sua inteligência. Ela sentia-se especial e o nascimento da sua irmã só viria confirmar o seu estatuto superior.

Henriette-Hélène Bertrand de Beauvoir nasceu a 9 de Junho de 1910, tinha Simone dois anos e meio. De novo, os pais esperavam um rapaz e desta vez disfarçaram menos bem a sua

⁴⁵ Deirdre Bair, *Simone de Beauvoir*, traduit de l'anglais (États-Unis) par Marie-France de Paloméra, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1991, p.33.

decepção. O bebé transformou-se numa criança adorável: loira, de olhos azuis e pequenina. Assim, Hélène de Beauvoir foi apelidada de *Poupette* (boneca), um nome que a seguiria até à idade adulta e que, no fundo, transmitia a ideia de que a família se fazia dela.

A infância de *Poupette* foi bem mais difícil do que a da sua irmã mais velha. De forma inversa à da independente Simone, que conseguia afastar-se da prisão imposta pela rígida educação que tinham, e inquietando o menos possível os seus pais, Hélène precisava de recorrer ao choro e às birras quando desejava que lhe dessem atenção. No fundo, a irmã mais nova sentia, também ela, que a irmã era especial e que para ela ia toda a atenção e o orgulho da família.

No entanto, esta diferença de tratamento não afastou as duas meninas. Pelo contrário, Hélène de Beauvoir encontrou na irmã mais velha não só um apoio e um consolo, mas também um guia pelas mãos do qual, ela se iniciava no mundo. A primeira recordação que Simone tem da irmã é a alegria de ver alguém a quem ensinar e a de Hélène de ter alguém que tomasse o tempo de estar com ela, de ter alguém que lhe falasse e que lhe desse atenção. Hélène sentia-se fascinada por Simone e esse orgulho fraternal marcaria a sua relação com a irmã até ao último de seus dias.

Hélène adorava ouvir a irmã contar-lhe histórias e as duas divertiam-se muito sozinhas, ocupando-se com diversos jogos lúdicos, sendo que muitos deles eram também educativos. No entanto, enquanto Simone preferia os livros e as letras, Hélène mostrava, já em pequena, um fascínio pelas cores, pelos objectos e pelas formas. E enquanto que Simone era uma rapariga aberta ao exterior, atenta, curiosa e interessada, Hélène era mais calma, virada para o seu mundo interior. Esta contentava-se de brincar com os seus jogos e com as suas bonecas. Todavia, Simone obrigava regularmente a irmã a aprender alguma coisa nova. Desde pequena que ela assumia uma posição de líder: inventava os jogos, era a professora e tomava as decisões. Hélène acostumava-se a estar no segundo plano.

Assim, a irmã mais nova, que tivera a infelicidade de não nascer um rapaz, parecia não ser considerada pelos pais ao mesmo nível que a irmã mais velha. Tal como acontece em muitas famílias, por vezes, parecia que consideravam Hélène não tanto como uma personalidade própria, mas sobretudo como uma extensão de Simone⁴⁶. Hélène seguia simplesmente os passos da irmã mais velha. Mas longe de causar conflitos entre as irmãs, esta situação construiu entre elas uma camaradagem nascida de um ressentimento comum que se dirigia contra os pais, e em particular, contra a mãe. É isso mesmo que Hélène diz a Claudine Monteuil em 1975:

«— Simone? Elle a toujours été dans ma vie. Enfant, elle était ma vie. Elle était une très gentille grande sœur et ne profitait jamais de moi. Je la considérais comme supérieur à moi, alors j'adhérais à tout ce qu'elle me

⁴⁶ Sobre este assunto consultar Hélène de Beauvoir, *Souvenirs*, (recueillis par Marcelle Routier), Paris, Librairie Séguier, 1987, pp.25-37.

disait. De plus, je savais combien mes parents avaient été déçus par ma naissance, alors que celle de Simone avait très bien été accueillie (...).»⁴⁷

Era verdade que elas eram solitárias face às outras crianças, mas também era verdade que na maior parte do tempo elas só podiam contar com a companhia uma da outra. Assim, acabaram por criar laços de interdependência muito fortes, o que é característico das crianças que sentiram falta de afecto por parte dos pais. É preciso compreender que simples demonstrações de carinho não eram tão enfatizadas como hoje em dia e se é verdade que Georges e Françoise faziam tudo pelas filhas, através do relato de Simone e de sua irmã, podemos constatar que o interesse dos pais por elas fazia-se sentir sobretudo através da ordem ou do castigo e raramente através de um gesto de ternura⁴⁸.

Simone e Hélène inventaram mesmo uma linguagem só delas, onde as palavras e as frases não tinham sentido a não ser para as duas irmãs. Bastava um olhar ou um gesto para comunicarem e elas recorriam frequentemente a este estratagema para escapar à inquisição da mãe.

A primeira ruptura desta cumplicidade perfeita deu-se aquando da entrada de Simone na escola, quando esta tinha cinco anos e Hélène três. Simone e sua irmã frequentaram o colégio *Adeline Désir*, cujo nome tem origem na sua fundadora, uma mulher da aristocracia que pretendia criar uma instituição de vocação realmente educativa e não apenas um estabelecimento para jovens raparigas de boa família. Infelizmente, segundo a opinião das irmãs Beauvoir, Adeline Désir falhou a sua pretensão, sendo que a qualidade do ensino deixava muito a desejar. No entanto, para a mãe, era o que de mais parecido havia com uma escola religiosa e, para o pai, esta instituição representava uma garantia de moralidade.

Simone adaptou-se perfeitamente à instituição: agradava-lhe a regularidade das aulas, os materiais escolares pareciam-lhe belos tesouros e os livros, formas de diversão. Tinha começado uma nova fase na sua vida. Georges, seu pai, falava-lhe regularmente como se ela fosse uma adulta em tamanho pequeno, escolhia os seus livros e conversava com ela acerca da leitura que tinha feito dos mesmos. Encantava-lhe ter uma filha inteligente e de espírito aberto e revia nela alguns traços do seu próprio carácter. Mas não era só Georges quem sentia orgulho em Simone. Por detrás da disciplina rigorosa, também Françoise se sentia orgulhosa da filha mais velha, muitas vezes em detrimento de Hélène.

Nas suas memórias⁴⁹, Hélène recorda-se de incidentes e de reacções que confirmam a diferença de tratamento entre ela e Simone. Na verdade, talvez devido à sua ligação à pintura, as suas memórias são muitas vezes mais visuais e mais precisas do que as de Simone.

⁴⁷ Claudine Monteil, *Simone de Beauvoir Le mouvement des femmes. Mémoires d'une jeune fille rebelle*, Monaco, Éditions du Rocher, 1996, p.121.

⁴⁸ Hélène de Beauvoir, pp.39-49.

⁴⁹ *Id.*, *ibid.*

Ao longo do tempo, a irmandade entre estas duas mulheres evoluiu tornando-se numa amizade tranquila.

Uma outra ruptura teve lugar quando Simone saiu de casa dos pais e se instalou em Paris. No entanto, *Poupette* continuava a fazer parte do seu grupo de amigos, visitando-a com alguma regularidade. Foi no interior desse grupo que se deu o primeiro encontro entre aqueles que mais tarde se tornariam marido e mulher, Lionel de Roulet e Hélène de Beauvoir. Simone e sua irmã encontraram pela primeira vez de Roulet no comboio de Sábado à noite para Rouen. Acompanhado de um outro amigo de Sartre, partilhou o compartimento com as irmãs Beauvoir. Os quatro regressavam de um fim-de-semana em Paris e os dois jovens conscientes da bela presença feminina, começaram a falar de filosofia na esperança de impressionar as duas raparigas que tinham em frente. No entanto, longe de estarem impressionadas, as duas irmãs tiram da grande mala que traziam um enorme saco de nozes e um ferro de passar roupa e, indiferentes aos seus companheiros de viagem, começam a partir as nozes, passando toda a viagem *a roer* as nozes e a conversar. Uma semana mais tarde, discutindo com Sartre algumas das questões filosóficas que tinha abordado com o seu colega no comboio, Lionel de Roulet descobriu que tinha partilhado o compartimento com as irmãs Beauvoir. Ele tinha já ouvido falar, através de outros alunos, da ligação de Sartre a essa filósofa incrivelmente inteligente, Simone de Beauvoir. Apesar disso, ficou admirado quando este lhe disse que ela tinha vontade de discutir algumas das suas ideias com o próprio Sartre e que o tinha convidado para almoçar. Em vez de Sartre, quem compareceu ao almoço foi Lionel de Roulet. Hélène, Simone e Lionel passaram, assim, um dia agradável e no momento de partida de de Roulet, as irmãs acompanharam-no até à gare e ofereceram-lhe um chocolate para a viagem. Quando Sartre lhe perguntou como tinha corrido o encontro, Lionel disse-lhe que, apesar dos bons momentos que passou com elas, se sentiu diminuído por lhe terem oferecido uma barra de chocolate como se ele fosse uma criança. Apesar deste episódio caricato, os quatro tornaram-se excelentes amigos: Simone ajudou, muitas vezes, de Roulet a preparar-se para os exames e Hélène acompanhou de perto a evolução da sua doença.

Foi esta relação triangular de amizade íntima – Simone, Hélène e Lionel –, que anos mais tarde, conduziu Simone de Beauvoir a Portugal.

A relação entre as irmãs Beauvoir tornou-se mais complexa após o início da guerra. O exílio de Hélène de Beauvoir em Portugal, o seu casamento com Lionel de Roulet e a consequente vida móvel que levava enquanto esposa de um embaixador cultural, conduziu a um maior afastamento entre as duas irmãs e a um esfriamento da sua relação de cumplicidade. Ambas tinham levado vidas distintas durante a guerra e o sucesso de Simone de Beauvoir enquanto escritora ultrapassava de longe a recepção dada à pintura de Hélène. No entanto, esta última sempre se sentiu extremamente orgulhosa da irmã e, por sua vez, Simone apoiou continuamente as decisões e a

carreira da irmã mais nova; muitas vezes, sacrificando-se e privando-se de pequenos prazeres, de forma a proporcionar à irmã as oportunidades que, sem a ajuda de Beauvoir, Hélène não teria possibilidades de alcançar. Foi, neste contexto, que Simone de Beauvoir pagou, a custo, a viagem de *poupette* a Portugal.

De facto, foi a relação de amizade entre as duas irmãs que conduziu Simone de Beauvoir até o nosso país. Mas antes de entrarmos nessa área, convém compreender como se processou essa aproximação e entender os motivos que estiveram na sua origem. Por essa razão, no próximo capítulo, veremos quais os acontecimentos que levaram à visita do casal Hélène de Beauvoir e Lionel de Roulet a Portugal e o impacto que a estadia do casal francês teve na sociedade portuguesa.

2. A estadia do casal de Roulet em Portugal

2.1. Os motivos da visita

Para compreender as razões que conduziram Lionel de Roulet a Portugal, convém, em primeiro lugar, procurar conhecer os seus ascendentes familiares. De facto, a família foi a ponte que estabeleceu a ligação entre Lionel de Roulet e o nosso país.

De Roulet era protestante de origem suíça e o único filho resultante de um casamento fracassado. Divorciados, os seus pais empenharam-se na construção de uma nova vida e o filho parecia ter sido relegado para segundo plano.

A separação dos pais foi sempre uma fonte de sofrimento para Lionel. A mãe levava-o com ela para a Normandia, onde ele teve a oportunidade de ser aluno de Sartre no Havre. Após se ter instalado em Paris, integrou um sólido grupo de amigos entre os quais se contava Sartre e, mais tarde, Simone de Beauvoir e sua irmã, Hélène de Beauvoir. Esta era a nova família de de Roulet que preenchia, assim, o vazio deixado pelo afastamento paterno e, posteriormente, também materno. Na verdade, os sucessivos casamentos de sua mãe acabaram por criar um fosso intransponível entre mãe e filho.

O primeiro padrasto tinha sido um suposto escritor que a levava a comprar uma quinta – «villa» – em Mandelieu. Nessa quinta, sua mãe, que era uma mulher complexa e extravagante, dedicava-se às ciências ocultas, ao espiritismo, chegando mesmo a organizar, a altas horas da noite, sessões espíritas em que as mesas rodavam e se levantavam. Era, sem dúvida, uma mulher que levava a vida sem se preocupar com a opinião dos outros, nem com o próprio filho. Esta sua riqueza de vida interior e a sua conturbada história amorosa criou um afastamento entre si e Lionel. Parecia que ela não amava o filho, apenas os maridos, pelo menos é essa a ideia que nos transmite Hélène no seu livro *Souvenirs*⁵⁰.

Lionel sentia-se só e isolado do mundo, perdido naquela magnífica quinta rodeado de palmeiras, mimosas e eucaliptos.

O terceiro casamento de sua mãe acabaria por aproximá-lo de Portugal. Nessa época, ela divorciara-se do «escritor» para casar com Carlos Porfírio, um pintor e cineasta português, editor da efémera revista *Portugal Futurista*. Sem saber o que fazer com o seu próprio filho, acabaria por enviá-lo a uma tia, que possuía no Havre uma enorme casa na qual vivia sozinha. Contudo, a família acabou por decidir que a tarefa de educar um jovem rapaz era demasiado cansativa para a velha tia. A solução encontrada e posta em prática implicaria afastar Lionel dos laços familiares e

⁵⁰*Id., ibid.*, p.131.

enviá-lo a pessoas que não conhecia e que seriam pagas para cuidar dele. Como se pode imaginar, este período da vida de de Roulet não foi feliz: a família que o acolheu não demonstrava qualquer sentimento de carinho para com ele, chegando mesmo a tratá-lo mal. A forma como estava albergado na altura – vivia num pequeno quarto escuro e por vezes não se alimentava correctamente – contribuiu, provavelmente, para o posterior aparecimento da tuberculose.

Apesar de tudo, não cortara relações nem com o pai, nem com a mãe, e havia decidido viajar até Portugal para rever esta última. O seu pai que vivia em Paris ofereceu-lhe uma soma de dinheiro suficiente para pagar a viagem.

Esta era a primeira vez que fazia uma viagem a um país estrangeiro e foi com relativa alegria que anunciou a Hélène que partiria em breve para Portugal onde visitaria sua mãe. Os seus planos incluíam ainda uma pequena volta por Espanha.

2.2. A primeira vinda de Lionel de Roulet a Portugal

Relativamente à primeira viagem efectuada por Lionel de Roulet a Portugal, as informações que possuímos são escassas. Sabemos apenas que tendo chegado a Lisboa, comprou um «kilometricos», um bilhete que lhe daria a hipótese de viajar também através de Espanha.

Uma vez em Faro, alojou-se em casa da mãe. Após alguns dias e decidindo partir, reclamou o dinheiro que lhe tinha pedido para guardar, mas a mãe já o tinha gasto. Assim sendo, e como lhe restava muito pouco dinheiro, deveria ter renunciado ao projecto de visitar Espanha. Mas tão determinado que estava, decidiu partir à aventura e arriscar a viagem. Durante esse tempo, alimentou-se muito mal e levou uma vida muito pouco confortável, o que explicava o estado em que chegou à França.

2.3. O regresso a França e os avanços da doença

Aquando do seu regresso a Paris, Hélène, que o tinha ido receber à gare, encontrou-o muito debilitado:

«...il était vert!»⁵¹

De Roulet justificou o seu estado dizendo que a viagem a Espanha tinha sido muito cansativa. Hélène, que não tinha ainda uma relação íntima com ele, deixou-o na Cidade Universitária com o conselho de se repousar. Uma semana se passou sem que Hélène tivesse

⁵¹ *Id., ibid.*, p.130.

notícias dele. Finalmente chegou-lhe a notícia de que Lionel tinha sido hospitalizado por causa da escarlatina.

A sua estadia no hospital Pasteur não foi agradável: estava isolado por causa do perigo de contágio e parecia um verdadeiro prisioneiro afastado do mundo por um vidro. Hélène comoveu-se com o seu estado e foi assim que durante um período de tormenta, a relação de ambos se foi solidificando. Não foi um sentimento de amor, nem de paixão que levou à aproximação de Hélène de Beauvoir e Lionel de Roulet, mas sim um sentimento de solicitude, de solidariedade e de piedade:

«Lorsque l'on est en bonne santé, on éprouve une grande pitié pour les malades, c'est ce que j'ai ressenti...»⁵²

Aliás, já antes Hélène havia dito que o achava simpático, delicado e sensível, qualidades apreciáveis mas que não conduziam necessariamente à paixão.

Na verdade, ela sentia pena daquele rapaz doente que recebia a visita de todos os seus amigos, mas não da sua família. Ela sentia a sua tristeza e isso aproximava-os ainda mais. Lionel falava pouco da família, mas o suficiente para que Hélène sentisse a dor que lhe causava aquele abandono. A sua infância tinha sido marcada pela solidão e pela rejeição e Hélène encontrava aí um lugar privilegiado de empatia, ela que também se sentiu preterida pelos pais em relação à irmã, Simone:

«Mes parents, je ne les intéressai pas davantage par la suite: ils avaient une première fille jolie, intelligente, je n'étais pas mieux qu'elle.»⁵³

Recuperado da escarlatina, de Roulet não abandonou o hospital. Era necessário fazer ainda algumas análises. O resultado não foi uma surpresa agradável, muito pelo contrário. Os exames realizados revelaram o início de uma tuberculose, o que foi um grande choque para todos. Para além da sua saúde, havia uma outra questão que preocupava de Roulet e amigos: quem se ocuparia dele durante o seu estado de enfermidade? Era certo que nenhum dos seus progenitores seria capaz de cuidar dele convenientemente. Felizmente uma velha tia, irmã da sua mãe, aceitou recebê-lo e vigiar o seu estado. A senhora, simpática e generosa, instalou-o numa reputada clínica de Saint-Cloud e Hélène pôde ficar mais descansada.

A pouco e pouco, as suas visitas tornavam-se uma constante. A coragem de Lionel de Roulet face à doença fazia brotar no seu coração uma grande admiração por aquele rapaz solitário que se via obrigado a lutar pela vida. Começava, desta forma, a crescer um sentimento belo e poderoso que acabaria por os unir para sempre.

⁵² *Id., ibid.*, p.130.

⁵³ *Id., ibid.*, p.14.

Apesar de grandes dificuldades económicas, Hélène visitava de Roulet com frequência. Nenhum esforço era grande demais para o ver e ela chegava mesmo a cortar na alimentação – o seu almoço consistindo, muitas vezes, em apenas um café com leite – para poder pagar o bilhete de viagem até Saint-Cloud. Aquele encontro quase quotidiano ocupou rapidamente um lugar privilegiado nos pensamentos de Hélène. Era uma espécie de *encontro sentimental*. A saúde de Lionel preocupava-a bastante, mas ela acreditava que ele tinha força de vontade suficiente para se curar:

«Enfant privé d'affection il était devenu tuberculeux, il s'est guéri parce qu'il le voulait, parce qu'il aimait la vie.»⁵⁴

Mais tarde, de Roulet foi transferido para Engadine por conselho dos médicos. Hélène desesperava. A viagem sendo agora muito mais complicada de fazer, tornava mais difícil as suas visitas e a ideia de poder ficar sem vê-lo era-lhe intolerável. Ele ocupava já um lugar de destaque na sua vida. Hélène sentiu fortemente a dor da separação, mas passado algum tempo, ele regressava supostamente curado.

Contudo, a doença voltou a atacar. Na verdade, a sua enfermidade viria a durar dez anos. Desta vez, uma radiografia revelava uma tuberculose vertebral em plena progressão. Tendo cedido de uma frente, a tuberculose atacava agora por outro lado. Devido aos laços de intimidade que uniam Hélène a Lionel, foi-lhe incumbida a tarefa de anunciar a má notícia: a doença não o abandonaria tão cedo. Hélène acompanhou o seu namorado e companheiro na sua moléstia e sempre o ajudou a lutar pela vida. Contudo, não foi uma guerra fácil de ganhar. Perante a quantidade de pessoas que vivia em condições deploráveis subjugadas pela doença, de Roulet chegava a dizer que jamais poderia viver dessa forma e mencionava o suicídio como solução para o seu sofrimento. Apesar da sua presença constante, nem sempre Hélène soube como lidar com a enfermidade de Lionel. Na verdade, ela sentia-se um pouco perdida e não sabia como o ajudar, pois na sua família eram todos bastante saudáveis. O facto de ver um rapaz novo e em plena posse de todos os seus conhecimentos assim maltratado pelos duros ataques da doença, fazia com que ela se compadecesse ainda mais da situação de Lionel e ficasse ligada a ele para sempre. Ela reconhecia nele, especialmente após as operações, alguns dos traços da morte – a tez de cera, a magreza, o ar abatido – e isso consternava-a. Mas, ao mesmo tempo, a força com que lutava pela vida era admirável e aumentava o seu amor por ele. De Roulet teve de ficar um ano completamente deitado, o que se revelou uma dura prova, mas a sua força de viver conduziu-o ao caminho da cura. Perante o delicado estado do filho, a mãe de Lionel decidiu finalmente instalá-lo junto de si, o que se revelou ser uma decisão sábia, pois Portugal seria sinónimo de restabelecimento e de saúde.

⁵⁴ *Id., ibid.*, p.134.

2.4. A segunda vinda a Portugal

Hélène assistiu à partida de Lionel com preocupação. Portugal parecia-lhe demasiado longínquo. A tristeza invadiu o seu coração e a perspectiva de estar longe dele era difícil de suportar.

Uma vez em Portugal, os médicos demonstraram pouca confiança na possibilidade de cura, mas a vontade de viver de de Roulet era mais forte que a doença. Para além disso, Portugal reunia as condições ideais à sua recuperação: a casa de sua mãe era confortável e espaçosa, o seu quarto era arejado e solarengo, a sua alimentação era cuidada e a paisagem em redor maravilhosa. Nestas condições, tudo parecia favorável à sua recuperação, que efectivamente acabou por acontecer.

Apesar da distância, os contactos entre Hélène e Lionel eram constantes: escreviam-se quase diariamente. Hélène era, muitas vezes, quem transmitia notícias dele a Sartre e a Simone. Esta última, preocupada com o estado de de Roulet e com o bem-estar da irmã, propôs-lhe uma viagem a Portugal. Para Simone, esta viagem de Hélène era uma dupla preocupação: em primeiro lugar, pelo esforço financeiro que lhe exigia – Simone receava não possuir os recursos financeiros para ajudar monetariamente os seus pais quando os efeitos da guerra se tornassem mais graves – em segundo lugar, porque ao enviar a irmã para Portugal, afastava-a de si e deixava de a poder proteger como sempre fizera.

Mas Hélène ansiava o momento de partir e, emocionada com este acto de grande generosidade por parte da irmã, aceitou a sua ajuda e partiu em direcção a Portugal.

2.5. A chegada de Hélène de Beauvoir

Naquela altura, os meios de transporte não possuíam ainda o conforto nem a rapidez que caracterizam hoje as viagens entre França e Portugal. À precariedade dos meios de transporte, juntavam-se a falta de dinheiro, o perigo e a burocracia resultantes da guerra.

Assim, como podemos constatar através das palavras da própria Hélène de Beauvoir, a viagem foi longa e penosa:

«Un voyage impossible, naturellement en troisième classe et banquettes de bois, je n'en pratique pas d'autre.»⁵⁵

Certamente que uma viagem de tantas horas, em terceira classe onde os bancos de madeira eram naturalmente desconfortáveis, não foi nada agradável. Para além disso, os comboios e as

⁵⁵ *Id., ibid.*, p.143.

camionetas paravam em todas as pequenas localidades o que tornava a viagem ainda mais longa e difícil. Daniel-Henri Pageaux refere isso mesmo ao dizer que o francês que queria visitar Portugal teria de possuir alguma coragem e espírito de sacrifício, pois «chegava extenuado e enraivecido à cidade de Ulisses, isto na hipótese de se ter dignado a atravessar a fronteira espanhola.»⁵⁶ E apesar dos meios de transportes terem evoluído ao longo do tempo, deixavam ainda muito a desejar. É o que Pageaux reitera ao dizer:

«A situação evoluiu ligeiramente no decorrer da segunda metade do século XIX, com a viagem por caminho de ferro e os bilhetes circulares que permitem, mais do que dantes, o “desvio” por Lisboa. No entanto, o francês está constantemente a queixar-se da lentidão e da falta de conforto dos comboios. (...) decididamente, a Península Ibérica não faz parte da Europa moderna e civilizada...»⁵⁷

Segundo Francis e Gontier⁵⁸, a viagem de Hélène de Beauvoir durou três dias.

Contudo, mulher de sono fácil, Hélène aproveitava os momentos em que adormecia, num comboio ou numa camioneta qualquer, para recuperar algumas energias. Os habitantes locais riam muitas vezes da facilidade com que aquela *francesa despreocupada*⁵⁹ adormecia.

Finalmente em Lisboa, Hélène encontrou um hotel e deitou-se feliz por encontrar de novo algum conforto. Mas, apesar do cansaço, não conseguiu dormir convenientemente: a agitação lisboeta impediu-a de adormecer e durante toda a noite, ela ouviu vozes inclusive, vozes que falavam Francês e que faziam alusão à situação da França. Ansiosamente, Hélène questionava-se sobre o que se passava no seu país natal enquanto a diversão portuguesa ecoava nos seus ouvidos.

Em relação à vida nocturna, Hélène compara Portugal a Espanha. Segundo ela, os dois países vizinhos tinham o mesmo gosto pela diversão e pela *festa*:

«Les Portugais ont le sens de la fête, ils les [des musiciens, Robert Soeten, violoniste, et son accompagnatrice Suzanne Roche] recevaient magnifiquement, à Coimbra les étudiants firent à Reine Giannoli un tapis de leurs capes.»⁶⁰

Hélène considerava que na cultura ibérica a noção de *festa* era algo de muito importante e refere frequentemente que os portugueses recebiam muito bem e que eram excelentes anfitriões que sabiam como organizar magníficas recepções. Mais tarde, a pintora viria a criticar esta característica da sociedade portuguesa, por considerar que esta dava demasiada importância às aparências e aos protocolos sociais.

⁵⁶ Daniel-Henri Pageaux, *Imagens de Portugal na cultura francesa*, Lisboa, Ed. Biblioteca Breve, 1984, p.20.

⁵⁷ *Id.*, *ibid.*, p.71.

⁵⁸ Claude Francis; Fernande Gontier, *Simone de Beauvoir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985, p.205.

⁵⁹ Hélène de Beauvoir, p.144.

⁶⁰ *Id.*, *ibid.*, p.152.

Na manhã seguinte, mais repousada, Hélène foi até ao Rossio – *la grande place de Lisbonne*⁶¹ –, tomar o seu café com leite; foi então que o empregado lhe revelou, com um olhar piedoso, que a França tinha sido invadida:

«Mademoiselle, vous êtes française?

- Oui, pourquoi?

- Mademoiselle, je vous souhaite beaucoup de courage.

- Mon Dieu, qu'est-il arrivé?

- Les Allemands sont entrés en France.»⁶²

No desespero, Hélène comprou um jornal, mas incapaz de ler a língua portuguesa, não conseguiu decifrar as novidades. Decidiu então contactar o pai de Lionel, que estava em Lisboa de passagem por Portugal, e foi ele quem lhe explicou a situação da França. Foi uma revelação dramática, pois Hélène, como muitos franceses, acreditava que a guerra não atingiria o seu país.

Apesar de não ser particularmente patriota, ela sentia uma grande solidariedade para com o seu país tão distante da cidade na qual ela se encontrava naquele momento e sobretudo uma grande ansiedade e receio pela sorte da sua família e amigos.

Após esta descoberta, Hélène seguiu no comboio para Faro, de forma a juntar-se rapidamente a de Roulet e a poder partilhar com ele a sua dor e ansiedade.

2.6. O exílio e o casamento

A chegada a Portugal e o início da ocupação alemã marcaram uma viragem na vida de Hélène. Com trinta anos de idade, esta é a época que ela refere como sendo o fim da sua juventude e o início de um período novo na sua vida. No seu livro *Souvenirs*, Hélène apelida a sua estadia em Portugal de exílio. Um exílio forçado, mas também produtivo e de relativa felicidade.

Quando chegou a Faro, Hélène estava ainda transtornada e inquieta devido à notícia da invasão da França pelas tropas alemãs. De Roulet esperava-a na gare. Desta vez a situação era inversa. Agora era ele quem esperava em Portugal a sua companheira vinda de França e já não ela que o esperava em França vindo de Portugal. O encontro dos dois foi, também ele, bem diferente do anterior. Desta vez, ele estava com muito melhor aspecto. Hélène estava agradavelmente surpreendida: Lionel parecia um homem novo. Na verdade, se Portugal foi tantas vezes comparado a um refúgio saudável e purificador, aonde acorriam muitos estrangeiros para se curarem, o seu efeito na vida de de Roulet, provava que essa imagem de Portugal não era descabida. As razões para esta visão de Portugal como cura para todos os males são apresentadas pelo próprio Lionel

⁶¹ *Id., ibid.*, p.144.

⁶² *Id., ibid.*

quando este explicava a sua recuperação a Hélène: os banhos de sol, o ar seco e fresco, o tempo passado ao ar livre, a vida bucólica do campo, a boa comida (não esqueçamos que no nosso país ainda se praticava a dieta mediterrânica aconselhada pelos médicos como a melhor forma de alimentação para se levar uma vida saudável), tudo tinha contribuído para a sua recuperação.

A própria casa onde habitava revelava ser um espaço saudável e apropriado à regeneração: era grande e airosa e estava situada no meio da natureza.

Para além da vida saudável, de Roulet tinha uma vida activa e produtiva: recentemente tinha sido convidado para ser o criador e o responsável pela Delegação do Instituto Francês em Faro. Essa posição agradava-lhe sobretudo por sentir estar a contribuir para a divulgação da cultura francesa em Portugal, o que ele considerava uma acção útil e edificante.

A mãe de Lionel convidou-a a instalar-se em sua casa, convite esse, que Hélène aceitou, apesar de o seu espírito independente não lhe permitir ficar nessa situação durante muito tempo. Logo que de Roulet lhe disse que tinha a intenção, no âmbito do Instituto, de criar um serviço de aulas de Francês, ela aceitou a tarefa. Dessa forma, podia ganhar, tal como ela própria dizia, alguns *escudos*⁶³.

Embora Lisboa não financiasse a delegação em Faro, esta dispunha de um pequeno orçamento, pois os portugueses ricos, desejosos por demonstrar a sua cultura e o seu luxo, associavam-se ao Instituto de Francês, contribuindo para o seu financiamento. E de Roulet, como hábil diplomata que era, sabia gerir como ninguém títulos honoríficos de forma a trazer apoio ao Instituto. Foi assim que se pôde financiar a revista luso-francesa *Afinidades*⁶⁴ que se tornou um óptimo meio de divulgação da cultura francesa, servindo também para veicular o pensamento dos escritores resistentes. Para além disso, escapando à censura de Salazar, *Afinidades* informava mais livremente os Portugueses sobre diversos aspectos da realidade.

Durante esta época, a França era vista como uma nação culturalmente superior; logo, estar de alguma forma associado à divulgação da cultura francesa era uma tarefa prestigiante. Os apoios privados não tardavam, por isso, a chegar. Os novos-ricos sentiam-se particularmente atraídos pelo *glamour* e charme franceses e esperavam, desta forma, assimilar algumas dessas características.

Sem se dar conta, Hélène acabou por adiar sucessivamente a sua partida até que, tendo os nazis invadido e controlado a França, ficou completamente afastada do seu país e da sua família. Para piorar a situação, as comunicações foram das áreas mais afectadas pela guerra e a falta de informação angustiava terrivelmente Hélène: este seria o início do seu exílio.

A necessidade de liberdade que sempre havia sentido, levou-a a abandonar a casa da mãe de de Roulet e a procurar um quarto em Faro. Aliás, as suas relações com a família do seu

⁶³ *Id., ibid.*, p.148.

⁶⁴ *Afinidades*, revista de cultura luso-francesa, propriedade do Instituto Francês em Portugal e editada de 1942 a 1946.

companheiro não eram as melhores. Apesar de existir uma relação cordial, o ambiente não era acolhedor e Hélène refere mesmo que nunca gostou muito nem da mãe de Lionel, nem do seu padrasto, Carlos Porfírio, que era pintor. Apesar de terem em comum o gosto pela pintura, mesmo nessa área, as suas opiniões eram divergentes. Hélène chega a revelar um sentimento de menosprezo em relação ao talento dele:

«Curieusement, à son insu, il m'ouvrit les yeux sur l'une des illusions de Montparnasse, les artistes étrangers. Ils foisonnent, ils paraissent tellement libérés de tout. Supérieurs. J'en excepte les grands, mais lui faisait partie de cette pléiade de petits artistes qui n'ont l'air d'artistes que parce qu'ils sont à Montparnasse. Rentrés chez eux, c'est terminé.»⁶⁵

Hélène acabaria, assim, por deixar a casa de Lionel e instalar-se num espaço alugado, pequeno e menos confortável, mas que correspondia ao ideal de liberdade que desejava. No entanto, continuava a morar perto de Roulet e a manter com ele uma relação de íntimo companheirismo.

Apesar de não sentirem necessidade, nem vontade, de oficializar a relação, a situação mundial, as dúvidas e os receios em relação a uma possível ofensiva alemã em Espanha e Portugal levavam Lionel a temer pelo futuro da sua amada. No caso de os nazis invadirem Portugal, ele seria enviado pelo Instituto Francês para a Argélia. Mas Hélène não poderia acompanhá-lo pois, em Portugal, ela passava por ser uma simples prima.

A mentalidade portuguesa ainda não estava preparada para aceitar uma relação sem noivado e casamento. As obrigações sociais faziam-se sentir fortemente e a ideia de uma relação fora dos trâmites legais não agradava à consciência religiosa, social e política – dada a ligação estreita entre Governo e Igreja – do Portugal da época:

«Les Portugais étaient très collet monté, je passais pour une cousine de Lionel, pourquoi pas ? Nous avions les yeux clairs, et il se trouvait toujours quelqu'un pour déceler une ressemblance lointaine.»⁶⁶

Por isso, o ideal, propunha de Roulet, seria casarem-se, pois uma vez a relação oficializada, Hélène teria o direito de acompanhar o marido.

Foi assim que decidiram oficializar a relação. O casamento realizou-se em Dezembro de 1942, em Lisboa, perante o cônsul de França. Foi uma cerimónia simples, mas alegre, que contou com a participação de grande parte da equipa do Instituto Francês. Sabe-se que a lua-de-mel foi passada em Portugal, mas Hélène de Beauvoir não precisa em que local. Refere somente que depois da lua-de-mel regressaram a Faro, onde ela retomou a sua pintura.

⁶⁵ *Id., ibid.*, p.169.

⁶⁶ *Id., ibid.*, p.155.

Como podemos constatar, a pintura era uma parte integrante e vital na vida de Hélène. Tal como a escrita era fundamental para a irmã, Hélène encarava a pintura como uma necessidade e um prazer sem o qual não podia encarar a sua vida. E à semelhança de Simone, para quem a escrita foi uma companheira ao longo de toda a sua existência, servindo, muitas vezes, de local de reflexão e de catarse, Hélène tinha na pintura não só uma forma de retratar o mundo, analisando-o e compreendendo-o melhor, mas também uma forma de exiar os seus medos, as suas angústias e as suas mágoas. Veja-se, por exemplo, as pinturas após a morte da irmã ou do marido.

Faro foi uma das cidades que mais inspirou as telas de Hélène. De facto, foi uma cidade muito importante para o casal de Roulet. Foi lá que se conheceram, que reacenderam o sentimento que os unia e foi lá que viveram um período importante das suas vidas. Na verdade, Hélène refere mesmo que antes de Faro, jamais tinha considerado a hipótese de poder vir a viver noutra cidade que não Paris. No entanto, após ter passado quase dois anos naquela região, onde pintou, ensinou e fez amizades, apercebeu-se que poderia viver em qualquer parte do mundo. No início, aquela era apenas uma pequena cidade no fim de um pequeno país, mas ao fim de dois anos de experiências extraordinárias a nível pessoal e profissional, transformou-se num local onde poderia facilmente passar o resto da sua vida.

No entanto, a estadia naquela região estava a chegar ao fim. Com a mudança de director no Instituto Francês, os serviços de de Roulet eram requisitados em Lisboa. Apesar de gostar de Faro, a mudança para Lisboa não desagradou a Hélène, que via as fontes de rendimento esgotarem-se e que começava a ficar farta dos jantares de família que era forçada a aceitar por questões sociais e morais.

Em Lisboa, o Instituto Francês atribuiu ao casal de Roulet um apartamento espaçoso no rés-do-chão de uma grande avenida da cidade (Hélène não refere qual). Para a sua pintura, Hélène escolheu uma das divisões de maiores dimensões que transformou imediatamente em atelier. Este alojamento foi muito apreciado pelo casal, especialmente porque ambos sabiam que o Instituto, representando o movimento dissidente gaulista, estava mediocrementemente instalado. Os locais oficiais do Instituto Francês estavam ocupados por representantes culturais de Vichy. Assim sendo, a atmosfera que se fazia sentir era, como se pode adivinhar, dissimulada e feita de aparências. A ideia de oposição era evidente e o ambiente, apesar de discreto, era de resistência.

Uma das tarefas de de Roulet era criar e dirigir o semanário *O Globo*. E para isso, era óbvio que o casal dominava a língua portuguesa. O objectivo deste semanário era criar e reforçar uma certa ideia da França. O problema residia no facto de a ideia da França a veicular ser diferente para os enviados por Vichy e para os dissidentes gaulistas. O próprio casal de Roulet tinha uma visão liberal da França, que raramente estava de acordo com as ideias de Vichy ou com as próprias convicções do Governo português. O casal de Roulet tinha consciência do favoritismo do governo

de Salazar em relação ao governo de Vichy e, por isso, evitava ser efusivo nas suas convicções. Hélène mostra-se consciente da parcialidade de Portugal ao dizer:

«Nous ne faisons pas ouvertement de la politique, ce qui eût été impossible sous le gouvernement de Salazar favorable aux Allemands.»⁶⁷

No entanto, era sempre possível iludir a censura e fazer passar uma crítica suave, mas pertinente, através das páginas, quer da revista do Instituto Francês – *Afinidades* – quer através do jornal *O Globo*.

A forma de retratar a realidade, de exprimir ideias e de comentar eventos e assuntos vários permitia veicular uma certa ideologia, por vezes, bastante diferente da que vigorava oficialmente. Talvez por essa razão, estas publicações se distinguissem de outras. A atenção que davam à realidade francesa, não só a nível político, mas também cultural e artístico, a maneira como retratavam os acontecimentos mundiais e transmitiam informações revelavam uma forma de pensar diferente. Contudo, este semanário teve uma boa aceitação por parte dos portugueses, que encontravam nele, não só uma forma diferente de perspectivar a realidade, como também um apoio intelectual, especialmente para aqueles que discordavam do regime em vigor.

Como o perigo da polícia secreta estava sempre presente, era necessário ter muito cuidado com o que era dito. Desta forma, era comum arranjamem estratégias para iludir os chamados *espions de Salazar*⁶⁸ e tanto Hélène, como Lionel, recorriam frequentemente a estes esquemas. Havia o hábito de não falar de nada importante em locais públicos, como nos comboios, eléctricos, autocarros, cafés, etc. Da mesma forma, tinha-se de ter muita cautela ao escolher as pessoas em quem confiar: *la police de Salazar*⁶⁹ tinha sempre *as orelhas atentas* e sabia como descobrir quem era contra o regime. Esta preocupação não era descabida, pois algumas vezes o casal de Roulet tinha sido advertido por instâncias governamentais a não interferir no destino da Nação e estavam cientes dos castigos que eram aplicados a quem não cumprisse as ordens das autoridades.

Tanto Lionel como Hélène tinham já tido a sua porção de problemas com órgãos do Governo. Durante um certo período, Hélène leccionou a língua francesa gratuitamente a trabalhadores numa pequena fábrica na margem do Tejo de forma a poder participar activamente na luta contra a desigualdade social. Os alunos revelavam uma enorme vontade de aprender e Hélène espantava-se com a atenção e a dedicação dos mesmos. Contudo, rapidamente esta situação chegou ao conhecimento do Governo que fez saber que não havia qualquer interesse em os trabalhadores aprenderem Francês e que, portanto, as aulas seriam terminadas. A actividade de Hélène foi considerada *subversiva* e as suas aulas foram interditas.

⁶⁷ *Id., ibid.*, p.156.

⁶⁸ Referência a uma expressão utilizada por Hélène de Beauvoir in *Souvenirs*, pp.156 e 157.

⁶⁹ *Id., ibid.*, p.157.

Mas não foi a primeira, nem a última vez que o casal de Roulet se viu envolvido em questões difíceis com a polícia. Já em Faro um incidente quase provocou a expulsão de Lionel e de um primo seu. O sobrinho de um agente consular francês que conheciam, convidou-o, a ele e ao seu primo, para um jantar na sua quinta: um jantar só para homens. No final do jantar, todos levantaram os copos para brindar e o anfitrião, um pouco tocado pelo vinho, levantou o seu copo e exclamou: «À morte de Salazar!». No dia seguinte, foi preso e a polícia interrogou de Roulet e o seu primo. A expulsão esteve muito perto. Um outro incidente teve lugar em Lisboa: o casal tinha uma empregada muito simpática, Ana, que queria aprender a ler e a escrever. Num gesto solidário, Hélène e Lionel deram-lhe lições gratuitamente, o que não agradou ao merceeiro. O próspero comerciante pensava que se os estrangeiros tinham dinheiro para gastar com esse tipo de coisas, deveriam era voltar para a terra deles.

Contudo, Hélène considerava que o povo português era, na sua maioria, gentil para com os estrangeiros e não seguia os dirigentes numa atitude de complacência para com os nazis. Pelo contrário, a maioria dos portugueses estimava a França e provava-o diariamente na forma como acolhia os seus cidadãos.

Mas, se as relações com o governo português eram marcadas pelo formalismo e pela dissimulação, o mesmo não se pode dizer das relações com a Embaixada Inglesa. A Inglaterra, um precioso aliado na luta contra o poder alemão, era uma nação vista com carinho e tratada com respeito e admiração pela grande maioria dos franceses. Assim, o casal de Roulet frequentava assiduamente a Embaixada Inglesa. Foi através desta que o casal conheceu o representante do general de Gaulle, com quem mantiveram uma relação cordial e através de quem, se mantiveram sempre bem informados acerca da evolução da guerra.

Apesar de alguns constrangimentos relacionados sobretudo com o governo português, a vida no nosso país era, então, calma e pacífica. Sem dúvida muito melhor do que a vida em França.

2.7. O contacto entre as irmãs Beauvoir durante o período de guerra

Hélène teria apreciado muito mais a sua estadia em Portugal se tivesse tido notícias de Simone e da sua família. Mas, estando a França dividida em duas partes e visto que a única forma de correspondência era através de cartas da Cruz Vermelha onde as informações permitidas eram mínimas, durante dois anos, Hélène viu-se afastada involuntariamente da sua família, que esperava ansiosamente novidades suas:

«Quelques lettres d'Hélène commençaient à arriver de Faro, où elle travaillait avec Lionel, qui était complètement rétabli, dans les services français des affaires culturelles, mais ce n'était guère que de courts billets

transmis par la Croix-Rouge, disant qu'elle était heureuse et en bonne santé.»⁷⁰

Mesmo não possuindo grandes recursos económicos, Hélène não se esquecia da irmã e, de vez em quando, enviava-lhe um pequeno presente. Normalmente era alguma peça de vestuário, uma bijutaria ou uma outra qualquer encomenda. Simone, apesar de não ser muito vaidosa, gostava de se apresentar bem e preocupava-se com a sua imagem:

«J'ai ouvert une enquête sur mon physique d'où il ressort que: Kanapa me trouve "bien" mais pas jolie – Lévy jolie et même "assez belle" – l'homme lunaire fort jolie».⁷¹

Hélène sabia que a irmã vivia privada de muitos produtos e por isso não hesitava em proporcionar-lhe, desta forma, alguns pequenos prazeres. No entanto, em tempo de guerra, o correio nem sempre chegava ao seu destino. Em 1942 quando Hélène recebeu a primeira carta da irmã, transbordava de alegria e era com igual contentamento que Simone recebia notícias de Hélène:

«... il y avait une première lettre de Kos., et une longue lettre de Poupette du Portugal. C'était les premières lettres fraîches qu'on recevait depuis longtemps et ça m'a fait plaisir comme une première échappée hors de prison.»⁷²

Simone escrevia-lhe longas cartas na ânsia de retomar o contacto perdido e Hélène, comovida e entusiasmada, conhecia assim, através do relato da irmã, a realidade francesa: a ocupação alemã, a situação do país, da família e dos amigos mais íntimos. A sua irmã mais velha era, mais uma vez, a sua janela para o exterior. Era ela quem lhe chamava a atenção para a realidade circundante e quem guiava o seu olhar pelo mundo. Uma das notícias transmitidas nessas cartas era a morte do patriarca da família. O pai de Hélène e Simone tinha morrido a 1 de Julho de 1941. A morte dele foi sentida com especial tristeza. Tendo sido, toda a sua vida, um verdadeiro nacionalista e defensor dos direitos e das virtudes do seu país, não aguentara a humilhação da Ocupação, nem a dor e a fome que se fizeram sentir em França. Todas as suas crenças tinham-se esvanecido, não lhe restava mais nada a não ser deixar-se desaparecer com elas. É nesse sentido que Hélène diz:

«Tous ces gens, ces bons Français qui n'étaient les siens, qui se tournaient vers Pétain, dans un esprit de collaboration avec Hitler... son patriotisme exacerbé ne l'a pas toléré.»⁷³

⁷⁰ Deirdre Bair, *Simone de Beauvoir*, traduit de l'anglais (États-Unis) par Marie-France de Paloméra, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1991, p. 331.

⁷¹ Simone de Beauvoir, *Journal de guerre septembre 1939 – janvier 1941*, Paris, Gallimard, 1990, p.191.

⁷² Simone de Beauvoir, *Lettres à Sartre 1940-1963*, Paris, Gallimard, 1990, p.171.

⁷³ Hélène de Beauvoir, p.153.

A dura realidade deitava por terra as suas ilusões e, com o tempo, o seu espírito e o seu corpo conheciam a mesma derrota. Mas esta derrota não seria apenas moral. A fome era uma realidade bem familiar dos franceses durante a Segunda Guerra Mundial. Se tivermos em conta que a família de Beauvoir não possuía uma situação financeira privilegiada, que o patriarca da família já não tinha mais nenhuma fonte de rendimento, e que na França, durante a Ocupação, só quem tivesse dinheiro suficiente para se abastecer no mercado negro é que tinha uma boa alimentação, chega-se à conclusão que a fome, de certo, se fez sentir também na casa da austera família Beauvoir. Simone terá, segundo a irmã, ajudado os pais sempre que possível, mas não era o suficiente para o seu pai, *un gros mangeur*⁷⁴ que não estava habituado a privar-se de nada. Hélène diz mesmo:

«Ils vécurent misérablement et mon père en était mort.»⁷⁵

Contudo, a matriarca da família, retratada nos escritos mais íntimos de Simone de Beauvoir como rígida, forte e robusta, não se deixou abater pela guerra. Sendo uma mulher de recursos, conseguiu manter a mesma atitude firme de outrora e resistir às privações da França ocupada. No entanto, esta mulher descrita como uma fortaleza, sentiu a força do tempo manifestar-se por dentro: uma doença corroía-lhe os ossos, descalcificando-os e causando-lhe uma enorme agonia nos seus últimos anos de vida. As crises de artrite eram dolorosas e cruéis para uma mulher que já tinha sofrido tanto durante toda a sua vida. Mas não eram só os pais de Hélène que sofriam com a guerra. A própria irmã, Simone de Beauvoir, sentia a falta de produtos desde os alimentos ao vestuário, passando pelos produtos de higiene. É esta a realidade que nos descreve Deirdre Bair:

«Pour Simone de Beauvoir comme pour tout le monde, la nourriture devint vite une obsession. Elle prit l'habitude de détourner les yeux lorsqu'elle longeait les devantures vides des boutiques. Comme beaucoup d'autres Parisiens aussi, elle recourait au marché noir dès qu'elle avait deux sous devant elle.»⁷⁶

Simone tentava poupar a irmã, evitando deixar transparecer nas suas cartas os efeitos da guerra no seu quotidiano. Contudo, através das suas palavras, Hélène apercebia-se das dificuldades por que passava Simone. Não era comum ela dar tanta importância ao assunto da alimentação nas suas cartas, por isso, concluía Hélène, isso deveria querer dizer que a alimentação era um dos problemas que a afectava.

Em Portugal, todos os franceses estavam cientes dos problemas de abastecimento em França, mas era difícil, para aqueles que estavam longe, avaliar a importância das restrições.

⁷⁴ *Id., ibid.*, p.154.

⁷⁵ *Id., ibid.*, p.154.

⁷⁶ Deirdre Bair, p.277.

Por outro lado, era comum Simone mencionar, nas suas cartas, as longas caminhadas que fazia, quer a pé, quer de bicicleta, o que deixava antever que havia problemas nos transportes públicos. Na verdade, em Paris, apenas o metro e os comboios funcionavam regularmente e, por isso mesmo, as bicicletas tornaram-se num dos símbolos da França ocupada:

«...il y a très peu de circulation: ni taxi, ni autobus, mais les métros marchent. Il y a surabondance de bicyclettes dans les rues: vous rirez quand vous verrez; c'est un charme vous savez de se balader dans Paris à bicyclette.»⁷⁷

Nas suas cartas, Simone de Beauvoir falava também da sua vida de ensino, da relação que mantinha com os alunos e revelava os seus ideais educativos. Para ela, era essencial formar as novas gerações humilhadas e derrotadas; era vital ensinar-lhes a não baixar os braços e a ter fé na vitória da democracia. É evidente, que ao ler estas palavras, o coração da irmã de Simone de Beauvoir se enchia de orgulho. Orgulho esse que a levava a defender a irmã e o seu companheiro Sartre, quando estes foram acusados de nada terem feito pela França durante a Ocupação.

Mas a verdade é que a grande angústia de Simone durante a guerra era que algo nefasto acontecesse a Sartre ou a Bost que combatiam contra o avanço das tropas alemãs. Face a essa constante preocupação, a falta de alimentos ou de certos produtos era insignificante. De qualquer forma, o estado de privação de Simone iria em breve sofrer uma alteração, pois no horizonte adivinhava-se o fim da Ocupação e uma viagem a um oásis de luxo (Portugal) no meio do vazio deixado na Europa pela guerra.

2.8. O fim da guerra e o regresso a França

Foi através da B.B.C. que o casal de Roulet soube do desembarque na Normandia. A reacção, como seria de esperar, foi simultaneamente de choque e de alegria. À semelhança de grande parte dos franceses que se encontravam em Portugal, Hélène e Lionel seguiam atentamente o relato dos acontecimentos. A grande emoção foi sentida no momento da libertação de Paris. Os sentimentos de alívio e de extremo júbilo confundiam-se e a hora foi de efusão. Na altura, o casal encontrava-se nos Galapos, a cerca de duas horas de distância de Lisboa. Este era um local *delicieux*⁷⁸ onde haviam alugado uma casa minúscula de duas divisões. Na proximidade existiam mais casas em tudo semelhantes àquela, onde habitavam pessoas que, como eles, tinham vindo para nadar, passear e repousar. Assim, foi nesse local paradisíaco e quase deserto que o casal soube da notícia igualmente divinal: a cidade de Paris tinha sido libertada.

⁷⁷ Simone de Beauvoir, *Lettres à Sartre 1940-1963*, p.155.

⁷⁸ Referência à expressão utilizada por Hélène de Beauvoir na sua obra, *Souvenirs*, p.162.

Na altura, sentiram-se invadidos pela euforia, a tal ponto que bebiam, dançavam, delirando de felicidade. De forma quase imediata, a lembrança da irmã surgiu na mente de Hélène e a vontade de a fazer vir a Portugal pareceu-lhe mais real do que nunca.

A visita da Simone foi um dos momentos mais belos da vida de Hélène de Beauvoir. Após dois anos de afastamento forçado, as saudades eram imensas e a alegria de rever a sua irmã era enorme. Sob o pretexto de realizar algumas conferências em Portugal sobre o espírito francês desde o armistício de 1940 até à libertação da França, Simone de Beauvoir veio ao nosso país a convite do Instituto Francês em Portugal. Durante o mês que passou em Portugal, teve a possibilidade de percorrer o país ao mesmo tempo que ajudava a divulgar a cultura francesa. Efectuou várias conferências e algumas visitas que representam o tema de estudo de capítulos posteriores.

Após a visita de Simone, as saudades de França aumentavam ao mesmo ritmo que diminuía o interesse de Lionel de Roulet pelo Instituto Francês. A rotina ameaçava instalar-se e os franceses começavam a regressar ao seu país de origem. Havia um costume simpático entre a comunidade francesa em Portugal, que era de visitar os que ficavam e de oferecerem a estes a oportunidade de levar para França uma mensagem aos seus familiares e amigos. O transmissor recebia, muitas vezes, um par de meias em nylon e uma tablete de chocolate. Não se sabia quem havia começado esta tradição que era agora uma autêntica instituição, mas a verdade é que, quando o casal finalmente decidiu partir, como mantinham numerosas relações sociais e de amizade, teve que levar para França uma grande quantidade de meias e de chocolates. Num enorme saco transportavam também muita comida, entre a qual, um presunto e um ananás. Já antes também Simone de Beauvoir tinha regressado com a mala repleta de novas aquisições para si e para o seu grupo de amigos. Agora, era a vez de Hélène e de Lionel de Roulet. A viagem de regresso foi uma verdadeira aventura. A travessia de Bidassoa foi pitorescamente divertida. Um problema com os carris do caminho-de-ferro obrigava as pessoas a fazer o percurso entre Hendaia e Irun a pé. Foi, sem dúvida, um regresso colorido e emocionante. Podemos apenas imaginar a alegria e a emoção de poder regressar ao lar após quase cinco anos longe da pátria amada:

«Quand on a été séparé de la France pendant cinq ans, le temps d'une guerre et que l'on voit l'écriteau France, on se rend compte que ce nom a une signification pour vous.»⁷⁹

A chegada a Paris foi certamente um momento marcante para toda a família de Beauvoir. Especialmente para a mãe de Hélène que, tendo perdido o marido e sofrido com a ocupação alemã, via agora regressar a sua filha mais nova e compor-se, de uma certa forma, a sua família.

Mas o casal de Roulet não ficaria em Paris durante muito tempo. Com o espírito inquieto e procurando sempre novas aventuras, o casal partiria em breve para Viena de Áustria, onde de

⁷⁹ *Id., ibid.*, p.167.

Roulet iria ocupar o lugar de Director de Informação, obtido, em grande parte, graças à rede de conhecimentos que tinha formado em Portugal. Enquanto o seu marido viajava para Viena, onde tinha que iniciar funções o mais rapidamente possível, Hélène partia para Portugal para tratar da mudança. Não foi fácil transportar toda a bagagem – apesar de não levarem móveis, nem objectos de grandes dimensões, havia o caso das telas de Hélène –, mas a viagem a bordo do navio que fazia o trajecto entre Lisboa e Marselha decorreu normalmente, apesar das minas que ainda infestavam o Mediterrâneo. O mesmo não se pode dizer em relação a alguns livros e telas que o casal de Roulet decidiu empacotar em velhas caixas vindas do Porto e enviar, mais tarde, por barco, estando já o casal em Viena. Estes objectos ficaram retidos nos serviços da alfândega devido à origem das caixas: Porto. Quando as caixas finalmente chegaram ao seu destino estavam abertas e os objectos que aí vinham estavam destruídos.

Dado que Hélène não tinha permissão de acompanhar Lionel como sua esposa, decidiu tentar arranjar um emprego em Viena de forma a estar mais perto dele. Com alguma ajuda de amigos, conseguiu finalmente um trabalho como decoradora no Centro Francês de Informação dirigido pelo marido. No entanto, a vida em Viena não foi fácil: espionagem, tráfico, denúncias e detenções, crimes e falta de segurança faziam com que a atmosfera de guerra estivesse ainda muito presente. As pinturas de Hélène realizadas em Viena demonstram bem a cruel realidade que aí se vivia: destruição, fome, ruínas, os militares, o Inverno rigoroso do tempo e da alma. É o que ela nos revela ao dizer:

«Vienne resta une mauvaise période pour moi. J’y fis une peinture triste. Des ruines! Moi qui aimais la vie, les couleurs, la lumière. En outre je disposais de peu de temps. Lionel assurait une tâche lourde.»⁸⁰

Na verdade, foi uma época muito difícil e muito diferente do tempo passado em Portugal. Às dificuldades do casal, acrescentava-se o facto de de Roulet ter sobre a sua responsabilidade muitos trabalhadores – na sua grande maioria, mulheres – que, não beneficiando do mesmo tratamento especial que o casal, chegavam a passar necessidades.

A comida era ainda racionalizada e o mercado negro continuava activo. Havia grandes injustiças na forma como eram tratados os militares – aos quais não faltava nada – e a forma como viviam os funcionários civis. Os sentimentos de revolta do casal de Roulet e o seu profundo sentido de solidariedade social – que tinha já ficado provado durante a estadia no nosso país – levaram-no a recusar o tratamento especial que lhe era oferecido e a tomar posição ao lado dos mais fracos.

Este período foi, como já disse, um período difícil e muito diferente da vida doce e calma de Portugal, onde a própria paisagem, a luz, o ar fresco e são contribuía para uma vida feliz e saudável. Lionel, que se tinha curado em Portugal, começava, em Viena, a sentir-se de novo fraco e

⁸⁰ *Id., ibid.*, p.180.

cansado. Ao contrário da vida serena em Lisboa e do trabalho que era agradável e motivador, em Viena, ele tinha a responsabilidade de cuidar, em ambiente adverso, dos seus funcionários e, por vezes, a burocracia e a hipocrisia dos trâmites administrativos desesperavam-no. Consequentemente, Hélène não conseguia o mínimo de tranquilidade para poder pintar.

As saudades do tempo feliz passado no pequeno país à beira mar eram muitas. Mas em breve, o casal faria de novo as malas desta vez para viajar em direcção a Budapeste. As consequências da guerra eram, também nesta cidade, bastante evidentes: as ruínas causadas pelos bombardeamentos, o lixo que se acumulava junto ao Danúbio, etc. No entanto, as condições de vida do casal de Roulet haviam melhorado consideravelmente. Em Budapeste, de Roulet dependia unicamente da embaixada cujos representantes eram os únicos franceses no território. Oficialmente, o governo não mantinha muito boas relações com os franceses, mas a população não era antipática e o grupo francês era coeso e simpático. Mas tanto em Budapeste como em Lisboa, o casal de Roulet deparava-se com mesma situação: o povo reclamava liberdade. Pelas ruas encontravam-se inscrições como: «Mort au fascisme. Liberté au peuple.»⁸¹

Apesar do ambiente não ser desagradável, o regresso a Paris não se fez tardar. Assim, regressaram à cidade luz, onde Hélène encontrou, de novo, o espaço e o tempo necessários à reflexão e ao trabalho:

«Je retrouvais Paris avec soulagement après ces années mouvementées de représentation, d'obligations peu en rapport avec mon caractère, mon appétit de réflexion et de solitude; j'éprouvais le besoin de souffler.»⁸²

Desta vez a sua estadia durou um ano. Foi o tempo necessário para expor as telas que havia pintado em Budapeste e para recomeçar a pintar. Lionel, que estava desmotivado com o trabalho de então, na repartição dos negócios estrangeiros, ansiava a oportunidade de embarcar numa nova aventura, desta vez, em direcção a Casablanca. Esta cidade não cativou Hélène. Apesar das belezas marroquinas, ela sentia não ser capaz viver numa terra sem árvores, sem colinas verdes e paisagens floridas. Marrocos era uma terra árida, muito diferente da França e de Portugal, onde as paisagens lhe agradavam muito mais. No entanto, foi nessa região que Hélène descobriu o fascínio pelos jardins árabes. Segundo ela, eram os jardins mais belos do mundo:

«Les plus beaux jardins du monde, des jardins de rêve, les fleurs, les daturas, les palmiers dattiers, les bouganvillées, les pavots, les grenadiers, les cyprès se reflétant dans les miroirs d'eau, au bord desquels nonchalantes, méditaient des cigognes, un éblouissement.»⁸³

⁸¹ *Id., ibid.*, p.201.

⁸² *Id., ibid.*, p.213

⁸³ *Id., ibid.*, p.216

Estes jardins eram, sem dúvida, muito diferentes daqueles que estamos habituados a ver em Portugal e parece que seduziram o coração de Hélène que, ao contrário de outros aspectos, os valorizava mais que os jardins ocidentais.

Apesar do calor incomodativo, em Marrocos, Hélène realizou uma série de croquis e trabalhou afincadamente na sua pintura. Confrontada com o pitoresco árabe, Hélène apercebeu-se de que precisava de mudar a sua técnica para não cair no ridículo. Começou, então, a abandonar o estilo clássico e a servir-se da cor pura de modo a poder transmitir, de uma forma clara e luminosa, as coloridas paisagens e as cenas marroquinas com mais autenticidade.

Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre juntaram-se ao casal de Roulet e, em conjunto, viajaram através do país. A alegria do reencontro das duas irmãs era evidente e compreensível.

Mas as viagens do casal de Roulet não terminaram por aí; a nomeação de Lionel como Director do Centro Cultural Francês em Milão lançava-o numa nova odisséia, desta vez, por terras de Itália. É esta a realidade que Hélène nos apresenta ao dizer:

«La vie d'un attaché culturel, à chaque changement de poste et, par voie de conséquence, celle de sa femme sont une succession de gestes, de situations identiques et répétitives : on fait ses bagages, moi mes caisses de tableaux sans lesquelles je ne saurai exister, on monte dans un moyen de transport, on passe une frontière, on descend de son train, ou de sa voiture, pour trouver un hôtel. Il s'ensuit un temps pendant lequel on cherche un appartement, puis on quitte l'hôtel, on emménage, et les années passent.»⁸⁴

Em Milão, Hélène pintou retratos de mulheres em contacto com a terra, com a água, com o céu. Na verdade, à semelhança das mulheres portuguesas, em contacto com a natureza, também as milanesas procuravam unir-se ao meio que as rodeava e essa ligação fascinava Hélène, que retrata esse seu fascínio da seguinte forma:

«J'ai peint les mondines, les femmes portant des cruches, des lavandières... L'Italie est un pays rêvé, on y voyait et on y voit encore parfois des choses, des gestes que l'on ne voit plus en France.»⁸⁵

Estas mulheres representavam para a pintora a simbiose quase perfeita entre a paisagem e a mulher. Mais tarde, de Roulet era nomeado Director da Juventude, dos Desportos e da Cultura Popular em Estrasburgo, no Conselho da Europa. Um lugar importante, que representava o reconhecimento de vinte anos de trabalho intenso e produtivo. Uma vez lá, Hélène dedicou-se de corpo e alma à sua pintura e à reflexão solitária. Mais tarde, de Roulet aceitaria o convite para ser Director Adjunto dos Assuntos Culturais e o casal acabaria por encontrar o seu lar: uma quinta em Goxwiller, perto de Estrasburgo.

⁸⁴ *Id., ibid.*, pp.222 e 223.

⁸⁵ *Id., ibid.*, p.225

Entretanto, a doença da mãe obrigou Hélène a voltar a Paris. A morte materna voltou a unir o destino das duas irmãs, mas desta vez, por uma razão de grande tristeza.

Hélène regressou ao seu lar, em Goxwiller, e foi lá que, após várias viagens, vernissages e exposições pelo mundo fora, viveu a última fase da sua vida. Finalmente, ela havia descoberto que o lar de uma pessoa é onde ela se sente bem, seja em que país for. Para Hélène, desde que houvesse inspiração para pintar e um local agradável onde se pudesse dedicar a esse trabalho, esse seria o seu lar. Durante algum tempo, o seu lar foi Portugal e inevitavelmente o seu olhar pousou sobre a forma de viver e de ser do povo português.

Neste capítulo, tivemos já a ocasião de constatar algumas das opiniões de Hélène sobre o nosso país. Mas com o intuito de melhor compreender o “olhar” que Hélène de Beauvoir lançou sobre Portugal, convém analisar mais profundamente o registo das memórias desta pintora.

2.9. A representação de Portugal em *Souvenirs* de Hélène de Beauvoir

Se bem que Hélène não possuísse as capacidades linguísticas nem o estilo literário da irmã, Simone de Beauvoir, conseguiu descrever na perfeição cenas caracteristicamente portuguesas que presenciou e viveu durante os anos que passou entre nós. A capacidade de retenção dessas imagens na sua memória – sem dúvida um dom associado à sua aptidão para a pintura – tornou possível e deveras interessante o registo dessas mesmas recordações. Assim, à semelhança de Simone, também Hélène capturou para sempre a imagem que formou acerca do nosso país num registo biográfico, sincero e simples. Através da sua obra *Souvenirs* temos acesso às ideias que esta francesa formou acerca do nosso país relativamente aos mais diversos aspectos.

As considerações de Hélène abrangem um vasto domínio de temas. Desde o machismo, passando pela constituição da sociedade portuguesa, pela política e chegando à situação geográfica privilegiada de Portugal. Hélène, muito mais que Simone, dedica uma parte da sua obra escrita e pictórica⁸⁶ ao nosso país.

A primeira impressão geral de Portugal era de que se tratava de um pequeno país situado no canto da Europa e demasiado longínquo da França. Após constatar a recuperação de Lionel de Roulet, esse pequeno país mais parecia um pequeno paraíso miraculoso. Na verdade, a ideia de que Portugal operou um verdadeiro milagre na saúde de Lionel foi reiterada várias vezes ao longo da obra em questão. Obviamente que existe toda uma série de razões que sustentam a tese de que o nosso país era um local perfeito para a convalescença de doentes e é pela voz do próprio enfermo

⁸⁶ Encontramos alguns exemplos das pinturas realizadas por Hélène de Beauvoir em e sobre Portugal in Pedro Calheiros (organização e coordenação), *O Belo Ver de Hélène de Beauvoir* (Pinturas e desenhos; Portugal, 1940-1945; [Catálogo das Exposições]), Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 1994.

que temos acesso a elas: a posição geográfica de Portugal – junto ao mar, banhado pelo oceano Atlântico e beneficiado pelas boas condições atmosféricas – proporcionou-lhe uma vida bucólica e tranquila, que, associada ao ar fresco e seco do campo, aos banhos de sol e à aprazível e saudável gastronomia portuguesa tinha contribuído para a sua surpreendente recuperação.

De certo que as condições habitacionais da própria casa onde morava – a casa de sua mãe era grande e airosa, estava situada no meio da natureza e possuía uma pequena horta – tinham adjuvado o processo de regeneração. Quanto à horta, esta representava a importância da actividade agrícola no Portugal da época e também o gosto (benéfico) do povo português pelo cultivo dos seus próprios alimentos.

No geral, Hélène descreve o Algarve como uma *província* de Portugal particularmente bela. Os elementos paisagísticos retidos na sua memória são o mar e o seu oposto, a montanha, os moinhos de vento, as aldeias encantadoras, as alfarrobeiras, as romãzeiras, as figueiras, as praias desertas. Para Hélène, o Algarve era um paraíso e ela própria chegava à conclusão que este tipo de ambiente tinha sido favorável e, em grande parte, o responsável, pela recuperação da saúde de Lionel. Para ela, a estadia do seu companheiro no nosso país tinha sido uma espécie de ressurreição. Tendo visto partir um homem frágil e doente, ela via agora aparecer diante dela um homem regenerado, saudável e com bom aspecto. O facto de o encontrar tão bem de saúde fez com que Hélène visse Portugal com um olhar positivo, porque afinal foi esse o país que o curou.

Na verdade, são-nos fornecidas belas e variadas descrições de Portugal, não só a nível paisagístico, mas também no que diz respeito à arquitectura e à decoração interior das casas. Nestas descrições existem elementos que se repetem; por exemplo, a noção de espaço parece assumir uma grande importância para Hélène: ela elogia várias vezes as casas portuguesas onde as divisões eram grandes e “airosas”, bem como os espaços abertos, como as planícies, o campo, as praias desertas, o oceano em toda a sua amplitude, entre outros. Nesse sentido, quando Hélène refere que, ainda em Faro, alugou duas divisões a uma velha senhora – uma mais espaçosa, onde ela trabalhava e outra mais pequena, que ela transformou em casa de banho – as anotações que fornece sobre a casa são precisas, muito visuais e laudativas. Assim sendo, refere que as paredes eram brancas, pintadas com cal *à maneira portuguesa*, o que conferia à casa um ar calmo e harmonioso que ela comparava ao ar repousante dos mosteiros e que os dois espaços alugados convergiam numa espécie de pátio repleto de flores. Era neste pátio que Hélène lavava a roupa e a estendia.

Esta é uma imagem tipicamente portuguesa: a roupa branca e cuidadosamente limpa que é posta a secar ao sol e que o vento, vindo do mar, faz esvoaçar e espalhar a sua luminosidade pela verdura dos campos circundantes. É uma imagem talvez um pouco em desuso, mas que persiste na memória colectiva do povo português e que é frequentemente transmitida por escritores estrangeiros.

Assim, à semelhança de Hélène, também Simone de Beauvoir refere esta imagem pitoresca na sua obra *Les Mandarins*:

«En vérité, c'est même avec un élan de plaisir qu'il revoyait le linge bariolé séchant aux fenêtres ensoleillées, au-dessus d'un trou d'ombre.»⁸⁷

Alguns anos mais tarde, Antoine Volodine retrataria a mesma cena em *Lisbonne dernière marge*:

«... comme sur les guides touristiques, aux fenêtres, le linge séchait...»⁸⁸

Para além disso, Hélène refere repetidamente as cores fortes e vistosas das habitações, da natureza e do vestuário. Um outro autor que refere esta particularidade é Giraudoux:

«Tout ce qui doit être blanc est blanc pur, ce qui doit être rose est rose-rose. Tout ce qui des maisons est bleu semble à jour sur l'horizon, et ces fenêtres dans cette façade azur sont des premières fenêtres que je vois dans le ciel. Voilà le seul pays de l'Europe où la couleur ne se soit pas ternie depuis un an dans les mains humaines.»⁸⁹

Por vezes, a cor aparece associada a um elemento da natureza que lhe dá valor: a luz. É o que acontece com a descrição de Lisboa e do rio Tejo fornecida por Joseph Kessel:

«Le soleil couchant accusait les couleurs et les ombres sur les deux rives, sur l'eau du large fleuve, sur la ville au relief inégal à cause des collines qui le portaient.»⁹⁰

Da mesma forma, Julien Green refere que:

«Lorsqu'on arrive au Portugal en avion et de même lorsqu'on le quitte, c'est dans la douceur de sa lumière qui semble s'infiltrer dans toutes les couleurs du sol.»⁹¹

Para concluir, pode-se dizer que a natureza assume um papel central nas descrições do país e das ilhas, Madeira e Açores, o que faz com que o território português seja frequentemente comparado a um autêntico paraíso. Também é essa a opinião de Chardonne que descreve da seguinte forma o território madeirense:

«Madère est une île assez semblable à un Éden. Il n'y fait jamais froid, ni trop chaud, et l'océan qui la baigne n'est jamais furieux. (...) J'ai

⁸⁷ Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, Paris, Gallimard, 1954, p.143.

⁸⁸ Antoine Volodine, *Lisbonne dernière marge*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1990, p.19.

⁸⁹ Jean Giraudoux, *Portugal* (suivi de *Combat avec l'image*), Paris, Grasset, 1958, p.21.

⁹⁰ Joseph Kessel, *Les Amants du Tage*, Paris, Plon, 1968, p.12.

⁹¹ Julien Green, *La lumière du monde. Journal 1978-1981*, Paris, Seuil, 1983, p.205.

pensé alors que j’irai le voir; avant de mourir je connaîtrai un paradis, ne fût-ce que dix jours.»⁹²

Apesar de se referir à Madeira, esta citação pode-se aplicar ao Portugal continental. Aliás, Green transmite essa mesma ideia de perfeição terrestre na descrição que faz de Sintra:

«Des ruisseaux coulent un peu partout sous des ombrages ou sur de la mousse étoilée. On songe au paradis terrestre tel que l’a représenté Bosch. Je ne connais pas sur terre de lieu plus envoûtant ni plus proche d’une idée de bonheur parfait. Chaque pas est un ravissement de plus parce que à chaque pas ce merveilleux décor se modifie et semble vouloir se surpasser lui-même. Ce pouvoir de séduction est extrême, le lieu enchanté.»⁹³

De facto, a sublimidade dos elementos da natureza em Portugal contribuem, em grande parte, para a visão do país como um paraíso perdido.

Num primeiro momento, Hélène dá especial destaque às amendoeiras. Para ela, como para muitos turistas ou visitantes que se instalavam no nosso país, as amendoeiras em flor eram uma visão celestial:

«Jamais je ne crois avoir vu plus beau que ces amandiers en fleurs.»⁹⁴

Posteriormente, refere o romantismo e o bucolismo das camélias em flor. Na verdade, no que diz respeito à vegetação, a visão das camélias em flor é descrita como *uma das mais belas e mais mágicas*⁹⁵ jamais vistas. Todavia, Hélène refere que esta floresta de camélias nunca mais poderia ser contemplada porque foi queimada.

Mais tarde, é o mar e o sol que conquistam a sua atenção. Podemos constatá-lo na sua descrição do período que passou em Nossa Senhora da Rocha, perto de Leiria: uma tia de Lionel havia alugado, nesse lugar, uma casa de férias – aliás, uma circunstância muito comum no nosso país – e como Hélène tinha sido convidada pela câmara de Leiria para aí pintar durante um mês, pôde assim conciliar o prazer das férias e o da paisagem com o da pintura, tornando esta visita duplamente apreciada.

Quando desembarcou, saltando do autocarro ferrugento (*ferraillant*) – lembremo-nos que na altura os meios de transportes não estavam nas suas melhores condições e que tanto Hélène como Simone já tinham referido esta característica menos positiva acerca de Portugal – em Nossa Senhora da Rocha com as suas telas e a sua mala, já Lionel a esperava. Colocaram tudo sobre as costas de um burro e percorreram o caminho pedregoso, sentindo os odores do verão.

⁹² Jacques Chardonne, *Vivre à Madère*, Paris, Grasset, Collection Les Cahiers Rouges, 1953, p.12.

⁹³ Julien Green, p.202.

⁹⁴ Hélène de Beauvoir, p.165.

⁹⁵ *Id., ibid.*

Pode-se dizer que, para esta francesa em Portugal, Nossa Senhora da Rocha era um paraíso na terra. Aliás, ela caracteriza essa paisagem portuguesa como um dos locais mais lindos do mundo. Hélène compara-a mesmo com a Bretanha ou a Côte d’Azur, dizendo mesmo que a Nossa Senhora da Rocha era uma mistura das melhores qualidades destas duas regiões.

De facto, há características partilhadas que tornam a comparação de Hélène compreensível. Algumas dessas características são referidas por ela própria na sua obra *Souvenirs*⁹⁶: as oliveiras à beira mar, a cor verde-esmeralda do oceano, as praias de areia suave e fina, o sol luminoso, entre outras características, levam-na a comparar este local a um éden.

Um outro factor que contribuía para o encanto da paisagem da Nossa Senhora da Rocha, era o isolamento, que lhe conferia um ar de paraíso privado:

«Les oliviers au bord de l’océan, une mer verd émeraude, une petite église blanche et notre maison, plus rien, des plages désertes.»⁹⁷

O casal de Roulet adorava banhar-se nas águas claras do oceano Atlântico e deitar-se na areia macia a secar ao sol. Esta é uma imagem reutilizada por Simone de Beauvoir no seu romance, *Les Mandarins*:

«Il mêla ses doigts à ceux de Nadine et se colla au sable chaud; entre la mer nonchalante que le soleil décolorait et le bleu impérieux du ciel, il y avait du bonheur en suspens...»⁹⁸

No que diz respeito às cidades, as que Hélène descreve com mais pormenor são Faro e Lisboa. Em relação a Faro, a autora caracteriza o povo como sendo agradável e simpático, mas muito pobre. A miséria, o analfabetismo e a simpatia são algumas das isotopias⁹⁹ que caracterizam o povo português nas representações de Portugal no estrangeiro.

⁹⁶ *Id., ibid.*

⁹⁷ *Id., ibid.*, p.154

⁹⁸ Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, p.154.

⁹⁹ Não nos podemos esquecer que muitos dos escritores franceses que visitaram Portugal durante a década de 40, fizeram-no a convite de António Ferro que pretendia difundir a ideologia política do Estado Novo, bem como a arte e cultura portuguesas no intuito de melhorar a imagem de Portugal no estrangeiro. Para estes, o povo português era carinhoso e afável para com os estrangeiros. Ferro pretendia cativar os turistas e fomentar o investimento estrangeiro. O regime de Salazar, pela mão dele, procurou difundir a imagem sistemática de um povo exemplar e de uma nação que soube conciliar o capital, o trabalho e a autoridade, contribuindo, assim, para o desenvolvimento equilibrado da sociedade portuguesa. Repare-se ainda que uma grande parte desses escritores franceses que se deslocaram a Portugal perfilhavam uma opção política de direita o que os tornava especialmente permeáveis à ilusão de felicidade criada pelo regime salazarista. Daí que, na maior parte das descrições de Portugal presentes nesses escritos elaborados entre 1930 e 1940, normalmente no seguimento de uma visita a Portugal, encontremos traços do arquétipo de felicidade, tranquilidade e bucolismo difundido pelo próprio aparelho ideológico salazarista e a presença de certas isotopias relativamente ao povo português.

Como já referimos, posteriormente, esta imagem idílica de Portugal seria alimentada pela propaganda do governo de Vichy que via no regime português um modelo a seguir. Por outro lado, Salazar aproveitaria a chegada a Portugal de milhares de refugiados em fuga dos horrores da Segunda Guerra Mundial, para

Na verdade, podemos dizer que, de uma forma geral, era comum escritores estrangeiros referirem o carácter afável e acolhedor do povo português. O exemplo de Valéry Larbaud é característico dessa atitude:

«La gaieté portugaise est une légende; mais la politesse portugaise, la douceur des mœurs portugaises, sont une réalité. Le Portugal est un pays où on est heureux, où je crois que nous pourrions vivre agréablement. (...) En Europe, les petits États ont toujours été et seront toujours ceux où l'on vit le mieux.»¹⁰⁰

No que diz respeito à descrição da cidade propriamente dita, a autora não nos adianta mais do que algumas informações relativas à natureza circundante que já foram referidas.

Em relação a Lisboa, tal como muitos outros autores, como Saint-Exupéry, Simone de Beauvoir, Jean Giraudoux¹⁰¹ e Valéry Larbaud¹⁰², entre muitos outros, também Hélène, quando vê pela primeira vez Lisboa, descreve-a como sendo uma cidade dominada pela claridade reflectida pelo sol nas fachadas brancas dos seus edifícios, bela e sorridente:

«Lisbonne était une ville blanche, belle et agréable.»¹⁰³

Saint-Exupéry, apesar de reiterar algumas das características de Lisboa acima mencionadas, acrescenta o epíteto de triste à cidade, pois conhecia a realidade portuguesa e via para além da ilusão que Portugal oferecia ao mundo:

«Quand en décembre de 1940 j'ai traversé le Portugal pour me rendre aux États-Unis, Lisbonne m'est apparue comme une sorte de paradis clair et triste, On y parlait alors beaucoup d'une invasion imminente, et le Portugal se cramponnait à l'illusion de son bonheur.»¹⁰⁴

Quanto a Hélène de Beauvoir, o que mais a marcou durante a sua estadia na capital do país foi o ambiente circundante do Instituto Francês em Portugal, que, de certa forma, já tivemos a oportunidade de esclarecer: as intrigas, a burocracia dos serviços governamentais, a ilusão da tranquilidade, o medo de represálias por parte das autoridades devido à expressão de ideias contrárias às do regime político, etc.

De facto, nem tudo o que diz respeito a Portugal é alvo de elogios: a política autoritária do governo em vigor e o machismo enraizado na sociedade são algumas das críticas apontadas por Hélène e reiteradas por muitas outras personalidades francesas.

difundir, através dos seus órgãos propagandísticos, a imagem de Portugal como um refúgio onde as populações eram hospitaleiras e de brandos costumes.

¹⁰⁰ Valéry Larbaud, «Lettre de Lisbonne» in *Jaune, Bleu, Blanc*, Paris, Gallimard, 1927, p.925.

¹⁰¹ Jean Giraudoux, *Portugal* (suivi de *Combat avec l'image*), Paris, Grasset, 1958.

¹⁰² Valéry Larbaud, «Lettre de Lisbonne» in *Jaune, Bleu, Blanc*, Paris, Gallimard, 1927.

¹⁰³ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs*, p.156.

¹⁰⁴ Antoine de Saint-Exupéry, *Lettre à un otage*, Paris, Gallimard, 1944, p.11.

Talvez por isso, e porque era à mulher que cabia a tarefa de tratar da roupa, Hélène associe a imagem da roupa estendida ao sol à ideia de que Portugal é um país de donas de casa:

«Venu de l’océan le vent faisait claquer ce grand pavois des ménagères.»¹⁰⁵

Hélène refere, por exemplo, que a Sífilis era muito comum em Portugal na altura. Tão comum que toda a gente falava dela com um à-vontade surpreendente. Ela ficava espantada quando ouvia as pessoas falarem abertamente desta enfermidade. Num país tão conservador parecia-lhe caricato que se encarasse este flagelo, cuja forma de contágio mais frequente era através de relações sexuais, de uma forma tão banal:

«A cette époque, presque tous les Portugais, hommes et femmes, l’avaient. L’on en parlait librement. J’ai assisté à des conversations sidérantes pour nous qui tenions secrète cette maladie considérée comme honteuse.»¹⁰⁶

Esta doença não só parecia não incomodar as pessoas, como era encarada de uma forma natural e aceite por toda a gente. Hélène ficou ainda mais surpreendida, ou talvez mesmo, escandalizada quando descobriu que valores como o casamento – instituição social e religiosa que faz parte do ciclo de vida do Homem comum – eram mais importantes do que a saúde: segundo a mentalidade portuguesa da altura, as relações extraconjugais eram escondidas, mas aceites e toleráveis e era preferível casar com um homem com sífilis do que ficar solteira.

Para um homem de trinta e poucos anos o facto de não ser casado era pouco prestigiante, para uma mulher era um motivo de desvalorização social. O casamento, bem como ter filhos, era, segundo os padrões sociais da época, uma parte fundamental da vida de uma mulher. Aquela que não cumprisse essa tarefa, desviava-se do padrão e era, de uma forma ou de outra, rejeitada pela sociedade.

Esta situação ilustra a importância que o casamento assumia na época, bem como o domínio do espírito machista na sociedade portuguesa. A pouco e pouco, Hélène foi-se apercebendo um pouco mais da realidade social do país e a visão mítica e maravilhosa de Portugal como paraíso foi dando lugar a um Portugal mais real e talvez menos bonito.

Portugal era composto por uma sociedade compartimentada¹⁰⁷ e apesar de o povo português ser, por natureza, um povo afável, havia entre as pessoas, um muro que as afastava e que colocava cada um no seu devido lugar.

¹⁰⁵ Hélène de Beauvoir, p.150.

¹⁰⁶ *Id., ibid.*, p.150.

¹⁰⁷ Simone de Beauvoir também refere esta realidade nos seus artigos sobre Portugal onde destaca a divisão absoluta e brutal entre pobres e ricos, como veremos mais adiante.

Assim, Hélène refere três sociedades distintas no Portugal da altura, a que, hoje em dia, podemos fazer corresponder a alta sociedade, a classe média e a classe baixa:

«L'ensemble de la société portugaise d'alors était jalousement compartimenté: il y avait la «première société» dont les dames allaient, venaient, se visitaient, jouaient quotidiennement au mahjong, fréquentaient leur club, mais ne s'offraient plus le thé.»¹⁰⁸

O advérbio escolhido por Hélène – *jalousement* – para caracterizar a forma como a sociedade estava dividida, exemplifica na perfeição as relações entre as famílias das classes mais elevadas. Todos queriam ser os mais ricos e os mais elegantes e o facto de haver pessoas a morrer à fome em Portugal, passava, muitas vezes, despercebido. O que importava era não ficar mal visto e parecer sempre ser mais do que realmente se era: ser mais rico, mais culto, mais feliz. A aparência era tudo e era ela que definia a que estatuto, ou melhor, a que tipo de sociedade, se pertencia. Segundo a pintora, a vaidade e a inveja faziam parte do dia a dia das classes mais favorecidas que guardavam e vigiavam atentamente as suas fronteiras (sociais).

Ninguém se queria sentir inferiorizado perante o outro e, a esse propósito, Hélène explica por que razão a vaidade mesquinha conduziu ao fim dos lanches entre senhoras de sociedade :

«Au début elles s'invitaient à goûter. Lorsque l'une donnait deux gâteaux, l'autre, le lendemain, se croyait obligée d'en proposer trois, et ainsi de suite. La surenchère prit rapidement de telles proportions qu'elles préférèrent s'abstenir.»¹⁰⁹

A classe média é chamada de *seconde société* e, a este *clube*, pertenciam pessoas menos elegantes mas ainda dentro do aceitável. Sendo os seus costumes muito parecidos com os da alta sociedade, a grande diferença residia no berço: *un cran au-dessous* ¹¹⁰.

À classe baixa correspondia então a *troisième société*. Relativamente a esta classe social, Hélène é lacónica e revela apenas, num tom irónico:

«La «troisième société» on s'en doute, n'avait pas de club.»¹¹¹

As fronteiras entre as diferentes classes sociais estavam bem definidas o que não passava despercebido a Hélène:

«Il va sans dire que ces sociétés ne se fréquentaient pas entre elles.»¹¹²

¹⁰⁸ *Id., ibid.*, p.150

¹⁰⁹ *Id., ibid.*

¹¹⁰ *Id., ibid.*, p.151.

¹¹¹ *Id., ibid.*

¹¹² *Id., ibid.*

A imagem que cada pessoa dava de si era deveras importante porque contribuía para a sua exclusão ou inclusão num determinado estatuto social. Daí a valorização da vaidade e da consequente vida fútil que Hélène desprezava. A sociedade portuguesa era, acima de tudo, segundo o seu ponto de vista, profundamente *snob*. Desde as classes mais altas às classes mais baixas, o orgulho era elevado ao exagero. As pessoas preferiam passar fome a fazer má figura e o sentimento de humildade era muitas vezes substituído pelo da humilhação na mentalidade dos portugueses da época. Hélène relata, a este propósito, a história de um pobre português que, apesar de passar necessidades se recusou a ser ajudado pelo casal de Roulet, pois considerava que o trabalho que lhe propunham estava abaixo do seu nível social:

«Nous savions que ces gens avaient faim, et c'est pour cela que nous l'avions choisi. Si petit que fût son salaire, il lui était indispensable. Donc Lionel lui expliqua en quoi consistait sa tâche, l'homme ne dit rien. Au bout de quelques jours, il vint trouver Lionel. Il ne pouvait continuer ce travail. Etre vu portant des paquets dans la rue l'humiliait. Une déchéance!»¹¹³

No entanto, a vida em Portugal era, sobretudo para quem tinha posses, uma vida agradável, tranquila, muito diferente da situação que se vivia em França no momento; no cômputo geral, o tempo que Hélène passou em Portugal foi feliz. A pouco e pouco ela realizava alguns dos seus sonhos: alugou uma bicicleta que usava para se deslocar, sustentava-se a si própria, era independente e dedicava bastante tempo à sua pintura. As constantes horas de trabalho repartidas pelas lições particulares, as aulas do liceu, as do Instituto e as horas que passava a pintar, deixavam-na exausta. A tal ponto que, por vezes, adormecia durante as aulas. Assim, podemos concluir que o período passado em Portugal foi bastante proveitoso não só a nível profissional, mas também pessoal, quer para si, quer para Lionel de Roulet e que deixou memórias inolvidáveis. Estas, por sua vez, ajudam-nos a entender como era visto Portugal através do olhar dos estrangeiros durante os anos da guerra que afligiu a Europa, mas à qual o nosso pequeno país parecia ter escapado.

2.10. A acção do casal de Roulet:

Quando em 1940, Hélène de Beauvoir conheceu pela primeira vez Portugal, era um novo mundo que se revelava à pintora. Para ela, as paisagens do Algarve, as *cenas* da realidade portuguesa – as casas, as hortas, as feiras, as salinas, as lavadeiras e os pescadores – pertenciam a esse universo desconhecido que a cativou e que retratou através da sua pintura. Essas telas figuram

¹¹³ *Id., ibid.*

hoje como um testemunho da sua estadia no nosso país e como um documento importante sobre o Portugal da década de quarenta.

Apesar de não pintar, Lionel de Roulet, que estava há já algum tempo no nosso país e que esperava ansiosamente a chegada da sua namorada, deixou também a marca da sua presença entre nós. Profundamente revoltado com o desenrolar dos acontecimentos na Europa e traumatizado pela queda da França em mãos alemãs, sentia a urgência de agir e de, mesmo à distância, contribuir de alguma forma para manter acesa a chama do espírito francês.

Ao encontrar nos portugueses uma certa empatia para com a situação da França – uns entendiam que a França, nação que ensinara a liberdade ao mundo, não deveria sucumbir à opressão alemã, outros acreditavam que o Marechal Pétain a conduziria a bom porto, *ipse est*, a um regime semelhante ao de Portugal – e cheio de vontade de trabalhar, de Roulet travou relações com o Instituto Francês em Portugal e, com o apoio dos intelectuais e da classe abastada de Faro, criou nesta cidade, um centro cultural (uma espécie de delegação do Instituto Francês em Portugal, com sede em Lisboa); os estatutos do centro foram aprovados em Julho de 1940.

De Roulet entendia que o seu trabalho como representante da França em Portugal seria proveitoso não só para si mesmo, mas também para os portugueses, pois, desta forma, ele poderia divulgar a cultura da verdadeira França, livre e democrática, contribuindo para a revelação de uma outra realidade, preferível à situação actual em que pereciam, apesar de formas diferentes, as duas nações: França e Portugal. De facto, tanto em França, como em Portugal, se sentia a falta de liberdade e de democracia.

Assim, Hélène de Beauvoir através sobretudo da exposição das suas pinturas, mas também de alguns artigos que escreveu para a revista *Afinidades*, e Lionel de Roulet, através do seu trabalho como director do Instituto Camões (nome atribuído à delegação de Faro do Instituto Francês em Portugal), como redactor da revista *Afinidades*, como colaborador de outras publicações e como mediador entre as culturas francesa e portuguesa, tiveram algum impacto na realidade portuguesa. É esse impacto que o casal produziu na nossa sociedade que procuraremos esclarecer a seguir.

2.10.1. A nível cultural

Antes de começarmos a nossa análise da acção deste casal a nível cultural, convém distinguirmos as diferentes vertentes dessa prática: enquanto que Hélène de Beauvoir concentrou os seus esforços na pintura, a diligência do seu companheiro fez-se sentir a diferentes níveis. Com efeito, de Roulet desenvolveu inúmeras actividades de âmbito profissional, como funcionário do

Instituto Francês em Portugal e como colaborador de algumas publicações e de âmbito pessoal, como defensor dos ideais revolucionários franceses.

No que diz respeito à sua companheira, a pintura sempre foi por ela encarada como uma forma de melhor entender o mundo, tal como Simone de Beauvoir relata em *Journal de guerre*, Hélène pinta «pour qu'il n'y ait pas de trous»¹¹⁴.

De facto, numa sua alocução realizada na Universidade de Aveiro acerca da condição feminina e a capacidade de criação, Hélène de Beauvoir afirmou:

«Le tableau est le lieu où les contradictions sont résolues où les tensions s'apaisent, aussi bien les contradictions purement plastiques par exemple lumière, couleur, ligne, volume – que les déchirements plus intimes du peintre. Plus la tension est grande, plus l'œuvre a d'acuité.»¹¹⁵

Chegada a Portugal e vendo-se exilada devido ao início da guerra, Hélène começou a pensar em formas de se sustentar. Para ganhar algum dinheiro, começou a dar aulas de pintura. Apesar de não estar habilitada para essa tarefa – Hélène nunca antes tinha passado pela experiência do ensino da pintura e não possuía habilitações idóneas para o desempenho da função de formadora em artes – os portugueses tinham o hábito de mitificar os pintores franceses e não deve ter sido difícil encontrar alunos ávidos de aprender a mestria gálica e de se deixarem contagiar pelo *savoir faire* francês. Por sua vez, Hélène decidiu continuar os seus estudos pictóricos, frequentando com esse intuito, a Academia de Pintura de Lisboa. Apesar da sua condição feminina lhe trazer alguns dissabores no decorrer das aulas, ela revela que em Portugal realizou algumas das mais belas telas por si pintadas. Retratou¹¹⁶ paisagens, cenas pitorescas, como por exemplo, mulheres com as suas trouxas à cabeça, o árduo trabalho dos pescadores, as salinas, o povo nas praças, nas fábricas ou num hospital de Lisboa, entre outras. Para ela, Portugal era um país magnífico que oferecia muitos motivos de inspiração.

Foi em Portugal que nasceu na pintora a vontade de pintar o nu. Mas o nosso país, ao contrário da França, era ainda muito conservador, mesmo em relação à pintura. Hélène de Beauvoir, que frequentava a Academia de Pintura em Lisboa, onde à noite, como na maior parte das academias de pintura, se fazia croquis de modelos nus, foi interdita de entrar na sala simplesmente porque o modelo era um homem. Uma outra vez, ao tentar encontrar um modelo para as aulas de pintura, a única pessoa que aceitava posar nua era uma prostituta. Estas situações deixaram-na desiludida e vexada.

¹¹⁴ Simone de Beauvoir, *Journal de guerre*, p.293.

¹¹⁵ Hélène de Beauvoir, «La Femme et la Création» in *Mesa Redonda – A Mulher, Dia Aberto 1995*, Aveiro, Ed. Fundação João Jacinto de Magalhães, Coleção Universidade Hoje 1996, p.31.

¹¹⁶ Sobre este assunto consultar Pedro Calheiros (organização e coordenação), *O Belo Ver de Hélène de Beauvoir* (Pinturas e desenhos; Portugal, 1940-1945; [Catálogo das Exposições]), Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 1994.

A pintora transpôs, nos seus quadros, a realidade portuguesa onde se viu mergulhada durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, para além de pintar, também escreveu alguns textos sobre a arte pictórica e realizou uma série de exposições reveladoras do reconhecimento da sua arte no panorama estético e cultural português, se bem que os convites para a realização dessas exposições muito devessem também à rede de conhecimentos que possuía o casal de Roulet. Foi desta forma que Hélène expôs as suas obras, por exemplo, em Faro, em Leiria e no Secretariado da Propaganda Nacional, em Lisboa. A facilidade com que lhe era autorizado expor as suas telas está directamente relacionada com o facto de as suas obras, paisagísticas e figurativas, darem de Portugal uma imagem que não desagradava às autoridades intervenientes na cultura.

De facto, apesar de não concordar com o clima político que se vivia em Portugal, Hélène sabia como esconder o seu desacordo de forma a não prejudicar a sua carreira e os seus interesses. Podemos encarar esta sua atitude como sábia e racional ou denunciá-la como reveladora de uma personalidade dissimulada que, acima dos ideais e valores universais que dizia defender, colocava o sucesso individual. De qualquer forma, não nos compete a nós julgar a pintora que se viu exilada em Portugal e impedida, mesmo que o quisesse fazer, de se instalar, com o mínimo de condições possíveis, noutro país. Pelo menos enquanto durasse a guerra, Hélène devia, à semelhança da sua irmã, aprender a sobreviver o melhor possível mediante as condições adversas em que vivia.

Quanto aos textos por si produzidos – «A escola de Paris no séc. XX» in *Afinidades*, n.º1, Faro, Setembro, 1942; «A Exposição da Arte Francesa Contemporânea na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa» e «7ª Exposição de Arte moderna no Estúdio do S.P.N.» in *Afinidades*, n.º2, Faro, Fevereiro, 1943; «A Pintura francesa e a tradição» in *Afinidades*, n.º5, Lisboa, 1944 – e outros escritos sobre si – por exemplo, o texto escrito pelo seu companheiro, «Uma artista francesa em Portugal», que apareceu em *Afinidades*¹¹⁷ e que foi, acima de tudo, uma excelente publicidade para a pintora, que, decerto, não por mero acaso, chegou a publicitar os seus serviços como professora nesta mesma revista, as recensões críticas às suas exposições como as que apareceram na *Acção*¹¹⁸ ou na *Vida Mundial Ilustrada*¹¹⁹ – o tema tratado é sempre a pintura.

O que mais nos interessa reter é a forma como as suas telas realizadas em Portugal eram vistas pelos críticos portugueses e a esse respeito, verificamos que, utilizando a linguagem estereotipada da época, as opiniões são unânimes em atribuir qualidades à forma de pintar de Hélène de Beauvoir. Assim, é frequentemente elogiado o uso que a pintora faz da luz e a forma como esta banha os diferentes elementos do quadro, coordenando-os e unindo-os numa sintonia quase perfeita. Os jogos de luz/sombra e o recurso desconcertante das cores imprimem, nas suas telas, um vigor e energia cativantes e mesmo quando, devido à realidade retratada, a sua paleta de

¹¹⁷ Lionel de Roulet, «Uma artista francesa em Portugal» in *Afinidades*, n.º3, Faro, Julho, 1943.

¹¹⁸ *Acção*, 11 de Março de 1943.

¹¹⁹ *Vida Mundial Ilustrada*, 4 de Março de 1943.

cores se torna mais sóbria e matizada, é a vida que pulula naqueles retratos do quotidiano português. Foi essa a realidade que a encantou e é ela que encontramos na figura dos pescadores de Albufeira trabalhando nas suas redes ou carregando algas (sargaços) à beira mar, nas lavadeiras nos rios, nos camponeses vendendo os seus produtos nas feiras, etc. Evitando o anedótico, Hélène de Beauvoir procurou pintar apenas o essencial, de modo a manter-se fiel ao tom local observado, ou seja, de modo a manter a sua obra verdadeira. É essa mesma veracidade que faz dos seus quadros um testemunho imperecível do Portugal de 1940 a 1945.

Quanto a Lionel de Roulet, a sua vocação concentrava-se no âmbito dos serviços culturais e o seu meio privilegiado de acção era, não a pintura, mas a escrita. Assim, organizou diversos concertos – como o dos «Petits Chanteurs à la Croix de Bois» –, exposições, palestras e conferências. É esta a realidade que nos descreve Pedro Calheiros:

«Lionel de Roulet fez algumas palestras sobre literatura francesa; Armand Guilbert levou-lhes Aragon, Éluard e La Fontaine, recorda Hélène de Beauvoir, no seu livro de memórias, escrevendo que se lembra também da ida a Faro do violinista Robert Soeten, acompanhado por Suzanne Roche.

Lionel de Roulet, como delegado do Instituto Francês no Algarve, organizou também no Clube Farense vários recitais de música francesa, entre eles, aquele que foi dado pela célebre pianista portuguesa Helena Moreira de Sá e Costa, com músicas de Rameau à Ravel, incluindo Debussy, Fauré e E. Chabrier, ou ainda o recital do violoncelista Bernard Michelin, etc.»¹²⁰

No entanto, também contribuiu com outros trabalhos, como por exemplo, com a tradução realizada por Casais Monteiro da novela de Jean-Paul Sartre, *La Chambre*, que prefaciou.

Uma das suas iniciativas mais bem sucedidas foi a criação da revista *Afinidades*. Assim, em 1942, era criada, em Faro, por sua iniciativa, a *Revista de Cultura Luso-Francesa, Afinidades*. Esta revista pretendia estabelecer o contacto entre estes dois países – a França e Portugal – de uma forma aberta e independente.

Esta publicação editou, de Setembro de 1942 a Outubro/Novembro de 1946, vinte números e era propriedade do Instituto Francês em Portugal. Podemos considerar que a duração da existência da revista não foi reduzida para o tipo de publicação de que se tratava. Na verdade, a grande maioria deste tipo de publicações não passava dos primeiros números, o que não impedia que algumas delas fossem consideradas de primeira importância pelo repercussão cultural que causaram.

Sendo propriedade do Instituto Francês em Portugal, a colaboração portuguesa e francesa era essencial. Aliás, estiveram sempre associados à revista dois portugueses: o Dr. Francisco

¹²⁰ Pedro Calheiros (organização e coordenação), *O Belo Ver de Hélène de Beauvoir* (Pinturas e desenhos; Portugal, 1940-1945; [Catálogo das Exposições]), Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 1994, pp. 36 e 37.

Fernandes Lopes como director e João Romualdo Mascarenhas como editor, pertencendo a tarefa de redacção a Lionel de Roulet, seu verdadeiro fundador e responsável. Coube-lhe o papel de redactor até ao quarto número da referida revista, sendo indicado como chefe de redacção do quinto ao décimo quinto volumes; a partir do décimo sexto, a revista apresentava como redactores Allex Lyoudi e Vasco Vidal. Facto explicado pelo regresso de Lionel de Roulet a França.

Tendo surgido em plena guerra, tinha como objectivo apresentar a França nos seus múltiplos aspectos culturais, com esse intuito, combinou secções sobre a História da França com estudos sobre a língua francesa e análises da actualidade, bem como uma crónica dedicada às relações luso-francesas.

Colaboraram na sua elaboração diversos autores portugueses e franceses, cujo testemunho, não raras vezes, reflectia um incentivo à luta contra a ideologia e a ocupação nazi. Nesse sentido, o n.º duplo 9/10 foi consagrado à libertação da França e teve a colaboração de Abel Salazar, Claude Roy, Jean-Paul Sartre e de Louis Aragon.

Tal como refere Coimbra Martins¹²¹, a revista apresentava-se num pequeno in-oitavo de capa verde cartonada e o seu número avulso custava cinco escudos. Quanto ao seu conteúdo, inicialmente dominava o elogio da política do Marechal Pétain e do catolicismo crescente em França e em Portugal. No entanto, rapidamente, artigos como «Renascimento do Catolicismo em França», «A mocidade e a França», e o discurso do Marechal Pétain pronunciado a 25 de Junho de 1940 apareceram de mãos dadas com textos que, pelo carácter ou pela personalidade dos seus escritores, revelavam um sentimento de crescente anti-fascismo: é o caso dos textos de Saint-Exupéry «O sacrifício da França» e «O Heroísmo e a Literatura», do «Espoirs etangoisses de l'Insurrection» de Jean-Paul Sartre, do «Poètes de la Résistance» de François Mauriac e do «D'un Nouvel Humanisme Français» de Simone de Beauvoir.

Quanto a Hélène de Beauvoir, também ela colaborou na revista não só, como já referimos, assegurando a secção consagrada às artes plásticas, mas também participando directamente na elaboração gráfica de *Afinidades*: a ilustração que era apresentada na capa e na página de rosto da revista, desde o primeiro número e até ao primeiro da nova série, era precisamente uma vinheta criada por ela. A imagem mostrava um abraço simbólico entre duas personagens que expressava a relação de amizade entre Portugal e França e as trocas culturais daí decorrentes. No início da segunda série, este logotipo foi substituído por uma vinheta de Vasco Vidal que sobrepunha a cruz gaulista sobre um escudo de cinco quinas.

À semelhança de outras publicações, a revista que, no início da sua publicação, não apresentava a famosa inscrição «visado pela Comissão de Censura», sofreu, no entanto, os cortes

¹²¹ António Coimbra Martins, «Duas Francesas em Portugal nos anos 40» in *A Mulher – Mesa Redonda*, *Dia Aberto* 1995, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, Colecção Universidade Hoje, 1996, p.36.

inflexíveis dessa instituição, apresentando a partir do quarto volume, a referência de que *Afinidades* tinha sido visada pela referida Comissão de Censura.

Na realidade, foi o regime ditatorial de Oliveira Salazar que retirou a Portugal liberdade de expressão, cuja falta se manteve até à Revolução dos Cravos de 1974. Ainda que a censura prévia já fosse habitual desde Junho de 1926, a 11 de Abril, foi emitido um decreto que confirmava que ficavam sujeitos a ela as publicações periódicas e as folhas soltas, folhetos, livros ou escritos de outra natureza, como cartazes, panfletos ou circulares. Desde então, a imprensa era vigiada cuidadosamente, pois era considerada como uma arma poderosa que a oposição poderia tentar usar contra o regime. Só mais tarde, através da intervenção de António Ferro é que Salazar aplica uma política de propaganda onde a relação com a imprensa, continuando a ser autoritária, se torna também totalitária, ou seja, considera-se que o controlo da imprensa é vital, não só porque esta pode representar um papel importante contra o regime, mas também porque pode servir os interesses desse mesmo regime, funcionando como parte do seu aparelho ideológico.

Assim, as críticas ao governo não eram permitidas, mas a ironia e a insinuação eram alguns dos estratagemas a que se recorria para desacreditar o regime, que, por sua vez, tinha o seu próprio sistema de propaganda para doutrinar a população com os dogmas fascistas da época: Deus, Pátria, Autoridade. Hélène de Beauvoir relata esta mesma realidade ao dizer o seguinte acerca do jornal *O Globo*, que o seu companheiro havia criado e dirigido:

«Nous ne faisons pas ouvertement de la politique, ce qui eût été impossible sous le gouvernement de Salazar favorable aux Allemands. Mais notre manière d'exprimer les idées, de voir les choses, de commenter les événements, fit que le journal de Lionel fut très lu par les Portugais. Plus particulièrement par ceux qui rêvaient d'un autre régime et trouvaient dans nos pages une raison d'espérer.»¹²²

Dada a situação, para os leitores de jornais, já quase não fazia sentido comprar uma ou outra publicação para satisfazer o seu desejo de pluralismo de opiniões; todas filtradas pela censura, encontrava-se o mesmo tipo de informações e praticamente a mesma visão¹²³ sobre os acontecimentos em todas elas. De facto, o decréscimo brutal do número dos escritos periódicos em Portugal resultou do desejo do regime de controlar os meios de informação e consequentemente, do impedimento de criação de novas publicações¹²⁴.

Quanto à periodicidade da revista *Afinidades*, podemos caracterizá-la como bastante irregular, tendo sido publicada a primeira metade dos números com um intervalo de cerca de quatro

¹²² Hélène de Beauvoir, p.156.

¹²³ Lembremo-nos que a função principal da Imprensa durante a ditadura foi, essencialmente, de comunicar as acções e actos oficiais, através de uma linguagem estereotipada que elogiava o *novo modo de vida* dos portugueses.

¹²⁴ Sobre este assunto consultar Alejandro Quintero, *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1994.

a seis meses e tendo a outra metade saído num espaço de tempo de um a três meses. No entanto, tal como refere Pedro Calheiros¹²⁵, dado o carácter da revista, a extensa e diversa colaboração francesa e tendo em conta o facto de ter sido publicada durante a Segunda Guerra Mundial, pode considerar-se *Afinidades* como uma revista que teve uma duração razoável e alguma regularidade de publicação. Tendo em conta que o volume de publicidade contido na revista aumentou significativamente à medida que a sua duração aumentava, pode-se depreender que a revista teve uma boa recepção por parte do público a que se destinava.

No panorama cultural e literário do país, esta publicação era vista como moderna, aberta ao mundo e, até um certo ponto, livre de constrangimentos políticos.

A influência de de Roulet terá certamente tido um papel importante no acolhimento dado na revista a vozes como a de Sartre ou de Simone de Beauvoir. A verdade é que, em Dezembro de 1944, *Afinidades* incluía um texto de Jean-Paul Sartre e em Junho de 1945 foi publicado o texto correspondente à conferência realizada por Simone de Beauvoir aquando da sua visita a Portugal, em Março desse ano. Na verdade, esta publicação desempenhou um papel importante na divulgação, em Portugal, das novas correntes literárias, das novas orientações das artes plásticas, do Surrealismo, do cinema ou da psicanálise. *Afinidades* participou na divulgação de nomes como Freud, Picasso, Pierre Roy, Aragon, Eluard, Dali, Malraux, Giraudoux, Superville, Saint-Exupéry, Gide, Mauriac, sem esquecer obviamente Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir entre muitos outros mais.

No que diz respeito à colaboração portuguesa, as contribuições foram diversificadas, abundantes e representativas da estreita cooperação entre França e Portugal. Curioso será reparar que alguns dos colaboradores de *Afinidades* estão também, de alguma forma, associados a outras publicações como *O Globo*, ou mesmo à revista *Vértice*. Daí que nomes como Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Alves Redol, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca e Mário Dionísio sejam encontrados nos índices das três referidas publicações. Poderíamos estabelecer aqui um paralelo com o que Pedro Calheiros¹²⁶ refere como sendo a relação entre o movimento neo-realista e a revista *Afinidades*. De facto, admite-se que *Afinidades* tenha contribuído para a divulgação do movimento neo-realista e que os ideais de empenhamento preconizados por esse movimento estavam de acordo com a opinião de muitos dos colaboradores da revista em questão. Neo-realistas ou não, a verdade é que as preocupações sociais são partilhadas por muitos dos colaboradores de *Afinidades* e de outras publicações como é o caso de *O Globo* e da revista *Vértice*.

¹²⁵ Pedro Calheiros, «Afinidades e o dealbar do Neo-realismo», in *Diagonais das letras portuguesas contemporâneas*, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 9 e 10 de Novembro de 1995, p.54.

¹²⁶ Sobre este assunto, consultar Pedro Calheiros, «Afinidades e o dealbar do Neo-realismo», in *Diagonais das letras portuguesas contemporâneas*, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 9 e 10 de Novembro de 1995.

Quanto a esta última, tratava-se de uma revista de arte e cultura fundada em Coimbra em 1942 e constituía não só uma tribuna do movimento neo-realista, mas também uma espécie de reduto livre que, na asfixia intelectual portuguesa provocada pelo fascismo, importava preservar a todo o custo. Se no referimos aqui a estas publicações não é por mero acaso; na verdade, Lionel de Roulet participou em todas elas e por isso mesmo, convém estudar de que forma é que as três participaram no panorama cultural português.

Posto isto, convém esclarecer que um denominador comum entre as três – *Afinidades*, *O Globo* e *Vértice* – era a denúncia de uma sociedade retrógrada que tinha como base a iniquidade e o atropelo dos direitos humanos. Para além disso, estava patente, em diferentes graus, um ideal marxista que, no mínimo, tinha como ponto central das suas preocupações, a denúncia das injustiças sociais e políticas e uma relação intercultural com a França. Esta fazia-se sentir não só através da colaboração, nestas publicações, de autores franceses, mas também pela publicação de textos alusivos à realidade francesa.

De facto, encontramos, também na revista *Vértice*, uma grande variedade de textos e temas que incluem análises da realidade francesa, italiana, inglesa e alemã que procuravam ser abrangentes e informativas. Lionel de Roulet e Albin Eduard, que escreveram sobre a França na *Vértice*, encontravam-se nos antípodas: o primeiro falou da poesia libertadora da França que jazia esmagada sob a opressão nazi e os campos de concentração alemães; o segundo elogiou Hitler e a sua ordem social. Assim, podemos constatar que a imparcialidade também fazia parte das características desta publicação.

O que importa reter é o facto desta revista ter pontos em comum com *Afinidades*, nomeadamente o facto de ter contado com a participação de Lionel de Roulet como mediador com a França e de ter dedicado a esta nação um particular interesse que se traduziu, por exemplo, em 1945, no elogio do papel relevante dos escritores franceses na resistência ao nazismo, na exultação da queda do regime nazi e na homenagem à resistência dos intelectuais franceses e alemães face a esse flagelo. Palavras corajosas quando proferidas num país cujo governo declarou três dias de luto oficial pela morte de Adolf Hitler.

A *Vértice* viria a interromper a sua actividade em 1986, devido à proliferação de títulos de imprensa periódica e às dificuldades financeiras daí decorrentes. Em 1988, foi adquirida pela Editorial Caminho, passando a ser publicada em Lisboa: deu-se o início da segunda série da revista, que ainda está em curso da publicação.

Quanto a *Afinidades*, tal como refere Pedro Calheiros, o último número da revista abre com um pequeno texto intitulado «Pórtico», no qual se recorda que *Afinidades* era uma revista já no seu quinto ano de existência, que se podia orgulhar do seu passado coerente, de ter sido sempre uma

publicação livre e aberta a quaisquer correntes de pensamento e que pretendia continuar aberta a novos génios e a acolher novas tendências.

No entanto, este «pórtico», que se apresenta como um texto de início de uma nova era, vai acabar por desempenhar a função de conclusão de um ciclo e de uma despedida, pois coincide com o último número da revista a ser publicado. É por essa razão que Calheiros o caracteriza da seguinte forma:

«Este pórtico vai soar, infelizmente, sem que a redacção o sonhe sequer, como o dobrar de finados da revista (...)»¹²⁷

No que diz respeito ao jornal *O Globo, Quinzenário – estudos, vulgarização cultural, crítica*, publicado pela primeira vez a 15 de Maio de 1943, foi a Lionel de Roulet que coube a tarefa de o criar e dirigir nos seus primeiros tempos de vida. Este jornal de edição e propriedade de António Silva e gerido por Dias Martins pugnou pela isenção, objectividade e independência, assumindo uma postura anti-capitalista. A mudança de direcção, datada de 1944, entregou a Sabino Costa a responsabilidade de traçar a rota do jornal. Foi também a partir desta altura que se começou a sentir a influência de Casais Monteiro e que se assistiu ao dealbar da defesa do Neo-realismo e de todas as preocupações sociais inerentes a este movimento. Era um jornal eclético que abrangia um largo espectro de assuntos: Ciência, História, Saúde, Educação, Teatro, Cinema. Em relação à França, elogiou a coragem dos seus escritores, manifestou-se contra a guerra, exaltou o seu fim e denunciou os campos de extermínio nazis.

Em *Souvenirs*, Hélène reafirma a importância deste jornal na sociedade portuguesa ao dizer que ele representava um sinal de esperança para aqueles que sonhavam com um outro governo para Portugal¹²⁸. Afinal, a França era, ainda, para o estrangeiro, um dos mais fortes símbolos de democracia. A Revolução Francesa, a criação dos Direitos do Homem e do Cidadão estavam ainda muito presentes no imaginário dos Portugueses e os Franceses apareciam, muitas vezes, como os depositários dessa herança. Os ideais políticos e sociais franceses eram desejados para Portugal e a própria cultura francesa era admirada e respeitada pela sua grandiosa tradição académica. E embora não fosse possível, como já vimos, fazer uma crítica directa ao regime de Salazar, podia-se tentar iludir a censura e fazer passar uma crítica subtil, mas pertinente, de forma a revelar a fraude que era a tranquilidade política portuguesa.

Assim, a forma como era retratada a realidade e como se comentava eventos e assuntos vários, permitia veicular uma certa ideologia, por vezes, bastante diferente da que vigorava oficialmente. Talvez por essa razão, este semanário tenha tido uma boa aceitação por parte dos

¹²⁷ Pedro Calheiros, «Afinidades e o dealbar do Neo-realismo», in *Diagonais das letras portuguesas contemporâneas*, p.66.

¹²⁸ Hélène de Beauvoir, p.156.

portugueses, que encontravam nele não só uma forma diferente de perspectivar a realidade, como também um apoio intelectual, especialmente para aqueles que discordavam do regime em vigor.

Permitimo-nos esta digressão pela imprensa periódica de forma a demonstrar não só o papel que aí desempenhou Lionel de Roulet, mas também no intuito de estabelecer as ligações existentes entre estas publicações, de forma a melhor entender a participação do casal na cultura portuguesa e como uma preparação para a compreensão do que foi escrito acerca da visita de Simone de Beauvoir ao nosso país e sobre as conferências que aqui proferiu.

2.10.2. A nível social

O casal de Roulet sempre descreveu o povo português sublinhando as características afáveis e acolhedoras deste povo, sem no entanto, deixar de referir os pequenos defeitos do pensar da época: a mesquinhez, o orgulho, a obediência cega aos dogmas impostos pela religião, pelo regime político ou pela sociedade.

Contudo, nem por isso o casal renunciou, na medida do possível, a auxiliar o povo a superar as suas dificuldades, ora procurando trabalho para quem lhe pedia ajuda, ora aconselhando-o a lutar pelos seus direitos, ora organizando esforços para combater as injustiças sociais de que a população era vítima. Este auxílio era realizado, quase sempre, de uma forma velada, de maneira a não suscitar desconfianças na polícia de Salazar.

Mesmo assim, Hélène e Lionel, como vimos no decorrer deste estudo, não evitaram alguns problemas com as autoridades do país, pois aqueles que esclareciam e iluminavam a mente do povo estavam a pôr em causa o papel do governo e a contribuir para uma possível revolução de mentalidades que o poderia prejudicar.

Lionel de Roulet, por exemplo, organizou reuniões às quais assistiam jovens opositores ao regime e alimentava a esperança de, um dia, Portugal vir a ser um país democrático. Desta forma, cultivava, na parte da população que estava desiludida com o autoritarismo de Salazar, a ideia de que era necessário lutar e nunca baixar as armas perante a injustiça. Na verdade, muitos acreditavam que, com o fim da guerra, houvesse uma viragem política em Portugal e mantinham a chama da esperança acesa. Pouco tempo depois do início dessas reuniões, as mesmas foram interditas por constituírem supostamente uma ameaça à ordem. E não seria a primeira vez que de Roulet teria problemas com as autoridades por tentar contribuir para uma melhoria da sociedade portuguesa. Aliás, como já constatamos no ponto anterior, também Hélène tinha sofrido algumas repreensões por parte dos serviços oficiais por causa das aulas gratuitas de Francês que dava aos trabalhadores fabris. Uma outra ocasião, ao pretender ensinar a ler e a escrever alguns dos

funcionários iletrados que trabalhavam para si, chegou a ser criticada pelo próprio povo que não via a sua atitude solidária com bons olhos:

«Un étranger ne devait pas se mêler de ces choses.»¹²⁹

O verdadeiro problema residia no facto de que, ao ajudar uns, o casal de Roulet, poderia prejudicar os interesses de outros. Na verdade, esse foi sempre um dos problemas da mentalidade portuguesa e Hélène refere-o várias vezes: a liberdade e a justiça não são respeitadas, porque, apesar de favorecerem milhares, vão contra os interesses de poucos, mas poderosos.

A acção do casal de Roulet a nível social, assim circunscrita, operava-se a um nível restrito, não indo para além do grupo de pessoas que conheciam mais intimamente. A falta de abertura da sociedade portuguesa, associada à atitude proibitiva do regime não ofereciam espaço de manobra à actuação do casal, que se viu obrigado a moderar as suas atitudes.

2.10.3. A nível político

Como já referimos, tanto Lionel de Roulet como Hélène de Beauvoir não estavam de acordo com o governo de Salazar, mas sabiam como actuar para não serem prejudicados por essa diferença de opiniões.

A relação com os serviços administrativos era ambígua. Se por um lado, o casal mantinha uma relação cordial com os órgãos administrativos, o que se traduzia em algumas benesses, por outro lado, as atitudes do casal indicavam uma posição política e ideológica divergente da do Governo português. De facto, as relações cordiais com as instâncias governamentais, permitiram que o casal tivesse direito a alguns privilégios, como por exemplo, as boas condições de instalação do casal em Lisboa – ao contrário do próprio Instituto Francês que, como dissidente gaulista, estava mediocrementemente instalado – os convites frequentes para recepções, “vernissages” e exposições, a autorização dada às exposições de Hélène de Beauvoir, sendo estas realizadas em centros culturais controlados pelo governo, e as boas relações com diferentes personalidades do meio artístico e cultural, que nem sempre apoiavam os ideais gaulistas, nem anti-fascistas; por outro lado, os avisos e repreensões que tanto Hélène de Beauvoir como Lionel de Roulet haviam recebido pela polícia de Salazar, os textos que de Roulet havia escrito em favor da defesa da França livre contra o governo do Marechal Pétain e a estreita ligação do casal à Embaixada Inglesa, bem como o encontro, através do intermédio da embaixada, com o representante do General de Gaulle que residiu clandestinamente em Portugal, revelavam que o casal não estava de acordo com a posição

¹²⁹ Hélène de Beauvoir, p.164

política portuguesa e que tinha de ter cuidados especiais com a polícia de Salazar, pois as suas atitudes poderiam ser consideradas subversivas.

Em conclusão, parece-nos claro que, apesar do desacordo com o governo, o casal tentou viver a sua estadia em Portugal da melhor forma possível, adaptando-se ao contexto para não sofrer as vicissitudes de quem se opunha a Salazar. Esta atitude perfeitamente compreensível, foi a mesma que tomou Simone de Beauvoir na França ocupada pelos alemães, ou seja, perante situações adversas, ajustou a sua existência da forma menos penosa possível. Foi provavelmente esta atitude que a ajudou a suportar a Ocupação. É, pelo menos, o que nos sugerem os seus pensamentos:

«... j'ai toujours aimé imaginer des situations où il fallait arranger sa vie presque sans matière : extrême pauvreté, ou maladie, ou village, ou province. Je suis assez bien servie et les moindres choses semblent des richesses immenses.»¹³⁰

Assim, as duas irmãs exiladas – uma numa Pátria sem liberdade no meio de estranhos que a haviam ocupado e a outra num país estranho no meio de conhecidos que não partilhavam as suas opiniões e ideologias – recorreram ao estratagema tão comum durante a Segunda Guerra Mundial que consistia em manter, pelo menos oficialmente, uma atitude de relativa neutralidade face aos acontecimentos, de forma a poder viver tranquilamente. Daí decorre que, se bem que o casal de Roulet tenha tentado contribuir para o “esclarecimento” do povo português, a sua acção a nível político tenha tido poucas repercussões positivas.

Esperando que este capítulo tenha iluminado a nossa compreensão sobre a forma como o casal de Roulet viveu a sua estadia em Portugal, importa agora analisar de que forma o casal recebeu Simone de Beauvoir aquando da sua primeira visita ao nosso país e em que medida contribuiu para que a autora visse Portugal com um olhar diferente dos outros escritores que o haviam visitado.

¹³⁰ Simone de Beauvoir, *Journal de guerre*, p.25.

Capítulo III – Simone de Beauvoir e Portugal

«Supposons que vous voyez des lumières, la nuit, au bord de l'eau. C'est joli. Mais quand vous savez qu'elles éclairent des faubourgs où les gens crèvent de faim, elles perdent toute leur poésie, ce n'est plus qu'un tompe-l'œil.»

Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, Paris, Gallimard, 1954, p.383.

1. A primeira visita de Simone de Beauvoir a Portugal

Após a Libertação, Sartre e Simone de Beauvoir adquiriram reconhecimento e importância no seio dos intelectuais franceses e no Comité Nacional dos Escritores de França. Foi este novo estatuto solidificado após a Segunda Guerra Mundial, que muito contribuiu para a vinda de Beauvoir a Portugal.

Na verdade, imediatamente após o anúncio da Libertação, Hélène de Beauvoir imaginou o reencontro com a família e, em especial, com a irmã que tanto estimava. Este desejo rapidamente se transformou em intenção de a fazer vir a Portugal. Como o nosso país continuava a receber com efusão e em proveito próprio¹³¹, os chamados embaixadores da cultura francesa, para lhes dar a conhecer a dita tranquila realidade portuguesa e a brandura de ânimo dos seus cidadãos, Hélène de Beauvoir e Lionel de Roulet diligenciaram no intuito de receber diplomaticamente Simone de Beauvoir em Portugal. Assim, Pierre Hourcade que dirigia então o Instituto Francês, interessado em divulgar a cultura francesa, decidiu que o Instituto patrocinaria a iniciativa e convidou a escritora, como representante dos intelectuais franceses, a vir ao nosso país realizar um conjunto de conferências sobre a vida intelectual em França durante a Ocupação.

Enquanto, em Portugal, Hélène esperava ansiosamente a chegada da irmã, em França, Simone sonhava com o momento em que, pela primeira vez nos últimos seis anos, atravessaria a fronteira francesa e encontraria de novo as sensações de liberdade, de imprevisto e de euforia que o contacto com países desconhecidos lhe proporcionava.

De forma a rentabilizar esta visita, Camus tinha-a encarregue de realizar uma série de reportagens sobre Espanha e Portugal para o jornal *Combat*. Desta forma, foi como correspondente

¹³¹ Recordemos que este intercâmbio cultural visava, segundo a política propagandística de António Ferro, construir no estrangeiro uma imagem benéfica de Portugal. Sobre este assunto consultar João Medina, *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1997.

oficial do *Combat* que Simone de Beauvoir conseguiu a autorização dos poderes públicos para, antes de chegar a Portugal, passar alguns dias em Madrid. Os seus artigos «Quatres jours à Madrid» apareceram nesse jornal de 11 a 15 de Abril do mesmo ano (1945).

Assim que Simone desceu do comboio com as suas solas de madeira e o seu casaco velho, à semelhança duma refugiada da guerra, a alegria apoderou-se das duas irmãs que, após quatro anos de separação, se reencontravam finalmente. Longas horas de conversa colocaram Hélène a par da vida da irmã. Era-lhe difícil imaginar as privações que Simone tinha sofrido, quando ela própria havia sido privilegiada com a estadia num tão belo país onde nenhum bem material lhe tinha faltado. Mas era agora evidente a situação de penúria que a sua irmã tinha vivido, aliás, as suas vestimentas revelavam essa mesma carência. E como era imperativo que uma conferencista estrangeira estivesse apresentável no decorrer da sua tarefa, um dos primeiros cuidados de Simone foi renovar o seu guarda-roupa.

Na verdade, apesar desta atravessar uma fase ambígua face à sua aparência – ao mesmo tempo que negligenciava o seu aspecto, escondendo os cabelos debaixo dos seus eternos turbantes, usando roupas largas e velhas e não mandando arranjar o dente que tinha partido numa queda de bicicleta, demonstrava uma grande apreensão relativamente aos primeiros traços de envelhecimento que se começavam a revelar e inquiria os amigos relativamente à sua aparência –, ficou fascinada com a vasta oferta de produtos e de materiais em Portugal e não resistiu a ressarcir o guarda-roupa da carência da Ocupação.

Com efeito, na França ocupada era praticamente impossível encontrar roupa nova, sapatos de pele ou outros objectos de vaidade e, várias vezes, no seu diário, encontramos referências a esta falta de produtos. Assim, a escritora adquiriu roupas novas – um casaco de lã de ovelha, *tailleurs* e vestidos –, sapatos de pele e pequenos acessórios decorativos: malas, meias, lenços, entre outros objectos. Em *La Force des choses*¹³² encontramos uma lista pormenorizada destas aquisições de Beauvoir. A verdade é que o facto de se encontrar estes e outros objectos de luxo em Portugal impressionou bastante a autora que, estando já habituada à Ocupação, quase se tinha esquecido que nem todos os países tinham sofrido como a França a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Hélène, quando a irmã viu pela primeira vez após a Guerra, sapatos de pele verdadeira, exclamou: «Ça existe encore!»¹³³, o que denota a que ponto tinha chegado a penúria em França.

Quando Simone regressou ao seu país, muita gente reparou na ostentação do seu guarda-roupa e houve até quem brincasse com esse facto. Segundo Hélène de Beauvoir, um jornalista afirmaria mais tarde: «Simone de Beauvoir s’habille au Portugal»¹³⁴.

¹³² Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.37.

¹³³ Hélène de Beauvoir, p.165

Simone também ofereceu muitos presentes, que havia comprado em Portugal, aos seus amigos: chocolates, laranjas, especiarias, sacos de uvas passas, chouriços e, no que diz respeito à roupa, cachecóis de seda, xales, meias e collants, camisolas, etc.

Apesar desta abundância de produtos, a escritora não pôde deixar de se sentir revoltada com o facto de, tão perto dos franceses, existirem tais riquezas às quais a maior parte deles não tinha acesso. Foi assim que Simone de Beauvoir, lançando sobre a sociedade portuguesa um olhar conduzido pelo pensamento progressista e socializante, reforçou a sua consciência do contraste entre ricos e pobres, entre o supérfluo e a miséria. Os artigos escritos sobre Portugal reflectem esta dicotomia, colocando o problema de uma forma radical e excluindo a possibilidade de *nuance* ou gradação.

Compreende-se a revolta e o escândalo que esta descoberta provocou na autora, como sendo uma reacção espontânea que se apoderou dela na altura, sem que esta a pudesse dominar. É também a espontaneidade e a irreflexão que encontramos na voracidade e no desejo de tudo ver, tudo experimentar e no seu excessivo apetite, característicos de quem já passou por um período de carência a todos os níveis: carência afectiva, falta de liberdade, de bens materiais e de condições de vida em geral.

Assim se entende também que num dos primeiros encontros sociais que Simone de Beauvoir aceitou no nosso país – uma recepção na Embaixada francesa – tenha exclamado: «Que magnífico peixe», de uma forma deveras entusiasmada. Era evidente que era o prazer da gula reprimido durante cerca de cinco anos que havia falado mais alto. Mas, obviamente, este tinha sido um comentário inconveniente, que não se tolera em alta sociedade. Afinal, só fala de comida quem não tem acesso a ela e, para além disso, não era de bom-tom lembrar às classes sociais altas de que havia no mundo – e em Portugal – gente que passava fome. Era simplesmente embaraçoso. De qualquer forma, o mundo dos diplomatas e das suas esposas, das conveniências sociais e das aparências não agradava nem a Hélène, nem a Simone de Beauvoir. Esta última sentia-se particularmente deslocada, pois não estava ainda refeita da Ocupação e não estava habituada a tanto luxo e conforto. As suas atitudes, incompreensíveis para aqueles que não tinham sentido as restrições da guerra, embaraçavam os convidados. Hélène, que conhecia, através do relato da irmã, a situação difícil pela qual havia passado a França durante a Ocupação, compreendeu o seu comentário e sentiu-se pessoalmente ofendida pela forma como os outros convidados haviam reagido.

De facto, era notório que a maioria dos portugueses não fazia ideia dos horrores da guerra. Essa realidade fria e cruel passara-lhes ao lado. Portugal, tendo-se mantido neutro, era um paraíso na terra em comparação com França, onde faltava um pouco de tudo, incluindo coisas como o

¹³⁴ *Id., ibid.*, p.166.

sentimento de segurança, a liberdade, e, muitas vezes, o direito à vida. Quando, durante o jantar, uma portuguesa disse a Simone de Beauvoir, que também em Portugal se sentiu a falta de muitos produtos, Hélène quase que explodia de raiva. Era uma afronta às vítimas da guerra comparar a situação de Portugal com a da França. Simone calma e ironicamente, apenas lhe respondeu um «Ah!» sarcástico.

Da mesma forma, Hélène de Beauvoir também sentia uma certa amargura quando se referia à posição de Portugal face à invasão alemã, ou quando comparava a qualidade de vida em Portugal com a da França durante a Segunda Guerra Mundial. Talvez por sentir, à semelhança da irmã, que era injusto que, enquanto em Portugal as mulheres passeavam com estolas em pele e se deliciavam com belos bolos nas pastelarias, em França, as suas conterrâneas passavam fome e frio, ou talvez, porque ela própria se sentia culpada por gozar de uma vida onde nada lhe faltava enquanto a sua família passava necessidades; ou simplesmente, porque soubesse que, apesar de Portugal não ter conhecido as limitações da guerra, havia, neste país, muita gente que injustamente passava fome, sede e frio. Mas não eram, com certeza, mulheres de cônsules ou membros da alta sociedade:

«Au Portugal, il existait des gens qui manquaient de tout, une misère affreuse, mais pas elles.»¹³⁵

Na verdade, tanto Hélène como o seu marido sentiam compaixão e revolta pela situação de inópcia em que viviam os portugueses e encontramos inúmeras vezes referências, na obra de Hélène de Beauvoir, *Souvenirs*¹³⁶, a acções do casal em prol dos que mais precisavam; pois apesar de viver confortavelmente, a sua consciência social, impedia-o de se tornar indiferente ao sofrimento do povo português. E, não só se apercebia desses problemas sociais e económicos, como tentava contribuir para a melhoria dos mesmos. Na verdade, o facto de serem estrangeiros permitia, a Hélène de Beauvoir e a Lionel de Roulet, terem uma visão mais ampla da situação em que se encontrava o nosso país. Para além disso, a longa tradição democrática da França impelia-os a agir em favor da liberdade e da justiça. Contudo, nem todos os franceses que visitaram Portugal possuíam esta visão da realidade portuguesa. De facto, foi já referido que muitos dos escritores que vieram até nós não se aperceberam da cruel realidade em que viviam os portugueses durante o regime de Salazar. Sem dúvida que Hélène de Beauvoir terá facilitado o contacto da irmã com a verdadeira realidade portuguesa, proporcionando, inclusive, visitas a bairros pobres e relatos dos problemas sociais do país. No entanto, parece provável que uma tal conjuntura jamais lhe passaria despercebida, especialmente porque falamos de Simone de Beauvoir, uma mulher que possuía uma enorme curiosidade e que demonstrara, em muitas outras visitas ao estrangeiro, vibrar intimamente com os pequenos aspectos pitorescos da vida quotidiana dos habitantes dos países que visitava.

¹³⁵ *Id., ibid.*, p.164.

¹³⁶ *Id., ibid.*, pp. 151 e 164.

Para além disso, convém não esquecer que a Segunda Guerra Mundial conduziu a autora a um grande amadurecimento e a uma maior consciência social e que os seus ideais políticos de esquerda não lhe permitiriam ignorar os problemas sociais da população portuguesa.

Obviamente que os serviços de propaganda nacional tentariam esconder a feia verdade por detrás do luxo, da opulência e da beleza do nosso país, que, comparado com França na altura, deveria aparecer a Beauvoir como um paraíso na Terra. Contudo, era chegada a altura de ser a irmã mais nova, a *poupette*, a mostrar à irmã mais velha, à *môme*, a realidade no seu aspecto mais abrangente.

Os pescadores, os pequenos agricultores e os trabalhadores fabris eram os grupos sociais de que Hélène mais gostava e por quem ela sentia uma grande piedade. Foram estas classes mais desprotegidas que ela fez questão de mostrar à irmã:

«Un docteur de nos amis nous emmena visiter des pêcheurs, des ouvriers, des gens qui n’avaient qu’un petit fourneau de terre pour cuire des aliments, réduits à peu de chose.»¹³⁷

Assim, Simone de Beauvoir ficou a conhecer, através da irmã e de amigos, a dura vida de muitos portugueses. Apesar de ser comum muitas famílias cozinharem em fornos de terra, a verdade é que o facto de ser esse o único meio que grande parte da população possuía para cozinhar os alimentos, indicia, desde logo, uma certa carência económica. Mas esse era o menor dos seus problemas: a falta de alimentos era notória, tal como a falta de higiene e, talvez o maior problema de todos, a falta de consciência dos direitos dos cidadãos.

Apesar de cansada dos sucessivos convites a que tinha de dar resposta, Beauvoir não podia recusar a gentileza que lhe ofereciam e via-se na obrigação de comparecer aos mais diversos eventos sociais. Assim, após as recepções de Lisboa, a escritora teve ainda de *suportar* as de Faro. Aí, foi recebida pelas chamadas damas da sociedade, uma recepção que Hélène apelidou de «fastidiosa»¹³⁸. A palavra de ordem era mostrar o luxo em todo o seu esplendor de forma a poder impressionar. Contudo, para Simone e para Hélène, a impressão foi mais negativa que positiva. Toda a prata da casa, bem como os bordados e os ricos exemplares de pastelaria eram exibidos como exemplo da riqueza de Portugal, numa atitude que as irmãs Beauvoir consideravam ofensiva, tendo em conta que, em França, os seus concidadãos morriam à fome. A vida social de Beauvoir em Portugal estava repleta de pequenos acontecimentos como recepções, convites para jantar, cerimónias em sua honra, para além das conferências de imprensa e dos encontros informais com personalidades importantes do país. Ainda que compreendesse que a sua presença pudesse significar o enobrecimento da casa e da família que a recebia, a escritora considerava o seu tempo

¹³⁷ *Id. ibid.*, p.164

¹³⁸ *Id., ibid.*

demasiado valioso para ser desperdiçado com formalidades e burocracias. No entanto, para os portugueses, associarem-se a uma importante intelectual francesa, era praticamente angariar, para si, algumas das qualidades que a caracterizavam. Era uma forma de adquirirem prestígio.

Contudo, outros convites havia que eram sinceros e bem aceites por Simone de Beauvoir, que se revelou uma turista atenta e interessada.

Em Portugal, a escritora realizou conferências em Lisboa, Faro, Beja, Coimbra, Porto e Braga. Foram estas também algumas das localidades por ela visitadas¹³⁹. Para além destas, encontramos, como veremos adiante, muitas outras que a deliciaram pela sua beleza natural. Aquando da análise da representação de Portugal na obra escrita de Simone de Beauvoir, tentaremos, então, destrinçar o seu percurso no nosso país mais pormenorizadamente. É também nesse intuito que nos propomos uma breve incursão pelos artigos de jornais portugueses que informaram Portugal acerca da vinda desta intelectual ao nosso país e que a apresentaram ao povo português. Através do estudo desses artigos esperamos solidificar o nosso entendimento relativamente à forma como Simone de Beauvoir foi recebida em Portugal.

¹³⁹ O Instituto Francês colocou à disposição de Simone de Beauvoir a sua única viatura e o seu motorista, para que a escritora pudesse percorrer o país não só para melhor usufruir da sua estadia em Portugal, mas também para mais facilmente se deslocar até às regiões onde iria realizar as suas conferências. No entanto, a viatura caprichosa viria a proporcionar um episódio caricato: tendo o automóvel avariado a caminho de Lisboa, a autora, a irmã e restante companhia estiveram cerca de três horas à espera que alguém os socorresse.

1.1 A visita na imprensa portuguesa

1.1.1. A caracterização de Simone de Beauvoir

Simone de Beauvoir foi recebida em Portugal com pompa e circunstância. Tendo vindo ao nosso país no âmbito de uma missão de intercâmbio intelectual luso-francês, a sua visita foi bem preparada e foi criada, sobretudo através dos meios de comunicação, uma certa *imagem* acerca da sua pessoa, que a tornava ainda mais interessante aos olhos de Portugal. Essa construção torna-se evidente através da leitura dos periódicos portugueses da altura, que a consideravam como uma escritora e intelectual da nova geração literária francesa e como um símbolo dos intelectuais que viveram na França ocupada, acreditando sempre na vitória da pátria amada. Beauvoir chega a ser equiparada a uma heroína da guerra. Ela era a «Mulher da nova França»¹⁴⁰, «gentil, espiritual»¹⁴¹, a «maquisarde»¹⁴², a mulher francesa que sentiu os horrores da Ocupação e que viveu os dias de luta pela libertação. Várias publicações¹⁴³ referiam mesmo que a autora tinha tomado parte activa na vida literária e intelectual francesa e que durante a Ocupação havia mantido um íntimo contacto com as organizações de escritores da Resistência. Consequentemente, as suas conferências tornaram-se mais apelativas, pois o seu testemunho era um relato real que resultava de uma experiência pessoal.

Nesta conjuntura, a visita da escritora foi bem organizada e a sua chegada era esperada com entusiasmo. A imprensa estava já prevenida da data prevista para o seu desembarque no nosso país: o dia três de Março. De forma que, quando chegou no comboio rápido de Madrid, encontrou, na estação do Rossio, não só vários membros da colónia francesa, funcionários da legação de França e seus familiares, mas também alguns jornalistas.

Na imprensa, Simone de Beauvoir era descrita como sendo romancista, jornalista, conferencista, professora ilustre e doutora em filosofia. Sendo que apenas alguns jornais¹⁴⁴ referiam que tinha exercido a profissão de professora em alguns liceus franceses: «Marselha, Ruão e Paris»¹⁴⁵. Para além disso, era também referida a sua actividade como ensaísta, comediógrafa e redactora de *Les Temps Modernes*. A verdade é que Simone de Beauvoir era uma mulher multifacetada que havia trabalhado em diferentes domínios:

¹⁴⁰ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1945.

¹⁴¹ *Id.*, *ibid.*

¹⁴² *Id.*, *ibid.*

¹⁴³ *Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945; *Jornal de Notícias*, 16 de Março de 1945; *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1945.

¹⁴⁴ *Jornal de Notícias*, 16 de Março de 1945 e *O Globo*, *Quinzenário – estudos, vulgarização cultural, crítica*, 15 de Março de 1945.

¹⁴⁵ *Jornal de Notícias*, 16 de Março de 1945.

«L'appétit de connaissance et d'expérience se reflète dans l'extraordinaire envergure et la variété de son oeuvre : autobiographie, essais philosophiques, théâtre, critique littéraire, romans, nouvelles et le journal de ses voyages».¹⁴⁶

A nível pessoal, era caracterizada como sendo inteligente e simpática. *O Primeiro de Janeiro*¹⁴⁷ referiu, para além disso, a sua beleza e feminilidade. Alguns jornalistas indicaram a gentileza e o à-vontade com que a romancista conversava com a imprensa, sorrindo com delicadeza.

Quanto ao seu estatuto social, em algumas publicações, constatámos que ela era tratada por mademoiselle¹⁴⁸ ou pela abreviatura M.elle Simone de Beauvoir¹⁴⁹, embora se encontre também a referência «Mme»¹⁵⁰.

1.1.2. O conhecimento acerca da sua obra

Apesar de tantos elogios, há jornais que se enganaram ao escrever o nome da escritora e o título das suas obras. Enquanto que alguns erros resultam de lapsos ou de gralhas tipográficas, como por exemplo, a troca de Beauvoir por «Beauvier», ou o esquecimento de alguns acentos, como no título das obras *L'Invitée* ou *Pyrrus e Cinéas*, outros têm a sua origem no provável desconhecimento da realidade em questão. É o caso das seguintes lacunas: a peça *Les Bouches inutiles* é apresentada como «Les bouches cintiles»¹⁵¹, em vez de *Pyrrus et Cinéas*, deparámo-nos com «Pyrrhus e Ginéos»¹⁵² e *L'Invitée* aparece como «L'Invité».¹⁵³

Assim, em relação ao conhecimento que os jornalistas revelavam acerca da obra escrita da autora, à excepção do jornal *O Globo* que demonstra estar bastante informado relativamente à sua obra literária, todos as outras publicações referem apenas como principais marcos na carreira de Beauvoir o romance *L'Invitée*, o ensaio *Pyrrhus et Cinéas* e a peça *Les Bouches inutiles*. Não é de estranhar o facto de *O Globo* revelar informações mais completas e actuais, nem o facto de dedicar praticamente uma página inteira à autora, enquanto que grande parte dos outros periódicos lhe

¹⁴⁶ Denis Hollier (direction), *De la Littérature Française*, Paris, Bordas, 1993, p.928.

¹⁴⁷ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1945.

¹⁴⁸ *Comércio do Porto*, 20 e 26 de Março de 1945; *Diário de Notícias*, 13 e 14 de Março de 1945; *Jornal de Notícias*, 3 e 13 de Março de 1945.

¹⁴⁹ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1945; *Jornal de Notícias*, 17 e 25 de Março de 1945; *Comércio do Porto*, 20 de Março de 1945; *Diário de Notícias*, 3 de Março de 1945.

¹⁵⁰ *Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945.

¹⁵¹ *Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945.

¹⁵² *Jornal de Notícias*, 3 de Março de 1945.

¹⁵³ *Diário de Notícias*, 3 de Março de 1945.

dedicaram apenas pequenos artigos, se tivermos em conta o papel fundamental que desempenhou, nesse jornal, o cunhado de Beauvoir, Lionel de Roulet e o facto desta publicação sempre ter dado bastante relevo à realidade francesa.

1.1.3. Encontros com a Imprensa

Como o interesse por parte da Imprensa e dos meios escolares e intelectuais em geral foi bastante sentido, Simone de Beauvoir deu algumas conferências de imprensa, divulgadas pelo adido de imprensa da Legação francesa, Marcel Danny, de forma a satisfazer a curiosidade portuguesa. Nas entrevistas concedidas, a escritora teve a possibilidade de explicar qual a finalidade das suas conferências e as razões da sua vinda a Portugal.

Assim, interrogada sobre a finalidade da sua viagem a Portugal, a escritora respondia que pretendia dar a conhecer aos portugueses a forma como se repercutiram os acontecimentos trágicos que se tinham desenrolado no seu país. Beauvoir estava consciente da simpatia e do carinho dos portugueses em relação à França, mas também sabia que era praticamente impossível que, não tendo sofrido, no dia a dia, os problemas da guerra, pudessem fazer uma ideia exacta da realidade. Aliás, já Lionel de Roulet havia alertado para essa circunstância em *Afinidades*:

«É muito difícil, longe da França, imaginarmos as condições de vida e o estado de espírito da massa dos franceses. É evidente que não ignoramos o trabalho de resistência: os jornais clandestinos, as fábricas inutilizadas, os patriotas que defendem a vida nas montanhas da Sabóia. Estamos até ao corrente da existência das principais organizações e sabemos que elas agem sob a direcção de um comando comum. Mas por mais voltas que demos à imaginação não nos podemos figurar concretamente, vivendo esses mesmos acontecimentos.»¹⁵⁴

No entanto, as informações acerca das referidas conferências nem sempre foram apresentadas de um modo preciso. Assim, foram referidos diferentes títulos de jornal para jornal: «A vida e as letras em França desde a ocupação à Libertação»¹⁵⁵, «La vie et lettres en France de l'occupation à la libération»¹⁵⁶ ou ainda «Vida e literatura da França da ocupação à libertação»¹⁵⁷, «A experiência espiritual da França desde o armistício à Libertação»¹⁵⁸, entre outros. Apesar da variedade, todos os títulos se referem ao mesmo assunto. Assunto, esse, aliás, que viria a ser exposto na revista *Afinidades*, como veremos posteriormente.

¹⁵⁴ Lionel de Roulet, «França 1944» in *Afinidades*, n.º5, 1944, p.33

¹⁵⁵ *Jornal de Notícias*, 3 de Março de 1945.

¹⁵⁶ *Comércio do Porto*, 6 de Março de 1945.

¹⁵⁷ *Diário de Lisboa*, 8 de Março de 1945.

¹⁵⁸ *Diário de Notícias*, 14 de Março de 1945.

A análise dos artigos das publicações periódicas portuguesas existentes na altura, permitiram-nos, também, conhecer melhor o percurso real efectuado pela escritora aquando da sua primeira visita ao nosso país. Assim, coordenando as informações contidas na imprensa, chegamos à conclusão que Simone de Beauvoir chegou a Lisboa no dia 3 de Março de 1945 e que realizou a sua primeira conferência nesta capital, onde se encontrava instalada. Após esse primeiro contacto com o público português, dirigiu-se para Beja e Faro onde também se pronunciou; depois de ter passado por Coimbra e pelo Minho, realizou uma conferência no Instituto Francês do Porto.

Assim, a escritora não ficou circunscrita à nossa capital, pelo contrário, aproveitou a sua estadia no nosso país e o carro que o Instituto Francês em Portugal tinha colocado à sua disposição, para visitá-lo praticamente de uma ponta a outra.

Relativamente ao Minho¹⁵⁹, é referido que a escritora caracterizou esta região como sendo mais bela que um jardim e que lhe tinha agradado imenso.

Em relação ao Porto, antes de partir em direcção a esta cidade, quando interrogada¹⁶⁰ sobre as suas expectativas em relação a ela, Beauvoir frisou que era com grande prazer que tinha aceitado visitá-la; referiu que, pelo que tinha ouvido, sabia ser um grande centro comercial e também um importante eixo intelectual e que esperava lá encontrar o carinho e simpatia que já estava habituada a encontrar em Portugal.

Desta forma, podemos deduzir que a escritora foi recebida com interesse e amabilidade e que agraciou os jornalistas com uma presença e uma atitude agradáveis e bem dispostas.

1.1.4. Informações relativas às conferências de Beauvoir

No que diz respeito às informações dadas pela imprensa relativamente às conferências realizadas pela autora, foram apresentados, para além dos títulos das mesmas, alguns breves relatos dos temas abordados e outros que versavam sobre a forma como decorreram as conferências. Um tema sobre o qual Beauvoir falou frequentemente foi o da *nova literatura francesa*. Em relação a este assunto, foi referido que a escritora defendeu veementemente que a literatura devia contribuir o melhor possível para que o homem adquirisse uma consciência plena da realidade. O humanismo também não ficou de fora e a este respeito foi dito que o novo humanismo francês se baseava na defesa da liberdade e no reconhecimento da realidade, fosse ela boa ou má.

Neste sentido, todos os jornais fizeram referência – uns mais do que outros – ao conteúdo das conferências proferidas por Simone de Beauvoir.

¹⁵⁹ *Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945.

¹⁶⁰ *Id.*, *ibid.*

A este respeito, foi dito¹⁶¹ que a escritora focou o horror da derrota, a ocupação da França pelos alemães, a fuga das populações, os crimes cometidos contra os judeus, as deportações dos franceses para supostos campos de trabalho, a cruel realidade que estes escondiam e, finalmente, a fome, o frio e a miséria que existiam em França. Beauvoir referiu ainda os sofrimentos materiais e morais da Ocupação: a tragédia das repressões, do encarceramento e da morte e as consequências negativas destes flagelos no ânimo francês. Foram também explicadas as causas da derrota da França: a superioridade alemã em homens, material e técnica de guerra e a forma como a Alemanha tentou corromper o espírito francês através da sua propaganda que tentava fazer o povo descrever dos valores morais e culturais da civilização francesa. Como resultante dessa propaganda perniciosa, apresentou a Colaboração – que para ela era sobretudo uma sujeição ao regime estabelecido – e o seu oposto, a Resistência. O afecto da escritora dirigia-se todo para a literatura dita resistente e para os “maquisards”: ambos lutaram activamente contra o invasor. De facto, a literatura é também uma forma de *engagement*: os homens de letras combatiam com a pluma e através desse singelo instrumento reforçava-se o espírito francês. Para além disso, a literatura permitia aproximar o destino dos homens, afastados pela Ocupação e pelo êxodo da população.

Beauvoir referiu ainda que a resistência se fez sentir, no início, através de sabotagens, de atentados, de panfletos, de folhetos e boletins de informação e que amplificou a sua acção aquando da criação dos «maquis» e do aparecimento dos famosos «maquisards».

Para além disso, a escritora descreveu factos que, segundo os relatos de imprensa, impressionaram a audiência portuguesa, que desconhecia, em grande parte, a terrível realidade da França ocupada. Assim, a deportação em massa dos operários, a perseguição e encarceramento dos resistentes e principalmente as atrocidades e os massacres cometidos pelos alemães – por exemplo em Oradour de Vercors – causaram surpresa entre a assistência, que não sabia ter sido tão cruel a invasão alemã.

Contudo, a nota final era de reflexão e de esperança: os quatro anos de Ocupação revelaram-se uma grande lição para a França, que apurou a sua noção de responsabilidade colectiva e sublimou o amor e o culto pela liberdade.

Quase todos os jornais referiram que, no final da conferência, a escritora foi aplaudida com uma «prolongada ovação»¹⁶². Assim, as conferências foram unanimemente consideradas «*notáveis e admiráveis, valiosas e de extraordinário interesse*»¹⁶³. Apesar destes elogios se deverem

¹⁶¹ *Id.*, *ibid.*

¹⁶² *O primeiro de Janeiro*, 26 de Março de 1945. Para caracterizar a reacção da audiência à conferências são utilizadas, ao estilo da época, expressões como «prolongada ovação» (*Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945), «a conferente foi muito aplaudida» (*Diário de Lisboa*, 8 de Março de 1945) ou ainda «dramática e fulgurante evocação» (*Comércio do Porto*, 26 de Março de 1945) e «uma vibrante salva de palmas coroou as conclusões da distinta conferencista» (*Diário de Notícias*, 14 de Março de 1945).

¹⁶³ Expressões utilizadas pelo *Diário de Notícias*, 14 de Março de 1945.

sobretudo à linguagem estereotipada usada pela imprensa quando se tratava de apreciar a prestação de um conferencista de renome, a verdade é que o testemunho de Simone de Beauvoir se revelou de grande interesse para a maioria do público presente. Aliás, encontramos em algumas publicações, referências ao facto das salas se encontrarem repletas de pessoas interessadas e o *Jornal de Notícias*¹⁶⁴ refere mesmo que, na conferência realizada no Porto, se teve de colocar cadeiras no vestíbulo dado o número de assistentes, ficando ainda muitas pessoas de pé para acompanhar a dissertação da conferencista.

Em suma, pode-se dizer que a curiosidade e a simpatia com a qual o povo português havia acompanhado a situação francesa, contribuíram para a numerosa e selecta assistência com que foi brindada Beauvoir. De facto, vários nomes de pessoas ilustres da época são referidos pela imprensa em geral: Dr. Américo Pires de Lima, Eugène Weicert (cônsul de França), Jean du Sault (ministro da França), Lionel de Roulet, prof. Paul Teyssier, Pierre Hourcade entre outros; o que é compreensível, visto que são pessoas cujas profissões e actividades estão ligadas aos serviços diplomáticos franceses. Logo, apesar destas personalidades poderem estar presentes nas conferências de Beauvoir motivadas por interesse e prazer próprio, a presença delas entende-se também no âmbito do cumprimento dos seus deveres de representação.

De igual modo, se compreende que o público das referidas conferências fosse constituído principalmente por refugiados franceses que viviam no nosso país desde o início da Segunda Guerra Mundial, por estudantes, intelectuais e outras pessoas que teriam necessariamente de conhecer a língua e a cultura francesas para poder compreender o relato de Beauvoir, que foi realizado na sua língua natal.

Em conclusão, podemos deduzir que a acção de propaganda levada a cabo pelo Instituto Francês, bem como o interesse que se manifestava, em Portugal e no mundo, pela França, nação recém libertada, contribuíram para a calorosa recepção da conferencista pela imprensa portuguesa.

¹⁶⁴ *Jornal de Notícias*, 25 de Março de 1945.

1.2. A temática das conferências realizadas

Apesar de termos referido que Simone de Beauvoir realizou uma série de conferências pelo país, a verdade é que todas elas se referiam ao mesmo tema: a vida intelectual em França durante a Ocupação.

A escritora que, após a experiência da guerra, se tornara uma anti-fascista declarada, uma existencialista por influência de Sartre, uma defensora acérrima dos direitos da mulher por convicção própria e que tinha desenvolvido uma grande capacidade de atenção para com os problemas da humanidade em geral, transmitiu as suas convicções e a forma como estas tinham “despertado” em si, através do texto base das suas conferências.

Na verdade, o texto referente às suas comunicações revela um forte cunho autobiográfico, como aliás a maior parte dos seus escritos e retrata, em certa medida, o processo de maturidade da própria autora. Um resumo destas comunicações foi posteriormente publicado na revista de cultura luso-francesa, *Afinidades*, sob o título: «D’un nouvel humanisme français»¹⁶⁵. A análise deste texto parece-nos pertinente, pois permite conhecer, em mais profundidade, a tarefa que a escritora aceitou – realizar as conferências em Portugal – ao mesmo tempo que permite definir as suas opiniões sobre a realidade francesa durante o conturbado período de guerra.

De facto, no seu discurso, Beauvoir dedica-se sobretudo à exposição dos acontecimentos que se desenrolaram em França durante a ocupação alemã e das influências que advieram desses acontecimentos para o espírito intelectual francês.

Assim, no seu texto, a escritora começa por caracterizar a Ocupação como um período cruel mas fecundo, pois conduziu a uma maior consciencialização e a uma maior ligação de cada homem à sua nação e, concomitantemente, ao mundo inteiro. Segundo ela, a derrota da França foi sentida e lamentada por todos os franceses que imediatamente se sentiram pessoalmente implicados na situação da sua Pátria. Assim, a guerra, apesar de destrutiva, teve algumas consequências positivas, pois serviu para que os homens e ela própria, acrescentaríamos nós, tomassem consciência da importância das questões sociais e políticas. É nesse sentido que se entendem estas suas palavras:

«Du point de vue moral et spirituel, la période que vient de traverser la France a été pour tous les Français une dure mais féconde expérience. Les hommes qui soit pas égoïsme, soit par étourderie s’étaient jusque là le moins

¹⁶⁵ Simone de Beauvoir, «D’un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, n.º 12, Junho de 1945, pp. 5-12.

soucié des questions sociales et politiques ont pris soudain conscience des liens qui les rattachaient à leur pays et au monde tout entier (...).»¹⁶⁶

Recusando uma atitude de neutralidade, a escritora defende a corresponsabilidade de todos no destino da humanidade, pois a própria abstenção representava uma cumplicidade e só havia duas atitudes possíveis: a revolta ou a adesão.

O *engagement* do discurso torna-se mais evidente quando Beauvoir destaca a importância das acções, em especial as dos intelectuais que, através da força das palavras, conseguem, muitas vezes, aquilo que os actos não conseguem. Assim, o valor inerente à linguagem transforma cada palavra numa potente arma e, sobretudo, numa tomada de posição. Nos antípodas desta atitude encontram-se, por exemplo, La Rochelle, Chadourne, Chateaubriant e, do outro lado, Malraux e Saint-Exupéry. Enquanto que os primeiros são apresentados, por Beauvoir, como exemplo de traidores que prejudicaram a pátria através do uso perverso das palavras, os segundos são os heróis que, através dos seus escritos, animaram o povo francês a resistir face à iniquidade. De facto, Malraux e Saint-Exupéry, por quem Beauvoir demonstra sentir admiração no seu *Journal de Guerre*¹⁶⁷, são dois dos nomes que exemplificam a atitude defendida pela autora face à literatura: ambos procuram fazer com que a concepção do homem lhes permita descobrir, neles mesmos, as razões para a acção e a forma de encontrar a felicidade.

A importância da literatura torna-se, desta forma, um facto e pode conduzir à prisão, à deportação ou mesmo à morte todos aqueles que a utilizavam como meio de transmissão de uma ideia contrária ao regime político.

Para o público português, na sua maioria, intelectuais ou membros da sociedade alta ou média-alta, o discurso de Beauvoir, mesmo que inconscientemente, estabelecia um paralelo entre a falta de liberdade intelectual na França ocupada e a censura em Portugal, pois da mesma forma que, em França, uma palavra sussurrada podia significar uma esperança ou a prisão, também em Portugal se perseguiam aqueles que teimosamente continuavam a acreditar na possibilidade da libertação do domínio do regime opressor. À literatura clandestina ou resistente cabia a tarefa de fortificar o espírito francês, assim como às publicações passadas clandestinamente ou às críticas subtilmente veladas na imprensa periódica portuguesa cabia a função de alimentar a esperança do povo lusitano que sonhava com um regime democrático para o seu país. Consequentemente, a relação entre autor e leitor tornava-se sagrada e as palavras transformavam-se num meio privilegiado capaz de unir os homens sob uma mesma vontade, ou até mesmo sob um mesmo perigo. Beauvoir fornece como exemplos de escritos que contribuíram para a sobrevivência do espírito da França livre, os jornais clandestinos, as edições de Minuit e publicações abertas onde a

¹⁶⁶ Simone de Beauvoir, «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.5.

¹⁶⁷ Simone de Beauvoir, *Journal de guerre*, pp.162, 163 e 174.

censura não tinha sido capaz de discernir o verdadeiro sentido. Esta crítica mordaz à censura de certo que não deve ter agradado as autoridades portuguesas que viam, assim, a sua conduta posta em causa.

A conferencista reitera continuamente, ao longo do seu discurso, o elogio à literatura durante a Ocupação, dizendo que ela permitia quebrar a solidão existente entre os franceses e que desempenhou um papel fundamental na libertação da França:

«Jamais la littérature n'a revêtu une dignité aussi haute que pendant ces quatre années.»¹⁶⁸

Logo, escrever era cumprir uma missão. Após a reposição desse direito fundamental que é a liberdade, os intelectuais haviam compreendido a necessidade de conservar a dignidade e o poder da linguagem e desejavam partilhar com todos essa experiência para que nunca se olvidasse a importância da literatura enquanto forma de acção sobre o mundo. É evidente, em todo o discurso, uma semelhança indisfarçável com o apostolado do *engagement* e com o movimento humanista.

De facto, encontramos um paralelismo entre a função da Literatura para Sartre e a apresentada pela escritora neste texto. Assim, se para Sartre «La parole est un certain moment particulier de l'action et ne se comprend pas en dehors d'elle»¹⁶⁹, para Beauvoir era essencial que se compreendesse que «c'est en ce monde que nous respirons, que nous écrivons, en ce monde que nous essayons de fuir vers un impossible "ailleurs"»¹⁷⁰. Do mesmo modo que para Sartre «parler c'est agir»¹⁷¹ e «le prosateur est un homme qui a choisi un certain mode d'action secondaire qu'on pourrait nommer l'action par dévoilement»¹⁷², para Beauvoir, *escrever é cumprir uma missão*¹⁷³ e é necessário que «par ses livres l'écrivain s'engage totalement dans ce monde qui est le sien, qu'il exprime la vérité et la communique aux autres hommes»¹⁷⁴.

É interessante notar que tendo tido Simone de Beauvoir um papel de pouco destaque¹⁷⁵ no seio da resistência francesa, a elogie tão veementemente. Talvez se entenda esta atitude com base no espírito nacionalista fortificado pela devolução da França aos franceses, ou pela necessidade de criar uma imagem heróica da sua nação no estrangeiro. A verdade é que, inspirada por um forte patriotismo, a escritora traçou, ao longo do seu discurso, uma breve história da literatura *engagée* em França, criticando aqueles que se recusaram a abrir a porta da literatura ao mundo. Com efeito,

¹⁶⁸ *Id., ibid.*

¹⁶⁹ Jean-Paul Sartre, *Qu'est-ce que la littérature?*, Paris, Folio, Collection essais, 1947, p.29.

¹⁷⁰ Simone de Beauvoir, «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.6.

¹⁷¹ Jean-Paul Sartre, *Qu'est-ce que la littérature?*, p.29.

¹⁷² *Id., ibid.*, pp. 29 e 30.

¹⁷³ Referência a uma expressão utilizada por Simone de Beauvoir em «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.6.

¹⁷⁴ *Id., ibid.*

¹⁷⁵ Sobre este assunto consultar Gilbert Joseph, *Une si douce occupation... Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre 1940-1944*, Paris, Albin Michel, 1991.

esta arte é defendida não como um domínio fechado, afastado das preocupações mundanas, ou como uma torre de marfim de onde são lançadas críticas à sociedade, mas antes como o local onde o homem e o mundo se encontram. O intelectual, tal como o escritor e o pensador pertencem à humanidade e os problemas desta são também os deles; logo, não faz sentido tentar abstrair-se da realidade. Aliás, dada a importância do seu papel, assumir uma posição de neutralidade é o mesmo que consentir, ou seja, o mesmo que ser cúmplice dessa realidade. Daí resulta que a única decisão possível seja assumir uma posição clara face ao mundo, exprimindo a verdade e comunicando-a aos outros homens. No entanto, tal como refere Simone de Beauvoir, essa “verdade” tem significados diferentes de escritor para escritor. Mas esta contingência, não deve ser omitida, pois faz parte da vida e encontra-se enraizada na própria condição humana. Desta forma, tornam-se visíveis, neste texto, as características do novo humanismo francês: a recusa da mentira, a apologia da corresponsabilidade humana e a fé na humanidade que existe em cada homem estão em pleno acordo com o tema da conferência e com a forma como é conduzido o raciocínio dos ouvintes, ou, no caso do texto transcrito, dos leitores.

A verdade é que, para esta romancista, os quatro anos que durou a guerra representaram a afirmação da dignidade humana. Ao estabelecer uma comparação entre a acção dos nazis e colaboradores com a dos que lutavam pela liberdade, a autora procurou elogiar os oprimidos, elevando-os ao papel de heróis. É nesse sentido que se entendem estas suas palavras:

«Tandis que les nazis vainqueurs et les traîtres qui collaboraient avec eux affichaient un mépris cynique de la personne humaine, professant qu'on conduit les masses par le mensonge et par la force, que la vérité et la liberté doivent être foulées aux pieds, s'efforçant par la prison, la torture, les menaces de mort de réduire l'homme à un éclat d'abjection, c'étaient leurs victimes traquées, torturées qui continuaient jusqu'à la mort à croire en la valeur de cette liberté qu'on voulait leur dénier et en la gloire d'être des hommes.»¹⁷⁶

Embora palavras como acção, alegria e moralidade sejam fáceis de pronunciar, a autora ressalva o facto de que foi preciso pugnar duramente para as conquistar. E, apesar de tudo, foi a ocupação alemã que a ajudou, a ela e à comunidade intelectual francesa em geral, a jamais negligenciar a importância dessas palavras. Assim, ao fazer, simultaneamente, a apologia do patriotismo e do pensamento humanista e ao elogiar veementemente Sartre e Camus, Beauvoir contribui para a associação do seu nome, bem como o destes dois escritores à resistência francesa.

Colocando acima de tudo a sinceridade e o comprometimento, Beauvoir admite que o “assumir” deste humanismo não é uma tarefa fácil, pois obriga o homem a arcar com as suas responsabilidades, recusando-lhe a escapatória de que existe alguém superior que comanda o seu destino:

¹⁷⁶ Simone de Beauvoir, «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.7.

«Car nous découvrons aussi que nous n'avons pas besoin de secours étranger, ni d'un absolu qui nous soit extérieur, que l'homme est à lui-même sa propre fin, qu'il ne peut en souhaiter aucune autre et qu'il trouve sa joie en son accomplissement.»¹⁷⁷

Cremos ser legítimo supor que esta alusão à recusa de Deus como interveniente e, em parte, como responsável pelo destino da humanidade, deve ter provocado arrepios numa sociedade tão ligada à religião como era o caso de Portugal durante a ditadura.

No entanto, a forma como Beauvoir expõe as suas ideias relativamente à importância do altruísmo, da comunicação com *o outro* e da defesa dos direitos do Homem, pode ter resultado como um efeito calmante sobre o balde de água fria que foi a apologia da dissolução da noção de Deus. Na realidade, Simone de Beauvoir, como já tivemos a oportunidade de constatar, defende o livre arbítrio em preterimento da ideia de Deus.

Para concluir, a escritora acrescenta ainda que não existe nenhum paraíso para lá da morte e que a única recompensa do homem é saber que viveu consciente e intensamente. Assim negada a estrutura basilar de uma das mais fortes instituições durante a ditadura de Salazar, a Igreja, somente resta ao ser humano a consolação de saber que cumpriu o seu dever: participou com todas as suas forças e o seu conhecimento no destino dos homens.

Esta conclusão, em inconformidade com as ideias vigentes na altura e reiteradas quer pelo regime político, quer pela Igreja ou pela sociedade, as conferências de Beauvoir representaram uma revelação para o público em geral. Apesar de bastante adiantada em relação à mentalidade portuguesa da época, a escritora soube transmitir as suas ideias de forma a evitar um completo desfasamento entre as suas opiniões e as dos portugueses. Para além disso, não podemos olvidar que grande parte da numerosa assistência das suas conferências era constituída por franceses ou intelectuais que estavam conscientes da situação francesa e do panorama intelectual francês e para os quais a mensagem de Beauvoir não foi uma surpresa. Para a criação de empatia com o público muito deve ter contribuído também o facto de muitas das partes do seu discurso poderem, como vimos, ser colocadas em paralelo com a realidade portuguesa.

Um aspecto que também estava em consonância com a realidade portuguesa é o facto de o humanismo defendido para a literatura ter vários pontos em comum com o neo-realismo português. Assim, não será de estranhar que logo após o texto «D'un nouvel humanisme français» apareça na revista *Afinidades* o texto de Jaime Brasil – «Os jovens escritores portugueses e o movimento chamado “Neo-Realista”»¹⁷⁸ – e que na revista *Vértice*, uma das publicações periódicas que mais defendeu este novo estilo literário, tenha aparecido, na mesma altura, o artigo «A lição dos

¹⁷⁷ *Id., ibid.*, p.9.

¹⁷⁸ Jaime Brasil, «Os jovens escritores portugueses e o movimento chamado “Neo-Realista”» in *Afinidades*, n.º 12, Junho de 1945.

escritores franceses»¹⁷⁹ que aborda – apesar de não haver referências concretas a Beauvoir – o mesmo tema que a escritora francesa havia tratado nas suas conferências.

Assim, não devemos deixar passar em branco a relação deste texto com o movimento neo-realista que vinha, há algum tempo, a ganhar terreno no âmbito das letras nacionais. De facto, encontramos alguns pontos comuns entre a Literatura tal como a entende Beauvoir e as bases do Neo-Realismo: o Neo-Realismo é um movimento que temporalmente abarca os anos correspondentes ao Humanismo em França; ideológica e culturalmente, baseia-se na teoria marxista e os ideais políticos que passam através dos textos marcadamente neo-realistas aproximam-se da esquerda; os autores representativos deste movimento literário são animados por uma vontade de denúncia das injustiças sociais associada a um desejo de mudança e de evolução da sociedade.

Na verdade, é possível estabelecer um paralelismo entre as palavras de Beauvoir e as de Carlos Relvas, pois nos dois está patente o elogio da literatura dita resistente e a crítica aos colaboradores; em ambos se louva a participação dos escritores nos dramas que afligiram a França e se recusa o «puro intelectualismo superior»¹⁸⁰ em favorecimento do escritor enquanto homem real inserido numa determinada época e local. Neste sentido, Beauvoir diz:

«Avec des mots, au lendemain de l'armistice, certains écrivains, certains journalistes ont choisi de trahir ; et devant l'indignation que nous éprouvions en lisant Drieu la rochelle, Chadourne, Chateaubriant, nous avons compris que le langage prenait à présent une valeur toute neuve : (...) chaque parole était un engagement.»¹⁸¹

As palavras de Carlos Relvas reiteram as da escritora francesa:

«A França, pelas suas obras e sobretudo pelas acções dos seus intelectuais e escritores, como pela actuação do seu povo, afirmou sobejamente a sua vitalidade e deu aos descrentes a lição do seu patriotismo. Contudo, nesta lição não houve unanimidade e, em todos os sectores, entre os literatos como noutros campos, não faltaram os traidores que colocaram a sua pena, a sua mentalidade e o seu prestígio ideológico ao serviço do inimigo (...). Mas a grande massa de escritores progressivos, o escol moral da intelectualidade francesa esteve ao lado do seu povo (...).»¹⁸²

Esta semelhança de opiniões entre dois autores encontra-se também patente no que diz respeito ao Humanismo. Assim, para Beauvoir o novo humanismo definia-se nestes termos:

«Le nouvel humanisme français accorde donc une grande place aux questions économiques et sociales; et les écrivains de cette école estiment

¹⁷⁹ Carlos Relvas, «A lição dos escritores franceses» in *Vértice, revista de cultura e arte*, fascículo 2, Abril de 1945, pp. 43-45.

¹⁸⁰ *Id.*, *ibid.*, p.44.

¹⁸¹ Simone de Beauvoir, «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.5.

¹⁸² Carlos Relvas, «A lição dos escritores franceses» in *Vértice, revista de cultura e arte*, p.44.

qu'en tant qu'hommes et en tant qu'écrivains il leur faut lutter pour l'avènement de la justification sociale.»¹⁸³

Para Carlos Relvas, este humanismo francês era algo admirável e os escritores portugueses deviam aprender com o exemplo ou, como ele próprio diz, com «a lição dos intelectuais franceses, cuja consciência social impediu de se prostrarem face ao inimigo»¹⁸⁴.

Para os neo-realistas, essa consciência social era um factor primordial nas relações entre autor e realidade retratada. Podemos assim afirmar que o carácter das obras neo-realistas decerto não desagradariam a Beauvoir, pois tinha como base essa mesma interdependência entre o escritor e o mundo que o rodeava, o movimento de resistência democrática e como objectivo a consciencialização e a dinamização das classes sociais.

Em suma, vários foram os aspectos que contribuíram para a identificação entre o discurso da romancista francesa e a realidade portuguesa. Por sua vez, esta identificação e empatia criadas entre a escritora e o público concorreram para a sintonia necessária à manutenção da boa relação cultural luso-francesa e para a calorosa recepção que Simone de Beauvoir teve o privilégio de sentir no nosso país.

¹⁸³ Simone de Beauvoir, «D'un nouvel humanisme français» in *Afinidades*, p.11.

¹⁸⁴ Carlos Relvas, «A lição dos escritores franceses» in *Vértice, revista de cultura e arte*, p.44.

2. Artigos sobre Portugal:

Fazendo justiça à filosofia que preconizava, Simone de Beauvoir não se contentou de ver as belas paisagens portuguesas. Consciente da cruel realidade que se escondia por detrás da bela miragem criada por Portugal, a autora sentiu-se impelida a desconstruí-la.

Foi assim que, ao contactar com membros da oposição portuguesa que, desiludidos pelo comunismo russo e desconfiados do interesse americano, procuravam, no ressurgimento da França democrática, a ajuda capaz de abalar as ditaduras espanhola e portuguesa, Beauvoir teve acesso a textos e documentos que provavam o quão injusta era a situação do país. Guiada através dos bairros pobres de Lisboa e do Porto e conduzida até aos lares dos mais desfavorecidos, a autora viu com os seus próprios olhos, as necessidades por que passava a população portuguesa e prometeu dar a conhecer a situação de Portugal a toda a França.

Regressada a Paris, escreveu, como prometido, uma série de artigos para o jornal *Combat de la Résistance à la Révolution*, mais tarde retomados por outro periódico pouco conhecido em Portugal, chamado *Les Volontés de Ceux de la Résistance*. Estes artigos eram deveras incómodos para a época e ciente dos problemas que poderiam advir para a sua irmã e cunhado que ainda viviam em Portugal, Beauvoir assinou-os sob o pseudónimo Daniel Secrétan.

De forma semelhante ao que aconteceu com Espanha – após a publicação dos seus artigos sobre aquele país, Simone e o jornal para o qual trabalhava foram acusados pela imprensa espanhola de terem forjado calúnias, de terem sido parciais na descrição do país por dinheiro –, o governo português rapidamente começou a diligenciar as suas influências de forma a calar as vozes que se levantam contra o seu regime.

Apesar das difamações levantadas, a verdade é que *Combat de la Résistance à la Révolution* pretendia ser um jornal independente face aos partidos políticos e livre para criticar todos os partidos e todos os governos, não elogiando, nem propondo nenhuma linha política em especial. O franquismo e o salazarismo, devido às nefastas condições a que submetiam o povo, foram dois dos governos mais criticados nas suas páginas e as reacções não tardaram.

Assim, os artigos de Daniel Secrétan incomodaram muitas pessoas. Numa época em que o jornalismo era basicamente um jornalismo de opinião, Beauvoir tinha escrito uma reportagem documentada, com números e estatísticas para corroborar o que dizia e tendo como base testemunhos reais, não escrevera um artigo de opinião. Pelo contrário, retratara fielmente o que vira em Portugal e fizera o ponto da situação portuguesa de uma forma semelhante ao que fazem, hoje em dia, os grandes jornais.

Estes artigos constituíram um embaraço para o governo português e foram um espinho nas relações diplomáticas entre França e Portugal: urgia retirá-lo e restabelecer as boas relações entre os dois países. Assim, a Embaixada de Portugal interveio no caso, as pressões fizeram-se sentir e a direcção do jornal viu-se obrigada a cessar a publicação dos artigos. *Combat*, que via as suas verbas para papel diminuírem não podia, por isso, embarcar numa guerra aberta contra as instâncias diplomáticas. Para além disso, Albert Camus, que na altura se encontrava nos Estados Unidos a realizar uma série de conferências, não pôde intervir no caso e a publicação foi suspensa. O seguimento da reportagem apareceu então em *Volontés* dirigido por Michel Collinet.

Simone de Beauvoir tinha mostrado ter o carácter e a vitalidade de um grande repórter, demonstrando interesse por tudo, não receando nada e sabendo provocar a confidência; estes traços seriam transpostos na personagem de Henri Perron em *Os Mandarins*.

A análise destes artigos permite-nos completar as informações que possuímos relativamente à primeira visita da escritora ao nosso país, bem como compreender de uma forma mais completa e abrangente, de que forma Beauvoir contribuiu para a desmistificação de Portugal no estrangeiro.

2.1. Os artigos do *Combat* e *Volontés*

Os artigos do *Combat* datam de Abril e foram escritos se não durante a estadia da escritora em Portugal, então, imediatamente a seguir.

O primeiro apareceu a 23 de Abril e ocupa o destaque de primeira página, ocupando uma grande faixa do lado direito da mesma e exibindo um duplo título: um superior indicando «Le Portugal sous le régime de Salazar» e o outro um pouco mais sugestivo e destacado: «SUR SEPT MILLIONS DE PORTUGAIS IL Y EN A 70.000 QUI MANGENT».

O texto começa por uma anotação pessoal ambígua: a jornalista refere que já tinha ouvido falar do autoritarismo temperado de Salazar e que conhecia de antemão as justificações que estavam na base do elogio ao regime político português:

«(...) l'œuvre qu'a accomplie Salazar le justifie d'avoir pris le pouvoir: ce qu'il a fait pour le Portugal est immense.»¹⁸⁵

O subtítulo «dans les allées d'un cimetière» indicia, desde logo, o carácter das obras feitas sob o regime de Salazar.

Na verdade, o artigo inicia-se com a descrição de uma deambulação pelo cemitério do *Lato Ocidental* sobre uma das colinas de Lisboa, privilegiado com uma soberba visão da cidade e do Tejo. Segundo a jornalista, o viajante que decida um dia visitar Lisboa e este cemitério é alertado para o facto que a maior parte das sepulturas não se encontra deitada, mas antes disposta no interior de capelas em pedra de uma arquitectura barroca, excessivamente ornamentada. No interior destas estão os caixões cobertos por rendas e brocados e sobre a pedra estão gravados os nomes dos defuntos, nomes sonoros de famílias distintas. Esta é a parte do cemitério reservada aos ricos, a dos pobres é-nos apresentada de uma forma visual deveras elucidativa: nos mil rectângulinhos estreitos que parecem ter sido divididos pelas depressões do próprio terreno, estão afixados um cartão vermelho ou preto com um número e essas são as sepulturas reservadas aos pobres.

Este contraste violento entre o supérfluo e a miséria está também patente nas suas obras *La Force des choses* e *Les Mandarins* e tem a ver com a tomada de consciência da autora das injustiças sociais que dominam o mundo.

É assim que nos é apresentada a primeira conclusão do jornalista:

«... la division du peuple portugais en deux espèces d'hommes : ceux qui mangent et qui sont considérés comme des hommes, ceux qui ne mangent pas et qui sont un bétail»¹⁸⁶

¹⁸⁵ Daniel Secrétan, «Le Portugal sous le régime de Salazar» in *Combat*, 23 avril, 1945, p.1.

¹⁸⁶ *Id.*, *ibid.*, p.2.

A imagem das crianças esfomeadas é apresentada com um exemplo flagrante da miséria da população. Uma miséria, segundo é dito, injustificada, pois o crescimento económico do país permitia, se o governo optasse por uma estratégia financeira diferente, uma melhoria substancial nas condições de vida de Portugal. São apresentados dados que comprovam esta opinião, dados esses, que terão sido, sem dúvida, apresentados a Simone de Beauvoir por membros da oposição portuguesa com os quais ela contactou durante a sua estadia em Portugal:

«Le peuple portugais a toujours été pauvre. Mais depuis 1939 la vie a augmenté de 140% et sur certains points davantage encore, puisqu'un complet qui coûtait avant-guerre 350 escudos, en coûte à présent de 1200 à 1500. Cependant les salaires n'ont été élevés que de 35% (...)»¹⁸⁷

Assim, os baixos salários e a falta de apoio do governo face à fome em que perecia a sua população são referidos como as causas das más condições de vida. É também criticado o facto de não ser permitido constituir um partido de oposição ao regime, o que era uma clara violação dos direitos democráticos que assistiam a todos os povos de bem. No entanto, mesmo no interior do governo, se levantavam algumas vozes contra as profundas desigualdades sociais existentes no país.

Mas o tema principal da descrição da realidade portuguesa é a alimentação:

«En effet, la ration de pain est en principe de 500 grammes par jour, mais dans beaucoup de régions il est absolument impossible de trouver du pain. Chaque habitant touche par mois 400 grammes de riz, deux kilos de pommes de terre, cinq décilitres d'huile. Il n'est pas question pour l'ouvrier qui gagne 35 escudos par jour, et souvent seulement 20 ou 25, d'acheter ni viande, ni œufs, ni lait, ni légumes frais, ceux-ci étant d'ailleurs très rares.»¹⁸⁸

Assim, à semelhança dos países mais pobres do mundo, o português comum tinha uma alimentação pobre e desadequada às suas necessidades.

As próprias mercearias, exceptuando as do centro de Lisboa ou do Porto, eram raras e tinham um aspecto miserável. Os únicos alimentos que se encontrava em quantidade suficiente eram as laranjas e o peixe que as varinas transportavam em grandes cestos pousados em perfeito equilíbrio sobre as suas cabeças.

Assim, e como o azeite era escasso, em mais lado nenhum do mundo, dizia o jornalista, se sentia o cheiro do peixe preparado – cozido ou grelhado – sem azeite. Em algumas zonas do país, a alimentação das populações consistia sistematicamente no pão de cor preta e nos caldos de couve que se viam por todo lado plantadas, talvez por serem resistentes e acalmarem a fome.

¹⁸⁷ *Id., ibid.*, p.1.

¹⁸⁸ *Id., ibid.*

A falta de vitaminas decorrente deste tipo de alimentação é apresentada como a causa mais que provável da doença que afectava grande parte do povo e que se assemelhava ao escorbuto:

«Ils [les paysans] sont privés à ce point de vitamines qu'ils sont atteints d'une espèce de scorbut qui fait tomber leurs dents et des morceaux de leurs gencives, de leurs oreilles, de leur nez.»¹⁸⁹

Na segunda página do referido jornal, é continuado o artigo com o seguinte título e subtítulo: «UNE LOI INTERDIT DE MARCHER PIEDS NUS DANS LISBONNE», «MAIS SEULS LES PORTUGAIS FORTUNÉS PEUVENT SE CHAUSSER».

Mal alimentados e mal vestidos, o simples facto de andar de sapatos era já um indicador da classe social elevada de uma pessoa. Na verdade, apesar de, em Lisboa, ser interdito andar descalço, a maioria da população ou não possuía sapatos ou evitava gastá-los pois não tinha possibilidades de comprar outros. Assim, endurecidos pelo tempo e pelo costume, as pessoas pareciam pouco se importar com a penúria em que viviam; na realidade, a população, sem forças para lutar, resignara-se.

No que diz respeito ao vestuário, relativamente adequado e confortável no campo, nas cidades era pobre e desadequado. As crianças são de novo apontadas como as principais vítimas desta situação; mesmo durante os rudes Invernos, andavam, muitas vezes, pelas ruas completamente desprotegidas do frio. O jornalista fornece uma anotação pessoal deveras impressionante, baseada em algo que aconteceu à própria Simone de Beauvoir, que vem retratado nas suas duas obras literárias¹⁹⁰ já referidas e que se reporta à viagem efectuada ao Porto. Assim, nesta cidade, Secrétan diz ter visto duas crianças vestidas de serapilheira («morceaux de toile à sac») à procura de alguma comida no lixo.

Em relação à questão do alojamento, é dito que, para os desfavorecidos, faltava até o carvão e a madeira para suportar o frio e que, no campo, a maioria das casas era pequena, miserável e não possuía electricidade, o que não se adequava em nada ao que disse Hélène de Beauvoir na sua obra *Souvenirs*¹⁹¹ a propósito das casas portuguesas.

No entanto, estas duas fontes de informação não são contraditórias. Simplesmente, uma retrata a realidade mais pobre de Portugal e na qual se inseria a maioria da população e a outra o caso excepcional das famílias burguesas ou de classes sociais mais elevadas. Assim se compreende que Beauvoir, sob o pseudónimo Secrétan, admita que as casas situadas no campo gozam de uma situação privilegiada com a natureza. Situação bem diferente das casas na cidade que se

¹⁸⁹ *Id., ibid.*

¹⁹⁰ Em *Les Mandarins* (Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, Paris, Gallimard, 1954), este episódio encontra-se descrito na página 150; em *La Force des choses* (Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, Paris, Gallimard NRF, 1963), na página 38.

¹⁹¹ Hélène de Beauvoir, pp.148 e 150.

amontoavam sem fim em becos escuros, degradados e sujos, tais como os que se encontravam no centro de Lisboa ou do Porto.

A crítica às condições de habitação é mais forte no que se refere ao Porto, devido ao extremo a que havia chegado a situação nessa cidade: zonas consideradas sem condições mínimas de habitabilidade eram ocupadas com o conhecimento das autoridades que nada faziam. Para além disso, o terreno da cidade proporcionava a construção amontoada de casas e a incúria dos órgãos competentes levava-os a nada fazer para ordenar o território e controlar os níveis de saúde da população citadina. Assim, para Beauvoir:

«Porto est pluvieux, brumeux et les murs suintent d’humidité; auprès de pareils taudis, les maisons de la rue de Venise étaient des palais.»¹⁹²

Com efeito, a descrição que Beauvoir nos faz do Porto nos seus romances – essa cidade onde imperavam, ao contrário do resto do país, as cores vermelha e negra – não é positiva e demonstra a sua desilusão face a essa cidade. Se no resto do país, a pobreza rivalizava com a impressão positiva deixada pela beleza natural de Portugal, no Porto, a batalha estava perdida: não havia forma de olvidar a triste situação do povo português. Por todo o lado, era evidente o olhar das crianças esfomeadas e era-lhe impossível usufruir dos prazeres da região sem se sentir culpada.

As consequências desta pobreza extrema eram a doença, a morte prematura e a prostituição. Na verdade, tal como foi referido por Hélène de Beauvoir, também neste artigo é mencionada a elevada taxa de sífilis e de tuberculose na sociedade portuguesa.

O conjunto de textos que compõem este artigo termina, desta forma, com a explicação das consequências da miséria em que se encontrava Portugal.

Neste primeiro artigo (23 de Abril), estamos perante dois textos; no primeiro, o jornalista descreve a miséria do povo português e no segundo, explica as consequências dessa miséria: a pobreza, a fome, a falta de higiene, a desadequação do vestuário, as más condições de habitação, a prostituição, entre outras.

O segundo artigo datado de 24 de Abril abre, logo na primeira página, com o título «Les riches portugais redoutent les portugais qui ont faim» e explica as causas que estão na base da situação de extrema pobreza em que se encontram as populações. Na abertura do artigo, Secrétan, sob a figura de quem se esconde Beauvoir, revela que a pobreza de Portugal nada tem a ver com as condições naturais do país, mas que se prende, sim, com a natureza dos homens. Na verdade, se o país não avança é porque a situação convém a alguns.

Esta é uma das ideias reiteradas por Hélène de Beauvoir¹⁹³, que acredita que a má fê e a inveja de alguns portugueses impede os outros de se desenvolverem.

¹⁹² *Id., ibid.*, p.2.

Assim, o dealbar do artigo faz-se de forma polémica e radical ao afirmar-se que aqueles que têm que comer não se preocupam com os que passam fome. Esta afirmação foi confirmada, como já vimos, pela experiência da própria Simone de Beauvoir em Portugal, quando constatou que a miséria e a fome eram assuntos tabu na alta sociedade portuguesa. Na base desta separação clara entre as diferentes classes sociais, o jornalista avança uma hipótese:

«La violence d'un tel réflexe illustre bien la haine que les riches, là-bas, ont pour les pauvres. Ils les redoutent, car ils savent bien que leur fortune est le fruit d'une honteuse exploitation.»¹⁹⁴

De facto, refere o artigo, os pobres são explorados enquanto consumidores e enquanto trabalhadores. O lucro das produções nacionais vai para o produtor – quando se trata de grandes proprietários – e para os comerciantes e retalhistas. Para além disso, os traficantes do mercado negro protegem os seus interesses, subornando membros de organismos corporativos que fecham os olhos às injustiças perpetuadas. Mesmo oficialmente, o governo nada faz para acabar ou pelo menos limitar, a tirania capitalista. Todavia, a opinião pública obrigou o governo a impor algumas restrições aos ricos enquanto consumidores: os restaurantes só podiam servir dois pratos, a venda de bolos de creme era interdita e a de carne limitada e os carros só podiam circular três dias por semana. No entanto, quem sofreu verdadeiramente as consequências destas imposições foi a classe média que viu ainda mais reduzido o seu poder de compra. Enquanto os ricos podiam abastecer-se no mercado negro, a restante população passava privações.

O artigo encerra com uma série de dados estatísticos que comprovavam que as receitas do governo vinham da excessiva carga de imposto sobre os pequenos salários, o que se revelava uma situação injusta, que impedia a população e o país de se desenvolverem.

No final deste artigo encontrámos a indicação «à suivre». No entanto, como já sabemos, os artigos foram impedidos de ser publicados devido à pressão exercida por Portugal nas instâncias governamentais francesas.

Infelizmente, apesar de todas as diligências¹⁹⁵ levadas a cabo com o intuito de aceder aos artigos que apareceram em *Volontés*, não nos foi possível obter o acesso directo a estes artigos,

¹⁹³ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs*, pp. 164 e 165.

¹⁹⁴ Daniel Secrétan, «Les riches portugais redoutent les portugais qui ont faim» in *Combat*, 24 avril, 1945, p.1.

¹⁹⁵ A ida à Biblioteca Nacional de França revelou-se infrutífera, pois os exemplares dos meses do jornal *Volontés* que pretendíamos estavam “fora do lugar” e os serviços competentes não os conseguiram encontrar. Na Biblioteca do Centre Georges Pompidou, com a amável ajuda de alguns funcionários, realizámos uma pesquisa inter-bibliotecas, mas a única que possuía esta publicação era a Biblioteca Nacional, onde, sabíamos que o jornal não estava disponível. Contactámos a herdeira de Simone de Beauvoir, Sylvie Le Bon de Beauvoir e a Gallimard, responsável pela publicação das obras da autora, mas apesar da amabilidade das respostas, nenhuma tinha informações sobre *Volontés*. Tentámos ainda localizar o Dr. António Coimbra Martins, que sabemos ter tido acesso aos artigos que saíram em *Volontés*, mas até ao momento, não o conseguimos localizar.

sendo que toda a informação que possuímos acerca deles é indirecta e provém de estudos¹⁹⁶ que versam sobre a obra de Beauvoir. Mesmo nestes estudos, as informações são escassas e sempre preteridas em favor dos artigos de *Combat*, o que nos pode levar a pensar que a qualidade dos primeiros ofuscou, de alguma forma, os que se seguiram. Até na obra *Les écrits de Simone de Beauvoir* de Francis e Gontier, na qual a autora participou, fornecendo textos raros ou inéditos, aparecem os artigos de *Combat* e não os de *Volontés*. Assim, talvez possamos concluir que a própria autora desmereceu o valor destes últimos artigos sobre Portugal, preferindo os primeiros que escreveu acerca do nosso país.

As poucas informações que nos chegaram, para além da explicação do aparecimento destes artigos no jornal *Volontés*, dizem respeito ao carácter dos mesmos. Assim, enquanto que os artigos de *Combat* são marcados pela vivência de Beauvoir durante a sua estadia em Portugal, os do jornal *Les Volontés* são mais políticos, contendo dados extraídos dos documentos revelados à escritora pelos dissidentes portugueses com quem se tinha encontrado clandestinamente no nosso país.

Lamentamos não possuir mais dados acerca destes últimos artigos. Esperamos que não se tenham perdido para sempre, pois constituem uma peça fundamental para a compreensão da *imagem* que Beauvoir transmitiu do nosso país. Em suma, como podemos constatar, o tom que percorre todos estes escritos jornalísticos é contestatário e revelador da situação de miséria que se vivia no país e à qual Beauvoir foi sensível.

Em conclusão, podemos verificar que o governo de Salazar encontrou nestes artigos o fundamento que lhe faltava para considerar Beauvoir *persona non grata*, facto ao qual a escritora não foi alheia. De facto, Simone de Beauvoir só regressaria ao nosso país após a Revolução dos Cravos.

¹⁹⁶ Vide, a título de exemplo, Claude Francis, Fernande Gontier, *Les écrits de Simone de Beauvoir: la vie, l'écriture, avec en appendice, textes inédits ou retrouvés*, Paris, Gallimard NRF, 1979; Konrad Bieber, *Simone de Beauvoir*, Paris, G. K. Hall & Co., 1979; Claude Francis, Fernande Gontier, *Simone de Beauvoir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985.

3. A recepção do romance *Les Mandarins*:

As animadas discussões sobre o significado de literatura e sobre a forma como se processa a evolução literária estão longe de terminarem. Apesar de muito se haver dito sobre estas questões, o Homem surpreende-nos constantemente com novas perspectivas e novas problemáticas.

Estas discussões literárias ocupam os espíritos intelectuais há já muito tempo e continuarão, certamente, a fazê-lo por muitos mais anos. Apagando-se ou renascendo com ainda mais força, a problemática que gira em torno da literatura – abordando uma imensidade de questões – demonstra que é ainda importante e que merece um estudo mais aprofundado.

Ao pretendermos estudar a forma como foi recebido o romance de Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, surge a necessidade de, antes de mais, lançar alguma luz sobre uma das mais importantes questões do domínio literário: saber como se processa o fenómeno de recepção de uma obra literária. Assim, tendo em vista esta análise, urge chamar a atenção para o facto da literatura ser um domínio muito *suis generis* que se relaciona não somente com a especificidade da linguagem, mas também, e sobretudo, com a possibilidade de valorizar a componente institucional do fenómeno literário. Na verdade, a condição institucional da literatura divide-se em diferentes áreas: a dimensão sociocultural que possui ao ilustrar, através dos séculos, uma certa consciência colectiva, a dimensão histórica e a dimensão estética, pois, acima de tudo, a literatura é um uso especial da linguagem. Estas dimensões têm, entre elas, uma relação de complementaridade e de interacção mútua, daí a complexidade que lhe é inerente. Na verdade, há uma relação dialéctica entre arte e sociedade e é nesse campo que a estética da recepção nos pode esclarecer.

Nesta ordem de ideias, toda a obra de arte tem um efeito e uma acção. O efeito é determinado pelo público, o destinatário da obra¹⁹⁷ e pressupõe um apelo ao texto, mas também uma receptividade do destinatário. Quanto à recepção, esta depende sobretudo do receptor, *ipse est*, do destinatário da criação artística. A recepção, assim entendida, implica um diálogo entre o receptor e o texto. No entanto, essa comunicação parte do leitor e não do texto. É o leitor que tem o principal papel, pois a obra, depois de escrita, liberta-se do domínio do autor e *ganha vida própria*:

«O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,

¹⁹⁷ Sobre este assunto consultar Carlos Reis, *O conhecimento da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1999.

Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.»¹⁹⁸

O famigerado poema de Pessoa chama a nossa atenção para a problemática relação entre estas três instâncias: autor, obra e leitor e ajuda-nos a compreender que só podemos pretender estudar verdadeiramente a história da recepção das obras, quando reconhecemos e admitimos que o sentido dessa recepção se constitui pelo jogo de um diálogo, de uma dialéctica entre estes três domínios: acção, causa, efeito.

Contudo, este diálogo nem sempre é fácil, pois a literatura, enquanto instituição, pode sugerir uma mentalidade estática, fortemente hierárquica e pouco inclinada à mudança, o que pode dificultar a entrada de uma obra nova no chamado cânone literário. Ao mesmo tempo, é este seu lado institucional que lhe confere o reconhecimento público: factor decisivo para a sua afirmação no plano social. Assim, é o carácter institucional da literatura que assegura a sua estabilidade e a sua notoriedade pública. As revistas literárias, os júris dos concursos literários e mesmo as universidades, que consagram a experiência literária e lhe oferecem a possibilidade de chegar ao público são importantes para a aceitação e para o sucesso de uma obra ou de um autor. Consequentemente, a literatura está associada ao poder, não só porque ela tem o poder de consagrar ou de rejeitar, mas também porque, por vezes, a própria delimitação do campo literário está ligada às razões do poder económico, político ou social. Assim, a sua autonomia depende, frequentemente, de forças exteriores¹⁹⁹.

O campo literário está também condicionado pelo critério do sucesso temporal, medido por índices de sucesso comercial ou de notoriedade social. Poder-se-iam nomear esses critérios de princípios de hierarquização (do mais poderoso ao menos forte) externa, enquanto que o princípio que diz respeito à opinião favorável dos artistas que são reconhecidos pelos seus pares, seria um princípio de hierarquização interna.

Na tradição literária ocidental, as academias e a mentalidade académica – sob a forma de associações de escritores, prémios literários, revistas literárias, programas escolares, organizações culturais, entre outros – constituíram um factor decisivo na institucionalização da literatura e conferem-lhe uma certa estabilidade. A academia é um espaço privilegiado no que diz respeito ao saber. Hoje em dia, os académicos acolhem, normalmente, os escritores e também os críticos e ensaístas que têm já um certo prestígio e que são reconhecidos publicamente. Então, podemos dizer que o facto de serem aceites nas academias funciona sobretudo como uma consagração²⁰⁰. Por

¹⁹⁸ Fernando Pessoa, «Autopsicografia» in *Poesias*, Lisboa, Ática, 1970, p.237.

¹⁹⁹ Vide Pierre Bourdieu, *Les Règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Seuil, Coll. «Libre Examen», 1992.

²⁰⁰ Simone de Beauvoir, por exemplo, veio a Portugal na condição de membro do Comité Nacional de Escritores franceses e foi nessa qualidade que o governo autorizou a sua vinda a terras lusitanas e que o

vezes, os académicos ou as instituições literárias decidem reforçar o seu prestígio institucional através da atribuição de prémios literários²⁰¹; neste caso, é a sua função de validação institucional que está a ser posta em prática.

Desta forma, designa-se e avalia-se, simultaneamente, a importância cultural e social de uma obra ou de um escritor e, indirectamente, da própria literatura. Assim, os prémios literários são, pela sua projecção pública, pelo preço económico que lhes está muitas vezes anexado, pela própria abundância deste tipo de distinções, instrumentos de afirmação institucional da própria literatura.

Ao lado das academias e dos prémios literários, há também o papel da crítica. Quer se trate da crítica como acompanhamento regular da publicação das obras literárias ou da crítica dos jornais ou das revistas especializadas na matéria. As apreciações críticas são importantes, pois influenciam o público, condicionando a leitura que ele fará das obras. Elas julgam as obras e/ou os escritores projectando uma imagem positiva ou negativa. No fundo, a questão é de saber quais as obras que merecem ser lidas. Com o aumento de obras à disposição do público é necessário seleccionar as que são verdadeiramente essenciais a uma formação literária básica.

Mas, também o ensino funciona como um sistema de validação institucional das obras e dos autores. A partir do momento em que um autor vê uma das suas obras inscrita nos programas escolares é porque foi integrada no cânone literário. Assim, os programas escolares são documentos de força normativa; eles são testemunhos reveladores de uma consciência cultural e nacional que se quer afirmar como legítima.

A verdade é que a literatura tem uma forte dimensão sociocultural, pois ela é um instrumento de intervenção social, mas também, muitas vezes, um “reflexo” ou ainda um “efeito” da sociedade onde nasce. Esta ligação sociedade-literatura foi defendida e contestada ao longo dos tempos: desde Platão a Sartre que escutamos vozes defensoras da literatura à imagem da realidade e outras que se levantavam em defesa da arte pela arte²⁰². Como podemos constatar, a questão social da arte foi objecto de discussão ao longo do tempo. Nas palavras de Pessoa encontramos a justificação para este facto: é que a arte é realizada, simultaneamente, por um ser social e individual, daí, essa duplicidade do carácter da literatura. É o que Fernando Pessoa refere nesta sua reflexão:

«Acima de tudo, a arte é um fenómeno social. Ora no homem há duas qualidades directamente sociais, isto é, dizendo directamente respeito à sua vida social: o espírito gregário, que o faz sentir-se igual aos outros

público português a escutou. Não podemos negligenciar a importância desse estatuto enquanto instrumento de validação da autora e das suas conferências.

²⁰¹ É o caso do prémio Goncourt que foi atribuído à nossa romancista.

²⁰² Sobre este assunto consultar G. Lanson, *Histoire de la littérature française*, Paris, Hachette, 1982.

homens ou parecido com eles, e portanto aproximar-se deles; e o espírito individual ou separativo, que o faz afastar-se deles, colocar-se em oposição a eles, ser seu concorrente, seu inimigo, ou seu meio inimigo.»²⁰³

Esta problemática é essencial para que se possa compreender a obra de Beauvoir, pois a própria escritora defendia o *engagement* dos seus congéneres e propugnava uma literatura *do seu tempo e sobre o seu tempo*.

A verdade é que o campo literário está intimamente relacionado com a sociedade e a interação de três elementos é perceptível e objectiva: o escritor (o responsável pela criação literária), o editor que tem como função produzir o livro e o público, o último elemento desta dinâmica de produção cultural. Pierre Bourdieu analisa estes três factores, mas acrescenta um outro: a crítica, referindo que o sucesso comercial, ou mundano, e mesmo as opiniões favoráveis da imprensa, ou dos meios de comunicação mais modernos, são também importantes para a integração de um autor no cânone literário. Mas o *não sucesso* de um autor, por si só, é um factor muito ambíguo, pois ele pode ser entendido quer como *escolhido*, quer como *sofrido* e os próprios índices de reconhecimento dos pares, que separam os “artistas malditos”²⁰⁴ dos “artistas fracassados” são em si incertos e dúbios. Os escritores sem publicações, ou sem público, podem dissimular o seu próprio fracasso jogando com a ambiguidade dos critérios do sucesso, o que permite confundir o fracasso elitista e provisório do “artista maldito” com o fracasso não produtivo do “artista fracassado”²⁰⁵.

Na verdade, não raras vezes foi o escândalo ou, de uma forma mais subtil, a originalidade que elevou um escritor à celebridade e ao sucesso de publicação. Assim, a singularidade pode constituir um meio de se conseguir o estatuto canónico. Para Bloom²⁰⁶, o “estranhamento” que determinada obra literária provoca no leitor pode ser um índice da sua excelência. De facto, muitos críticos afirmam que as melhores obras e, conseqüentemente, os melhores autores, são os que nos perturbam, os que não conseguimos assimilar e compreender na totalidade, os que nos fazem sentir desconfortáveis, na linguagem comum, os que “mexem connosco”. O estranhamento canónico pode existir sem o choque de uma tal audácia, mas a originalidade está, muitas vezes, presente no aspecto inaugural das obras que vencem a luta com a tradição e que são incluídas no cânone. As obras – e os autores – que, num dado momento da história literária, romperam com a tradição escolástica, académica ou social, na maior parte das vezes, produziram uma evolução significativa no cânone literário e ocuparam um lugar de destaque na história literária de um país.

²⁰³ Fernando Pessoa, *Páginas sobre literatura e Estética*, (organização, introdução, notas e bibliografia básica actualizada de António Quadros), Mem Martins, Europa-América, Colecção Livros de bolso, 1986, p.231.

²⁰⁴ Recordemos que ao mesmo tempo que Beauvoir era ferozmente criticada pelo seu livro – um dos mais famosos – *Le Deuxième sexe*, este batia recordes de vendas. Por isso, apesar de poder ser considerada, por alguns críticos, como *uma autora maldita*, a verdade é que ela não era de todo *uma autora fracassada*.

²⁰⁵ Vide Pierre Bourdieu, p.365.

²⁰⁶ Harold Bloom, *The Western Canon: The books and school of the ages*, London, Papermac, 1994.

Neste contexto, analisando a ligação entre a literatura e o poder económico e comercial, Nathalie Piégay-Gros refere que:

“Dès lors, le champ littéraire tend à s’organiser selon deux principes de différenciation indépendants et hiérarchisés: l’opposition principale, entre la production pure, destinée à un marché restreint aux producteurs, et la grande production, orientée vers la satisfaction des attentes du grand public, reproduit la rupture fondatrice avec l’ordre économique, qui est au principe du champ du pouvoir”²⁰⁷.

Podemos concluir que qualquer estudo no domínio da literatura, deverá, numa primeira fase, analisar a posição do campo literário no seio do campo do poder e verificar a evolução da sua posição ao longo do tempo, pois, só desta forma, poderá compreender o que é a literatura enquanto instituição; só depois poderá avançar para a análise da recepção da obra de um determinado autor.

Como sabemos, não é fácil trabalhar dentro da teoria da recepção em literatura; em primeiro lugar, dada a quantidade de textos que versa sobre este assunto; em segundo lugar, dado o extenso *corpus* a estudar (as recensões críticas, as apreciações contidas nas publicações periódicas, os manuais escolares, os prémios literários, o papel das academias, etc.).

No entanto, encontrámos uma preciosa ajuda no estudo realizado por Björn Larsson²⁰⁸ que analisa, à luz da estética da recepção, a forma como *Les Mandarins* foi recebido em França. Para alargar a nossa perspectiva e tornar o nosso trabalho abrangente, recorreremos a outros autores²⁰⁹ que referiram a maneira como decorreu a recepção deste romance, de forma a comparar dados e tirar conclusões.

Resolvemos destacar o texto de La Vouldie²¹⁰, um dos mais ferozes críticos de *Les Mandarins*, devido ao facto deste autor dar particular relevo ao episódio português. Em relação a este crítico, Coimbra Martins diz o seguinte:

«A diatribe mais violenta, publicada contra *Os Mandarins*, foi uma brochura, de reduzida tiragem, e hoje raríssima, de autor que se acobertava num pseudónimo: LA VOULDIE. Escrita num francês correcto, de certa verve polémica, circulou, mas o seu exagero prejudicou-a. Na Republica das letras não suscitou nenhum afrontamento, nem sequer qualquer resposta. Esqueceu.

E porque não a esquecemos nós, antes a lembramos nesta ocasião? Porque o primeiro e principal alvo, que o misterioso La Vouldie ataca no

²⁰⁷ Nathalie Piégay-Gros, *Introduction à l'intertextualité*, Paris, Dunod, 1996, p.175.

²⁰⁸ Björn Larsson, *La Réception des Mandarins: le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire en France*, Lund, Lund University Press, 1988.

²⁰⁹ Claude Francis, Fernande Gontier, *Simone de Beauvoir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985; Josiane Leclerc Riboni, *Des Mandarins aux Samourais. La fin d'un mythe*, New York, Peter Lang Publishing, 1997; Mary Evans, *Simone de Beauvoir a feminist mandarin*, London/New York, Tavistock, 1985; entre outros.

²¹⁰ La Vouldie, *Mme Simone de Beauvoir et ses «mandarins»*, Paris, Librairie Française, 1955.

romance, é justamente o episódio português. Contra ele desfecha argumentos que constituem uma defesa de Salazar e do seu regime.»²¹¹

Infelizmente, apesar da nossa pesquisa²¹², não conseguimos esclarecer quem foi La Vouldie, nem por que razão, ele critica tão acerrimamente a forma como a escritora descreveu Portugal.

Sem pretender rivalizar com o trabalho realizado por Larsson, tentámos tão-somente iluminar a recepção da obra de Simone de Beauvoir onde o episódio português assumiu contornos mais definidos – *Les Mandarins* – à luz da estética da recepção.

²¹¹ António Coimbra Martins, «Duas Francesas em Portugal nos anos 40» in *A Mulher – Mesa Redonda*, *Dia Aberto* 1995, p.49.

²¹² Procurámos informações junto da Editora Gallimard e da herdeira de Simone de Beauvoir, Sylvie Le Bon de Beauvoir, mas sem sucesso.

3.1. Em França

Em 1954, Simone de Beauvoir tinha quarenta e cinco anos. Continuava a ser uma bela mulher, tal como nos mostram as fotografias da época e nesta fase da sua vida, encontrava-se num óptimo período a nível profissional e intelectual. A sua visão do mundo, alargada pelas sucessivas viagens e pelos contactos profissionais e sociais que mantinha, haviam-lhe conferido um acréscimo de talento e todas as tarefas a que se entregava eram realizadas com êxito.

Relativamente ao seu projecto de escrita, já tinha realizado três obras de destaque: *L'Invitée* (1943), *Pyrrhus et Cinéas* (1944), *Le Deuxième sexe* (1949), esta última havia-se tornado uma obra de referência, conseguindo superar grandemente as expectativas de vendas. A obra *Les Mandarins*, veio coroar o sucesso literário da romancista que era já bastante conhecida pelo público em geral.

No entanto, a génese do romance havia começado algum tempo antes e inspirava-se na realidade do Pós-Libertação da França. Nessa altura, a vida da escritora estava recheada de pequenas e grandes emoções que esperavam apenas o momento oportuno para se revelarem através da escrita. Nasciam e morriam novos jornais. A Rússia revelava-se uma grande potência europeia. O papel dos intelectuais de esquerda tomava novos contornos e a consciência social do mundo era revestida de uma nova importância.

A sua passagem por Portugal marcou uma viragem na sua percepção do mundo para a qual também contribuiu grandemente a sua viagem aos Estados Unidos. O panorama político transformava-se. A geração da pós-guerra revelava as sequelas dos desvarios da Ocupação. Toda esta agitação na sua vida provocou uma enorme vontade de escrever um novo romance:

«Elle vit tout cela, toute cette vie tourbillonnante, toutes ces recherches, tous ces changements, comme elle sait le faire, durement, totalement, lucidement. En elle se forme alors l'idée d'un roman, qu'elle écrit en utilisant comme elle a coutume de le faire, les émotions ou les souvenirs de sa vie personnelle, en y ajoutant sa part de création romanesque, en y mêlant magistralement les drames de la vie sentimentale aux débats de l'action politique. Le livre qu'elle écrit ainsi s'appelle *Les Mandarins*.»²¹³

Foi então que Beauvoir começou a escrever *Les Mandarins*. Mesmo antes do reconhecimento ganho através do prémio *Goncourt*²¹⁴, este romance revelava estar a ser bem

²¹³ Georges Hourdin, p.141.

²¹⁴ Françoise D'Eaubonne, *La femme nommée Castor, mon amie Simone de Beauvoir*, Paris, Söfinem/Encre, 1986, p.223.

recebido pelo público, mas foi esse prémio que catapultou a romancista para o sucesso que perseguia há vários anos. Como seria de esperar, a atribuição deste prémio ao romance em questão, influenciou a opinião da crítica literária, bem como o juízo dos leitores. Na verdade, a atribuição deste tipo de galardões não só chama a atenção para o autor e para a sua obra, como a indica como o que de melhor existe no mercado, tal como refere Björk Larsson:

«Chacun sait quelle est l'importance du prix Goncourt pour lancer un écrivain inconnu, confirmer et étendre la renommée d'un autre auteur déjà consacré et, en conséquence, pour faire vendre le livre du lauréat.»²¹⁵

No início, Simone de Beauvoir desdenhou o valor e a importância do prémio, mas logo se apercebeu das modificações que esta atribuição poderia causar na sua vida. Em primeiro lugar, o facto de este reconhecimento literário atribuir ao vencedor uma quantidade apreciável de dinheiro permitiria à escritora, caso ela aceitasse esta distinção, realizar alguns dos seus sonhos e melhorar a sua qualidade de vida, por exemplo, satisfazendo alguns caprichos mais pessoais e comprando um pequeno estúdio. Assim, o *Goncourt* permitiu que, pela primeira vez, Beauvoir tivesse uma casa, um lar. Por outro lado, o interesse pela sua vida, profissional e pessoal, seria inevitavelmente aumentado e a sua privacidade jamais seria a mesma. No entanto, tendo em conta que Simone de Beauvoir vivia do seu trabalho não muito bem remunerado²¹⁶ como professora e que ainda ajudava a pagar as dívidas dos amigos, o valor monetário do prémio *Goncourt* foi um dos factores que mais pesou na decisão da escritora.

No que diz respeito à imprensa, inicialmente, a autora não estava à espera de tanto interesse e agitação em seu redor; apesar desta ser uma reacção lógica, visto que Simone de Beauvoir era, pela sua personalidade e pelas causas mediáticas que defendia, uma escritora que suscitava no público vivas reacções. Assim, era praticamente inevitável o aparecimento de um grande número de reacções divergentes, ilustrativas dos diferentes leitores do romance coroado pelo júri do *Goncourt*.

Durante algum tempo, a autora sentiu-se perseguida pelos jornalistas. Nos jornais, o seu nome era constantemente mencionado e as críticas eram abundantes. Se é verdade que a decisão do júri foi, no geral, bem aceite, as críticas negativas primavam, em contrapartida, pela força e pela violência da rejeição. Os que se opunham à decisão do júri apresentavam duas razões para a recusa: alguns diziam que o júri não havia respeitado as indicações contidas no testamento de Edmond Goncourt, que estipulavam que o prémio deveria ser atribuído à juventude; por outro lado, alguns questionavam o mérito do romance de Simone de Beauvoir. De facto, o valor moral do romance foi

²¹⁵ Björn Larsson, *La Réception des Mandarins: le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire en France*, Lund, Lund University Press, 1988, p.25.

²¹⁶ Na sua obra *Journal de guerre*, várias são as vezes que Beauvoir refere as suas preocupações financeiras.

amplamente questionado: receava-se o efeito nefasto que a obra poderia causar nas gerações futuras que o tomassem como um modelo.

No entanto, os inimigos declarados de Simone de Beauvoir e do seu romance eram apenas uma minoria, não representativa da opinião geral que encarava *Les Mandarins*, talvez não como um ideal vencedor, mas como o que de melhor se tinha realizado naquele ano em França. Assim, tal como refere Björn Larsson:

«Un grand nombre de critiques auraient préféré qu'il ait existé un jeune écrivain qui méritait d'avoir le prix cette année-là. Plusieurs critiques, après avoir exprimé leurs réticences de principe, accordent cependant à Simone de Beauvoir d'avoir écrit le meilleur roman ou le roman le plus intéressant de l'année.»²¹⁷

A verdade é que a atribuição do prémio *Goncourt* era um acontecimento de relevo que, consequentemente, era abordado na imprensa. Se a escritora não tivesse sido eleita vencedora, muito provavelmente, a crítica literária e jornalística não teria dedicado tanta atenção quer à romancista, quer ao romance. Mais difícil de explicar é até que ponto o *Goncourt* exerceu uma influência sobre o modo de recepção do romance e se a forma como a crítica o interpretou e julgou teve alguma repercussão na maneira como os leitores o encararam.

No entanto, o que é de facto relevante para este trabalho é que a crítica foi, na sua grande maioria, favorável à atribuição do prémio ao romance. Interessante é o facto de muitas das críticas negativas referirem a função de *Les Mandarins* na formação das novas gerações e na visão que dava de França. Como vencedor do *Goncourt*, este romance ganhava uma nova dimensão: passava a ser um representante legítimo da literatura francesa e a dúvida que se colocava era se esta obra era digna dessa honra. É nessa perspectiva que La Vouldie, um dos ferozes críticos de *Les Mandarins* e de Beauvoir, colocava em dúvida a escolha do júri, referindo que:

«A l'étranger l'effet peut-être autre. Le goût du roman français est toujours vif et le snobisme peut conduire une jeunesse intellectuelle à des attitudes copiées des *Mandarins*.»²¹⁸

Para além disso, como vimos anteriormente, os prémios literários exercem uma função de guia no que diz respeito às compras literárias do grande público e muitos críticos não estavam de acordo com o lugar de prestígio atribuído a esta obra. Com efeito, de entre os milhares de obras literárias que apareciam em França cada ano, aquele galardão estava a orientar a escolha de compra dos leitores, pois actuava como um ponto de referência e uma marca de suposta qualidade. Da mesma forma, actuam sobre os índices de venda, prémios como o *Femina*, o *Interallié* ou o *Renaudot* e, a nível mundial, o *Nobel*.

²¹⁷ La Vouldie, *Mme Simone de Beauvoir et ses «mandarins»*, Paris, Librairie Française, 1955, p.28.

²¹⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 47.

A opinião da crítica dividia-se de acordo com as suas próprias opiniões políticas, morais e sociais. De facto, uma grande parte das acusações feitas a esta obra diziam respeito ao seu conteúdo ético-moral. Como pontos negativos eram referidos o excessivo progressismo ou mesmo a depravação moral no romance – o lesbianismo, o sexo gratuito, a partilha de amantes, entre outros – o mau exemplo dado pelo conformismo decadente dos intelectuais burgueses ditos de esquerda, ou seja, o clima geral de corrupção e de perversão sugerido pelo romance:

«On peut également constater que les points de désaccord qui soulèvent le plus d'émotions parmi les critiques sont ceux qui concernent plus directement la fonction du roman – les questions de la politique, du féminisme et de la vérité historique.»²¹⁹

Outras vozes se insurgiram contra o aspecto mais formal da obra: o simplismo da linguagem utilizada e a sua aproximação excessiva da oralidade, o desprovemento de figuras de estilo, os escassos adjectivos, as descrições demasiado breves, etc. É nesse sentido que La Vouldie diz:

«Toute cette histoire, couronnée par les Goncourt, aurait pu tenir en 30 pages de dialectique où l'on aurait vu comment les Jacobins littéraires subissent l'attraction du communisme, s'effrayent de sa discipline et se sentent coupables de cette peur. On en a fait 579. Et comme il fallait bien remplir toutes ces pages, on y a mis pêle-mêle : de la politique, de la pornographie, du roman noir, du roman rose, de l'or, de la boue et du sang.»²²⁰

Várias críticas são sensíveis ao facto deste livro aparecer como a última obra *engagée*, que, ao contrário de fazer a apologia da filosofia existencialista, revela os fracassos dos escritores ditos *engagés*. Obviamente que todos aqueles que se tinham disputado contra os existencialistas não aceitavam a decisão do *Goncourt* e desprezavam tanto este romance como a revista da qual Simone de Beauvoir foi redactora, *Les Temps modernes*. Contudo, o romance não pretendia fazer o elogio da teoria existencialista. Na verdade, tal como refere Larsson :

«Les Mandarins sont non seulement l'un d'un des derniers grands romans «engagés», mais ils racontent en outre les échecs de ces écrivains engagés aux prises avec les difficultés de l'action politique.»²²¹

Concluindo, podemos afirmar que *Les Mandarins* estiveram na origem de muitas controvérsias. O estudo da sua recepção revela-nos algumas delas. Para termos uma ideia mais clara da forma conturbada como o romance foi recebido, basta que recordemos a sua interdição pelo Vaticano e em vários países, entre os quais Portugal.

²¹⁹ Björn Larsson, p.188.

²²⁰ La Vouldie, pp. 6 e7.

²²¹ Björn Larsson, p.40.

No entanto, ao contrário de diminuir o interesse do público pela obra, as discussões que a rodearam proporcionaram um aumento da publicidade ao romance e, conseqüentemente, um aumento das vendas.

3.2. Em Portugal

O facto de ter tratado de um assunto contemporâneo pode ter contribuído para que Beauvoir tivesse falado, por intermédio da ficção, do seu tempo. As suas memórias e as reacções convergiram na descrição de uma experiência pessoal e histórica. Beauvoir seguiu, assim, o tempo da história, um tempo linear transmitido pela linearidade da linguagem, assumindo uma posição coerente com o *engagement* por ela advogado. De facto, através da história de *Les Mandarins*, a autora relatou os valores morais e políticos da sociedade na qual ela viveu e apresentou a sua visão e a sua percepção do mundo de acordo com a sua ideia de liberdade. Contudo, ao contrário do que disseram muitos críticos, esta obra não se reduz a uma obra de circunstância que retoma a história dos intelectuais da margem esquerda de Paris a partir de Dezembro de 1944. A prova deste facto é o sucesso mundial que o romance atingiu ao ser editado em Francês, Inglês, Italiano, Espanhol, Alemão, Hebraico, Japonês, Polonês, Neerlandês, Checo, e Português, entre muitas outras línguas.

No entanto, este sucesso de vendas não se processou da mesma forma em todos os países. Em Portugal, por exemplo, o romance foi interdito e não encontramos referências à sua edição em nenhuma das publicações periódicas consultadas²²². Este silêncio deveu-se, muito provavelmente, à acção da censura que não queria ver anunciado ou comentado um livro que punha em causa a imagem idílica de Portugal, tão cuidadosamente criada pela campanha propagandística de Ferro.

Curiosamente, a par desta omissão nos periódicos portugueses, encontramos diversas referências à visita de jornalistas franceses ao nosso país como forma de tornar mais forte a «velha amizade franco-lusa»²²³; esta iniciativa a par de todas as comemorações que o governo português levou a cabo juntamente com os serviços diplomáticos franceses – encontramos diversas referências a conferências, recepções e festas relacionadas com a semana do cinema francês que decorreu de 9 a 17 de Novembro de 1954 – contribuiu para uma maior aproximação entre a França e Portugal e para o esquecimento da polémica causada pelo romance de Beauvoir.

Esta má relação entre o governo e a escritora poderá ter tido como consequência um certo afastamento dos leitores portugueses em relação a Beauvoir. De facto, a tradução portuguesa de *Les Mandarins* tardou a aparecer. Proibido durante a ditadura, este romance só seria traduzido para Português após a revolução de 25 de Abril, estrategicamente um ano após a visita da sua autora ao nosso país (em 1975). Assim, em Fevereiro de 1976, a editora Bertrand (que possui a maior parte

²²² Consultámos várias publicações entre as quais destacamos a revista *Vértice*, a *Revista de Letras* da Universidade do Porto e de Lisboa, a *Gazeta literária* e jornais como *O Primeiro de Janeiro*, *O Diário de Notícias*, *O Comércio do Porto*, *O Século*, entre outros.

²²³ *Diário de notícias*, 4 de Novembro de 1954.

dos direitos de publicação das obras de Beauvoir) editava o primeiro volume de *Os Mandarins*, cuja tradução ficou ao encargo de Alexandre Neves. Em Março do mesmo ano, aparecia o segundo volume. Apesar da autora possuir, já na altura, uma carreira internacional, a verdade é que o seu nome já não suscitava a curiosidade de outrora e, talvez por essa razão, a publicação desta obra não tenha merecido grande atenção por parte da imprensa periódica da época. De facto, poucas foram as publicações periódicas que referiram esta edição, e quando o faziam, era de forma lacónica. É o caso, por exemplo, de *O Século Ilustrado* que apenas anuncia o lançamento da obra:

«Apesar de certos prognósticos (conjunturais) um tanto pessimistas, não se pode dizer que tenham desfalecido as editoras portuguesas. Assim, e no que se refere a um balanço de previsão da Bertrand, podemos adiantar as seguintes (numerosas) obras: Na colecção A mulher e o Mundo, o segundo volume do «Segundo sexo», Simone de Beauvoir, e «A mulher Eunuco», de Germaine Greer, enquanto nos Autores Universais serão brevemente apresentados a público «Os Mandarins», também de Simone de Beauvoir.»²²⁴

Como podemos verificar através da citação apresentada, as editoras verificavam, naquela época, alguns problemas relacionados com as baixas vendas de livros (Portugal sempre foi um país de fracos hábitos de leitura). Dado o clima político efervescente que ainda se fazia sentir no país, os livros que estavam mais em voga, logo, os que obtinham um maior destaque na imprensa, eram aqueles relacionados com teorias políticas e sociais, especialmente os que abordavam temas como o socialismo, a revolução, o comunismo, etc.

De facto, na imprensa da altura, encontrámos várias referências à edição deste tipo de livros, bem como anúncios publicitários destinados a promover a venda dos mesmos. Curiosamente, a editora Bertrand raramente recorreu a este tipo de aliciamento para alcançar um maior número de vendas. As editoras que mais publicitavam os seus livros eram sobretudo a Europa-América, a Afrodite, Assírio e Alvim, D. Quixote, Livros do Brasil, a Editorial Notícias, entre outras.

Em conclusão, podemos dizer que, no que diz respeito à polémica que envolveu a recepção do romance *Les Mandarins* de Simone de Beauvoir, esta controvérsia – quer tivesse como móveis a forma como era retratado Portugal ou os intelectuais franceses –, desenrolou-se, sobretudo, em França; pois o romance passou longe do grande público português tanto em 1954 (data da edição francesa) como em 1976 (data da edição portuguesa).

À boa maneira salazarista, o governo português quis proteger os seus cidadãos de obras perniciosas e, por isso, baniu qualquer contacto com este romance de Beauvoir. No entanto, apesar de todas as pressões exercidas, não se viu livre de ver coroado um livro onde o seu *plácido reino*

²²⁴ *O Século Ilustrado*, 31 de Janeiro de 1976, p.8.

era duramente criticado. De facto, a polémica pode ter sido externa a Portugal, mas o nome deste país estava intrinsecamente ligado a ela.

4. A segunda visita de Simone de Beauvoir a Portugal:

A proclamação do M.F.A. (Movimento das Forças Armadas) difundido a 25 de Abril de 1974 declarava que ao fim de treze anos de luta nos territórios do ultramar, o sistema político em vigor não tinha sido capaz de definir objectivamente uma política que conduzisse à paz entre os portugueses de todas as raças e crenças. Acrescentava-se ainda que se considerava importante devolver aos cidadãos os poderes políticos que lhes pertenciam, bem como se reiterava a necessidade de corrigir as instituições e de limpar o sistema português de todas as ilegalidades que o abuso do poder havia engendrado. O dever das forças armadas era, assim, o de garantir a segurança do país e dos seus cidadãos, sendo que a liberdade destes era um dos direitos fundamentais que era necessário proteger.

O M.F.A. acabava de conseguir, com sucesso, a mais importante das missões cívicas dos últimos anos da História de Portugal e proclamava à Nação a sua intenção de levar até ao fim um programa de salvação do país e de restituição das liberdades cívicas ao povo, das quais tinha sido privado contra a sua vontade durante anos.

Foi esta aproximação de Portugal aos ideais de liberdade, da primazia da vontade do povo acima de tudo e da defesa incondicional da paz que levou à vinda de Sartre e Beauvoir ao nosso país. De facto, a originalidade da revolução portuguesa causou uma enorme curiosidade nos escritores ditos de esquerda. Na verdade, foi toda uma série de factores que contribuiu para o interesse do casal de filósofos pelo nosso país: a Revolução dos Cravos havia sido uma revolução pacífica, sem o derrame de sangue; o exército contava com o apoio do povo; para além disso, os militares não pretendiam manter o poder, mas sim, dar lugar a eleições livres e democráticas; a revolução portuguesa era vista como o oposto do golpe de estado chileno de 1973 que fez milhares de vítimas e cuja motivação estava relacionada com interesses políticos e económicos.

Na imprensa periódica estrangeira, abundavam os artigos sobre a revolução portuguesa e o interesse em relação a Portugal ia crescendo à medida que ia passando o tempo e que se verificava que aquela mudança era real e para durar. A curiosidade era ainda maior no meio político dito de esquerda. Quanto aos simpatizantes da política de direita, estes seguiam os acontecimentos com interesse, mas sobretudo, com algum receio.

Sartre sentia-se particularmente desejoso de verificar *in loco* a forma como a chamada «révolution dans la paix» se tinha efectuado e para averiguar se o apostolado da liberdade continuava a ser respeitado.

Beauvoir surge, neste contexto, sobretudo como sua acompanhante. No entanto, revelava igualmente alguma curiosidade pela situação portuguesa.

No entanto, a verdade é que a viagem destes dois filósofos a Portugal permitiu alterar a imagem que estes possuíam do país. A forma como foram recebidos e as repercussões desta visita na imagem que Beauvoir tinha de Portugal é algo que veremos a seguir.

4.1. A opinião da imprensa

4.1.1. Em França

Ao longo da História mundial, fomos assistindo a um desenrolar de revoluções que tinham como reivindicação a liberdade. Na maior parte delas, o derrame de sangue era inevitável, no entanto, o caso português foi excepcional. Apelidada de «révolution de la paix», «revolution des oeillets» ou ainda de «printemps de Lisbonne», a revolução de 25 de Abril de 1974 constitui um marco na história das lutas do povo por esse direito tão essencial que é a liberdade.

De facto, o desejo de liberdade é um dos factos mais destacados pela imprensa francesa no que respeita os acontecimentos de Abril de 74. Encontramos esta ideia repetida em diferentes publicações. É o caso do jornal *Le Monde* que retrata assim a dita revolução portuguesa:

«Beaucoup a été fait à Lisbonne au cours de ces trois dernières semaines. Les Portugais ont retrouvé avec allégresse, mais aussi avec une discipline remarquable, le goût oublié de la liberté (...) après une aussi longue nuit d'oppression.»²²⁵

Por sua vez, o *L'Express* utiliza uma comparação reveladora da alegria contagiante que a liberdade causava na população:

«Comme des enfants après leur premier verre de vin, les portugais sont ivres. Ivres de paroles et de gestes fraîchement découverts. Ivres d'une liberté qu'ils apprennent avec la maladresse des aveugles miraculeusement rendus à la lumière»²²⁶

Em suma, a liberdade era vista como o direito mais importante adquirido com esta revolução. Para confirmarmos esta conclusão, basta que leiamos o seguinte título:

«Dans Lisbonne en Lisse: un seul mot: liberté, liberté».²²⁷

A própria imprensa começava a dar os seus primeiros passos na liberdade de expressão. A diferença estava à vista e os jornalistas estrangeiros não eram indiferentes a esta mudança, tal como nos demonstra o jornal *Le Monde*:

«La première différence entre avant et aujourd'hui est simple et évidente: les journaux ont surgi entre toutes les mains. Les portugais lisaient

²²⁵ Dominique Pouchin, «Dans les délais» in *Le Monde*, le 14 mai, 1974, p.1.

²²⁶ André Pautard, «L'explosion portugaise» in *L'Express*, 6-12 mai, 1974, p.122.

²²⁷ *Le Monde*, 27 avril, 1974, p.11.

peu. Leurs gazettes sentaient l'ennui et le conformisme. Maintenant, en tous lieux, aux terrasses des cafés, dans la rue, aux arrêts d'autobus, dans les files d'attente, devant les banques, hommes et femmes sont, de matin au soir, plongés dans la lecture d'un quotidien.»²²⁸

Como podemos constatar, a liberdade de imprensa andava de mãos dadas com o crescente interesse do povo pelas questões políticas e com o reafirmar do direito (e dever) de participação dos cidadãos na vida social e política do país. Apesar da revolução ter sido da autoria dos militares, uma das questões que mais apaixonava a opinião pública no estrangeiro era o facto desta ter sido uma acção concertada com o povo, que obteve o seu consentimento e participação. Assim, a adesão das populações, a euforia e alegria demonstradas pelos cidadãos em geral e o facto da mudança de regime ter ocorrido num clima de relativa tranquilidade, contribuiu para a boa imagem deste novo Portugal no estrangeiro.

No entanto, alguns questionavam esta união do povo ao M.F.A. e temiam que a imagem pacífica da revolução não fosse mais que uma orquestração como muitas outras efectuadas ainda durante a ditadura. É nesse sentido que se entendem as seguintes palavras:

«Et l'on entend partout, comptine à la fois naïve et menaçante, ce slogan que scandent à l'unisson enfants, civils et militaires: "Le peuple uni ne sera jamais vaincu "»²²⁹

Foi no intuito de constatar esta adesão, ou a falta dela, do povo aos ideais preconizados pelos militares, que muitos franceses se começaram a dirigir em direcção a Portugal, uma vez a poeira da revolução assentada. Mas nem todos os franceses se sentiam agradados por este fenómeno. Os que partilhavam um ideal político de direita, por exemplo, temiam a repercussão da revolução portuguesa.

Eram especialmente os intelectuais e políticos de esquerda que pretendiam verificar se a imagem de sucesso da revolução transmitida no estrangeiro era verídica ou não. Assim, a agência noticiosa Reuters revelava, na altura, que o turismo francês não tinha diminuído:

«Por sua vez, os Franceses, que tradicionalmente desprezavam as atracções turísticas de outros países, estão este ano vivamente interessados em visitar Portugal, exactamente, por causa da transformação política que se opera. Os agentes de viagens de Paris dizem que numerosas organizações de esquerda, que detestavam o anterior regime português, pretendem agora organizar excursões para observar «in loco» o que se passa em Portugal. O director do Centro de Turismo Português em Paris admite que muitos franceses actualmente interessados em visitar Portugal o fazem por motivos políticos.»²³⁰

²²⁸ Marcel Niedergang, «Lisbonne: bientôt la «paix des braves»?» in *Le Monde*, le 16 mai, 1974, p.12.

²²⁹ André Pautard, «L'explosion portugaise» in *L'Express*, 6-12 mai, 1974, p.122.

²³⁰ *O Primeiro de Janeiro*, 19 de Março de 1975, p.5.

Do mesmo modo, Sartre definiu nestes termos as razões que estiveram na origem da sua viagem a Portugal:

«Les événements qui s'y [au Portugal] sont passés depuis le 25 avril et qui ont changé la société portugaise m'ont poussé à faire ce voyage. Je voulais savoir ce qui s'était passé au juste.»²³¹

Assim, foi neste contexto, que Sartre e Beauvoir visitaram o nosso país em 1975, um ano após a famigerada revolução dos cravos.

4.1.2. Em Portugal

Os dois filósofos e escritores franceses chegaram a Portugal separados – Sartre de avião e Beauvoir de comboio (para aproveitar a paisagem) – mas eram vistos como um casal. Assim, Simone de Beauvoir é sempre referida como a «esposa»²³² ou a «mulher»²³³ de Jean-Paul Sartre e a sua presença não é notada por alguns periódicos que dedicam toda a sua atenção ao filósofo.

Assim, enquanto que este é «uma das figuras mais brilhantes da cultura europeia e universal, quer no campo da filosofia, quer no campo político»²³⁴, Simone de Beauvoir é «a escritora francesa»²³⁵ que escreveu *Os Mandarins*. Sartre é também caracterizado como sendo «filósofo (jornalista, dramaturgo e militante político)»²³⁶, «reconhecido universalmente como um dos maiores teóricos políticos»²³⁷ e um «velho filósofo (...) responsável pela formação ideológica de muitos intelectuais portugueses»²³⁸. Para além disso, é um «ilustre conferencista»²³⁹, «filósofo, escritor, homem de teatro, jornalista, homem político, marxista»²⁴⁰; «Sartre é também um homem político, um marxista, defensor de um ideal democrático e de uma “dialéctica revolucionária”»²⁴¹. Por seu lado, Beauvoir é descrita, de uma forma menos entusiasta, como sendo «autora de diversos romances e estudos»²⁴², «autora do “Mandarim”»²⁴³, e como uma escritora francesa que «escreveu acerca dos intelectuais portugueses»²⁴⁴ no seu romance *Les Mandarins*.

²³¹ Jean-Paul Sartre, «Révolution et Militaires» in *Libération*, 22 avril, 1975.

²³² *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5; *Diário de Notícias*, 2 de Abril de 1975, p.8.

²³³ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março, 1975, p.5; *Diário de Notícias*, 3 de Abril de 1975, p.3.

²³⁴ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

²³⁵ *Id.*, *ibid.*

²³⁶ *O Primeiro de Janeiro*, 29 de Março de 1975, p.5.

²³⁷ *Id.*, *ibid.*

²³⁸ *Diário de Lisboa*, 4 de Abril de 1975, p.4.

²³⁹ *Comércio do Porto*, 5 de Abril de 1975, p.6.

²⁴⁰ *Diário de Notícias*, 27 de Março de 1975, p.9.

²⁴¹ *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1975, p.3.

²⁴² *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

Como podemos verificar pela caracterização que é feita destes dois autores na imprensa periódica portuguesa, há um desnível entre o destaque e a importância dada a um e a outro. Infelizmente, como muitas vezes aconteceu na vida de Beauvoir, ela é vista como a grande mulher por detrás do grande homem que é Sartre. No entanto, é compreensível que assim seja, tendo em conta que o grande incentivador desta visita foi Sartre. De igual forma, foi ele que, ao longo dos tempos, foi ficando conhecido pelo seu *engagement* intelectual e político, daí que lhe seja dada, neste período efervescente a nível político, mais atenção do que a Beauvoir.

No que diz respeito ao conhecimento que os jornalistas revelavam possuir acerca das obras de cada um destes autores, no que diz respeito a Sartre, eram referidas: «A Náusea»²⁴⁵, «Les Mains sales»²⁴⁶ (ou «As mãos sujas»²⁴⁷) e «La Putain Respectueuse»²⁴⁸; era ainda referido o seu papel como redactor do jornal «Libération»²⁴⁹; alguns jornais indicavam erradamente «La cause du Peuple»²⁵⁰ e «J'Accuse»²⁵¹ como obras da sua autoria. De facto, por vezes, a imprensa confundia obras dos autores com outras em que apenas colaboraram e, de igual forma, confundiam obras literárias com artigos ou publicações de outra natureza.

Quanto às obras de Beauvoir, encontrámos referências frequentes ao seu romance *Les Mandarins*²⁵² e a «outros romances e estudos onde estão latentes os mecanismos da luta de classes e o relevo dado aos movimentos progressistas.»²⁵³

Apesar de não serem indicadas pelos jornalistas, as traduções *Memórias de uma menina bem-comportada* de Beauvoir e *A Idade da razão* de Sartre, entre outras, estas apareciam publicitadas em algumas publicações: uma forma engenhosa que a Editora Bertrand encontrou de forma a aproveitar a estadia dos autores entre nós para aumentar as vendas das suas obras.

Para além de referirem o conteúdo das conferências, quer de Sartre, quer de Beauvoir, os artigos consagrados a estes dois intelectuais, resumiam de uma forma simples e acessível, o pensamento de cada um deles. Assim, Sartre era sobretudo definido através da sua ligação a uma política de esquerda e a uma filosofia existencialista, enquanto que Simone de Beauvoir era caracterizada como sendo sobretudo sensível aos direitos da mulher, opositora ao capitalismo e partilhando os ideais de esquerda de Sartre. Beauvoir era vista ainda como uma escritora capaz de defender os direitos de todos os cidadãos sem olhar a distinções de raça, cor ou sexo. No entanto,

²⁴³ *Diário de Notícias*, 29 de Março de 1975, p.3.

²⁴⁴ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, 5.

²⁴⁵ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

²⁴⁶ *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1975, p.3.

²⁴⁷ *O Primeiro de Janeiro*, 29 de Março de 1975, p.5.

²⁴⁸ *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1975, p.3.

²⁴⁹ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

²⁵⁰ *Id. ibid.*, 24 de Março de 1975, p.5.

²⁵¹ *Id.*, *ibid.*

²⁵² *Diário de Notícias*, 29 de Março de 1975, p.3; *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

²⁵³ *O Primeiro de Janeiro*, 24 de Março de 1975, p.5.

nota-se uma diferença de tratamento entre Sartre e Beauvoir em prejuízo desta última, o que era característico da mentalidade machista da sociedade portuguesa que, aliás, não passou despercebida à escritora²⁵⁴.

Através das publicações periódicas consultadas, constatámos que os dois autores, em especial Sartre, vieram ao nosso país no intuito de se inteirarem da nova realidade portuguesa, para posteriormente, a transmitir aos seus compatriotas. De facto, é várias vezes referida a atitude característica de Sartre – ouvir muito e falar pouco e não dar a sua opinião sem estar completamente esclarecido quanto aos factos sobre os quais se pedia o seu juízo – que desiluiu mesmo alguns dos seus ouvintes que pretendiam que o escritor desse o seu parecer acerca da Revolução dos Cravos.

Infelizmente, para grande parte da numerosa audiência que costumava assistir às conferências destes intelectuais, nem Sartre, nem Beauvoir transmitiram, de forma clara, as suas opiniões acerca das transformações operadas em Portugal, enquanto cá estiveram²⁵⁵. No entanto, Sartre acabaria por contribuir para a construção de uma nova imagem de Portugal no estrangeiro ao publicar no jornal *Libération* e em *Les Temps Modernes* uma série de artigos sobre o nosso país.

Assim, podemos concluir que o papel de Simone de Beauvoir relativamente à construção de uma nova imagem de Portugal foi menos activo que o do seu companheiro, pelo menos, segundo a visão que nos dá a imprensa periódica portuguesa.

²⁵⁴ Tal como referimos anteriormente (no capítulo referente ao feminismo), aquando da conferência «Solidaire d' Israël: un soutien critique», realizada a 6 de Maio de 1975, Beauvoir mencionou que o machismo estava ainda muito presente na sociedade portuguesa.

²⁵⁵ *O Comércio do Porto*, 3 de Abril de 1975; *Diário de Lisboa*, 5 de Abril de 1975.

4.2. Conferências realizadas

No que diz respeito às conferências realizadas por Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre em 1975, aquando da visita do casal ao nosso país, são apresentados na imprensa portuguesa breves resumos do assunto sobre o qual elas versavam. Apesar das conferências e dos encontros de Sartre com a população portuguesa estarem aí mais exaustivamente tratados, podemos também encontrar algumas (breves) referências ao papel que Beauvoir desempenhou durante esta segunda visita ao nosso país.

Assim, em relação a Sartre, sabemos que foram abordados, pelo autor, questões relativas à verdadeira relação entre os militares e o povo, à efectiva liberdade de que a população gozava, à preparação que estava a ser feita para que, quando chegado o momento, o povo pudesse votar em consciência. Para além disso, Sartre focou, com particular interesse, o caso da autogestão e das ocupações de fábricas abandonadas ou falidas efectuadas pelos operários portugueses e pronunciou-se ainda sobre o valor das eleições enquanto expressão da vontade dos cidadãos. Foram ainda referidas muitas outras questões entre as quais, por exemplo, a situação política da França, a defesa de um *socialismo libertário* e a questão da suspensão da actividade de determinados partidos de esquerda como um atentado à liberdade.

No que diz respeito às conferências realizadas por Beauvoir, é-nos dito que a pedido do corpo docente e discente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a escritora, bem como Sartre, foram convidados a participarem numa série de debates e conferências a realizarem-se naquele estabelecimento. Infelizmente, as informações contidas nos artigos da imprensa periódica acerca destes encontros públicos na Faculdade de Letras são escassas e sintéticas.

Na imprensa²⁵⁶, diz-se que, nestes encontros, Sartre falou sobre as suas reuniões com membros do M.F.A., com ministros e operários e que concluiu que as três forças do panorama português eram os partidos políticos, o povo e o M.F.A.. Curioso relativamente ao papel dos estudantes no processo revolucionário, questionou-os, mas sem obter uma resposta conclusiva. Assim, acabou por alertar a audiência para a necessidade de participação e empenhamento na vida política e social do país.

Na verdade, segundo o debate transposto em *Libération*, é notória a desilusão de Sartre, Beauvoir e Pierre Victor face ao papel desempenhado pelos estudantes e intelectuais na revolução portuguesa.

²⁵⁶ *Comércio do Porto*, 3 de Abril de 1945; *Diário de Lisboa*, 4 de Abril de 1945; *Diário de Notícias*, 2 e 4 de Abril de 1945.

Para eles, o intelectual português estava demasiado afastado do povo. Considerava-se parte de uma elite e, no entanto, faltava-lhe iniciativa. É por essa razão que Sartre diz:

«Ils [les étudiants] se trouvaient dans une position que n'ont pas généralement les étudiants: généralement, les étudiants sont en avant; et là, ils étaient derrière [la révolution].»²⁵⁷

De igual modo, nessa discussão, P. Gavi refere:

«On a l'impression que le milieu universitaire n'a pas été touché par ce mouvement.»²⁵⁸

Simone de Beauvoir demonstra estar de acordo com as opiniões acima referidas ao dizer:

«Les écrivains menaient, disons, une lutte libérale, bourgeoise. Le coup d'État leur a confisqué en quelque sorte tout le sens de leur effort, et leur a enlevé toute responsabilité.»²⁵⁹

Quanto às conferências de Beauvoir e debates em que participou, o tema abordado foi a condição feminina e a luta pela igualdade de direitos entre os sexos. A autora defendeu a plena integração da mulher na sociedade e tentou sensibilizar a audiência para o facto de, após a revolução política, ser necessário efectuar-se uma mudança de mentalidades, capaz de modificar o papel subalterno da mulher na sociedade portuguesa, conferindo-lhe um lugar igual ao dos homens. Referiu-se ainda à importância da mulher na luta revolucionária dos operários de todo o mundo. *O Diário de Notícias* revela que a escritora indicou «descobertas recentes da psicologia e da antropologia, definiu idênticas possibilidades de realização pessoal, para o homem e para a mulher.»²⁶⁰. O jornalista acrescenta ainda que a escritora ao «percorrer situação actual da mulher em muitos países que visitou, incluindo os socialistas, pôde concluir da inferioridade da sua posição na orgânica da vida social.»²⁶¹

Para além desta conferência, realizada no dia 2 de Abril pelas 15 horas no salão nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Beauvoir dirigiu, nesse mesmo estabelecimento, no dia 3 e 4 de Abril, sessões de trabalho subordinadas ao mesmo tema. Podemos encontrar um resumo destas sessões de trabalho nas entrevistas que deu ao jornal *Libération*.

No cômputo geral, Beauvoir considerava que o povo português continuava ainda muito *machista* e que o discurso feminista não tinha tido grande repercussão em Portugal. No geral, a população portuguesa continuava pouco interessada pelo combate feminista e, infelizmente, as

²⁵⁷ Jean-Paul Sartre, «Les Femmes et les Étudiants» in *Libération*, 23 avril, 1975.

²⁵⁸ P. Gavi, «Les Femmes et les Étudiants» in *Libération*, 23 avril, 1975.

²⁵⁹ Simone de Beauvoir, «Les Femmes et les Étudiants» in *Libération*, 23 avril, 1975.

²⁶⁰ *Diário de Notícias*, 3 de Abril de 1975, p.3.

²⁶¹ *Id.*, *ibid.*

raras defensoras desse movimento estavam demasiado afastadas do povo e dos movimentos activos da revolução para poderem contribuir verdadeiramente para uma mudança de mentalidades. Isoladas, o seu papel era diminuto.

Simone de Beauvoir não compreendia que, em Portugal, a luta pela igualdade de direitos fosse considerada uma questão secundária e criticava a atitude da população:

«Il y a même une répugnance, une hostilité considérable de la part des hommes. Le grand argument que donnent beaucoup de femmes qui ne sont pas très loin du communisme, qui ne sont pas des féministes proprement dites, c'est qu'il faut faire la révolution d'abord, c'est prioritaire ; il y a des tâches plus urgentes que de lutter pour l'égalité des hommes et des femmes. La question féminine serait secondaire: alors que les femmes représentent plus de la moitié de l'humanité.»²⁶²

Apesar das mudanças operadas na sociedade portuguesa, a escritora não julgava que fosse possível uma reivindicação dos direitos da mulher em Portugal naquela altura. Para ela, após conquistada a liberdade do povo e depois de feita a revolução, as mulheres continuavam escravas do sistema de autoridade patriarcal. Portugal continuaria a ser um *país de donas de casa*. Segundo ela, as mulheres portuguesas deveriam associar a luta feminista à luta revolucionária, pois só assim a população portuguesa seria verdadeiramente livre.

Na verdade, como dizia Serge July no debate que aparece em *Libération*, o fascismo e a mentalidade retrógrada tinha deixado marcas profundas na sociedade portuguesa e era difícil para as mulheres libertarem-se da inactividade e da apatia característica da ditadura. Esta dificuldade dos portugueses se libertarem das marcas do fascismo torna-se compreensível quando temos em conta as palavras de July:

«Il y a eu cinquante années de fascisme. C'est la chose la plus difficile à faire comprendre en France. Ceux qui ont moins de 40 ans maintenant sont nés sous le fascisme, ils n'ont jamais rien connu d'autre. Dans les rues, dans l'éducation, dans la manière de parler, ils n'ont connu que cette espèce de code quotidien imprimé par le code du fascisme.»²⁶³

Para Beauvoir, a luta feminista era essencial e urgente. Combater o sistema patriarcal dominante na sociedade portuguesa era tão importante quanto a revolução. O papel das feministas era, por isso, vital para o desenvolvimento da mentalidade portuguesa:

«Ces femmes se battent contre le capitalisme, mais elles restent complètement dans le système patriarcal, elles ne pensent absolument pas à le détruire. C'est là-dessus que les féministes proprement féministes essayent de les toucher, mais elles n'y arrivent pas. Je pense qu'elles ont tort; (...). On

²⁶² Simone de Beauvoir, «Lier la lutte des femmes à la lutte révolutionnaire» in *Libération*, 23 avril, 1975.

²⁶³ Serge July, «Les Femmes et les Étudiants» in *Libération*, 23 avril, 1975.

peut parler proprement de problèmes féministes si on prend réellement part au lutte des femmes.»²⁶⁴

Apesar de pensar que a população portuguesa estava a adiar importantes debates como a questão da contraceção e do aborto clandestino, a escritora reconheceu algumas conquistas importantes no plano do combate pela liberdade. Assim, elogiou as jovens operárias que se apoderavam de fábricas abandonadas ou falidas e que as colocavam a trabalhar segundo um sistema de autogestão; exprimiu a sua admiração pelas mulheres do Partido Comunista que reivindicavam mais creches e melhores condições de trabalho; agradeceu publicamente a simpatia do povo português, que passou a ter em grande estima por ter sido capaz de reconhecer a independência e a dignidade dos povos das antigas colónias e desejou que essa mesma autonomia e dignidade fossem reconhecidas à mulher.

Em conclusão, apesar do valor e interesse das conferências de Simone de Beauvoir, a sua presença em Portugal foi ofuscada pela presença de Sartre, cuja figura controversa e mediática cativou todas as atenções. No entanto, coube a ambos a tarefa de contribuir para a construção de uma nova imagem de Portugal: um Portugal que caminhava a passos largos para a democracia e para a liberdade.

²⁶⁴ Simone de Beauvoir, «Lier la lutte des femmes à la lutte révolutionnaire» in *Libération*, 23 avril, 1975.

5. A visão de Portugal na obra de Simone de Beauvoir

Neste capítulo, pretendemos identificar a forma como Simone de Beauvoir caracterizou Portugal nas suas obras literárias. Para este efeito, tentámos analisar os textos onde a autora imprimiu as suas reflexões sobre o país, de forma a compreender como ela *olhou* para Portugal e descobrir o que de mais importante guardou dele na sua memória.

Apesar de já termos abordado o tema da *imagem* que a autora guardou e transmitiu do nosso país – através dos seus artigos de jornal, por exemplo – urge distinguir essa imagem da representação de Portugal contida nos seus textos literários.

De facto, os artigos de jornal seguem parâmetros muito diferentes dos de uma obra literária. Enquanto que a escrita jornalística deve ser objectiva, concisa e baseada em factos reais (a não que se trate de artigos de opinião ou outros do género), a escrita literária – que pode ser autobiográfica ou não – não necessita de retratar fielmente a realidade. Pelo contrário, como todos sabemos, mesmo os textos autobiográficos envolvem um processo de transformação da experiência real que está na sua base.

Com efeito, na escrita dita autobiográfica, o autor compõe o texto recorrendo, simultaneamente, à observação, à imaginação, mas sobretudo à memória. O texto está condicionado pelo facto da perspectiva oferecida da realidade ser a de uma pessoa individual. Sem entrar em detalhes do domínio da teoria da literatura, parece-nos evidente que a autobiografia não é o mesmo que o relato de uma realidade. E que um texto narrativo literário, autobiográfico ou não, é sempre o resultado de uma construção, de uma escolha: há acontecimentos que são valorizados em detrimento de outros; a evolução da narrativa segue os desejos do autor; não há uma transposição directa da realidade, tal e qual ela se passou; o texto pode ser reescrito e modificado várias vezes; a própria construção do texto difere da que é utilizada para o discurso jornalístico, pois é muito mais cuidadosa, rigorosa e, por vezes, formal. Assim, como podemos verificar, o texto literário, autobiográfico ou não, é deveras importante para o nosso estudo, pois permitir-nos-á comparar o que foi dito anteriormente pela autora com o que ela decidiu transpor para a sua obra autobiográfica e ficcional.

No que diz respeito a esta última, o escritor permite-se um papel de maior envergadura no que concerne o trabalho de transformação da realidade dita *inspiradora* da sua obra literária. Assim, no romance *Les Mandarins*, constatámos que a autora se baseou na realidade para construir certos episódios e personagens, mas temos consciência de que o romance não pretende ser um retrato fiel da mesma. No entanto, conhecendo de antemão a forma como se processou a viagem de

Beauvoir ao nosso país – pois é esse episódio que nos interessa – podemos melhor compreender a acção e mesmo adivinhar, por exemplo, as causas de certos silêncios, de algumas repetições, da utilização de determinadas palavras, etc. É neste ponto que se torna crucial conhecer as circunstâncias da realização da obra literária, de forma a melhor compreendê-la.

Assim, uma vez analisados os condicionalismos socio-culturais e mesmo históricos que envolveram as visitas de Beauvoir ao nosso país, convém analisar a forma como ela o reflectiu nas suas obras.

5.1. *Les Mandarins*

A história do romance de Simone de Beauvoir *Les Mandarins*, situa-se temporalmente no fim de 1944, no final da Segunda Guerra Mundial, quando Paris tinha já sido libertado das opressoras forças alemãs; conta-nos a história de Henri Perron, jornalista e redactor do jornal independente *L'Espoir*, que ajudou a fundar enquanto membro activo da Resistência Francesa, e de Anne Dubreuilh, psicóloga e esposa do sexagenário Robert Dubreuilh. Estas duas personagens (Anne e Henri) partilham o papel de protagonista.

Quanto a Robert Dubreuilh, este encarna o escritor e intelectual profundamente *engagé* na vida política do país. Para além disso, é um amigo chegado de Henri Perron, que tenta influenciar e guiar política e intelectualmente.

Robert e Anne Dubreuilh têm uma rebelde filha de dezoito anos, Nadine, cuja personalidade se baseia na irreverente Natacha Sorokine, uma ex-aluna de Beauvoir com quem a escritora manteve íntimo contacto.

O romance começa com Henri Perron, que prepara alegremente uma jornada de conferências a realizar em Portugal. Esta era a ocasião perfeita para *arejar*, mas também para romper com Paule, sua companheira, de uma forma subtil. Nadine, filha dos seus amigos, Robert e Anne Dubreuilh, consegue convencê-lo a levá-la consigo nessa viagem.

No entanto, a viagem não assumiu os contornos que Henri tinha idealizado e, no seu regresso, Paule recusa compreender que a relação deles havia chegado ao fim. A estes problemas, juntava-se a pressão exercida para que Henri politizasse o seu jornal, que ele recusava submeter aos interesses de um partido.

O romance assume contornos particulares por ter duas personagens a partilhar o papel de narrador: temos as mesmas situações descritas sob duas perspectivas diferentes e, muitas vezes, complementares. Tanto Henri como Anne se apresentavam como estando no final da casa dos trinta anos. Através das experiências destas figuras vamos chegando à conclusão que ambos partilhavam os mesmos ideais de esquerda e que os dois desejavam remodelar a França e o mundo à imagem desses ideais; talvez por essa razão, pertencessem ambos à categoria dos *mandarins*.

Estes *mandarins* – à semelhança dos nobres chineses distinguidos pelos seus feitos na área das letras e que estão na origem desta designação –, fazem parte de um grupo restrito de homens e mulheres que se elevaram acima dos comuns mortais pelas suas acções e, sobretudo, pelas suas palavras. Assim sendo, o termo mandarim aplica-se perfeitamente tanto a Henri Perron como a Robert Dubreuilh: enquanto que o primeiro se caracteriza, como tal, devido ao seu papel como

jornalista e intelectual que exerce o seu poder através das letras, o segundo faz apelo ao papel institucional do mandarinato e ao poder político e social que esse grupo restrito exerce efectivamente na sociedade. É neste sentido que Josiane Riboni diz :

«Ce sens métaphorique qui est intéressant dans le cadre du roman de Simone de Beauvoir, a été reconnu en 1935 par l'Académie Française qui indique pour la première fois que figurément et ironiquement, mandarin se dit d'un lettré ou d'un savant titulaire de grades officiels et elle précise quant au mandarinat qu'il se rapporte à "un groupe de personnes autoritaires prétendant former une classe à part et une caste privilégiée ou au pouvoir que s'attribuent de pareils groupes."»²⁶⁵

Um dos mais ferozes críticos de Simone de Beauvoir relaciona o termo mandarim com a língua portuguesa:

« Le dictionnaire Larousse fait venir mandarin du portugais *mandarim* qui sert dans cette langue à désigner les lettres chinoises et il ajoute: «Les uns tirent ce mot du latin *mandare*, ordonner; d'autres le regardent comme un mot indien corrompu du sanscrit *mantrin*, conseiller intime, ministre.»»²⁶⁶

De facto, de uma forma ou de outra, as três personagens principais deste romance inscrevem-se no grupo dos intelectuais de esquerda que dominaram o cenário espiritual do Pós-guerra e que defenderam a importância do papel do intelectual sob uma perspectiva existencialista.

Na verdade, apesar de estarmos perante uma visão bipartida do mundo – pois temos dois protagonistas –, podemos dizer que este romance se apresenta sob uma tripla perspectiva: a atitude moral (a de Henri Perron), a política (de Robert Dubreuilh) e a pessoal (a de Anne Dubreuilh) dos chamados mandarins franceses. Esta visão múltipla da realidade – fim da Segunda Guerra Mundial e o início da guerra-fria – torna o romance mais rico e digno de interesse.

Assim, no que diz respeito ao tema de *Les Mandarins*, ele apresenta-se intimamente ligado à vida intelectual na França do Pós-guerra. São estes anos que a autora tenta evocar através das páginas deste seu romance, tornando-o num documento histórico, a meio caminho entre a realidade e a ficção.

Desta forma, esta obra assume primordial importância para o objecto do nosso estudo, não só porque sabemos – a própria Simone de Beauvoir²⁶⁷ o disse – que, nesta composição, a realidade ocupou o lugar da inspiração, mas também porque a visão de Portugal, que aí encontramos, é uma

²⁶⁵ Josiane Leclerc Riboni, *Des Mandarins aux Samourais. La fin d'un mythe*, New York, Peter Lang Publishing, 1997, p.22.

²⁶⁶ La Vouldie, *Mme Simone de Beauvoir et ses «mandarins»*, Paris, La Librairie Française, 1955, p.5.

²⁶⁷ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.394.

visão pensada e estudada. Após as primeiras impressões retratadas nos escritos autobiográficos, importa ver o que a autora decidiu valorizar e de que forma ela colocou nas palavras de outras figuras (fictícias) os seus próprios pensamentos.

5.1.1. Os motivos da viagem

O romance começa, logo na primeira página, com uma alusão a Portugal. Henri, que prepara as suas conferências a realizar em Portugal, mal consegue esperar pela data de partida e sonha com um país igual ao dos panfletos turísticos, um pequeno paraíso europeu:

«Les rues sentiraient l'huile et la fleur d'oranger, des gens jacasseraient aux terrasses illuminées, il boirait du vrai café au son des guitares. Ses yeux, ses mains, sa peau avaient faim: quel long jeûne!»²⁶⁸

Assim, desde o início do livro, podemos constatar a presença da imagem idílica do nosso país. Este aparece a Henri como se de um sonho se tratasse. As sensações que nos são transmitidas são sobretudo visuais e olfativas, que se associam, criando uma sinestesia reveladora dos sentimentos veiculados: o prazer e a felicidade, acompanhados de um misto de alívio e de ansiedade. De facto, Portugal, é encarado como um local de liberdade e de libertação: libertação do passado que aprisionava Henri e liberdade para poder viver a sua vida com quem ele quisesse e como bem entendesse. É nesse sentido que se entende este raciocínio do protagonista:

«Lisbonne. Porto. Cintra. Coïmbre. Les beaux noms ! Et il n'avait même pas besoin de les prononcer pour sentir la joie lui sauter à la gorge. Il lui suffirait de se dire : Je ne serai plus ici ; je serai ailleurs. Ailleurs : c'était un mot encore plus beau que les plus beaux noms.»²⁶⁹

Assim, o que Henri mais ansiava era sentir-se livre: livre das suas obrigações, dos seus deveres como escritor, como cidadão e como amante. Em Portugal, ele vê a ocasião perfeita para se libertar de todas as circunstâncias que o prendiam em França. Em terras lusitanas, ele não seria mais que um turista cuja única preocupação seria de passear, de se divertir, no fundo, de gozar ao máximo a sua estadia num país tão belo quanto Portugal.

É neste sentido que se compreende que os nomes que lhe afloram à memória digam respeito a cidades turísticas conhecidas. Estas cidades representam no imaginário de qualquer turista que pretende visitar Portugal, o melhor do país: Lisboa é a conhecida capital portuguesa reputada pela sua beleza e pelos inúmeros locais de interesse cultural e histórico; Cintra é a cidade

²⁶⁸ Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, p.7.

²⁶⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 10.

de sonho, onde a excelência da natureza rivaliza com a sumptuosidade dos numerosos monumentos arquitectónicos; Porto é a cidade do Norte que conquista pela sua autenticidade e pelo romantismo que lhe confere o casario à beira do rio plantado e Coimbra é a cidade característica do centro do país reputada pela sua tradição académica. Assim, os nomes destas cidades tornam-se sinónimo de beleza e de felicidade.

O que esta personagem desconhece ainda é que a beleza deste país seria ofuscada pelos problemas sociais e políticos que aí se faziam sentir e que em vez da sua estadia ser um momento de desconstracção, teria alguns momentos constrangedores impostos por novas obrigações aí adquiridas.

Neste momento inicial, Perron, à semelhança de Simone de Beauvoir na vida real²⁷⁰, pensava somente em afastar-se da cruel realidade da França ocupada e em compensar os sacrifícios²⁷¹ que lhe tinham sido impostos, haurindo a energia que aquele longínquo país lhe oferecia através do seu céu azul, do seu mar cor de esmeralda e da sua verdejante natureza. É neste contexto que se entende a euforia de Henri ao planear a viagem:

«De nouveau il eut un coup de cœur: le ciel serait bleu, du linge flotterait aux fenêtres. Il marcherait, les mains dans les poches, en touriste, au milieu de gens qui ne parleraient pas sa langue et dont les soucis ne le concerneraient pas. Il se laisserait vivre, il se sentirait vivre: ça suffirait peut-être pour que tout devienne clair.»²⁷²

Note-se a recorrência de cores como o azul do mar e o branco da roupa a secar ao sol. O mesmo acontece em outros autores e, como vimos anteriormente, também Hélène de Beauvoir é sensível a esta associação das cores.

Os elementos da natureza mais recorrentes são o mar, o que é natural visto que Portugal tem uma grande extensão de costa marítima e que esse é um dos seus grandes trunfos turísticos; o vento também era visto como uma mais valia, pois era sempre descrito como ameno, ligeiro, refrescante e benéfico o suficiente para impedir o calor em demasia e o sol que também era um elemento essencial: aquecia, sem queimar e dourava a pele, conferindo-lhe um ar mais saudável.

Na verdade, Henri já não se sentia viver em França, talvez apenas sobreviver, e esperava encontrar, em terras lusas, uma nova razão para a sua existência. No fundo, ele queria reencontrar-se com os seus pensamentos, organizar a sua vida e romper com o passado. Mas

²⁷⁰Na verdade, a escritora emprestou a esta personagens algumas das características que a caracterizavam. Henri, tal como Simone, vive assumindo as suas imperfeições, as suas contradições e fraquezas humanas, tentando aprender com a sua experiência e tentando definir qual o melhor rumo a dar à sua vida. Assim, a sinceridade e a busca da felicidade são duas das características partilhadas pela romancista e a personagem criada.

²⁷¹ Estes sacrifícios não se circunscrevem aos flagelos da Guerra ou da Ocupação, mas também à relação sufocante que mantinha com Paule.

²⁷² Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, p.11.

Portugal teria um efeito contrário: em vez de lhe dar forças para continuar a sua vida, Henri estaria demasiado ocupado com protocolos para poder desfrutar verdadeiramente de tudo o que o país lhe poderia oferecer ou para reflectir sobre a sua existência e tomar as decisões que pretendia.

Como se verá mais tarde, Henri será um defensor da revolução política e social em Portugal; mesmo tendo consciência de que a suas acções de nada valiam, era a sua consciência de intelectual *engagé* que o impedia de desistir de lutar pela liberdade, pela igualdade e pela melhoria das condições de vida dos portugueses. No entanto, na nossa opinião, mais do que uma questão de consciência, tratava-se do cumprimento de uma promessa que foi praticamente obrigado a proferir. O seu desejo máximo era readquirir alguma liberdade para, tranquilamente, analisar o presente e pensar o futuro. A imagem de placidez criada em redor de Portugal estava em perfeita sintonia com esta procura de ataraxia. Perron desejava, acima de tudo, organizar os seus pensamentos de forma a poder dar um rumo à sua vida que parecia ter caído numa rotina hebetante. Dubreuilh, como que adivinhando que essa clareza de espírito seria alcançada em França e não em Portugal, revela, desde o início da acção, um profundo desdém em relação ao projecto de viagem de Perron. Para Dubreuilh, tratava-se de uma fuga às responsabilidades; ele preferia que Henri ficasse e assumisse a posição que lhe convinha, numa atitude de acordo com a filosofia existencialista. No entanto, está patente a ansiedade com que Henri encarava esta viagem; para ele, era algo de bom e a espera tornava-se difícil de aguentar. A vontade de partir e de se libertar era muito grande.

No fundo, Dubreuilh tinha razão, Portugal era apenas uma desculpa para fugir de França e dos problemas:

«- Eh bien, moi, j'ai tellement envie d'être ailleurs qu'au besoin je partirais à pied avec des pois secs plein mes souliers, dit Henri.»²⁷³

O importante era sair dali; menos importante era a escolha do país. Mas era também verdade que o facto de Portugal se ter mantido mais ou menos neutro em relação à Segunda Grande Guerra e o facto de não ter falta de géneros alimentares, nem de vestuário ou outros produtos, tornava-o mais atraente aos olhos de um francês do que um outro país que tivesse sofrido, à semelhança da França, com a guerra. É interessante comparar esta visão de Portugal como um porto seguro na Europa com o papel que efectivamente o país desempenhou durante a Segunda Guerra Mundial. Na verdade, Portugal tornou-se, durante esse período, incontornável para aqueles que desejavam fugir da guerra e alcançar a segurança de Inglaterra ou dos Estados Unidos. Ao país afluíam os refugiados em busca de um exílio tranquilo:

«Lisbonne devait son climat de tristesse à la présence de certains réfugiés. Je ne parle pas des proscrits à la recherche d'un asile. Je ne parle

²⁷³ *Id., ibid.*, p.19.

pas d'immigrants en quête d'une terre à féconder par leur travail. Je parle de ceux qui s'expatrient loin de la misère des leurs pour mettre à l'abri leur argent.»²⁷⁴

À semelhança destes exilados que pretendiam continuar a viver, também em Perron era evidente a *fome de vida*. Ele não queria apenas passear ou conhecer países distantes, ele procurava a própria essência da vida, ele queria tudo:

«Oui, le Portugal n'était qu'un début ; ensuite, il y aurait l'Amérique, le Mexique, le Brésil, et peut-être l'U.R.S.S., la Chine : tout. Henri conduirait de nouveau des autos, il piloterait des avions. L'air gris-bleu était lourd de promesses, l'avenir s'élargissait à l'infini.»²⁷⁵

Repare-se na recorrência de certas cores geralmente associadas a Portugal e reveladoras da imagem do país divulgada no estrangeiro. Assim, há cores que aparecem repetidamente ao longo da obra, associadas à ideia que se fazia do país: o azul, o branco²⁷⁶ e o verde são algumas delas. A associação entre a cor azul e a cinzenta, patente neste excerto, para além de reveladora, repetir-se-á ao longo desta e de outras obras. O azul é a cor de um céu bonito, cheio de alegria e esperança, mas o cinzento é a cor do mistério, da incerteza e refere-se muitas vezes quer a sentimentos de perigo ou de medo, quer a outros menos periclitantes como a melancolia, a tristeza ou ainda a decepção.

De facto, enquanto que o azul parece adequar-se à situação presente em que pululavam sentimentos positivos como a esperança, o cinzento aparece, qual presságio, a indiciar que o futuro não seria tão promissor quanto pensava o protagonista.

No entanto, a verdade é que, tanto o céu como o mundo, pareciam ganhar novos contornos para Perron, que, antes confinado à situação da França, via agora o seu mundo se alargar e se tornar infinitamente maior. O mundo aguardava-o e esperava que Henri o descobrisse. Era como se uma barreira tivesse sido levantada. E não se tratava apenas da barreira da dificuldade de circulação entre os países em tempo de guerra, tratava-se da própria consciência e vida do redactor de *L'Espoir*. Agora era chegado o momento de partir à descoberta, de abandonar o conforto do seu trabalho rotineiro e da sua relação amorosa confortável e de partir à aventura. Era chegado o momento de renascer para a vida.

Contudo, como já constatámos, nem todas as outras personagens encaravam de uma forma positiva o seu projecto de viagem. Para Dubreuilh, por exemplo, esta era apenas uma fuga pusilânime e para Paule, um afastamento cruel. Já para Nadine, a filha do casal Dubreuilh, a viagem a Portugal era uma bênção que ela invejava:

²⁷⁴ Antoine de Saint-Exupéry, *Lettre à un otage*, pp.14 e 15.

²⁷⁵ *Id.*, *ibid.*, p.22.

²⁷⁶ Em relação à cor branca, ela aparece por vezes associada à luminosidade, transmitindo-se através de referências à claridade, à luz, ao brilho ou à pureza da alvura de certos objectos como as casas portuguesas, a roupa a secar ao sol ou as velas dos barcos aportados em Lisboa.

«Quand je pense que vous allez au Portugal, vous êtes drôlement verni, dit-elle avec rancune.

(...) - Évidemment, personne ne me demandera des conférences, à moi, murmura-t-elle. Vous en ferez beaucoup ?

- Cinq ou six.

- Et vous vous baladerez pendant un mois !

- Il faut bien que les vieilles gens aient des compensations, dit-il gaiement.»²⁷⁷

Assim, ao contrário do seu pai, Nadine nada tinha contra a viagem de Dubreuilh, o que ela lamentava era o facto de não poder ir com ele. No entanto, ela usaria todas as suas armas para o convencer a levá-la. Ela não queria que Henri renunciasse à viagem, pretendia somente acompanhá-lo, para que também ela pudesse gozar da riqueza de Portugal. Riqueza que verificaria, mais tarde, ser apenas para alguns e quase nunca para a totalidade do povo português.

Nadine, tal como a grande maioria dos franceses, tinha conhecido a fome, o frio e a insegurança e havia resolvido convencer Henri a levá-la com ele, pois em Portugal ela poderia ressarcir-se da inópia da Ocupação. Naquele pequeno país, ela esperava encontrar «Un pays où il y a du soleil et de quoi bouffer»²⁷⁸ e estava disposta a tudo para poder visitar esse éden em tamanho reduzido. Esta sua visão coadunava-se, de certa forma, com a imagem que possuía Henri acerca de Portugal. Também para ele, este era um paraíso onde não faltavam visões edénicas:

«Les amandiers seront en fleur..., se dit-il en fermant les yeux. Et il y aura des oranges sur les orangers.»²⁷⁹

Repare-se que, de novo, a imagem dada do nosso país é a típica descrição dos panfletos publicitários desenhados para atrair os turistas: as amendoeiras em flor e as laranjeiras carregadas de laranjas. As sensações aqui transmitidas continuam a ser visuais (a cor branca das amendoeiras em flor e um rico e sumarento cor-de-laranja), mas também são gustativas, pois através desta descrição quase que podemos dizer que as laranjas referidas são doces e sumarentas e olfactivas, pois podemos imaginar o doce perfume das flores das amendoeiras²⁸⁰. O sol é novamente referido como uma mais valia para Portugal, de igual forma, o facto de aí, ao contrário da França, não faltarem géneros alimentares. A sintonia com que ambas as personagens encaravam a viagem fez com que Henri ponderasse a possibilidade de levar Nadine como acompanhante:

«Il aurait bien aimé lui faire ce plaisir ; donner à quelqu'un un vrai bonheur²⁸¹, c'est si réconfortant ! Mais comment faire encaisser ça à Paule ?»²⁸²

²⁷⁷ *Id., ibid.*, p.25.

²⁷⁸ *Id., ibid.*, p.90.

²⁷⁹ *Id., ibid.*, p.38.

²⁸⁰ Convém chamar a atenção para as recorrentes sinestésias que aparecem ao longo da descrição referente a Portugal, como uma forma de a tornar mais rica e plena de sentidos.

²⁸¹ Repare-se nos sentimentos associados a esta viagem a Portugal: plaisir, bonheur.

De facto, Nadine, tal como Henri, pensava que esta viagem seria uma oportunidade para esquecer o passado e para aproveitar tudo aquilo que o presente tinha para lhe oferecer, especialmente num local paradisíaco, aos olhos dos franceses, como era o caso de Portugal. No entanto, como veremos adiante, mal chegou ao nosso país e se viu confrontada com as necessidades básicas de que padecia o povo português, Nadine não conseguiu desfrutar, como pretendia, das coisas boas que o país tinha para lhe oferecer.

Para Henri, o facto de Portugal ser um país desconhecido era muito importante, porque o que ele pretendia era esquecer-se por um tempo do que era conhecido e simplesmente divertir-se, descobrindo novas coisas e desfrutando de novos prazeres. Nadine faria, assim, parte desse espírito: ela era jovem e uma incógnita para ele, e, ao lado dela, Henri pensava divertir-se mais do que ao lado de alguém como Paule, com quem, aliás, ele pretendia romper. Apesar da ideia de partilhar com uma jovem companhia a nova experiência que era conhecer Portugal, Henri sentia ainda algumas dúvidas, relacionadas, sobretudo, com a actual companheira, Paule, que, no entanto, rapidamente se dissipavam:

«Henri hésita. Se promener dans les rues inconnues, s'asseoir aux terrasses des cafés, avec une femme qui lui rirait au visage ; le soir dans la chambre d'hôtel retrouver son jeune corps tiède ; oui, c'était tentant. Et puisqu'il était décidé à en finir avec Paule, qu'est-ce qu'il gagnait à attendre ? Le temps n'arrangeait rien, au contraire.»²⁸³

Assim, o nosso *mandarim* estava decidido a viajar e a começar uma nova etapa da sua vida e esperava o momento da partida com ansiedade. Era com alegria que se imaginava em Portugal: o tempo estaria mais agradável, e eles poderiam sentar-se nos terraços dos cafés sem preocupações, gozando apenas do conforto e do privilégio de se ser turista.

Após o anúncio de que Nadine acompanharia Henri a Portugal, Anne Dubreuilh, a outra protagonista do romance, questionou-se sobre as motivações que o conduziam a esse destino. De facto, ela não só compreendia o desejo de evasão do seu amigo, como sentia essa mesma necessidade de fuga da realidade conhecida e procurava, no seu quotidiano, essa sensação de novidade:

«Je suis arrivée au café la première : un petit café très rouge, aux tables lisses, où j'achetais souvent des cigarettes mais où je ne m'étais jamais assise ; dans les boxes, des couples chuchotaient ; je commandai un faux porto ; j'avais l'impression d'être dans une ville étrangère et je ne savais plus bien ce que j'attendais.»²⁸⁴

²⁸² *Id., ibid.*, p.91.

²⁸³ *Id., ibid.*, p.91.

²⁸⁴ *Id., ibid.*, p.125.

É curiosa a forma como este relato de Anne se assemelha à descrição que Henri faz do seu desejo de se sentir como um turista – logo, numa cidade estrangeira, ignorando aonde o futuro o levaria – no terraço de um café português. Aqui estamos perante os mesmos sentimentos, sendo que o café é em França e que Anne não é uma turista. Se à semelhança existente entre estas duas realidades, juntarmos o facto de Anne pedir para beber algo parecido com o vinho do Porto, verificamos que se pode estabelecer uma correlação entre a situação destas duas personagens. Aliás, já anteriormente, Anne tinha afirmado compreender a razão que levava Henri a desejar partir: de facto, há algo que os une e que faz com que se compreendam e se aceitem mutuamente.

No sentido contrário, Paule, que havia já demonstrado o seu desagrado em relação ao projecto de viagem de Henri, encarava o facto de Nadine acompanhar o seu consorte, como uma ofensa pessoal:

«Le premier voyage de l’après guerre: tu n’as pas le droit de le faire
avec une autre.»²⁸⁵

Paule não aceitava que um momento quase solene como esse, fosse partilhado com Nadine. Que Henri não a quisesse levar e pretendesse sentir-se livre de novo, tudo bem. Mas o que ela não aceitava é que ele estivesse disposto a relegar o seu papel a outra mulher. Tratava-se quase de uma cerimónia e daí o valor que esta decisão tinha aos olhos de Paule: era a primeira vez, desde o início da guerra, que se podia partir, quase livremente, de França e, chegado esse momento, Henri havia decidido partir com outra mulher a seu lado. Era como se a liberdade de passar as fronteiras fosse acompanhada pela liberdade de deixar o passado para trás e de viver uma nova relação, deixando Paule abandonada e isso ela não tolerava. Por mais do que uma vez, ela dirá que aceita que Henri seja livre, mas não aceita que ele utilize essa liberdade para se comprometer com outra mulher.

Apesar de tudo, a vontade de Henri de partir e redescobrir o prazer do turismo era mais forte e ele acabaria por conseguir convencer Paule a adoptar uma atitude mais pacífica e embarcar na gare de Austerlitz com Nadine em direcção a Portugal.

5.1.2. A viagem

Se, no início deste romance, Henri esperava o momento da partida para Portugal com um misto de prazer e ansiedade; a verdade é que, uma vez realizado o embarque, a decepção apoderou-se dele. De facto, o clima da viagem não era o esperado.

²⁸⁵ *Id., ibid.*, p.134.

Assim, no dealbar do percurso, Henri sente ainda fortemente os remorsos por estar a fazer sofrer Paule, mas sabe que o sofrimento é inevitável numa situação de rompimento e que provavelmente esta será uma forma de Paule se ir habituando a estar longe dele. Ele adivinhava, à partida, que os protocolos iriam ocupar bastante do seu tempo e pretendia aproveitar o pouco tempo que ia ter livre para se divertir na companhia de Nadine. No entanto, esta parecia pouco interessada em conversar e ignorava-o. A própria viagem pressupunha muita burocracia que era necessário ultrapassar para se poder circular entre os países, isto apesar de o fim da guerra ter melhorado a circulação entre as diferentes nações. Um exemplo desta burocracia é o caso de Portugal; não nos podemos esquecer que durante o regime de Salazar nem todos os cidadãos podiam entrar em Portugal: alguns entraves eram colocados à entrada de judeus ou de qualquer pessoa que fosse suspeita de *conspirar* contra a ordem e os bons costumes. Aliás, a simpatia do regime português pelo modelo alemão era, se não evidente, bastante perceptível, o que não impediu, contudo, que inúmeros judeus encontrassem, no nosso país, um local de acolhimento. Porém, a maior parte dos refugiados não ficava em Portugal. Este era apenas um porto de partida para terras mais seguras como a Inglaterra ou os Estados Unidos.

Mas, apesar das más condições dos transportes²⁸⁶, do cansaço provocado pela viagem e pela burocracia, a passagem da fronteira francesa, significava para Henri, uma descoberta inigualável. Para ele, não era apenas o país que era novo; no fundo, ele pretendia que a sua própria vida fosse renovada com esta partida em direcção a terras lusas.

No trajecto que conduzia a Irun, o sol e o vento ligeiro renovavam as forças dos viajantes que sentiam já o odor da *terra sonhada*. Tudo era novo: a temperatura, o sol, as pessoas e a realidade, envolvida num diáfano véu de novidade, tornava-se mais apelativa e emocionante. Foi assim que, caminhando sob um sol quente e carregando duas pesadas malas, Henri Perron deixou o solo francês. Nadine revelava a sua euforia não de forma directa, mas através dos largos passos decididos que dava em direcção a Espanha. Os seus socos de madeira e as suas magras pernas desnudadas revelavam a pobreza existente em França, qual personificação do seu país empobrecido, também ela era dirigida pela esperança de vir a viver dias melhores. O acto de ultrapassar a barreira fronteiriça encerrava uma imensa carga emotiva e significativa, pois, na verdade, esta ultrapassagem representava não só a possibilidade de viajar e de deixar para trás o cenário de guerra, mas também a possibilidade de usufruir dos prazeres banais que este novo país lhes oferecia. Para além disso, simbolizava o começar algo de novo e era precisamente isso que Henri mais ambicionava.

Deixada para trás a nação materna, a surpresa e, posteriormente, o desconforto, invadiram os corações dos dois viajantes:

²⁸⁶ Também Hélène de Beauvoir refere esta realidade na sua obra *Souvenirs*, p.144.

«une barrière se leva devant eux et il [Henri] entendit le cri de Nadine: «Oh!» C'était ce gémissent passionné qui l'avait en vain à lui [Nadine] arracher par ses caresses. (...)

Au bord de la route, près d'une maison incendiée, était dressé un éventaire: des oranges, des bananes, du chocolat; Nadine s'élançât, elle saisit deux oranges et en tendit une à Henri; à la vue de cette joie facile que deux kilomètres séparaient inexorablement de la France, il sentit dans sa poitrine cette chose noire et dure, qui depuis quatre ans lui tenait lieu de cœur, se changer en étoupe; il avait regardé sans broncher les photographies des enfants hollandais agonisant de faim: Et voilà qu'il avait envie de s'asseoir sur le bord du fossé, la tête dans ses mains, et de ne plus bouger.»²⁸⁷

O grito de Nadine devia-se à surpresa de aí encontrar bens tão comuns quanto a fruta e o chocolate que, no entanto, rareavam em Paris. Repare-se que as palavras usadas – «le cri» e «gémissent passionné» – retratam com nitidez os sentimentos e a angústia de alguém que, tendo passado necessidades, encontra, ali tão perto, os bens que outrora considerou como os mais preciosos. Ao ver, de novo, tais iguarias, Nadine precipitou-se sobre aquelas delícias que já não provava há muito tempo. Para ela, este era o indício de que se aproximava do paraíso. Um paraíso caracterizado pela simplicidade dos seus cidadãos e pela realidade benéfica que *oferecia* aos turistas. Era essa mesma simplicidade que Nadine encontrava ao saborear os bombons e as frutas sumarentas. Esta euforia desmedida e esse apetite devorador tinham, como já referimos, a sua fonte de inspiração na própria atitude da autora quando atravessou a fronteira que separa França da Espanha. Tratava-se, assim, de uma alegria fácil de obter, especialmente para quem pouco ou nada tinha. O que Henri e Nadine viriam a descobrir é que não eram apenas eles que careciam destes bens básicos; o povo português, na sua generalidade, era um povo entristecido pela miséria e a riqueza do paraíso era um néctar reservado a poucos.

No entanto, o coração de Henri estava bloqueado há já muito tempo. A guerra criara uma distância entre ele e os sentimentos, à semelhança das vítimas de guerra que para sobreviver, precisam de se afastar dos seus sentimentos e de criar uma espécie de couraça protectora. Contudo, ao constatar que a dois passos de França, onde as pessoas passavam fome, existia toda uma riqueza por descobrir e usufruir, Henri sentiu nele toda a revolta acumulada durante anos. A esta revolta juntava-se, de uma forma ambivalente, a alegria de poder enfim gozar dos prazeres simples da vida. Quanto a Nadine, ela tinha recuperado o seu bom humor:

«Elle regardait en souriant le ciel d'Espagne. Il passerait encore une nuit couché dans la poussière des banquettes; le matin ils suivrent une rivière bleue pâle qui serpentait parmi des oliviers et qui se changea en fleuve, puis en lac. Et le train s'arrêtait: Lisbonne.»²⁸⁸

²⁸⁷ *Id., ibid.*, pp.139 e 140.

²⁸⁸ *Id., ibid.*, p.140.

Este céu peninsular reflectia, no seu esplendoroso azul, todo o calor de um país onde, para Nadine, não existiam conflitos, nem fome. Infelizmente, a sua percepção deste suposto éden iria mudar em breve.

5.1.3. A bela e colorida capital marítima

Em Lisboa, as surpresas continuaram. A primeira impressão que nos é transmitida pelo narrador é a beleza e a luminosidade da cidade; a segunda, é a das lojas cheias de belos e luxuosos artigos. Recordemo-nos que, em 1944, Paris estava ainda sujeito ao racionamento e que, portanto, era compreensível a admiração e o deslumbramento das personagens.

Henri e Nadine, especialmente esta última, ficaram igualmente espantados de ver novamente tantos carros a circular. Durante a Ocupação, o combustível e as viaturas existentes tinham sido requisitadas pelo exército alemão e, mesmo após a Libertação, ainda era raro ver muitas viaturas a circular. Os meios de transporte mais utilizados eram o metro e a bicicleta. A condução foi, na verdade, descrita como um dos maiores prazeres que Henri e, sobretudo, Nadine puderam usufruir em Portugal. Parece-nos plausível que Beauvoir se tenha inspirado na sua própria vivência para descrever a intensa experiência que foi conduzir um automóvel após tantos anos a andar a pé ou de bicicleta. De facto, a viagem é descrita de uma forma empolgante através do recurso a frases curtas e a descrições breves que, tão bem, transmitem a sensação de velocidade:

«Nadine serrait son bras en criant de terreur tandis qu'ils dévalaient à une allure qui paraissait vertigineuse les rues abruptes où ferraillaient les tramways: ils avaient perdu l'habitude de rouler en auto. Henri riait lui aussi en serrant le bras de Nadine; il tournait la tête à droite, à gauche, avec une joie incrédule: le passé était au rendez-vous. Une ville du Sud, une ville brûlante et fraîche avec à l'horizon la promesse de la mer et un vent salé battant ses promontoires: il la reconnaissait. Et portant elle l'étonnait plus qu'autrefois Marseille, Athènes, Naples, Barcelone, parce qu'aujourd'hui toute nouveauté touchait au prodige; elle était belle cette capitale au cœur sage, aux collines désordonnées, avec ses maisons glacées de couleurs tendres et ses grands bateaux blancs.»²⁸⁹

Note-se a intensidade dos sentimentos que dominavam as personagens. Dir-se-ia que estavam em êxtase. Na verdade, trata-se da alegria de poder voltar a usufruir dos pequenos prazeres da vida. A experiência é caracterizada como sendo vertiginosa, não só pela velocidade a que ia o táxi, mas também pelo facto das ruas serem muito estreitas e as descidas acentuadas. Os taxistas portugueses, habituados a circular nestas estradas, não se coíbiam de acelerar mas, para os turistas,

²⁸⁹ *Id., ibid.*, pp. 140 e 141.

esta podia parecer uma condução perigosa. Note-se também as palavras relacionadas com a alegria, o espanto e a felicidade – «criant de terreur», «riait», «joie incrédule» – que reiteram a intensidade da emoção. Na verdade, era chegado o momento pelo qual Henri tanto ansiava. Era a altura de se deixar levar pelos sentidos e de abandonar o passado. O vento que vinha do mar²⁹⁰ trazia consigo uma promessa: esta viagem seria sinónima de esperança e de expectativas altamente positivas. Na verdade, este ar refrescante era um sinónimo de confiança no futuro: Henri esperava ver realizados os seus sonhos e projectos.

Este clima de esperança e euforia é reiterado também pelo uso do verbo «étonner» que repete a ideia de que a península Ibérica e as suas riquezas surpreendiam estes turistas franceses.

Assim, à chegada de Lisboa, tudo aparecia banhado por uma luz de novidade, não só no que diz respeito à cidade em si, mas também porque o próprio Henri se sentia um homem novo: ele sabia que esta viagem era um ponto de viragem na sua vida.

Repare-se que a forma como a cidade é descrita está em sintonia com os sentimentos do protagonista. Com efeito, a cidade adquire uma conotação positiva associada ao seu carácter colorido e luminoso²⁹¹ – não esqueçamos que Lisboa era, para Henri, uma espécie de solução temporária para os seus problemas pessoais – e mutável: o constante movimento das viaturas e dos barcos estavam de acordo com a necessidade de mudança ressentida por Perron.

No entanto, desde logo, nos apercebemos de algumas críticas subtis à mentalidade portuguesa, feitas através da forma como aqueles dois franceses viam a realidade. Assim, a descrição dos hábitos da população contém, indirectamente, algumas anotações menos positivas. Tal é o caso do facto de não se verem mulheres nos cafés, o que denotava uma mentalidade machista e retrógrada. Na verdade, devido à já referida entrada de um grande número de exilados em Portugal, o nosso país havia já tomado contacto com os modernos costumes estrangeiros e este contacto tinha mesmo originado algumas fricções com as instâncias governamentais, que se viram obrigadas a regulamentar a forma de vestir e de actuar em certos lugares – sobretudo na praia e em locais públicos –, de forma a evitar que os estrangeiros corrompessem os bons costumes lusitanos. Assim, ao chegar a Lisboa, este casal de turistas deparou-se com o facto de quase não haver presenças femininas nos cafés, pois estas estavam demasiado ocupadas a fazer as compras como toda a boa dona de casa:

«Le taxi s'arrêta sur une grande place entourée de cinémas et de cafés; aux terrasses étaient assis des hommes en complets sombres: pas de

²⁹⁰ Repare-se, de novo, na associação entre o mar e o vento (ou o ar).

²⁹¹ O adjectivo utilizado para caracterizar as cores claras usadas nas casas lisboetas, transmite também, um sentido valorativo à cidade: era uma cidade terna, calma, de ar pacífico; talvez devido ao facto de as cores claras serem dominantes; talvez por se sentir no ar um clima de paz que demorava ainda a se instalar em França, devido à questão da Colaboração e da consequente Depuração.

femmes; les femmes se bouscullaient dans la rue commerçante qui descendait vers l'estuaire; tout de suite Henri et Nadine tombèrent en arrêt:

«Tu te rends compte!»

Du cuir, du vrai cuir épais et souple dont on devinait l'odeur; des valises en peau de porc, des gants de pécari, des blagues à tabac fauves, et surtout ces souliers, aux épaisses semelles de crêpe, des souliers dans lesquels on marcherait sans faire du bruit et sans se mouiller les pieds. De la vraie soie, de la vraie laine, des complets de flanelle, des chemises de popeline. Henri réalisa soudain qu'il était plutôt minable avec son complet de fibranne et ses souliers craquelés qui rebiquaient du bout; et parmi ces femmes qui portaient des fourrures, des bas de soie, de fins escarpins, Nadine avait l'air d'une clocharde.»²⁹²

Como referiu, também, Hélène de Beauvoir, Portugal era um país de costumes antiquados, onde a mulher tinha um papel subalterno em relação ao seu superior, o homem. Segundo ela, no que diz respeito às mulheres, Portugal era um país de *donas de casa*.

É notória a associação da cor negra à sociedade portuguesa. De facto, Simone de Beauvoir chamará a atenção dos leitores para este facto, mais do que uma vez; talvez por entender que no fato escuro usado pelos portugueses se transmitia a cor da alma portuguesa: a negrura representaria, assim, as agruras pelas quais passava a maioria da população, a falta de liberdade vigente no país, a decepção e o sentimento de derrota dos portugueses que não conseguiam mudar o estado das coisas.

O espanto do casal francês face ao luxo existente em Portugal está patente no inventário dos produtos portugueses que escasseavam em França e que causavam a inveja e o desejo de Henri e Nadine. Esta descrição é feita de uma forma ávida, enumerando os diferentes produtos e chamando a atenção para o facto de estes serem verdadeiros e não falsificações, como era corrente encontrar em França, em especial no mercado negro. A repetição do adjectivo verdadeiro vai nesse sentido: «du vrai cuir», «De la vraie soie», «de la vraie laine», «du vrai savon».

A surpresa e a inveja transformaram-se rapidamente em escândalo e revolta a partir do momento em que Henri e Nadine se aperceberam da injustiça daquela situação: enquanto que nas pastelarias portuguesas se podia saborear as mais requintadas iguarias, em França, por vezes, não havia o que comer. O que Nadine iria em breve descobrir é que, mesmo no interior do país, as diferenças eram muitas: enquanto que alguns comiam até demais, muitos outros tinham uma alimentação deficiente, chegando, em muitos casos, a passar fome.

É este desequilíbrio que está patente no episódio da pastelaria:

«A part un vieillard et un petit garçon, il n'y avait que des femmes autour des guéridons, des femmes aux cheveux huileux, accablés de fourrures, de bijoux et de cellulite qui s'acquittaient religieusement de leur gavage quotidien. Deux petites filles aux nattes noires, qui portaient en

²⁹² *Id., ibid.*, p.141.

bandoulière un ruban bleu et un tas de médailles à leur cou, dégustaient d'un air réservé un épais chocolat surchargé de crème fouettée. (...)

Nadine fit oui de la tête ; quand la serveuse eut posé la tasse devant elle, elle la porta à ses lèvres, et le sang se retira de son visage. «Je ne peux pas», dit-elle; elle ajouta sur un ton d'excuse: «Mon estomac n'a plus l'habitude.» Mais son malaise n'était pas venu de son estomac ; elle avait pensé à quelque chose ou à quelqu'un. Il ne lui posa pas de question.»²⁹³

Repare-se na caracterização negativa e nas observações acerbas que surgem através destas linhas: no interior da pastelaria estavam apenas senhoras *de bem* que se dedicavam gulosamente ao seu prazer quotidiano de «gavage». Neste sentido, note-se o sentido pejorativo do adjetivo «accablées», que dá a sensação de que estas mulheres têm em demasia aquilo que a grande parte da população tem em falta. Para além disso, o advérbio «religieusement» alude ao facto de aquele festim de comida ter lugar quotidianamente, mas é também uma alusão à forte religiosidade da sociedade portuguesa da época, de maneira a estabelecer o contraponto entre essa religiosidade e o pecado da gula que era cometido por aquelas senhoras tão frequentemente. De igual forma funciona o substantivo «gavage», cujo sentido pejorativo se associa à hipérbole, de forma a caricaturar a situação e torná-la ainda mais forte e ridícula. Podemos pressupor que Simone de Beauvoir se deve ter sentido revoltada com tanta injustiça, o que a terá levado, mais tarde, a descrever de uma forma tão severa esta situação.

Não podemos negligenciar o facto de vermos aparecer neste episódio uma das mais importantes características da sociedade portuguesa e latina em geral: a religiosidade. Esta aparece não só através da descrição destas senhoras, mas também através das raparigas de tranças; provavelmente, raparigas abastadas que frequentavam algum colégio da área e que usavam medalhas religiosas, o que ainda hoje é frequente ver-se numa grande parte da população portuguesa: crucifixos, medalhas de santos, lembranças oferecidas por familiares em ocasiões festivas, etc. O ar reservado destas raparigas era algo que as mulheres portuguesas tentavam inculcar na sua forma de estar em sociedade. De facto, no Portugal da época, a mulher queria-se calada, obediente e reservada. Por isso, esta observação não é inocente. Estas raparigas estavam a aprender a como se comportar em sociedade. Podemos estabelecer o contraponto entre a atitude daquelas raparigas e o ar entusiasmado de Nadine ao ver aquelas delícias.

Rapidamente, a revolta deu lugar ao «malaise». Nadine dava a desculpa de que o seu estômago não estava habituado àquelas doçarias, mas a verdade é que ela se sentia mal por estar a saborear aquele bolo enquanto que, na França, alguns dos seus concidadãos haviam morrido à fome e outros passavam necessidades. Ela sentia vergonha de se tornar igual a uma daquelas personagens que estavam na pastelaria, indiferentes ao que se passava no mundo real e, ao mesmo tempo,

²⁹³ *Id., ibid.*, p.142.

recordava-se da inópia existente na sua pátria. Henri compreendeu os sentimentos de Nadine e, por isso, não lhe perguntou nada.

No quarto de hotel, o casal encontrou um ar de elegância e os bens necessários para que estivesse confortável. Este conforto reencontrado provocou a alegria de Nadine. No dia seguinte, de manhã, o seu bom humor era evidente e tinha uma explicação: o luxo ofuscava-a; os tecidos eram de cores vivas e de qualidade muito superior àquela que Nadine estava habituada e o ambiente era do seu agrado.

Assim, num primeiro momento, apesar do casal ter noção de que Portugal era um país pobre, formou a ideia de que este era um bom local para se viver, pois aí nada faltava. No entanto, Henri parecia estar ciente da pobreza que normalmente se esconde por detrás desta ilusão de progresso e felicidade das pequenas nações. Aliás, a mudança de opinião – Portugal passou a ser visto como uma nação corrompida e empobrecida e já não como um paraíso terrestre – está já augurada pelo vocabulário acima analisado.

5.1.4. A miséria do povo

As situações que mais causaram mal-estar ao casal envolveram o contacto directo com as populações mais pobres, sobretudo, as que se passaram durante o jantar, quando Henri e Nadine adivinhavam os olhares esfomeados dos pobres que os espreitavam. Uma outra imagem deveras chocante e característica do fosso entre os mais abastados e os mais desprotegidos é a imagem das crianças a brincar descalças – que foi bastante divulgada por Simone de Beauvoir através do título sugestivo de um dos seus artigos de jornal sobre Portugal: « Une loi interdit de marcher pieds nus dans Lisbonne », « Mais seuls les Portugais fortunés peuvent se chausser » – e que caracteriza o contraste existente no nosso país: enquanto que em Portugal se encontravam sapatos com solas de pele de muito boa qualidade, também se encontravam crianças que não tinham o que calçar e adultos que não tinham consciência de que andar descalço era sinónimo de falta de higiene e representava um perigo para a saúde pública. A coexistência destas duas realidades antagónicas está bem patente quando o casal visita o bairro pobre da Graça, provavelmente Alfama²⁹⁴:

« Et puis, chaussés tous deux de souliers d'un jaune agressif mais au semelles luxueuses, ils escaladèrent les rues pavées de cailloux ronds qui montaient vers les quartiers populeux; à un carrefour des enfants aux pieds nus regardaient sans rire un petit guignol décoloré; la chaussée devenait étroite, les façades écaillées, le visage de Nadine s'assombrit.

²⁹⁴ Hipótese avançada por La Vouldie, o que nos leva a colocar a hipótese deste crítico de Beauvoir poder ser português ou ter, de alguma forma, um bom conhecimento acerca de Portugal.

C'est dégueulasse cette rue, il y en a beaucoup comme ça ?»²⁹⁵

Vemos veiculada, de novo, a imagem de que o povo português era um povo triste, mas, desta vez, essa tristeza estava associada à miséria em que a maior parte da população se encontrava mergulhada. E, enquanto que Henri adoptava uma atitude mais desprendida, Nadine começava a tomar consciência desta situação e sentia-se indignada com a sujidade e com a miséria daquele bairro. Esse sentimento de desprezo associado ao de revolta, está bem patente na repetição do adjectivo qualificativo «dégueulasse» acompanhada pela expressividade do ponto de exclamação. No entanto, Henri não se deixava afectar por aquela situação e encarava com alguma nostalgia a imagem de Portugal que tinha guardada na memória: a roupa a secar nas janelas ao sol. Contudo, desta vez a imagem era real, talvez por isso, agora a roupa que secava nos estendais portugueses fosse desordenadamente colorida e, talvez por isso também, agora, Henri reparasse que por baixo do sol, havia sempre uma mácula de sombra...

No entanto, o nosso *mandarim* conseguia facilmente contornar esta situação e continuava a usufruir do seu gosto pelas caminhadas, não se incomodando de o fazer naquelas ruas sujas. Na verdade, esta é uma das críticas que é tecida ao longo da obra ao protagonista: Henri é um sonhador e por vezes receia comprometer-se, *ipse est*, receia *s'engager*; ele é sobretudo um homem de pensamento e não um homem de acção; por isso, não valia a pena deixar-se envolver pelos maus sentimentos que emanavam daquela miséria. Isso só o iria deprimir e estragar-lhe-ia aqueles dias de descanso. Não havia nada a fazer; o melhor era recorrer àquela couraça protectora, de que já falámos, e não se deixar levar por sentimentos de pena ou revolta. É esta situação que está patente na citação que se segue:

«il avait passé des heures à errer dans ces ruelles criardes; bien sûr, alors comme aujourd'hui il souhaitait qu'on en finisse avec toute cette misère; mais ce vœu restait abstrait, jamais il n'avait eu envie de fuir: cette violente odeur humaine l'étourdissait.»²⁹⁶

Após as longas enumerações dos artigos de luxo que se podia encontrar em Portugal, segue-se, desta vez, a descrição pormenorizada da situação miserável em que habitava uma grande parte da sociedade portuguesa:

«Les femmes accroupies devant des portes faisaient griller des sardines sur des morceaux de charbon de bois; l'odeur du poisson défraîchi couvrait celle de l'huile chaude; leurs pieds étaient nus; ici tout le monde marchait pieds nus. Dans les caves ouvertes sur la rue, pas un lit, pas un meuble, pas une image: des grabats, des enfants couverts de gourme et de loin en loin une chèvre; dehors pas une voix gaie, pas un rire, des yeux

²⁹⁵ *Id., ibid.*, p.142.

²⁹⁶ *Id., ibid.*, p.144.

morts. La misère était-elle plus désespérée ici que dans les autres villes? ou bien est-ce qu'au lieu de s'endurcir on se sensibilise au malheur? Le bleu du ciel semblait cruel au-dessus de l'ombre malsaine et Henri se sentait gagné par la consternation muette de Nadine.»²⁹⁷

Assim, Portugal revela-se, nesta obra, como um país de contrastes, na pior acepção desta expressão.

Também neste episódio, a sombra e a escuridão aparecem associadas à alma portuguesa como sinal de que o povo português é um povo triste, que não reage e que não luta pela melhoria do seu país, porque, a pouco e pouco, está morrendo à falta do que comer, à falta de cuidados de higiene e à falta de esperança. Como já foi referido, a cor azul é uma cor predominante nas descrições de Portugal. No entanto, Simone de Beauvoir associa-a, de forma invulgar, à sombra «malsaine», conferindo-lhe um valor pejorativo. De novo, é o contraste estabelecido entre o azul do céu e a escuridão sombria que existia por baixo desse céu que torna mais vívida a injustiça de que sofriam os cidadãos portugueses: para alguns o céu era azul, mas para outros apenas existia a sombra. Alguns, os privilegiados, podiam aspirar alto e olhar para cima, mas a maior parte da população vivia conformada com a sua triste e miserável existência. É este contraste que torna a cor azul cruel. E esta crueza da realidade não deixou indiferente o casal francês.

Apesar de não se querer envolver, apesar de querer continuar a errar pelas ruelas da cidade à procura de algo que o fizesse sentir que estava vivo, Henri não conseguiu deixar de se sentir sensibilizado pela miséria daquele bairro da cidade (o bairro da Graça) e concordou com Nadine: abandonaram aquele lugar *detestável*.

A autora é particularmente crítica ao descrever a cidade do Porto. Nesse local, que ela associa à cor vermelha, a humidade aliada à sujidade e à miséria, transforma a beleza da cidade em algo triste e deprimente. Os muros dos barracos em que viviam os portuenses eram sombrios e húmidos e «la crasse a la couleur du sang»²⁹⁸. Assim, as cores dominantes são, em primeiro lugar, o vermelho como cor do sangue e, logo a seguir, as cores escuras e frias que correspondem à cor da humidade, das roupas velhas, do lixo e da sujidade em geral.

Como podemos constatar, o Porto é descrito de uma forma muito mais negativa do que a cidade de Lisboa:

«C'est à Porto la Rouge, où la crasse a la couleur du sang, que la fête s'acheva. Sur les murs des taudis, plus sombres encore et plus humides que ceux de Lisbonne, et grouillants d'enfants nus, on avait apposé des écriteaux: «Insalubre. Défense d'habiter ici.» Des fillettes de quatre ou cinq ans, vêtues de sacs troués, fouillaient dans les poubelles. Pour déjeuner, Henri et Nadine se cachèrent au fond d'un boyau obscur, mais ils devinaient des

²⁹⁷ *Id., ibid.*, p.144.

²⁹⁸ *Id., ibid.*, p.150.

visages collés aux vitres du restaurant. «Je déteste les villes!» dit Nadine avec fureur. Elle resta enfermée toute la journée, c'est à peine si elle desserra les dents. Henri n'essaya pas de la dérider.»²⁹⁹

Enquanto que Nadine ficava furiosa perante este *décor*, Henri estava mais calmo e evitava o confronto. Desta forma, durante o tempo que Henri esteve no Porto em serviço, Nadine preferiu ficar fechada no hotel em vez de passear pela cidade e testemunhar a miséria em que viviam as pessoas. De facto, esta parece ter sido a opinião da própria escritora, e a prová-lo temos as palavras de Coimbra Martins:

«O Professor Paul Teyssier, a quem já me referi, diz-me que certas notas sobre o Porto, que figuram no romance, coincidem com as observações que lhe fizera Simone de Beauvoir quando ele lhe mostrou a cidade.»³⁰⁰

O cenário era de tal maneira mau, que, para almoçar, Henri e Nadine escolheram uma restaurante obscuro onde se esconderam estrategicamente ao fundo, de forma a evitarem as caras pedintes e esfomeadas que certamente os espreitavam pelas janelas. No entanto, de novo, eles foram impedidos de plenamente saborear a refeição, pois, por detrás dos vidros, adivinhavam a fome daquela gente.

Em conclusão, a viagem por Portugal acabaria por ser um fiasco. A tal sensação de alegria e felicidade, ou seja, a *razão para a vida* que Henri procurava, não seria encontrada. Ele tinha vindo a Portugal para recomeçar a viver, mas as suas expectativas tinham sido goradas. Portugal era um país tão triste e perdido quanto Henri. Sem dúvida que Lisboa e, por alargamento, Portugal tinha o seu charme e que muitos o achavam um belo país, mas o problema era que após ter visto o que havia por trás dessa fachada, era difícil encará-lo da mesma forma. Uma vez desmistificada a ilusão, não se podia voltar a trás.

Em suma, a beleza do país não senão uma miragem, uma ilusão e a imagem das luzes que se reflectiam no Tejo são um bom exemplo disso:

«Et regarde donc ces petites lumières au bord de l'eau, comme c'est joli.

- Qu'est-ce que ça a de joli? dit Nadine. (...)

- C'est joli, c'est tout.

Elle appuya son front contre la vitre: «Ça serait peut-être joli si on ne savait pas ce qu'il y a derrière ; mais quand on le sait... C'est encore une tromperie, conclut-elle avec hargne ; je déteste cette salle ville. »

C'était une tromperie, sans aucun doute; et pourtant il ne pouvait pas s'empêcher de trouver ces lumières jolies (...) mais ces petites flammes qui scintillaient le long des eaux sombres, elles le touchaient, envers et contre

²⁹⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 150.

³⁰⁰ António Coimbra Martins, «Duas Francesas em Portugal nos anos 40» in *A Mulher – Mesa Redonda*, *Dia Aberto* 1995, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, colecção Universidade Hoje, 1996, p.47.

tous: peut-être parce qu’elles lui rappelaient un temps où il ignorait ce qui se cache derrière les décors; peut-être n’aimait-il ici que le souvenir d’un mirage. Il regarda Nadine; dix-huit ans, et pas un mirage dans sa mémoire! Lui au moins il avait eu un passé. (...) «Heureusement il reste encore des choses à aimer!»³⁰¹

Assim, Lisboa era um espaço que provocava sentimentos ambíguos e ambivalentes em Henri: se por um lado, ele não conseguia ficar indiferente às belas paisagens citadinas, por outro lado, ele conhecia a miséria que se escondia por detrás delas e revelava uma atitude de rejeição dessa «tromperie».

Esta imagem das bonitas luzinhas que se reflectiam no rio e que escondiam, por detrás delas, uma vida miserável, é apresentada em outros livros (*La Force des choses*) e repetida mais à frente neste mesmo livro. Esta alegoria resume de uma forma concisa e dramática a ideia com que a escritora ficou do nosso país: uma bela fachada que escondia uma realidade deplorável. Nesse sentido, repare-se nas palavras usadas para descrever agora Lisboa: «tromperie», «cette salle ville» e mais à frente, de novo, «tromperie» e ainda, por associação, podemos atribuir a esta situação portuguesa as palavras «mensonge», «illusion»³⁰² e «un beau décor»³⁰³.

Apesar de tudo, para Henri, Portugal era ainda um símbolo de esperança e a emoção com que profere esta frase é um símbolo disso: «Felizmente, disse ele, ainda há coisas para amar!». Assim, podemos concluir que apesar dos problemas sociais e humanos verificados nesta cidade, Henri conseguia ainda usufruir da beleza da mesma.

5.1.5. A oposição

Como já vimos, na vida real, Beauvoir conheceu diversas regiões de Portugal, bem como a cultura portuguesa, sobretudo através da sua irmã Hélène e do cunhado Lionel de Roulet. Foi também através destes que a romancista conheceu uma série de intelectuais portugueses anti-salazaristas ressentidos com a divulgação da imagem idílica de Portugal dada pelos letrados franceses que haviam visitado o país. À semelhança deste episódio real, no romance, Henri seria apresentado a alguns dos opositores ao regime, um dos quais se chamava Mendoz das Viernas.

Um dos críticos de *Les Mandarins* faz uma ressalva em relação ao nome desta personagem:

«La philologie ne doit pas être le fort de Mme de Beauvoir car le nom n’a rien de Portugais. Je n’ai pas trouvé un seul Mendoz ni un seul Viernas dans l’annuaire du téléphone de Lisbonne. Si encore elle l’avait

³⁰¹ *Id. ibid.*, pp.149 e 150.

³⁰² *Id., ibid.*, p.149.

³⁰³ *Id., ibid.*, p.150.

appelé: Mendès, cela aurait pu passer par un cousin de M. Mendès-France: un Mendès-Portugal...»³⁰⁴

De facto, o nome não é tipicamente português, mas não nos esqueçamos que a autora teve de ocultar o verdadeiro nome da pessoa em quem se baseou para a construção desta personagem e que esta pode ter sido uma das formas escolhidas para confundir o sistema de segurança do regime português. Para além disso, para os turistas estrangeiros que não conheciam a língua portuguesa, esta confundia-se, por vezes, com a espanhola; a confusão daí decorrente pode ter estado na origem da escolha do nome desta personagem.

Em *Les Mandarins*, Viernas critica os turistas e, em especial, os intelectuais que visitavam Portugal e transmitiam apenas o que de bom tinha o país, omitindo, ou não querendo ver, os problemas sociais, políticos e económicos que se escondiam por detrás dessa bela aparência de paraíso da Europa. Na verdade, como já foi dado a entender, vários foram os autores que visitaram o nosso país e que o retrataram nos seus escritos. Mas nem todos o fizeram com exactidão. Para a maior parte dos escritores que passaram por Portugal durante o séc. XX, Portugal era um refúgio da tumultuosa Europa, um verdadeiro paraíso terrestre onde o reino da natureza era ainda muito forte, as pessoas amáveis, as mulheres bonitas e o clima agradável. Os textos de Beauvoir são, pelo contrário, ataques violentos contra o regime de Salazar e descrevem o reverso das belas imagens literárias de Portugal criadas anteriormente. Enquanto outros romancistas haviam caído no convencional, Beauvoir distinguiu-se pela forma crua e honesta – aliás uma das características da sua forma de escrever – como retratou a realidade portuguesa.

A intenção de Viernas era, precisamente, aliciar Henri para que este mostrasse toda a realidade aos seus leitores e para que intercedesse por Portugal junto dos órgãos competentes franceses. Se, no início, o seu discurso é amargo e cínico, a partir do momento em que Viernas vê que tem um aliado em Henri, muda o seu tom de voz, tornando-se num homem mais doce, chegando a inspirar pena. No entanto, Henri sabia que nada podia fazer por ele e preferia, de certo, esquecer o lado de Lisboa que o havia desgostado e apenas recordar a beleza da cidade. Contudo, viu-se obrigado a percorrer com Viernas as ruelas da cidade e a “bisturiar” os casebres em que vivia o povo, para chegar à triste constatação de que a população vivia numa extrema miséria. No final desta inspecção, Henri acabou por concordar com Viernas quando este dizia:

«Toute cette littérature sur la mélancolie portugaise et son mystère !
c'est pourtant simple : sur sept millions de Portugais, il y en a soixante-dix
mille qui mangent à leur faim.»³⁰⁵

Este foi o título dado ao primeiro artigo de Daniel Secrétan, aliás, Simone de Beauvoir, sobre Portugal. Assim, como podemos constatar, os diferentes planos do projecto de escrita de

³⁰⁴ La Vouldie, p.17.

³⁰⁵ *Id.*, *ibid.*, p.145.

Simone de Beauvoir – o romance, *Les Mandarins*, a escrita autobiográfica, *La Force des choses* e o jornalismo, nomeadamente os artigos de *Combat* – estão intimamente ligados, pois partem da mesma fonte de inspiração: a própria vida da autora.

A forma como estes intelectuais opositores ao governo se vestiam, estava de acordo com a tristeza deles face à situação do país:

«Ils portaient tous des complets sombres, des cols durs, des melons, ils parlaient avec cérémonie mais de temps en temps la haine transfigurait leurs visages raisonnables.»³⁰⁶

Era como se estivessem vestidos de negro em sinal de luto pela morte da liberdade e da justiça em Portugal. Aliás, como verificámos anteriormente, a cor negra é uma das cores mais frequentes na descrição do vestuário português da altura.

La Vouldie³⁰⁷ aproveitou a descrição que foi feita destes oposicionistas para criticar, de novo, a romancista pela falta de veracidade da sua obra, pois parecia-lhe pouco provável que se usasse aquele tipo de vestuário em Portugal: os colarinhos engomados e os chapéus de coco realmente não faziam parte das tradições portuguesas no que diz respeito ao vestuário.

O que estes homens pretendiam era simples, mas arrojado: derrubar a ditadura de Salazar e criar uma Frente Nacional à semelhança daquela que se constituiu em França. Apesar de saberem que não podiam contar nem com o apoio dos ingleses, nem com os americanos, cujos interesses capitalistas levavam a adoptar uma relação cordial com o regime político em vigor, estes oposicionistas viam na França a sua única esperança. Nesse sentido:

«Ils imposaient à Henri des rendez-vous quotidiens; on l'accablait de faits, de chiffres, on lui dictait des statistiques, on le promenait dans les faubourgs affamés: ce n'était pas exactement le genre de vacances qu'il avait rêvé, mais il n'avait pas le choix.»³⁰⁸

Henri, viu-se, assim, obrigado a prometer que iria divulgar este problema junto dos meios de comunicação e dos serviços franceses adequados a lidar com esta matéria, no intuito de ajudar o nosso pequeno país.

De facto, como já tivemos a oportunidade de constatar, os portugueses imitavam os princípios democráticos franceses e viam a França como um modelo a seguir, daí a importância de que o relato das suas queixas chegasse aos órgãos competentes franceses. Sendo a França considerada o berço da democracia, decerto que enfrentaria o governo de Salazar e seus apoiantes para que a liberdade voltasse a imperar em Portugal. No entanto, estes eram apenas ideais, sonhos e

³⁰⁶ *Id., ibid.*, p.146.

³⁰⁷ La Vouldie, pp.20-24.

³⁰⁸ *Id., ibid.*, p.146.

esperanças vãs. Havia muitos interesses em jogo, e antes de poder ajudar fosse que nação fosse, a França precisava de se ajudar a si mesma, pois o cenário do Pós-guerra não era nada pacífico e a paz e tranquilidade ainda estavam longe de reinar nesta nação.

Foi devido a esta súplica que Henri decidiu expor a verdade acerca de Portugal. No fundo, ele sentia-se pressionado a ajudar o povo português. O seu contributo não foi espontâneo, mas solicitado. Portanto, o termo «imposaient» é bem empregue na citação transcrita, pois retrata com rigor a posição de Henri: para ele seria muito mais cómodo e menos entediante gozar pacificamente os poucos dias que lhe restavam em Portugal, na companhia de Nadine, passeando pelo país e visitando as belezas que outros escritores franceses tinham visitado antes dele. Mas ele já não podia voltar atrás. A partir do momento em que se quis distanciar dos outros autores, tinha assumido um compromisso. Via-se agora obrigado a acompanhar todas aquelas figuras, algumas carismáticas, outras caricatas, a ouvir as suas queixas e, no momento certo, teria de revelá-las ao público francês. Era uma questão de consciência e também de honra. Henri tinha-lhes prometido que faria o que lhe fosse possível para os ajudar e, como homem honrado, teria de cumprir a sua palavra.

Viernas tinha o projecto secreto de persuadir a França a ajudar Portugal na sua revolução, propondo-lhe transacções vantajosas no que dizia respeito às colónias portuguesas em África. Era um projecto onírico que Henri não teve a coragem de destruir através do esclarecimento da verdadeira posição de Portugal face à França e vice-versa. Logo, como prometido, restava-lhe dar seguimento a esta problemática, uma vez em França.

Quando finalmente pôde abandonar Lisboa, Henri sentiu-se aliviado:

«Henri était content de quitter Lisbonne. Les services français lui prêtaient une auto pour qu'il fit commodément sa tournée de conférences, il était invité à en disposer aussi longtemps qu'il souhaitait, et ça serait enfin de vraies vacances. Malheureusement ses nouveaux amis, comptaient bien qu'il passerait sa dernière semaine à conspirer avec eux (...). Pas question de refuser».³⁰⁹

Assim, a ida para o Algarve era uma forma de escapar à pressão de Viernas e do seu grupo para poder gozar finalmente um pouco das atracções turísticas de Portugal. No entanto, o jornalista sabia que teria ainda que suportar mais alguns encontros com aqueles portugueses dissidentes. Henri sentia que os seus recentes amigos portugueses tinham colocado sobre si o fardo da responsabilidade e que este fardo lhe pesava bastante, não só a si, mas também a Nadine que queria aproveitar o tempo em Portugal para viajar e para conhecer melhor o país. Talvez esta divergência de opiniões entre Nadine e Henri revelasse o próprio conflito interior de Simone de Beauvoir: será que valia a pena estar a perder o seu tempo com reuniões de trabalho com o intuito de ajudar os portugueses, quando ela mesma sabia que pouco ou nada podia fazer? E será que o papel dos

³⁰⁹ *Id., ibid.*, p.147.

jornalistas era assim tão importante? Afinal o que poderia ela fazer? Denunciar a situação parecia-lhe a única via a seguir, a sua profissão e a sua consciência assim o exigiam, mas no seu íntimo, ela sabia que isso não traria nada de bom para o povo português. Seria apenas uma gota no oceano.

No entanto, o casal tinha ainda alguns dias para usufruir das riquezas do país; para animar Nadine que começava a aborrecer-se seriamente com o tempo que Henri perdia com *os velhos senhores de colarinho engomado*³¹⁰, Henri anunciou uma estupenda viagem pelo país, para a qual tinham direito a utilizar o carro dos serviços franceses. No entanto, para Nadine, o problema era que Henri estava a contribuir para um logro ao alimentar as ilusões daqueles oposicionistas e, ao mesmo tempo, a perder o seu precioso tempo com problemas que não lhe diziam respeito. É esse o sentimento patente no texto que se segue:

«En quinze jours, avec une auto, on en voit du pays! dit Henri. Tu te rends compte de la chance qu'on a!

- Justement: c'est dommage de ne pas en profiter.

- Tous ces types qui comptent sur moi, ça serait moche de les décevoir, non?

Elle haussa les épaules: Tu ne peux rien pour eux.

- Je peux parler en leur nom; c'est mon métier; ou alors ça n'est pas la peine d'être journaliste.

- Peut-être ça n'est pas la peine.»³¹¹

Como podemos constatar, ao contrário de Henri, Nadine é muito mais sincera e, talvez, até mais realista no que diz respeito à atitude que o jornalista tomou face aos opositores de Salazar. Mas, não nos esqueçamos que as suas palavras têm como único móbil as suas próprias conveniências e o egoísmo natural de uma adolescente de dezoito anos.

Assim, à primeira vista, Nadine parecia mais susceptível do que Henri à realidade de Lisboa. Talvez, por ser jovem, se revoltasse mais contra a injustiça do que ele. E não podemos esquecer que o jornalista sentia em Lisboa uma estranha melancolia, provavelmente porque Lisboa o fazia recordar o passado e, consequentemente, repensar o futuro. Talvez do que ele gostava verdadeiramente em Lisboa fosse nada mais que a lembrança de uma miragem, a lembrança de um passado longínquo que se tornava cada vez mais esfumado e indefinido. Daí que procurasse encontrar, nesta cidade, alguns pormenores de beleza que gostaria de guardar imaculados na sua memória. As luzes que se reflectiam no rio era um desses pormenores, mas outros mais haviam.

³¹⁰ Referência a uma expressão utilizada por Simone de Beauvoir em *Les Mandarins*, p.147.

³¹¹ *Id.*, *ibid.*, p.147.

5.1.6. A beleza do país

Um dos prazeres que continuava a animar o casal, era, por exemplo, andar de carro. Assim, a descrição da viagem que os turistas fizeram pelo país é uma das mais extensas de todo o romance e consiste mais na enumeração do que foi visitado e na explicitação do itinerário seguido pelo casal, do que propriamente numa descrição como é correntemente entendida:

«Ça aussi, c'était un mensonge, la vieille illusion de liberté et de puissance, mais elle y consentait sans scrupule. Elle baissait toutes les vitres, elle buvait goulûment le vent et la poussière. Si Henri l'avait écoutée, ils ne seraient jamais descendus de voiture; ce qu'elle aimait, c'était filer le plus vite possible, entre la route et le ciel; elle s'intéressait à peine aux paysages. Et pourtant, comme ils étaient beaux! Le poudroisement doré des mimosas, les sages paradis primitifs que répétaient à l'infini les orangers aux têtes rondes, les délires de pierre de Batalha, le duo majestueux des escaliers qui montaient entrelacés vers une église blanche et noire, les rues de Beja où traînaient les cris d'anciens d'une nonne³¹² en mal d'amour. Dans le Sud à l'odeur d'Afrique, des petits ânes tournaient en rond pour arracher un peu d'eau au sol aride; on apercevait de loin en loin, au milieu des agaves bleus qui poignardaient la terre rouge, la fausse fraîcheur d'une maison lisse et blanche comme le lait. Ils remontèrent vers le nord par des routes où les pierres semblaient avoir volé aux fleurs leurs couleurs les plus violentes: des violets, des rouges, des ocres; et puis les couleurs redevinrent des fleurs parmi les douces collines du Minho. Oui, un beau décor, et qui se déroulait trop vite pour qu'on eût le temps de penser à ce qui se cachait par derrière. Au long des côtes de granit, comme sur les routes brûlantes de l'Algarve, les paysans marchaient les pieds nus, mais on n'en rencontrait pas souvent.»³¹³

A beleza aparece associada à imagem do país, mas repare-se que isso acontece quase unicamente quando se fala de paisagens, de elementos da natureza. A nível arquitectónico são elogiados certos monumentos, mas a verdadeira beleza e riqueza do país parece encontrar-se, segundo a ideia que ressalta deste romance, na natureza com que foi abençoado Portugal.

Neste longo parágrafo, a romancista pretendeu resumir tudo aquilo que viu e conheceu da realidade e da cultura portuguesas, fornecendo aos leitores toda uma série de informações variadas: breves descrições de paisagens, anotações relativas à geografia do país, apontamentos relativos às condições de trabalho da população e algumas outras sobre aspectos arquitectónicos, etc. Estas informações sucedem-se rapidamente, de forma dar uma panorâmica geral daquilo que Henri e Nadine viram em Portugal.

³¹² Simone de Beauvoir refere-se, sem dúvida, à soror Mariana Alcoforado, a quem são atribuídas as *Cartas Portuguesas*, traduzidas em Francês e publicadas em Paris, o que demonstra que Simone de Beauvoir possuía alguns conhecimentos em relação à cultura e literatura portuguesas.

³¹³ *Id.*, *ibid.*, p. 150.

Nadine e Henri visitaram também «un petit port à trois heures de Lisbonne³¹⁴» cujo nome preciso não é referido. Através da descrição feita, podemos deduzir de que se trataria de Nazaré³¹⁵:

«... ils laissèrent la voiture devant l'auberge pour escalader une des collines qui dominaient la mer; au sommet se dressait un moulin blanc, coiffé de tuiles vertes; on avait fixé à ses ailes de petites jarres de terre cuite au col étroit où le vent chantait. Henri et Nadine descendirent en courant la colline entre les oliviers tout en feuilles et les amandiers tout en fleur et la musique puérile les poursuivait. Ils se laissèrent tomber sur le sable de la crique; des barques aux voiles rouillées hésitaient sur la mer pâle.»³¹⁶

Neste momento, Nadine estava mais ocupada a sentir a fome do que propriamente a gozar a paisagem: ela teria pedido ovos «à la coque», mas os portugueses, ainda não habituados a esse prato, haviam-lhe trazido uma tigela com água morna e ovos crus. De certo, que Nadine havia tentado explicar o que seriam ovos «à la coque» sem sucesso, daí o mal entendido. Henri, por outro lado, dizia estar completamente saciado.

É então que Nadine decide tirar a sua camisa e deitar-se ao sol com o peito a descoberto; na verdade, rapariga de fortes impulsos, ela queria fazer amor ali mesmo:

«Seins au vent, les cheveux abandonnés au sable, elle regardait le ciel, avec reproche: «Il faut bien en profiter puisque c'est le dernier jour.»»³¹⁷

Ela queria sentir o calor do sol, sentir-se envolvida por aquela natureza convidativa e esta era a forma de se unir ao vento, à areia, ao sol e ao céu. Nadine sentia-se livre naquela praia e essa liberdade fazia-a feliz. Para além disso, parecia certa de que ninguém iria aparecer, talvez porque àquela hora só ocasionais turistas tivessem o hábito de ir à praia, pois os portugueses decerto que estariam a trabalhar.

Esta era uma forma de aproveitar o último dia de liberdade em Portugal. No dia seguinte, teriam de regressar a Lisboa e a presença de Henri seria de novo requisitada pelos seus novos amigos portugueses, os «messieurs à col dur» como dizia Nadine.

Nadine não queria regressar a Lisboa porque, para além de achar a cidade deprimente, sabia que o regresso à capital portuguesa representaria o fim do passeio e ela queria ser apenas uma turista, divertindo-se e gozando umas férias sem mais preocupações. Para além disso,

³¹⁴ *Id.*, *ibid.*, p.150.

³¹⁵ Em *La Force des choses*. Simone de Beauvoir refere-se a uma visita a Nazaré, cuja descrição se assemelha à deste «petit port» e La Vouldie indica Nazaré como sendo o local onde se passa o episódio de Henri e Nadine na praia, o que vai de encontro às nossas conclusões. *Vide* La Vouldie, p.24 e *La Force des choses*, p.39. Em *Les Mandarins* o nome deste porto a três horas de distância de Lisboa não é indicado.

³¹⁶ *Id.*, *ibid.*, pp.150 e 151.

³¹⁷ *Id.*, *ibid.*, p.152.

ainda não tinham visto a montanha, que todos lhe tinham dito ser o que de mais bonito havia em Portugal e estes últimos oito dias que restavam para passar em Portugal seriam muito melhor aproveitados, segundo ela, a fruir das belas paisagens portuguesas, do que aprisionados numa cidade lúgubre e feia, na companhia daquelas pessoas (os opositores ao governo) que nada lhe diziam e cujos problemas não eram da sua responsabilidade. Como já pudemos constatar, para Nadine, não fazia sentido dar esperança àquelas pessoas, pois Henri nada podia fazer e, além do mais, aqueles homens incomodavam-na. Pareciam-lhe figuras estranhas que mais se pareciam com os modelos expostos nas vitrines do Museu do homem do que com revolucionários. Enquanto que ela os achava ridículos e criticava a sua falta de acção, Henri achava-os comoventes e sentia pena deles, pois compreendia os riscos que tomavam. Em ambos os casos, a visão que é dada destes oposicionistas é, como já vimos, baseada na caricatura, podendo chegar a ser ofensiva. Assim, Nadine pensava que eles perdiam demasiado tempo a falar e que dedicavam pouco tempo a agir. Na sua opinião, bastaria assassinar Salazar para resolver os problemas de Portugal, mas Henri achava que não seria assim tão fácil libertar Portugal do ditador. Era assim que ela encarava a solução para Portugal:

«Au lieu de tant bavarder, je descendrais Salazar un bon coup.»³¹⁸

Nadine encarava, desta forma talvez um pouco ingénua, a salvação de Portugal. Era normal ela falar da morte com bastante à vontade; ela própria já desejara morrer quando nada a parecia agarrar à vida.

Todavia, ela sentia-se bem naquele pequeno paraíso. Naquela praia, tanto ela como Henri, se esqueciam da miséria que os rodeava e a felicidade estava à distância de um pequeno gesto: para Henri bastava um sorriso de Nadine. No entanto, era raro vê-la sorrir; mas quando o fazia, o seu rosto pouco feminino tornava-se mais bonito e mais atraente.

Na verdade, esta é a primeira vez que estes companheiros de viagem partilhavam um momento de verdadeira felicidade:

«Il mêla ses doigts à ceux de Nadine et se colla au sable chaud; entre la mer nonchalante que le soleil décolorait et le bleu impérieux du ciel, il y avait du bonheur en suspens; pour qu'il pût s'en saisir, il aurait peut-être suffi d'un sourire de Nadine: elle devenait presque jolie quand elle souriait; mais le visage piqué de taches de rousseur restait inerte(...)»³¹⁹

Talvez Henri precisasse deste incentivo para poder agarrar a felicidade que lhe parecia escapar. Mas, apesar de Nadine não lhe proporcionar esse prazer (não lhe sorria, nem sequer era simpática para com ele), Henri tinha pena dela. Ele sabia que a viagem a Portugal a tinha

³¹⁸ *Id., ibid.*, p. 152.

³¹⁹ *Id., ibid.*, p. 154.

desiludido e que ela preferia aproveitar o pouco tempo que lhes restava a passear. É nesse sentido que ela lhe diz:

«Laisse tomber ces vieux rêveurs; on n'était pas venus pour ça. Promenons-nous. Amusons-nous tant qu'il nous reste de la chair sur les os.»³²⁰

No entanto, os princípios morais de Henri não o deixavam embarcar nesse sonho. Também ele gostaria de poder dedicar-se apenas ao prazer e de esquecer os problemas sociais que o rodeavam; mas ele era um homem de princípios, um intelectual, e não podia descartar a sua responsabilidade de relatar e de alertar as autoridades diplomáticas francesas para a situação deplorável de Portugal. A sua palavra estava dada e, se bem que a ida a Lisboa fosse uma pesada obrigação, ele teria de cumprir a sua promessa. A sua consciência assim o ditava. Apesar da insistência de Nadine, Henri não era capaz de anular as suas obrigações. E mesmo acreditando que Portugal era demasiado pequeno para que alguém se preocupasse com os seus problemas, e que ninguém em França estaria interessado nas desgraças daqueles velhos senhores, Henri lamentava-os e respeitava-os.

Nadine acusava-o de não saber divertir-se. Era verdade que ele tinha perdido a alegria e a vontade de viver que outrora o caracterizavam, mas era também verdade que a sua consciência social era demasiado forte para poder gozar as suas férias sem se lembrar que enquanto ele se divertia, a maior parte da população portuguesa passava fome e andava descalça.

Vinham-lhe à memória outras viagens, outros locais onde um sol semelhante lhe tinha dourado a pele e onde tinha sido feliz. Mas presentemente isso parecia-lhe impossível, não só por saber que atrás daquele belo cenário se escondia muita tristeza, mas também porque ele próprio tinha mudado e a felicidade era-lhe agora mais difícil de obter. É o raciocínio que nos é revelado no seguinte excerto:

«Pourquoi ne retrouvait-il pas ce goût brûlant et tendre qu'avait eu autrefois sa vie?»³²¹

Ele tinha desejado ardentemente esta viagem; durante dias nada mais ocupava o seu espírito e, durante todo esse tempo, ele tinha sonhado como se deitaria ao sol sobre a areia quente. No entanto, agora que ali estava, havia algo que lhe escapava, algo faltava para poder completar o quadro de felicidade que havia imaginado. Palavras como felicidade e prazer haviam-se tornado estranhas e tinham caído em desuso. E mesmo o prazer que ele podia retirar

³²⁰ *Id., ibid.*, p. 154.

³²¹ *Id., ibid.*, p. 156.

dos seus cinco sentidos lhe parecia pouco e demasiado fugaz. O próprio azul do céu começava a aborrecê-lo, nada o contentava. Havia em Henri um grande sentimento de insatisfação. Antes da viagem, ele pensava que em Portugal encontraria algo que lhe permitisse preencher o vazio que o atormentava, mas a sua esperança tinha sido em vão.

Antes de partir, Henri pensara, como já referimos, que em Portugal ele reencontraria o gosto pela vida, como se se tratasse de um objecto perdido há muitos anos. No entanto, chegado ao *terminus* da viagem, ele tinha concluído que as viagens não o poderiam ajudar na sua busca. É isso mesmo que indica o narrador de *Les Mandarins*:

«Mais, par exemple ce qu'il disait sur les voyages, ça concernait exclusivement le jeune homme de vingt-cinq ans qu'il était en 1935; rien à voir avec ce qu'il avait éprouvé au Portugal.»³²²

A jornada a fazer, neste caso, era ao interior de si mesmo. Só analisando-se e conhecendo-se a si próprio, poderia Henri encontrar a forma de voltar a ser feliz e realizado.

5.1.7. O regresso a França

O regresso a casa foi, assim, motivo de alívio e de alegria. Em França, todos se admiravam com a riqueza dos materiais das peças de vestuário dos viajantes. Mas, por vezes, as peças de vestuário portuguesas destacavam-se pela falta de adequação aos padrões vestimentares franceses. Por vezes ainda, a admiração escondia um ar de troça pois as cores berrantes das roupas contrastavam com o frio em Paris, ou simplesmente porque os desenhos das roupas eram em demasia tipicamente portuguesas:

«Ils ont de beaux tissus», dit Lambert en examinant Henri avec approbation; il sourit: C'est la mode là-bas, les souliers orange?»³²³

No que diz respeito a Nadine, o que causava admiração era o seu casaco de pele, as suas meias, os “collants” e os seus sapatos. Vestida dessa forma, ela assumia uma figura muito mais elegante e feminina do que o normal e, talvez por isso, todos reparavam na sua indumentária. Mas também a nível físico Nadine estava diferente: apesar do cansaço provocado pela viagem, o seu ar bronzeado tornava-a mais atraente.

Quanto a Henri, os colegas apalpavam-lhe a camisa, o fato e a gravata admirados e colocavam-lhe mil e uma questões sobre a sua viagem. Também nele se notava o ar bronzeado e *arejado*:

³²² *Id., ibid.*, p.155.

³²³ *Id., ibid.*, p.167.

- « - Tu es drôlement bronzé!
- Vise-moi ces godasses.
- Tu nous ramènes un reportage?
- Tu as vu la chemise!»³²⁴

Como era hábito, os viajantes que vinham de Portugal traziam muitas prendas para os familiares e amigos, normalmente produtos que dificilmente se encontravam em França. Assim, a nível de vestuário, Henri e Nadine trouxeram “collants” de seda, sandálias em pele, sapatos, malas de senhora, camisolas, écharpes, luvas, água de colónia, etc. Entre os presentes mais usuais encontrava-se também uma grande quantidade de produtos alimentares: presunto, salsichões, chouriços, açúcar, café, chocolate, bolos repletos de açúcar e doces de ovos.

Henri estava muito feliz por se encontrar de novo em Paris. Outrora ansioso por deixar Paris para trás e por alcançar Portugal, era agora o facto de regressar que lhe trazia algum calor ao coração e à alma. É esta alegria que encontramos nos seus pensamentos mais íntimos:

«Dans les rues, il faisait gris, les gens avaient eu froid et faim cet hiver, mais enfin ils portaient tous des souliers; et puis on pouvait leur parler, parler pour eux; ce qui était si déprimant au Portugal c'était de se sentir le témoin tout à fait inutile d'un malheur étranger.»³²⁵

Em mais do que uma ocasião, Henri referiu-se ao tempo passado em Portugal como tendo sido improdutivo ou mesmo decepcionante. Foram umas férias demasiado longas e, por isso, ele estava feliz por regressar:

«Je suis drôlement content d'être revenu! Dit-il avec élan.»³²⁶

Na verdade, Henri tinha chegado à conclusão que tinha errado ao pensar que em Portugal reencontraria as alegrias dum tempo já passado. Ele compreendia agora que o passado não poderia mais regressar:

«Quelle idée d'aller chercher au Portugal un passé mort et enterré quand le présent était si vivace.»³²⁷

De Portugal, ele trazia lembranças de um povo pobre e infeliz. Uma infelicidade contra a qual nada podia fazer. E essa impotência perante as injustiças sociais portuguesas manchava as lembranças desta sua viagem, tornando-as deprimentes. Quando lhe perguntavam como tinha sido a viagem, Henri respondia de uma forma melancólica que tinha sido simultaneamente boa e má; ou, por vezes, respondia apenas:

³²⁴ *Id., ibid.*, p.165.

³²⁵ *Id., ibid.*, p. 164.

³²⁶ *Id., ibid.*, p.165.

³²⁷ *Id., ibid.*, p. 165.

«C'est dégueulasse.»³²⁸

Numa conversa com Dubreuilh, Henri comentou a situação política de Portugal criticando directamente Salazar. Na sua opinião, o paternalismo de Salazar era uma ignóbil ditadura e os Americanos deviam apressar-se a destruí-la. No entanto, devido à venda das bases aéreas dos Açores³²⁹, Henri sabia que não convinha à América criar problemas com Portugal. Perante este impasse, ele sabia que não havia nada a fazer e que a sua reportagem sobre Portugal nada de bom traria aos milhares de portugueses que passavam fome.

Dubreuilh sabia, provavelmente através da sua filha, Nadine, que o tempo que Henri tinha passado em Portugal tinha sido ocupado com conferências e entrevistas e que pouco lugar tinha sido deixado ao divertimento. Mas Henri contrapunha dizendo que, apesar de tudo, ainda tinha tido algum tempo livre para passear.

No entanto, uma coisa era clara, a reportagem de Henri demonstrava que se tratava de um país deveras triste. *Triste, mas também bonito, triste sobretudo para os portugueses*³³⁰: esta é uma expressão marcante de Henri que resume em poucas palavras a situação do país para os estrangeiros. Esta tristeza transformou, admite Henri perante os amigos, a visão que ele, enquanto estrangeiro, fazia do país. Mesmo as paisagens mais lindas perdiam algum do seu encanto quando se sabia serem apenas ilusões. A realidade das populações nada tinha em comum com as histórias de encantar. Na sua descrição de Portugal estava patente a desilusão do jornalista, como podemos constatar através do seguinte excerto:

«- Je ne sais pas si vous [Henri] l'avez fait exprès, dit Dubreuilh: mais quand vous dites que la mer était bleue, le bleu devient une couleur parfois sinistre.

- Ça l'était quelquefois, pas toujours. Henri sourit: Vous savez comme c'est quand on écrit.»³³¹

Mas isso não o impedia de sentir uma terna simpatia pelos habitantes. Com efeito, o facto de se sentir solidário com as ambições revolucionárias dos portugueses com quem tinha

³²⁸ *Id., ibid.*, p.174.

³²⁹ De facto, quer a Grã-Bretanha, quer os Estados Unidos precisavam dos Açores para prosseguirem com o seu esforço de guerra. Assim, o governo inglês havia já solicitado ao governo português a cedência das bases dos Açores, invocando a aliança contra as forças alemãs e Salazar acabaria por ceder. O acordo entre estes dois países foi assinado em 1943: Portugal comprometia-se a ceder a base das Lajes, bem como a colaborar no reabastecimento dos navios ingleses.

Por sua vez, o governo britânico comprometia-se a auxiliar Portugal em caso de ataque, a fornecer material de guerra e pessoal técnico, bem como a garantir a protecção aos navios mercantes portugueses e a respeitar a manutenção da soberania portuguesa sobre as suas colónias. Os Estados Unidos, que não queriam ficar fora do acordo, obtiveram vantagens semelhantes e construíram um aeroporto na Ilha de Santa Maria, que, após a guerra, viria a ser propriedade de Portugal.

³³⁰ *Id., ibid.*, p. 177.

³³¹ *Id., ibid.*, p. 178.

falado, aproximava-o deles; era essa aproximação impotente – Henri nada podia fazer para os ajudar – que o levava a sentir pena dos portugueses em geral e a lamentar a situação do país. Henri desejava, também ele, uma revolução, mas sabia bem que enquanto Franco estivesse no poder seria muito difícil expulsar Salazar.

Aliás, esta era a opinião da própria população. De facto, em *La Force des choses*, Beauvoir diz o que os opositores portugueses pensavam a este respeito:

«Le malheur, c'est que Salazar ne tombera que si Franco tombe.»³³²

De forma a apaziguar a sua consciência e a sentir-se mais útil à problemática situação portuguesa, Henri cumpriu a promessa feita a Viernas e entregou a M. Tournelle, uma carta sua.

No acto de apresentação do motivo para a sua visita a Tournelle, Henri hesitou e na sua hesitação verificamos a certeza de que a carta do velho Viernas não alcançaria os seus objectivos:

«Il sortit un stylo: quel motif? Le respect d'une chimère, il savait combien cette démarche était vaine; il écrivit : confidentiel: "Voilà"»³³³

Henri encheu-se de piedade para com as intenções do velho opositor de Salazar, pois «le pauvre das Viernas allait se heurter à une réponse cruelle ou au silence.»³³⁴

Ele sentia-se como se estivesse numa peça de teatro, a representar um papel cómico e sem sentido e o espesso envelope branco que Viernas lhe tinha confiado e que ele, por sua vez, deixava agora ao cuidado de M. Tournelle, transformava-se em algo de absurdo. Toda a situação lhe parecia ridícula. No entanto, o facto de ele ter dado a sua palavra era razão suficiente para não voltar atrás. Pelo menos, desta forma, a sua consciência estava tranquila. Henri tinha cumprido o seu dever.

A reportagem sobre Portugal e alguns comentários face à situação deplorável do país trouxeram, contudo, alguns dissabores a Henri³³⁵. As suas críticas à política americana no Mediterrâneo e a propósito de Salazar não agradaram aos representantes dos Estados Unidos em França. Assim, alguns amigos e colaboradores de *L'Espoir* alertaram Henri para o facto de as suas opiniões poderem causar embaraços políticos e diplomáticos.

Preston, um seu amigo norte-americano, justificou, perante Henri, a atitude do seu país, dizendo que havia toda uma série de factos que tinham de ser ponderados antes de se tomarem decisões e que os americanos tinham a intenção de ajudar quer os espanhóis, quer os

³³² Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.40.

³³³ Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, p. 202.

³³⁴ *Id.*, *ibid.*, p.203.

³³⁵ Na verdade, estes factos, como tantos outros nesta obra, baseiam-se em factos reais que se passaram com Simone de Beauvoir.

portugueses, a reencontrar as liberdades democráticas, no seu devido tempo. Segundo ele, era preciso não precipitar os acontecimentos e não se devia alertar a opinião francesa contra os americanos, pois isso só iria colocar em risco qualquer acção contra os ditadores ibéricos.

Contudo, Henri não se compadeceu com os argumentos de Preston. Como jornalista e como intelectual, ele reafirmou o seu dever de contar toda a verdade e era com base nesse argumento que ele justificava os seus comentários. Aliás, esta foi também a atitude que tomou Beauvoir na vida real. Assim, em *La force des choses*, a escritora diz:

«Les capitalistes anglais avaient de gros intérêts au Portugal, l'Amérique était en train de négocier l'achat de bases aériennes aux Açores: Salazar pouvait compter sur l'appui des Anglo-Saxons; c'est pourquoi il était nécessaire de remuer l'opinion française.»³³⁶

No entanto, a imparcialidade jornalística de Henri foi rapidamente posta em causa pelos seus opositores que o acusavam de utilizar os seus artigos sobre Portugal de forma a veicular ideais comunistas através de *L'Espoir*. Henri encontrava-se, desta forma, pressionado a abandonar os seus objectivos de alertar a população francesa e internacional para a situação de Portugal. Dividido entre a confiança do público intelectual que era fiel a *L'Espoir* pela sua imparcialidade e o seu dever de transmitir a verdade e de contribuir para o *acordar* das pessoas para a realidade, Henri não sabia o que fazer. Esta questão remoía-lhe sem parar na cabeça e *o nosso mandarim* chegava à conclusão que o importante era conservar a boa reputação do jornal, sem, no entanto, negligenciar os seus deveres como jornalista. O que, por si só, já não era tarefa fácil.

Outros companheiros de trabalho aconselhavam-no a esquecer os problemas de Portugal e encorajavam-no a concentrar-se mais nos aspectos positivos do país. Ao que Henri respondia dizendo que após se ter conhecido a cruel realidade em que viviam – ou melhor dizendo, sobreviviam – os portugueses, não mais se tinha vontade de descrever as amendoieiras em flor. Contudo, Lambert, um seu colaborador, lembrou-o de que em outras alturas perante um cenário semelhante, como foi o caso da sua visita à Sicília; Henri tinha sabido concentrar a sua atenção mais na beleza do país do que propriamente nos seus problemas sociais. De novo, Henri constatava que havia perdido essa capacidade e de que já não era capaz de passear calmamente à beira mar sem se inquietar com a realidade circundante. Era evidente a relutância e a dificuldade que Henri tinha em ser feliz e havia apenas uma explicação para a origem dessa dificuldade: era difícil encontrar a paz de espírito quando esse direito é recusado a milhares de indivíduos.

³³⁶ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.40.

No entanto, para Lambert, era impensável esperar que todo o mundo fosse feliz para que, então, ele também o pudesse ser. Porém, para Henri a questão era outra: ele sabia que poderia ter escrito outras coisas sobre Portugal, que se tratava de um belo país e que, conscientemente, enquanto escritor, ele tinha tomado a decisão de relegar para segundo plano esses aspectos do país e essa decisão causava-lhe alguns remorsos e dúvidas: ter-se-ia ele verdadeiramente interessado pelos problemas *dos outros* ou procuraria apenas a paz da sua própria consciência? Na verdade, porque razão deu ele tanta ênfase à parte negativa de Portugal, desvalorizando as suas riquezas? A verdade é que o dever era, para Henri, mais importante que o prazer e foi seguindo esse princípio que ele escreveu a reportagem sobre Portugal.

Não foi, porém, totalmente infrutífera a sua tarefa: alguns dias depois de ter deixado a carta de Viernas com a secretária de Tournelle, Henri era chamado ao seu gabinete. Mesmo antes de entrar na sala, o jornalista sabia já o que o esperava: um sorriso de circunstância, um sentimento de solidariedade e um pedido de calma e paciência. Tournelle compreendia as razões que levava aquele grupo de homens a querer *destronar* Salazar, mas era com algum rancor que ele admitia que a França não estava em condições de ajudar Portugal:

«Tu connais la situation aussi bien que moi. Comment veux-tu que la France fasse quelque chose pour le Portugal ou pour qui que ce soit, quand elle ne peut rien pour elle-même!»³³⁷

Tournelle, era, na verdade, um homem desiludido que parecia não acreditar mais na força da França enquanto nação com voto no destino do mundo. Mas Henri não se conformava. Esta conversa tinha reavivado, em Henri, a raiva para com as injustiças suportadas pelos portugueses.

De Portugal, a França tinha guardado na memória «l'éclat têtue des étoiles mortes»³³⁸ e Henri não tinha sido excepção. A realidade era bastante diferente da máscara que o governo português tinha criado; mas para a destruir era preciso muito mais do que a força de um país fragilizado como era a França. Henri chegava, desta forma, à conclusão de que não valia a pena preocupar-se mais com o caso de Portugal, já que ninguém parecia interessado em ajudar os portugueses. De que havia servido o seu artigo e todas as preocupações que ele lhe trouxe? Washington não estava interessado em criar conflitos de interesse com Portugal; os serviços diplomáticos franceses nada podiam fazer e mesmo os comuns leitores pareciam imunes aos problemas sociais de um pequeno país na cauda da Europa.

Esse desânimo está patente no seguinte excerto:

³³⁷ *Id., ibid.*, p. 258.

³³⁸ *Id., ibid.*, p. 259.

«Il s’assit à son bureau et relut le début de son article: à quoi bon? Les gens le liraient, ils hocheraient la tête, ils jetteraient le journal dans la corbeille à papier, et fini!»³³⁹

Henri concluía que Nadine tinha razão: não valia a pena perder tempo com os problemas *dos outros*. Tinham sido os seus escrúpulos de intelectual que o tinham impedido de aproveitar o magnífico país que teve ao seu dispor. E ele compreendia agora que o tempo passado nesse país teria sido muito mais agradável se os seus escrúpulos não o tivessem impossibilitado de gozar as suas férias, apesar dos pobres que morriam à fome. Talvez esse pensamento se pudesse aplicar a toda a sua vida: fora sempre a noção do dever que o impedira de ser mais feliz, de viver em paz de espírito.

Numa conversa com Robert e Anne Dubreuilh, Henri transmitiu a ideia de que Portugal foi, sem dúvida, um momento chave na sua vida, pois foi a partir dessa viagem que ele tomou consciência dos problemas fulcrais da sua existência: a dificuldade em aproveitar os pequenos prazeres que tornavam a vida mais feliz, o excesso de escrúpulos que o impediam de viver livremente, a sua desilusão face à literatura em favorecimento da acção directa, são exemplos disso. Repare-se que encontramos na desilusão do *nosso mandarim* uma alusão ao fracasso dos intelectuais existencialistas. Perante a contingência da vida, Henri havia-se deixado cair na indiferença e no pessimismo.

É o que reitera Geneviève Gennari ao dizer:

«(...) toutes ses personnages [de *Les Mandarins*], avant d’émerger à l’existence, ont à lutter contre un pessimisme qu’une lecture fondamentale, contre l’impression que rien n’a d’importance, et que l’indifférence totale est le seul moyen de passer sa vie sans trop souffrir(...)»³⁴⁰

Numa clara alusão a Portugal, ele referia melancolicamente o episódio das luzes reflectidas na água cuja beleza não era mais que uma mentira, *ipse est*, uma miragem para os ingénuos que não sabiam a tristeza que existia atrás delas, mas que não perdia o seu encanto por causa disso:

«Supposons que vous voyez des lumières, la nuit, au bord de l’eau. C’est joli. Mais quand vous savez qu’elles éclairent des faubourgs où les gens crèvent de faim, elles perdent toute leur poésie, ce n’est plus qu’un trompe-l’œil. Vous me direz qu’on peut parler d’autre chose: par exemple de ces gens qui crèvent de faim. Mais alors j’aime mieux en parler dans des articles ou dans un meeting.»³⁴¹

³³⁹ *Id., ibid.*, p. 258.

³⁴⁰ Geneviève Gennari, Simone de Beauvir, Paris, Éd. Universitaires, Collection classiques du XXe siècle, 1958, p.19.

³⁴¹ Simone de Beauvoir, *Les Mandarins*, p. 384.

Em conclusão, quando se compreende que a visão que temos de algo não é mais que uma miragem, perdemos a vontade de a contar, de a partilhar. Talvez por esta razão, Henri não falasse tanto nas belezas de Portugal, afinal, para ele, elas não passavam de uma ilusão.

Dubreuilh compreendia a problemática de Henri, mas defendia que, apesar de tudo, não se podia suprimir as pequenas coisas «qui font l'agrément de la vie»³⁴². Se as pessoas viajam é porque acreditam que as paisagens não são ilusões, que a beleza encontra-se em cada recanto e que ela existe para que todo o mundo a possa contemplar. Para Dubreuilh, a questão era mais simples e de fácil resolução: era necessário conciliar as duas vertentes da realidade – a boa e a má – e saber quando e como as abordar, sem privilegiar uma em detrimento da outra. Só assim Henri poderia orgulhar-se da sua imparcialidade e, só assim, honraria os ideais de uma verdadeira literatura de esquerda:

«Bien sûr, si on fait du merveilleux à propos de ces petites lumières en oubliant ce qu'elles signifient, on est un salaud; mais justement: trouvez une manière d'en parler qui ne soit pas celle des esthètes de droite; faites sentir à la fois ce qu'elles ont de joli, et la misère des faubourgs. C'est ça que devrait se proposer une littérature de gauche, reprit-il d'une voix animée: nous faire voir les choses dans une perspective neuve en les replaçant à leur vraie place; mais n'appauvrissons pas le monde. Les expériences personnelles, ce que vous appelez des mirages, ça existe.»³⁴³

Dubreuilh aparece, assim, como o verdadeiro intelectual *engagé* que adoptou a teoria existencialista – ao advogar a responsabilidade e o empenhamento de todos os homens na realidade – e que superou o pessimismo e o sentimento de que a vida é um absurdo sem sentido, recorrendo à esperança, à confiança no homem e no futuro e à noção de responsabilidade humana.

Por sua vez, o redactor de *L'Espoir* tinha perdido a convicção de Dubreuilh. Enquanto que este mantinha ainda bastante vivas a energia e as convicções de um intelectual de esquerda, Henri era agora pouco mais do que um intelectual desiludido.

Talvez a literatura guardasse ainda um sentido e talvez fosse ela o único meio de Henri recuperar a vontade de viver e de escrever que tinha perdido. Inegável era que, apesar de todas as desilusões, tinha sido através de Portugal que ele havia chegado à conclusão que poderia mudar a sua vida.

³⁴² *Id., ibid.*, p. 384.

³⁴³ *Id., ibid.*, p.384.

5.2. *La Force de l'âge*

A Força da Idade (1960) é o relato autobiográfico da vida adulta de Simone de Beauvoir que segue o estilo de *Mémoires d'une jeune fille rangée* (1958). Em *La Force de l'âge*, encontramos a descrição de um longo período de liberdade que a autora aproveitou para explorar a sua própria vontade de emancipação. Sem preocupações financeiras, sem os constrangimentos de uma religião, sem a pressão familiar, sem filhos, nem preconceitos, a escritora dedicou-se à exploração daquilo que a vida tinha para lhe oferecer. A procura da felicidade é característica desta sua fase mais egocêntrica e as preocupações com as mudanças que se faziam sentir no mundo ainda não a afligiam tanto como viria a acontecer mais tarde. É essa a realidade que a autora evoca ao dizer:

«Mais qu'étions-nous? Pas de mari, d'enfant, de foyer, aucune surface sociale, et vingt-six ans: à cet âge, on a envie de peser sur la terre. (...) Jusqu'alors mon plaisir à vivre, mes projets littéraires, la garantie que me fournissait Sartre m'avaient épargné ce genre de souci.»³⁴⁴

Assim, esta obra é o resultado de uma necessidade de expiação e retrata o empenho que Beauvoir colocou na tarefa de construção de uma autonomia feliz. No entanto, através das páginas deste livro, encontramos toda uma série de temas universais que lhe dão riqueza e consistência: o medo da morte, a paixão pela vida, a alegria da escrita, o amor verdadeiro, a angústia do envelhecimento, entre outros. As reflexões suscitadas por estas matérias resumem o sentido da obra: a vida de uma mulher que procura ser feliz.

Contudo, este relato não é fortuito, segue uma ordem que lhe é atribuída pela autora. Nas suas próprias palavras, Beauvoir explica, por exemplo, o que a levou a omitir certos aspectos da sua vida, valorizando outros:

«Cependant, je dois les [les lecteurs] prévenir que je n'entends pas leur dire tout. J'ai raconté sans rien omettre mon enfance, ma jeunesse; mais si j'ai pu sans gêne, et sans trop d'indiscrétion, mettre à nu mon lointain passé, je n'éprouve pas à l'égard de mon âge adulte le même détachement et je ne dispose pas de la même liberté.(...) Je laisserais résolument dans l'ombre beaucoup de choses.»³⁴⁵

Apesar de não ser seu objectivo principal atingir um objectivo moral com esta obra, Beauvoir afirma a sua importância (pessoal) enquanto testemunho do que foi a sua vida. Um

³⁴⁴ Simone de Beauvoir, *La Force de l'âge*, Paris, Gallimard NRF, 1960, p.164.

³⁴⁵ *Id.*, *ibid.*, p.10.

testemunho verdadeiro e único, sem preconceitos e cuja única finalidade é a de exprimir os pensamentos e a existência da sua autora.

Este ensaio autobiográfico começa em 1929 com o início de uma nova etapa na vida da escritora: o dealbar dos seus anos de independência, a sua aproximação de Paris e a criação de uma nova família, constituída, sobretudo, pelos amigos de Sartre. Na verdade, Paris seria a sua Pátria, o seu lar e lá se desenrolariam os dez anos que ocupam as páginas desta obra (o relato termina em Setembro de 1939).

É o elogio da independência que encontramos desde as primeiras páginas deste texto: Simone de Beauvoir não encontrava grande resistência ao uso pleno da sua liberdade. Os sentimentos de felicidade, alegria e emoção são uma constante e a autora preocupava-se sobretudo consigo mesmo e com as pequenas futilidades do seu quotidiano. Chega mesmo a revelar que se considerava uma apátrida³⁴⁶ cuja principal preocupação era a vida e, só depois, o seu projecto de escrita. De facto, nesta altura da sua existência, apesar de Beauvoir sentir com intensidade o desejo de escrever e de ver a sua obra escrita reconhecida, os seus interesses consistiam, sobretudo, em viajar, ler, aprender e divertir-se.

Esta fase da sua vida, como já tivemos oportunidade de constatar, é bastante egocêntrica; no entanto, a maturidade revelada através de *La Force des choses* e *Les Mandarins* começava a revelar-se.

Assim, em *La Force de l'âge*, é evidente o silêncio da autora em relação à situação portuguesa, provavelmente devido à falta de interesse ou ao desconhecimento da escritora em relação ao nosso país. Encontramos, por isso, apenas algumas breves alusões ao vinho do Porto³⁴⁷ que parecia agradar a Beauvoir e aos seus amigos e à viagem de Lionel de Roulet e, posteriormente, da sua irmã ao nosso país. Simone retrata, da seguinte forma, a chegada de Hélène a Portugal:

«Les frontières étaient fermées, mais la correspondance avec les pays neutres n'avait pas été suspendue. Je reçus une lettre de ma sœur. Lionel avait quitté le Limousin depuis quelques semaines pour aller vivre chez sa mère, qui s'était remarié avec un peintre portugais à Faro; ils avaient invité ma sœur à passer deux ou trois semaines avec eux. Elle mit trois jours à traverser l'Espagne, en compartiment de troisième classe, et elle arriva à Lisbonne, épuisée. Elle s'assit à la terrasse d'un café: il n'y avait pas d'autre femme; le garçon la remarqua tout de suite et, en lui servant un café, il demanda: «Vous êtes française? – Oui – Eh bien! madame, les Allemands viennent d'envahir la Hollande et la Belgique.» Elle courut sur la place: les nouvelles étaient affichées sur des panneaux, dans une langue pour elle presque inintelligible; mais elle en comprit assez et fondit en larmes. Autour

³⁴⁶ *Id.*, *ibid.*, p.24.

³⁴⁷ *Vide* Simone de Beauvoir, *La Force de l'âge*, pp. 196, 274, 403 e 437.

d'elle, on s'empressait: «C'est une Française!» Elle se trouva bloquée à l'étranger pour toute la durée de la guerre.»³⁴⁸

De facto, as informações transmitidas acerca de Portugal nesta obra são escassas e reduzem-se a informar sobre a situação de Lionel de Roulet e de Hélène. Enquanto que a atenção dedicada à Espanha ocupa uma parte considerável do livro, no que diz respeito a Portugal, se compilássemos as informações acerca do nosso país, estas reduzir-se-iam a duas páginas.

No entanto, uma leitura mais atenta revela alguns pontos de ligação com a representação de Portugal criada, por exemplo, na obra *Les Mandarins*. Quando, por exemplo, a autora refere os seus sentimentos sobre o turismo e a vontade de viajar e de conhecer novos lugares, encontramos semelhanças com a forma como Henri Perron encara, no início de *Les Mandarins*, a sua viagem a Portugal. De facto, a isotopia do turismo feliz, presente nestas duas obras, é deveras semelhante: a emoção e a ansiedade face à partida, a novidade e a incerteza em relação àquilo que se vai encontrar, o prazer provocado pelo contacto com realidades diferentes, etc. São estes os sentimentos que encontramos no relato de Beauvoir, por exemplo, em relação à viagem que ela e Sartre efectuaram à nossa vizinha Espanha:

«Sartre avait converti en pesetas les derniers débris de son héritage: ce n'était pas grande-chose; sur les conseils de Fernand, nous avions acheté des Kilométricos³⁴⁹ de première classe, sinon nous n'aurions pu monter que dans les trains omnibus; il nous resta à peine de quoi joindre les deux bouts, en vivant chichement; peu m'importait: le luxe n'existait pas pour moi, même en imagination; pour rouler à travers la Catalogne, je préférais les autobus de campagne aux pullmans touristiques. (...) Comme la plupart des touristes de notre époque, nous imaginions que chaque lieu, chaque ville avait un secret, une âme, une essence éternelle, et que la tâche du voyageur était de les dévoiler».³⁵⁰

Também as dúvidas que Henri se colocava em relação à importância do turismo são apresentadas, nesta obra, de uma forma muito semelhante à utilizada no romance *Les Mandarins*:

«Parfois, elle [la réalité] m'arrachait à moi-même. «A quoi bon voyager? On ne se quitte jamais», m'a dit quelqu'un. Je me quittais; je ne devenais pas une autre, mais je disparaissais. Peut-être est-ce le privilège des gens – très actifs ou très ambitieux – sans cesse en proie à des projets, que ces trêves où soudain le temps s'arrête, où l'existence se confond avec la plénitude immobile des choses: quel repos! Quelle récompense!»³⁵¹

Mais adiante, a autora refere, pela primeira vez, a possibilidade de visitar Portugal:

³⁴⁸ *Id.*, *ibid.*, p.449.

³⁴⁹ Repare-se que se trata do mesmo tipo de bilhete referido por Hélène de Beauvoir na sua obra *Souvenirs*: consistia num bilhete que permitia a circulação em Espanha e em Portugal e que era válido durante dois mil ou três mil quilómetros, conforme o bilhete adquirido.

³⁵⁰ *Id.*, *ibid.*, p.87.

³⁵¹ *Id.*, *ibid.*, pp. 92 e 93.

«Au début de l'été 1939 (...) J'ébauchais encore des projets de paix. Ce n'était pas le moment, comme nous en avions eu le dessein, d'utiliser les services de l'Intourist pour faire connaissance avec l'U.R.S.S. Mais si les choses s'arrangeaient, nous pourrions aller nous promener au Portugal.»³⁵²

Uma outra situação que se encontra em correlação directa com uma das imagens mais características de Portugal criadas por Beauvoir, é a da reflexão acerca da beleza das luzes das fábricas que se reflectiam no rio Sena. Com efeito, se compararmos o excerto que se segue com a discussão de Nadine e Henri a propósito da beleza das luzes de Lisboa que se reflectiam no rio Tejo, notamos uma analogia evidente entre as duas situações:

«Comme nous revenions, à la nuit, par une route qui surplombait la Seine, nous nous arrê tâmes à un point de vue d'où l'on découvrait, de l'autre côté du fleuve, les usines illuminées de Grand-Couronne; on aurait dit, sous le ciel noir, un grand feu d'artifice figé. «C'est beau», dit Pagniez. Sartre tordit le nez: «Ce sont des usines, où des types font du travail de nuit.» Pagniez soutint avec impatience que c'était tout de même beau; selon Sartre, il se prenait avec mauvaise foi à un mirage; travail fatigant, exploitation: où est la beauté? Je fus très frappée par cette discussion qui me laissa perplexe.»³⁵³

A autora confirma esta nossa associação, através de uma nota – «Elle a inspiré celle qui a eu lieu dans *Les Mandarins* entre Henri et Nadine, face aux lumières de Lisbonne»³⁵⁴ – que indica que ela se inspirou nesta discussão, que se passou na vida real, para a criação daquela que se passa, em Lisboa, entre Nadine e Henri.

Uma das últimas referências ao nosso país, diz respeito ao ano de 1939 e envolve a situação da irmã da escritora e de Lionel de Roulet. Segundo a autora, através de algumas cartas que trocavam pelo serviço postal da Cruz Vermelha, a irmã informava-a de que o estado de saúde de Lionel melhorara consideravelmente e de que ela própria havia encontrado uma ocupação de forma a conseguir a sua independência em Portugal. No entanto, às suas preocupações com o dinheiro, juntavam-se outras. Realmente, tal como Simone refere, havia algo que impedia a plena felicidade de Hélène em Portugal:

«Elle aurait été heureuse si elle ne s'était pas fait une idée romanesque des dangers que nous courrions. Nous essayions de la rassurer dans les cartes que nous lui envoyions; mais l'éloignement est propice à l'angoisse et de terribles visions la tourmentaient.»³⁵⁵

De facto, Hélène de Beauvoir ter-se-ia deleitado mais durante a sua estadia em terras lusitanas, se soubesse que a sua família gozava de boas condições de vida. A incerteza provocada

³⁵² *Id., ibid.*, p.383.

³⁵³ *Id., ibid.*, p.212.

³⁵⁴ *Id., ibid.*, p.212.

³⁵⁵ *Id., ibid.*, p.503.

pela Ocupação atormentava-a. Esta dificuldade de comunicação entre as duas irmãs é também uma das razões que poderá explicar a pouca informação relativa a Portugal contida nesta obra: o único meio de contacto de Beauvoir com Portugal era através das cartas de sua irmã e o funcionamento dos serviços postais era, muitas vezes, comprometido devido às contrariedades da guerra.

Apesar de serem escassas as menções ao nosso país, a verdade é que este texto autobiográfico marca o início do interesse da escritora por Portugal, ao mesmo tempo que revela algumas das ideias que ela tinha sobre o país. Assim, podemos concluir, que, de uma forma dispersa, Portugal vai-se revelando, pouco a pouco, através da leitura desta obra.

5.3. La Force des choses

La Force des choses apresenta-se como a continuação da autobiografia de Beauvoir. Nesta obra, a escritora pretendeu transmitir uma parte essencial da sua vivência: a Ocupação e a Libertação da França, as viagens, a celebridade, a escrita, as suas paixões e amizades, etc. De facto, os dezoito anos que podemos percorrer ao longo desta sua obra são ricos em experiências e em revelações intelectuais. No final deste texto autobiográfico, ficamos, no entanto, com a sensação de que algo falhou. O promitente futuro que se vislumbrava para Beauvoir parecia ter-se esvanecido perante o fracasso colectivo da humanidade.

Com esta obra, a escritora pretendia esclarecer alguns mal entendidos causados pela excessiva exposição mediática que teve que suportar após a Libertação, bem como explicar alguns dos problemas revelados através das suas obras literárias. Apesar desta fase da sua vida ser bastante conhecida do público em geral, a autora considerava que se havia focalizado, sobretudo, a sua relação com Sartre e que tinham sido esquecidos muitos outros aspectos que urgia revelar de forma verdadeira.

Para resumir este período da vida da autora, basta recorrer às suas próprias palavras presentes no prefácio da obra:

«Dans cette période dont je vais parler, il s'agissait de me réaliser et non plus de me former; visages, livres, films, des rencontres que j'ai faites, importantes dans leur ensemble, presque aucune ne me fut essentielle: lorsque je les évoque, ce sont souvent les caprices de ma mémoire qui président à mon choix, il n'implique pas nécessairement un jugement de valeur ».³⁵⁶

Assim, ao longo das páginas deste livro, compreendemos a verdadeira importância para a autora dos acontecimentos retratados e a forma como ela resolveu abordá-los. Na verdade, ela revela-se pouco preocupada com o equilíbrio desta obra, pois o seu objectivo é, uma vez mais, a sua vida «qui essaie de se dire et non de servir de prétexte à des élégances.»³⁵⁷

Desta forma, podemos esperar deste livro, ao abrir pela primeira vez o seu grosso volume de páginas, uma escrita sincera e honesta, o que, aliás, é característico em Beauvoir. Talvez por esta razão, a autora reitere a sua preocupação em se manter fiel à sua tradição de veracidade e honestidade – afinal, esta foi sempre a sua imagem de marca – e peça, por isso mesmo, desculpa aos leitores por quaisquer lapsos que lhe possam ter escapado. E justifica-os através do facto de que

³⁵⁶ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, Paris, Gallimard, 1963, pp. 7 e 8.

³⁵⁷ *Id.*, *ibid.*, p.8.

as suas memórias são isso mesmo: memórias que podem ter sido esvanecidas ou até corrompidas pelo tempo.

Esta autobiografia começa com a Libertação da França e com a consequente euforia e alegria do povo francês; vai desenrolar-se ao longo de um largo espaço físico e temporal, abrangendo uma enorme multiplicidade de temas. Podemos então concluir que se trata de uma obra multifacetada e rica do ponto de vista temático. Assim, neste livro, o relato inicia-se, a nível temporal, em 1944, aquando da Libertação francesa. Os sentimentos de alegria, felicidade e emoção envolviam todos os franceses numa aura de heroísmo romântico. Beauvoir estava ciente do privilégio que era ser um intelectual francês naquela altura. A França era, uma vez mais, o símbolo da vitória dos ideais democráticos sobre a opressão fascista e a questão da colaboração era relegada, aos olhos do mundo, para segundo plano. Os verdadeiros franceses eram os *maquisards* e não os *collabos*. Esta visão da França e, por alargamento, de si mesma, condicionou a forma como a romancista encarou Portugal. De facto, desde o início da obra que assistimos ao olhar idealista que a autora pousava sobre a situação do nosso país:

«Pour moi, dans le laisser-aller des jeunes Américains, c'était la liberté même qui s'incarnait: la nôtre et celle – nous n'en doutions pas – qu'ils allaient répandre sur le monde. Hitler et Mussolini abattus, Franco et Salazar chassés, l'Europe se nettoierait définitivement du fascisme.»³⁵⁸

Assim, a forma como Beauvoir encarava Portugal é, desde logo, marcada pelo optimismo em relação à realidade estrangeira observada: a escritora acreditava que, com o fim da guerra, Portugal ver-se-ia livre de Salazar. Este pensamento indica não só um pensamento positivo da autora, uma esperança para o futuro, mas transmite também um juízo de valor acerca do regime político português. Simone de Beauvoir condena o regime salazarista e refere-se a ele num tom de certa superioridade.

Tal como a França se tinha libertado da imagem da pobre nação oprimida para se elevar ao estatuto de uma nação vencedora, também Portugal poderia ver-se livre de Salazar e do regime ditatorial. De facto, para Beauvoir, o verdadeiro herói desta vitória havia sido o povo francês que demonstrara uma grande coragem e bravura face ao inimigo. E, apesar de acusados, por alguns, do seu fraco papel na Resistência francesa, a verdade é que tanto Sartre, como Beauvoir construiriam, a nosso ver, uma imagem de intelectual *engagé* na luta pela liberdade da sua nação. Por outro lado, o estatuto de intelectual francês resistente abria imensas possibilidades no horizonte, que incluíam, muitas vezes, por exemplo, a viagem a variados locais enquanto símbolo vivo do espírito francês:

«Avoir vingt ou vingt quatre ans en septembre 44, cela paraissait une énorme chance: tous les chemins s'ouvraient. Journalistes, écrivains,

³⁵⁸ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.14.

cinéastes en herbe, discutaient, projetaient, décidaient avec passion, comme si leur avenir n'eût dépendu que d'eux. Leur gaieté fortifiait la mienne.»³⁵⁹

Foi precisamente na condição de escritora, jornalista e representante dos intelectuais franceses que Beauvoir veio a Portugal, um país que parecia ter sido poupado às iniquidades da guerra. No que diz respeito à França, a situação tinha piorado bastante: os transportes estavam completamente desorganizados, faltava carvão, gaz e electricidade, que se traduzia na falta de calor e no desconforto da vida da população francesa, ainda escasseavam alguns géneros alimentares e ainda não se encontrava, em Paris, certos produtos, ditos de luxo. Beauvoir sentia esta falta de produtos e tentava superá-la da melhor forma possível: refugiava-se, para trabalhar, nos cafés onde o aquecimento ainda funcionava; abastecia-se, sempre que possível, no mercado negro e comprava roupa em segunda mão. Como a falta de Sartre a votava à solidão e as primeiras marcas do envelhecimento começavam a aparecer, a escritora adoptou uma atitude um pouco desleixada e a sua aparência não merecia grandes atenções no seu dia a dia.

Nesta obra, ao contrário da anterior (*La Force de l'âge*), o episódio português ocupa uma extensão razoável. No entanto, comparando o texto de *Les Mandarins* com o de *La Force des choses* verificamos que o retrato de Portugal é muito semelhante nas duas obras. De facto, à semelhança d'*Os Mandarins*, em que Portugal aparece referenciado desde a primeira página, também no início d'*A Força das coisas* encontramos referências ao nosso país. Assim, logo no dealbar desta obra, a autora explica os motivos que a conduziram a terras lusas:

«Moi aussi, j'eus ma chance. Ma sœur avait épousé Lionel qui était maintenant attaché à l'Institut français de Lisbonne; il dirigeait une revue franco-portugaise, Affinidades. Il m'invita, au nom de l'Institut, à venir faire au Portugal des conférences sur l'occupation. Je me précipitais dans les bureaux des Relations culturelles et je demandais un ordre de mission. Je dus solliciter un grand nombre de gens; mais tous me faisaient des promesses et je me consumait d'espoir.»³⁶⁰

Escusado será chamar a atenção para as formas como se revela, através do discurso da autora, a emoção e a ansiedade com que ela encarava esta sua viagem. Assim, a vinte e sete de fevereiro, de noite, Beauvoir subia a bordo do comboio munida de alguns «escudos» e de uma ordem de missão. A chegada a Hendaia foi marcada pelo azul do céu, que anunciava mil e uma promessas de felicidade. A autora saiu do comboio e aguardou, pacientemente a ordem do comandante militar que lhe permitiria voltar a pisar o solo espanhol.

A descrição que se segue é em tudo idêntica à de *Les Mandarins*: a caminhada de dois quilómetros a pé até Irun, a vendedora que vendia bananas, laranjas e chocolates, a revolta e o

³⁵⁹ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.19.

³⁶⁰ *Id.*, *ibid.*, p.29.

desejo de Beauvoir (no romance trata-se de Nadine) face a estas iguarias, as marcas da guerra civil que tivera lugar em Espanha, etc.

Em Madrid, os sentimentos da autora tornaram-se ambíguos. A melancolia apoderou-se dela ao constatar que, contrariamente à sua nação, nesta cidade espanhola tudo continuava como se os anos negros da guerra não tivessem passado por lá. Só quando via as casas destruídas, provavelmente durante o desenrolar dos confrontos civis, é que a autora sentia um ambiente de normalidade. Por outro lado, se era verdade que o passado lhe vinha à memória, era também verdade que a sua maneira de perspectivar o mundo havia mudado; perante a mesma realidade, havia algo que lhe parecia diferente:

«(...) il y avait sur la place Gran Via les mêmes odeurs d'huile chaude, mais mes yeux avaient changé; l'abondance, invisible, jadis, me semblait toute neuve et m'éblouissait. De la soie, de la laine, du cuir, des victuailles! Je marchais à perdre le souffle, et tout en marchant je mangeais; je m'asseyais et je mangeais: des raisins secs, des brioches, des gambas, des olives, des gâteaux, des oeufs frites, du chocolat à la crème; je buvais du vin, du vrai café. A travers les rues populeuses du vieux Madrid, à travers les beaux quartiers, je regardais tous ces passants pour qui la dramatique histoire que je venais de vivre n'avait été qu'une rumeur.»³⁶¹

Como podemos constatar, encontramos neste excerto, uma grande semelhança entre o comportamento da autora e o da personagem por ela criada em *Les Mandarins*, Nadine Dubreuilh: o espanto perante a quantidade de produtos luxuosos, o desejo insaciável de tudo ver e tudo experimentar, e a mesma sensação de revolta face à suposta indiferença com que a península Ibérica tinha acompanhado a Segunda Guerra Mundial.

Em Espanha, tal como aconteceria em Portugal, a autora ficou surpreendida com a displicência com que uma grande parte da população e o próprio regime político encarava o fascismo e o recém-tombado regime alemão. A crítica a Franco não se fazia tardar e eis que Beauvoir dá uma visão acerba do ditador, sem dúvida, conduzida pelos seus ideais de esquerda.

No que diz respeito a Portugal, a chegada a Lisboa é retratada de uma forma simples e directa, bem ao gosto da autora:

«A Lisbonne, je trouvai sur le quai de la gare, ma sœur et Lionel; en taxi, à pied, debout, assis, dans les rues, au restaurant, dans leur appartement, nous avons parlé jusqu'à ce que le sommeil nous emportât. La gaieté de cette arrivé, je l'ai décrite dans *Les Mandarins*.»³⁶²

Tal como em Madrid, o luxo das lojas e a beleza da cidade foram as primeiras impressões retidas. Na descrição feita do cocktail dado pelo Instituto Francês em sua honra, Beauvoir reiterava

³⁶¹ *Id., ibid.*

³⁶² *Id., ibid.*, p.37.

a ideia – que aparece também em *Les Mandarins* –, de que esta recepção foi, sobretudo, dominada pela conversa com um grupo de intelectuais adversários do regime, que alertaram a escritora para a verdadeira razão da melancolia do povo português:

«Sur sept millions de Portugais, il y en a soixante-dix mille qui mangent leur saoul: les gens sont tristes parce qu'ils ont faim.»³⁶³

Após a sua estadia em Lisboa, Beauvoir relatou o seu itinerário de viagem em Portugal e descreveu as belezas que viu no nosso país. A sua irmã e Lionel de Roulet foram os constantes anfitriões desta viagem. Foi o casal que a levou a ouvir os «fados» e a ver as corridas de touros à portuguesa, que a levou a visitar os jardins de Cintra, «parmi les camélias et les fougères arborescentes»³⁶⁴ e que a acompanhou no seu passeio pelo Algarve: «une terre aux couleurs africaines, fleurie de mimosas et hérissé d'agaves, des falaises abruptes heurtant un océan qu'apaisait la douceur du ciel, des villages crépis de blanc, des églises, d'un baroque plus mesuré que celui d'Espagne».³⁶⁵

Uma das características por que Portugal é conhecido é, de facto, pelos seus monumentos barrocos³⁶⁶, especialmente no que diz respeito às igrejas e essa é uma das anotações feitas por Beauvoir na sua obra. Aliás, essa característica é repetida, quando a autora reflecte sobre as igrejas que encontrou no Brasil:

«Les Hollandais chassés, des artistes portugais y bâtirent des églises sobrement baroques: à travers la molle odeur des répliques, je retrouvais les escaliers, les portails, les façades qui m'avaient touchée sur la sèche terre portugaise.»³⁶⁷

O vestuário é um outro aspecto dos costumes portugueses que Beauvoir descreve de uma forma pitoresca:

«Sur les routes, je croisais des paysans qui portaient des culottes en peau de mouton et sur l'épaule une couverture bariolée; les femmes étaient vêtues de robes éclatantes; sur le fichu, noué au-dessous du menton, elles posaient de larges sombreros; beaucoup tenaient une jarre en équilibre sur leurs têtes ou bien appuyée à leur flanc. J'apercevais de loin des groupes d'hommes et de femmes penchés sur le sol qu'ils sarclaient d'un même mouvement rythmé: rouges, bleus, jaunes, orange, leurs coutumes brillaient au soleil.»³⁶⁸

³⁶³ *Id.*, *ibid.*.

³⁶⁴ *Id.*, *ibid.*.

³⁶⁵ *Id.*, *ibid.*, p.38.

³⁶⁶ Lembremo-nos, por exemplo, da igreja e da torre dos Clérigos, no Porto, da igreja do Bom Jesus, em Braga, do Solar de Mateus, em Vila Real, ou da igreja de Santa Engrácia, em Lisboa.

³⁶⁷ *Id.*, *ibid.*, p.537.

³⁶⁸ *Id.*, *ibid.*, p.38.

Apesar desta diversidade de cores também aparecer em *Les Mandarins*, a verdade é que aí, as cores dominantes, no que dizia respeito à população, eram o cinzento e o negro. Para além disso, em *La Force des choses*, não são só as cores da natureza que são fortes e brilhantes, mas também as do vestuário da população. Este facto pode ser explicado se tivermos em conta que a intenção destas duas obras – *La Force des choses* e *Les Mandarins* – é diferente: enquanto que a primeira pretende ser apenas o relato das memórias da autora; a segunda serve um outro propósito e a representação que aí é criada acerca de Portugal está de acordo com a mensagem da obra. A crítica política e social são, aí, mais evidentes, por isso, os detalhes pitorescos acerca da realidade portuguesa são relegados para segundo plano.

No entanto, também nesta obra autobiográfica, encontramos referências à miserável situação económica e social em que vivia o povo português. Por debaixo dos tecidos coloridos, Beauvoir, sabia esconder-se a fome. À semelhança da forma como a autora descreveria, mais tarde, os índios das reservas americanas³⁶⁹, também os portugueses «allaient pieds nus, le visage fermé, et dans les bourgades faussement pimpantes, je remarquai leurs regards hébétés; sous l'écrasant soleil, un désespoir sauvage les brûlait.»³⁷⁰

Esta miséria da população fazia-se sentir com mais força na dita capital do norte: a cidade do Porto, que Beauvoir dizia ser a cidade vermelha. De facto, apesar de ter chegado à cidade de noite, foi a sua visão matinal que conferiu este apelido à cidade: de manhã, o nevoeiro vindo do rio associava-se ao nascer do sol, conferindo-lhe uma aura avermelhada e quente.

Esta cidade é a que mais sofre com a mudança de registo efectuada entre *La force des choses* e o romance *Les Mandarins*. As anotações positivas e, quase poéticas, da autora em relação a ela, desaparecem por completo, dando lugar a uma série de imagens reveladoras da miséria e da parte mais feia do Porto. Com efeito, na presente obra autobiográfica, estas duas realidades aparecem justapostas, como que a evidenciar o contraste que jazia nas profundidades da sociedade portuguesa:

«Le soir Porto scintillait; elle était rouge et belle, au matin, sous le tiède brouillard blanc qui montait du Douro; mais j'eus vite fait de découvrir la crasse humide des «îlots insalubres» grouillants d'enfants scrofuleux; des petites filles en haillons fouillaient avidement des poubelles. Je ne m'appliquais pas au dégoût ni à la compassion; je buvais du *vinho verde*, de l'eau-de-vie d'arboise, je me perdais dans la gaieté de mon sang et du ciel; nous regardions le soir s'allumer les phares tandis que l'Océan mangeait lentement le soleil incandescent.»³⁷¹

³⁶⁹ Nesta mesma obra (*La Force des choses*, p.174), Beauvoir diz o seguinte acerca dos índios mexicanos: «Les Indiens, 67% de la population, n'étaient libres que depuis douze ans: avant 36, sous prétexte de dettes à rembourser, ils étaient astreints au travail forcé; ils vivaient dans la misère sans espoir et il me sembla qu'ils la subissent avec une inertie hébété.»

³⁷⁰ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.38.

³⁷¹ *Id.*, *ibid.*

É assim que, ao longo de todo o episódio português contido neste livro, encontramos estas duas faces da mesma moeda que é Portugal: lado a lado, aparecem descritas as belezas do país e a fealdade da pobreza da sua população. Em Braga (onde decorriam, aquando da visita de Beauvoir, as festas da cidade), bem como no Minho, em Viana do Castelo, ou em Nazaré, encontramos o pitoresco associado à tristeza e à fome dos mais desprotegidos; duas realidades que coexistiam graças à indiferença da burguesia.

No que diz respeito à forma como foi recebida enquanto membro do Comité Nacional dos Escritores franceses, Beauvoir descreve uma recepção bem diferente daquela que nos é dada a conhecer, quer através de *Les Mandarins*, quer através do relato da sua irmã, Hélène, em *Souvenirs*. Enquanto que, nestas últimas obras, o leitor fica com a ideia de que muitos dos encontros, recepções e “cocktails” dados em honra da autora, bem como as reuniões com os dissidentes portugueses, eram encarados com algum enfado, em *La Force des choses*, é descrita a simpatia que a autora sentia aquando desses encontros. E, se a escritora revela algum desconforto, fá-lo unicamente ao referir a distância que existia entre a realidade que relatava aquando das suas conferências e os pensamentos de uma grande parte da sua assistência, favorável ao fascismo e simpatizante dos ideais germânicos. É nesse sentido que se entendem estas suas palavras:

«Pendant la guerre, le Portugal avait accordé toutes ses sympathies et certains appuis à l'Allemagne ; Hitler vaincu, il se rapprochaient de la France et c'est ainsi qu'il avait autorisé l'Institut français à patronner cette tournée. J'avais enseigné, parler ne m'effrayait pas; mais il y avait une distance qui parfois me décourageait entre l'expérience que j'évoquais et mon public; il venait m'écouter par désœuvrement, par snobisme et souvent par malveillance, beaucoup d'auditeurs gardant au fascisme toute leur affection (...).»³⁷²

De facto, Simone de Beauvoir diz mais à frente na mesma obra:

«Tout de même, le côté officiel de ce voyage me pèse. Pour me donner à la beauté des villes, aux richesses des musées, j'avais besoin de solitude: par gentillesse, on ne m'en accordait pas une miette. Une ou deux fois je me révoltai; plus souvent, je rusai.»³⁷³

Na realidade, apesar de acreditarmos que Beauvoir se tenha sentido acarinhada pelo público português e, por essa razão, não lamentasse as cerimónias, mais ou menos oficiosas, a que tinha de comparecer, não nos parece descabido fazer aqui uma ressalva ao facto destas obrigações a terem, por vezes, incomodado. Até porque, tal como diz Nadine em *Les Mandarins*, era tempo perdido que poderia ser melhor aproveitado, por exemplo, desfrutando da maravilhosa paisagem que o país tinha para oferecer.

³⁷² *Id.*, *ibid.*, p.39.

³⁷³ *Id.*, *ibid.*, p.132.

Apesar de transmitir uma imagem benéfica das suas obrigações sociais e profissionais no nosso país, Beauvoir explica as razões que estiveram na origem de algum mal-estar que lhe causaram as suas conferências. Essas razões estavam directamente relacionadas com a diferença de convicções político-sociais que existia entre ela e uma parte da assistência. De facto, às vezes, o público chegava a duvidar daquilo que dizia Simone de Beauvoir. É o que nos revela a escritora neste seu relato:

«à V. [Viana] la salle fut de glace; les camps, les exécutions, les tortures, personne ne voulait y croire; l'agent consulaire me dit, lorsque je me levai: «Eh bien! je vous remercie d'avoir raconté ces choses qu'on ignorai complètement»; et il souligna avec ironie ce dernier mot. Les francophiles, cependant, substituaient à mes récits des épopées (...) Paris avait souffert plus et moins qu'on ne l'imaginait ici; il avait été moins complaisant et moins héroïque, toutes les questions qu'on me posait tombait à faux.»³⁷⁴

Assim, como podemos concluir, o povo português era, na sua grande maioria, desconhecedor da cruel realidade francesa durante a Segunda Guerra Mundial e, ora exagerava desmesuradamente o discurso de Beauvoir, ora coarctava-lhe o seu devido valor.

Chegada a altura da partida, Beauvoir levava consigo «cinquante Kilos de victuailles»³⁷⁵. A descrição dos produtos que compunham este *saque* é igual à dos produtos que Nadine e Perron, em *Les Mandarins*, levaram para França, após a estadia em Portugal.

Em França, os artigos da autora que apareceram em *Combat*, sob o pseudónimo Secrétan, causaram muitas controvérsias e foram cancelados devidos a pressões políticas por parte dos serviços de propaganda de Salazar. No entanto, segundo a escritora, um grande número de portugueses escreveu-lhe a felicitá-la pela sua coragem.

Posteriormente, as controvérsias originadas e relatadas pela autora diziam respeito ao romance *Os Mandarins* (interdito em Portugal) que causou vivas reacções, especialmente após ter sido coroado pelo júri *Goncourt*. Assim, segundo ela, a embaixada portuguesa transmitiu-lhe o seu descontentamento devido à forma como tinha representado Portugal e, em especial, devido às críticas que aí fazia a Salazar:

«L'ambassade du Portugal me fit connaître son déplaisir, mais des étudiants de Lisbonne et de Coïmbre me remercièrent.»³⁷⁶

A publicação de *Os Mandarins* (1954) representava um ataque ao regime de Salazar. As relações entre o nosso país e a autora, de frias passaram a não-existentes e só foram reacendidas

³⁷⁴ *Id., ibid.*, p.39.

³⁷⁵ *Id., ibid.*, p.40.

³⁷⁶ *Id., ibid.*, p.338.

após o 25 de Abril. Em *La Force des choses*, Simone de Beauvoir teceu ainda uma última crítica à política portuguesa, desta vez, referente à forma como eram tratadas as colónias:

«Partisan de la violence, elle lui faisait horreur; ses traits s'altéraient quand il évoquait les mutilations infligées par les Belges aux Congolais, par les Portugais aux Angolais – les lèvres percées et cadenassées, les visages aplatis à coups de *palmatorio*(...).»³⁷⁷

Como veremos a seguir, o olhar que Beauvoir pousava sobre Portugal, só mudou quando o próprio país mudou. Ou seja, após a *revolução pacífica*, como lhe chamaram os franceses, após o fim das torturas e dos excessos de poder; quando o povo entendeu que era necessário sair da realidade hebetante em que vivia, aí, sim, os ideais portugueses aproximaram-se dos de Beauvoir e de Sartre. Finalmente, a perspectiva sob a qual, a autora encarava o país, sofreu algumas modificações

³⁷⁷ *Id., ibid.*, p.622.

5.3. *La Cérémonie des adieux*

Em 1981, Simone de Beauvoir escreveu um doloroso relato dos últimos anos de Sartre. Muitos filósofos e críticos literários acusaram-na de *viver à sombra* de Sartre, desprovido-a do valor e das honras que lhe eram devidas. Na verdade, ao contrário do que poderiam dizer os seus críticos, Beauvoir era uma mulher corajosa e íntegra, que viveu de acordo com a sua própria convicção de que o homem e a mulher estavam no mesmo nível de igualdade e de que as opções de vida deveriam ser tomadas de acordo com a consciência de cada um, independentemente da sua sexualidade.

A obra, *La Cérémonie des adieux*, que urge agora analisar, situa-se no fim da sua vida e constitui as suas últimas memórias de Sartre. Este *adeus a Sartre* foi encarado pela crítica de uma forma variada: muitos analisaram-no como uma tentativa de interpretar o companheiro sob a sua própria visão filosófica. De facto, a forma como Beauvoir encarava a filosofia existencialista nem sempre se coadunava com a de Sartre, mas não cremos que essa tenha sido a sua intenção. Na nossa perspectiva, é a relação destes dois filósofos e a melancolia de Beauvoir causada pela partida do seu companheiro que se revela ao longo da obra.

Cinco anos mais tarde, seria a vez de Simone partir: a autora morreu a 14 de Abril de 1986 e foi enterrada na mesma campa de Sartre.

Visto que esta obra é o resumo das actividades de Sartre durante os últimos anos da sua vida, é natural que a sua autora tivesse condensado as informações, retendo apenas o essencial.

Assim, no que diz respeito a Portugal, Beauvoir refere apenas dois casos: o primeiro envolve o contacto de Sartre com a imigração portuguesa e as más condições de trabalho que esta era obrigada a suportar. Também em *La Force des choses*³⁷⁸, Simone de Beauvoir se havia referido a alguns portugueses que viviam em França, embora, na maior parte dos casos, se tratasse de uma anotação esporádica que se cingia à indicação de um nome português ou latino.

Mas, a verdadeira referência ao Portugal pós-revolução de 25 de Abril encontra-se nas páginas 107 e 108 deste livro. Em poucas linhas, assistimos a uma breve descrição da passagem de Simone e Sartre por Portugal:

«Du 23 mars au 16 avril, nous avons été au Portugal, où avait eu lieu un an plus tôt, le 25 avril 74, ce qu'on a appelé «la révolution des oeilletons». Après cinquante ans de fascisme, des officiers – écœurés entre autres choses par la guerre d'Angola – s'étaient révoltés. Mais il ne s'agissait pas

³⁷⁸ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.43.

seulement d'un coup d'État militaire: c'était le peuple tout entier qui s'était réveillé et qui soutenait le M.F.A. (Mouvement des forces armées). Sartre avait envie de connaître de plus près cet événement singulier. Au départ, il s'inquiétait: «Est-ce que je verrai Lisbonne?» Mais il a tout de suite oublié ce souci. Nous logions dans un hôtel central, très bruyant, près d'un vaste marché en plein air. Il faisait beau, mais il soufflait un vent violent et nous ne pouvions pas nous attarder sur les grands balcons attendant à nos chambres; nous marchions dans les rues où déambulait une foule joyeuse, nous nous asseyions aux terrasses du Rossio. Pour Sartre, il s'agissait surtout d'un voyage d'information.»³⁷⁹

Assim, um ano decorrido após a Revolução dos Cravos, os dois filósofos chegavam ao nosso país.

Como podemos constatar, Beauvoir apresentou, de forma breve e lacónica, as razões que levaram os militares ao golpe de estado e sublinhou a importância da adesão em massa do povo a esta revolução.

De novo em Portugal, o casal instalou-se no Hotel Mundial e passeou-se pelas ruas de Lisboa, mas como esta era sobretudo uma viagem de esclarecimento, o casal não perdeu muito tempo com preocupações turísticas. A principal intenção de Sartre era recolher informação e compreender como se tinha processado a revolução. Acompanhado de Pierre Victor e, às vezes, de Serge July (director do jornal *Libération*), empreendeu diversos encontros e conversações com membros do M.F.A e do Partido Comunista. Realizou uma série de conferências e participou numa reunião de escritores que se questionavam sobre o papel que lhes estava destinado nesta nova realidade.

Apesar de sabermos que Beauvoir também realizou conferências em Portugal, nomeadamente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a autora não o referiu nesta obra. Apenas diz que no jornal *Libération* apareceram uma série de artigos sobre Portugal nos quais colaborou. No entanto, numa entrevista³⁸⁰ concedida a Arnaldo Saraiva ao jornal *Árvore, Boletim Cultural*, propriedade da Cooperativa com o mesmo nome, Sartre havia dito que, para além dos artigos de *Libération*, *Les Temps Modernes* iriam consagrar um número especial a Portugal. Contudo, este facto não é referido por Beauvoir.

Em conclusão, apesar de em 1975 Beauvoir encontrar, em Portugal, um país em conformidade com os seus ideais político-sociais, a verdade é que esta sua visita não teve repercussões no seu projecto de escrita. Provavelmente por razões exteriores a Portugal e de ordem pessoal (basta que recordemos que Beauvoir tinha já perto de 70 anos quando nos visitou em 1975 e que após esta obra não mais se embrenhou numa obra de extensa dimensão), Beauvoir não chegou a rectificar a representação que tinha construído acerca de Portugal. No entanto, da união

³⁷⁹ Simone de Beauvoir, *La cérémonie des adieux*, pp.107 e 108.

³⁸⁰ «Declarações de Sartre» in *Árvore, Boletim Cultural*, n.º1, Maio de 1975, pp.1 e2.

de tudo o que disse e escreveu sobre o nosso país, podemos retirar algumas conclusões sobre a forma como a autora encarou Portugal. São essas conclusões que apresentamos a seguir.

Conclusão

Simone de Beauvoir é simultaneamente um nome individual e uma voz que se embrenhou na luta altruísta pela melhoria dos mais elementares direitos humanos. Conhecida pela sua luta social e política – defesa dos direitos da mulher, dos operários e da classe trabalhadora em geral, luta pela independência das colónias, etc. – deixou também um monumento literário pessoal revelador da sua autora e da época marcante durante a qual viveu.

Desde cedo que Beauvoir pretendeu alcançar o sucesso e a realização pessoal e profissional através da escrita e, a pouco e pouco, foi emergindo dos domínios do comum dos mortais para ascender aos píncaros da glória: a *transcendência* tão desejada e advogada foi realmente atingida e ela é, hoje em dia, um ícone da literatura do séc. XX.

Apesar dos indícios de sucesso que cedo se manifestaram com a publicação das primeiras obras, Beauvoir teve de esperar pela idade adulta e pelo seu *Goncourt* para se elevar ao estatuto de escritora canónica. Mau grado a sua glória literária ter sido alcançada tardiamente, o interesse pela vida pessoal da romancista já há muito que se tinha revelado, em especial aquando da edição de *O Segundo sexo*, tornando-a num símbolo feminista e de *femme engagée*.

Em Portugal, a escritora sofreu a demora do reconhecimento, devido, em grande parte, à repressão do regime político da altura que não permitia que as obras *subversivas* da autora chegassem ao público português³⁸¹.

Embora a sua primeira visita tenha merecido algum destaque na imprensa portuguesa, a sua estadia em Portugal não parece ter sido muito relevante para o seu efectivo conhecimento. A sua segunda visita foi bastante publicitada, facto para o qual contribuiu a mediática figura de Sartre e o espírito revolucionário da sociedade portuguesa da altura (1975). No entanto, a sua presença entre nós foi ofuscada pela do célebre filósofo.

O propósito que norteou este trabalho foi, assim, trazer à superfície estas duas visitas de Beauvoir ao nosso país e tentar lançar alguma luz sobre a forma como a romancista se relacionou com Portugal e vice-versa, nomeadamente, esclarecendo quais as razões que contribuíram para a imagem do país veiculada através da sua escrita (literária e jornalística).

A análise da atenção dada pela imprensa à presença de Beauvoir no nosso país e às suas obras literárias tornou-se, por esta razão, premente para o entendimento da visão que o público em geral tinha da escritora. Por outro lado, os artigos de jornais e revistas literárias ajudaram-nos a traçar o itinerário da autora em Portugal e forneceram informações vitais quanto à forma como se processou a sua estadia entre nós. Infelizmente, a consulta das publicações periódicas nem sempre foi uma tarefa fácil: para além de demorada, revelou-se, não raras vezes, infrutífera; quer porque as publicações não estavam disponíveis para consulta, quer porque, simplesmente, não continham quaisquer informações relevantes para o nosso estudo. Para além da imprensa periódica, também a rádio e a televisão³⁸², pelo que nos apercebemos, registaram e divulgaram as visitas de Beauvoir e o nosso país recebeu-a com as honras que lhe eram devidas.

Em primeiro lugar, pareceu-nos necessário esclarecer alguns pontos relativos à personalidade da escritora que condicionaram a forma como ela viu Portugal: o *engagement*, o humanismo, a sua consciência social e, por último, o feminismo. Só compreendendo estas facetas da sua personalidade poderemos perceber os móveis que levaram à sua atitude denunciadora da realidade portuguesa. Assim, ao mesmo tempo que elogia as paisagens portuguesas, a simplicidade e a ingenuidade do povo, a autora critica o fosso intransponível entre as classes altas e as baixas, a hipocrisia e a dissimulação reinantes em sociedade, a profunda miséria em que vivia a maior parte da população, o machismo e a mentalidade retrógrada dos portugueses em geral, a falta de liberdade e de expressão, a repressão política, etc.

³⁸¹ Não esqueçamos que Portugal foi um dos países nos quais a obra de Beauvoir, *Les Mandarins*, foi proibida na altura da sua publicação.

³⁸² Apesar dos contactos e esforços realizados para obter acesso aos programas que a RDP (em 1945) e que a RTP (em 1975) difundiram sobre a escritora, abandonámos essa tentativa perante o orçamento exorbitante apresentado.

Só assim se entendem as razões que levaram à divulgação da *imagem* pouco favorável de Portugal criada pela autora. Na verdade, ao contrário de muitos outros intelectuais e escritores franceses que haviam visitado o nosso país, Beauvoir constituiu uma excepção no que diz respeito à expressão dos contrastes portugueses e dos problemas socio-económicos daí decorrentes. Tal como indica Pageaux:

«O quotidiano já não é aqui utilizado como espectáculo descrito em pormenor (a comida, o fado, os pregões, etc.): torna-se objecto duma interrogação implicando evidentemente uma opção política que comanda o texto, embora ela não seja imediatamente visível; implicando também uma experiência directa, que Simone de Beauvoir retoma nas suas primeiras páginas de *La Force des choses* (...)

Um Portugal problemático, meio sonho, meio pesadelo, é assim objecto de meditação, proporcionando uma inevitável tomada de consciência.»³⁸³

É esta imagem de Portugal que encontramos ao longo da sua escrita, quer se trate da sua escrita autobiográfica, jornalística ou do seu romance *Les Mandarins*.

De facto, tudo o que diz respeito a Beauvoir está intimamente ligado ao seu projecto de escrita, pois a própria autora não era capaz de separar a sua existência do seu amor pelas letras: «sans elle je me sentirais mortellement injustifié»³⁸⁴. Para ela, como vimos ao longo deste trabalho, a escrita é algo que dá sentido à sua vida e que a acompanha, *pari passu*, contribuindo para a evolução da própria escritora.

Assim, da mesma forma que Beauvoir foi amadurecendo ao longo do tempo, também a sua escrita vai evoluindo, tornando-se mais rica, mais em conformidade com a mutabilidade do mundo. Assim, como diz Madeleine Descubes:

«L'événement capital pour la transformation de sa personnalité, qui fut la découverte de l'importance primordiale du social, et donc du *politique* pour le social, ne pouvait qu'infléchir sa littérature vers une nouvelle facture où viennent se concilier le point de vue qui précédemment prévalait avec une plus grande part faite au réalisme et à l'objectivité. *Les Mandarins* marquent en ce sens un éclatement de la masse littéraire: la prise de conscience par les personnages de leur subjectivité y est mise en arrière-plan, tandis que le fait qu'ils existent ou tentent d'exister est plus étroitement imbriqué dans les conditions qui les déterminent ... et la part d'aléatoire qui fait jusqu'au bout la précarité de l'action.»³⁸⁵

A estadia da autora em Portugal teve alguma influência nesta evolução e, concomitantemente, foi esta mudança na forma como ela encarava a tarefa literária que contribuiu para a desmistificação da imagem de Portugal no estrangeiro.

³⁸³ Daniel-Henri Pageaux, *Imagens de Portugal na cultura francesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1984, p.110.

³⁸⁴ Simone de Beauvoir, *La Force des choses*, p.679.

³⁸⁵ Madeleine Descubes, *Connaître Simone de Beauvoir*, Paris, Resma, Collection « connaissance du présent », 1974, p.141.

A verdade é que, quando Simone de Beauvoir esteve, pela primeira vez entre nós, possuía já consciência da importância do papel dos intelectuais na sociedade. Para ela, o escritor era um ser humano e, como tal, estava inserido no seio de uma sociedade, logo, tinha responsabilidades para com ela. Se os seus escritos participavam na sua modificação, o escritor era responsável por essa mudança. Segundo esta perspectiva, torna-se mais fácil compreender a atitude da autora face ao que viu em Portugal e à forma como o retratou.

Apesar de muitos críticos poderem apressadamente menosprezar a atenção dada pela autora à realidade portuguesa na sua obra, podemos concluir que, apesar dos episódios portugueses não serem extensos, tiveram algum impacto não só em Portugal, mas também em todo o mundo. Pois os leitores de Beauvoir, espalhados pelo mundo inteiro, ficaram, deste modo, a conhecer um pouco melhor a realidade portuguesa.

Certamente que muito mais haveria para dizer acerca da relação da autora com Portugal, mas, conscientes das limitações que forçosamente se impunham a um trabalho deste tipo, consideramos ser praticamente impossível, dado o tempo e as condições de que dispúnhamos, proceder a uma análise exaustiva do tema. No que diz respeito à recepção de Beauvoir, por exemplo, consideramos ter fornecido algumas pistas que poderão, noutros trabalhos, serem aprofundadas.

Preocupámo-nos, antes de mais, em fazer um trabalho que fosse válido e útil para o esclarecimento da relação que se estabeleceu entre Simone de Beauvoir e Portugal. E consideramos que o facto de, durante os anos negros subsequentes à Segunda Guerra Mundial, a escritora, mesmo estando envolvida em campanhas e projectos diversificados, tenha tido o tempo e a preocupação de denunciar o caso de Portugal e de tentar contribuir para a melhoria da situação do país, justifica, por si só, a vontade de compreender a forma como se processou a sua aproximação deste pequeno país à beira-mar plantado. Se a sua influência teve, de facto, repercussões na vida dos portugueses, resta descobrir; mas, pelo menos, tornou mais clara a situação do país e revelou a verdade ao mundo.

Em conclusão, podemos dizer que Beauvoir conheceu e deu a conhecer a realidade de Portugal de uma forma simples e honesta, transmitindo os contrastes que lhe eram inerentes. Pois, se é verdade que, segundo ela, o povo era pobre e triste, também era simpático e inocente e, se o regime político era opressor e autoritário, as paisagens eram soberbas e até as pequenas luzes de Lisboa pareciam belas quando se reflectiam nas águas do rio Tejo. País de contradições, foi assim que Simone de Beauvoir o viu: tal como a vida, Portugal tinha um lado bom e outro mau.

De forma a facilitar a consulta da Bibliografia utilizada para a realização deste trabalho, decidimos dividi-la em sub-temas. Assim, na bibliografia activa, temos as obras escritas integralmente por Beauvoir, outras em que apenas colaborou e os artigos que escreveu sob um pseudónimo. Na bibliografia passiva, encontramos, primeiro, textos que versam exclusivamente sobre a autora e o seu trabalho e, depois, outros que consideramos ter informações vitais para a realização deste estudo. Para além destas, inserimos também a bibliografia que utilizamos a nível de análise crítica e literária e outras obras de referência que, não versando directamente sobre o nosso âmbito de trabalho, forneceram um apoio a que recorremos sempre que necessário.

Bibliografia consultada

1. Obras da autora:

- BEAUVOIR, Simone de, *Brigitte Bardot and the Lolita syndrome*, Londres, Deutsch, Weidenfeld and Nicholson, 1960
- _____, *Faut-il Brûler Sade ?*, Paris, Gallimard, Coll. Idées Littérature, 1972
- _____, *Journal de guerre: septembre 1939 - janvier 1941*, (Édition présentée et annotée par Sylvie Le Bon de Beauvoir), Paris, Gallimard, 1990
- _____, *La cérémonie des adieux suivi de Entretiens avec Jean-Paul Sartre août – septembre 1974*, Paris, Gallimard NRF, 1981
- _____, *La femme rompue, Monologue, L'Âge de discrétion*, Paris, Gallimard, Coll. Folio, 1980
- _____, *La Force de l'âge*, Paris, Gallimard NRF, 1960
- _____, *La Force des choses*, Paris, Gallimard NRF, 1963
- _____, *La Longue marche, essai sur la Chine*, Paris, Gallimard, 1957
- _____, *L'Amérique au jour le jour*, Paris, Gallimard, Coll. Folio, 1947
- _____, *La vieillesse*, Paris, Gallimard, 1970
- _____, *Le deuxième sexe*, (2 volumes), Paris, Gallimard, 1949
- _____, *Le Sang des autres*, Paris, Gallimard, Coll. Folio, 1945
- _____, *Les belles images : roman*, Paris, Gallimard, Coll. Soleil, 1966

- _____, *Les bouches inutiles*, pièce en deux actes et huit tableaux, Paris, Gallimard, 1948
- _____, *Les Mandarins*, Paris, Gallimard, 1954
- _____, *Lettres à Nelson Algren : un amour transatlantique 1947- 1964*, (Texte établi, traduit de l'anglais et annoté par Sylvie Le Bon de Beauvoir), Paris, Gallimard, 1997
- _____, *Lettres à Sartre 1930-1939*, (Édition présentée, établie et annotée par Sylvie Le Bon de Beauvoir), Paris, Gallimard NRF, 1990
- _____, *Lettres à Sartre 1940-1963*, (Édition présentée, établie et annotée par Sylvie Le Bon de Beauvoir), Paris, Gallimard, NRF, 1990
- _____, *L'existentialisme et la sagesse des nations*, Paris, Nagel, Coll. Pensées, 1948
- _____, *L'Invitée*, Gallimard, Paris, 1943
- _____, *Mémoires d'une jeune fille rangée*, Paris, Gallimard, coll. Folio, 1980
- _____, *Pour une morale de l'ambiguïté*, essai, Paris, Gallimard, Coll. Les Essais, XXVI, 1947
- _____, *Privilèges*, Paris, Gallimard, Coll. Les Essais n.º76, 1955
- _____, *Pyrrhus et Cinéas*, Paris, Gallimard, 1944
- _____, *Quand Prime le Spirituel*, Paris, Gallimard, 1979
- _____, *Tous les hommes sont mortels*, Paris, Gallimard, Coll. Folio, 1946
- _____, *Tout compte fait*, Paris, Gallimard, 1972
- _____, *Une mort très douce*, Paris, Gallimard, Coll. Folio, 1975

2. Textos de Simone de Beauvoir assinados com o pseudónimo Secrétan:

- SÉCRETAIN, Daniel, « Le Portugal sous le régime de Salazar. Sur sept millions de Portugais il y en a 70.000 qui mangent », in *Combat de la Résistance à la Révolution*, n.º273, 4e année, lundi, 23 avril 1945, Paris
- _____, « Sous le régime de Salazar. Les Riches redoutent les Portugais qui ont faim », in *Combat de la Résistance à la Révolution*, n.º274, 4e année, lundi, 24 avril 1945, Paris

3. Publicações com a sua participação:

- ASSOCIATION CHOISIR, *Avortement: une loi en procès: l'affaire de Bobigny*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, Collection idées, 1973
- GAGNEBIN, Laurent, *Simone de Beauvoir ou Le refus de l'indifférence*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Fischbacher, 1968
- HALAMI, Gisèle, BEAUVOIR, Simone, *Djamila Boupacha Témoignages d'Henri Alleg, Mme Maurice Audin, Général de Bollardière, R. P. Chenu...*, Paris, Gallimard, 1962
- LAGROUA WEILL-HALLÉ, Marie-Andrée (Dr), *La Grand'peur d'aimer, journal d'une femme médecin*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Éditions René Julliard, 1960
- LEDUC, Violette, *La Bâtarde*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, 1964
- *Les femmes s'entêtent*, présentation par Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, Collection idées, 1975
- PISAN, Annie, TRISTAN, Anne, *Histoires du M. L. F.*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Ed. Calmann- Lévy, 1977
- ROUDY, Yvette, *À cause d'Elles*, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Albin Michel, 1985
- SAUREL, Renée, *L'enterrée vive Essai sur les mutilations sexuelles féminines, suivi de la conférence de la mi-décennie de la femme à Copenhague*, préface de Simone de Beauvoir, Genève-Paris, Éditions Slatkine, 1981
- STEINER, Jean-François, *Treblinka: la révolte d'un camp d'extermination*, avant-propos de Gilles Perrault, préface de Simone de Beauvoir, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1966

4. Textos sobre a autora :

- ASCHER, Carol, *Simone de Beauvoir a life of Freedom*, Boston, Beacon Press, 1981
- AUDET, Jean-Raymond, *Simone de Beauvoir face à la mort*, Lausanne, Éditions L'Âge d'Homme, 1979
- BAIR, Deidre, *Simone de Beauvoir*, traduit de l'anglais (États-Unis) par Marie-France de Paloméra, Paris, Fayard, 1991
- BAISNÉE, Valérie, *Gendered resistance: the autobiographies of Simone de Beauvoir, Maya Angelou, Janet Frame and Marguerite Duras*, Amsterdam, Rodopi, 1997
- BIEBER, Konrad, *Simone de Beauvoir*, Paris, G. K. Hall & Co. , 1979

- BONAL, Gérard, *Simone de Beauvoir*, Paris, Seuil, 2001
- CAYRON, Claire, *La nature chez Simone de Beauvoir*, Paris, Gallimard NRF, 1973
- CHAPERON, Sylvie, *Les années Beauvoir: 1945-1970*, Paris, Librairie Arthème Fayard, 2000
- D'EAUBONNE, Françoise, *La femme nommée Castor, mon amie Simone de Beauvoir*, Paris, Sofinem/Encre, 1986
- DESCUBES, Madeleine, *Connaître Simone de Beauvoir*, Paris, Resma, Collection « connaissance du présent », 1974
- EVANS, Mary, *Simone de Beauvoir a feminist mandarin*, London/New York, Tavistock, 1985
- FALLAIZE, Elizabeth, *Simone de Beauvoir: a critical reader*, London, Routledge, 1998
- FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande, *Les écrits de Simone de Beauvoir : la vie, l'écriture, avec en appendice, textes inédits ou retrouvés*, Paris, Gallimard NRF, 1979
- FRANCIS, Claude, GONTIER, Fernande, *Simone de Beauvoir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985
- FRANCIS, Claude, *Simone de Beauvoir et le cours du monde*, (textes rassemblés par Claude Francis), Paris, Klincksieck, 1978
- GENNARI, Geneviève, *Simone de Beauvoir*, Paris, Éd. Universitaires, Collection classiques du XXe siècle, 1958
- HALPERN-GUEDJ, Betty, *Le temps et le transcendant dans l'œuvre de Simone de Beauvoir*, [Berlin], éditions Tübingen, Collection Études littéraires françaises 67, 1998
- HENRY, Antoin-Marie, *Simone de Beauvoir ou l'échec d'une chrétienté*, Paris, Librairie Arthème Fayard, Collection Le Signe, 1961
- HOURDIN, Georges, *Simone de Beauvoir et la liberté*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1962
- JEANSON, Francis, *Simone de Beauvoir ou l'entreprise de vivre: suivi de deux entretiens avec Simone de Beauvoir*, Paris, Seuil, 1966
- JULIENNE-CAFFIÉ, Serge, *Simone de Beauvoir*, Paris, Gallimard, Collection La Bibliothèque Idéale, 1966
- JOSEPH, Gilbert, *Une si douce occupation... Simone de Beauvoir et Jean-Paul Sartre 1940-1944*, Paris, Albin Michel, 1991
- KLAU, Barbara, *Le Paris de Beauvoir*, Paris, Syllepse, Coll. Nouvelles questions féminines, 1999
- LACON, Elisabeth, *Zaza correspondance et carnets d'Elisabeth Lacoïn 1914-1929*, Paris, Seuil, Collection Libre à Elles, 1991
- LARSSON, Björn, *La Réception des Mandarins: le roman de Simone de Beauvoir face à la critique littéraire en France*, Lund, Lund University Press, 1988

- LASOCKI, Anne-Marie, *Simone de Beauvoir ou l'entreprise d'écrire: essai de commentaire par les textes*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1971
- LA VOULDIE, *Mme Simone de Beauvoir et ses «mandarins»*, Paris, Librairie Française, 1955
- LILAR, Suzanne, *Le Malentendu du deuxième sexe*, avec la collaboration du Pr. Gilbert Dreyfus, Paris, Presses Universitaires de France, 1969
- LÓPEZ PARDINA, Teresa, *Simone de Beauvoir, una filósofa del siglo XX*, Cádiz, Universidad de Cádiz Servicio de Publicaciones, Col. Textos y estudios de mujeres VIII, 1998
- LUNDGREN-GOTHLIN, Eva, *Sex and existence: Simone de Beauvoir's «The seconde sexe»*, London, Athlone, 1996
- MELO, João, *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir: contos*, 2ª edição, Lisboa, Edições Caminho, Coleção Terra sem amos, 1999
- MOI, Toril, *Simone de Beauvoir Conflits d'une intellectuelle*, traduit de l'anglais par Guillemette Belleteste, Paris, Diderot, 1995
- MONTEIL, Claudine, *Simone de Beauvoir Le mouvement des femmes. Mémoires d'une jeune fille rebelle*, Monaco, Éditions du Rocher, 1996
- MOUBACHIR, Chantal, *Simone de Beauvoir ou le souci de différence*, Collection philosophes de tous les temps, Paris, Seghers, 1972
- NORDQUIST, Joan, *Simone de Beauvoir A Bibliography*, New York, Reference and Research Services, Collection Social Theory: A Bibliographic Series, n.º23, 1991
- PILARDI, Jo-Ann, *Simone de Beauvoir writing the self: philosophy becomes autobiography*, West-Port, Praeger, 1999
- RÉTIF, Françoise, *Simone de Beauvoir L'autre en miroir*, Paris, L'Harmattan, Collection Bibliothèque du Féminisme, 1998
- RIBONI, Josiane Leclerc, *Des Mandarins aux Samourais: la fin d'un Mythe*, New York, Collection Currents in Comparative Romance Languages and Literatures, vol. 50, 1997
- RODGERS, Catherine, *Le Deuxième Sexe de Simone de Beauvoir un héritage admiré et contesté*, Paris, L'Harmattan, Collection Bibliothèque du féminisme, 1998
- ROMERO, Christiane Zehl, *Simone de Beauvoir*, tradução de Maria Nóvoa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999
- SACCANI, Jean-Pierre, *Nelson et Simone*, Paris, Du Rocher, 1994
- SARTRE, Jean-Paul, *Lettres au Castor et à quelques autres*, (édition établie et annotée par Simone de Beauvoir), Paris, Gallimard, 1983
- SCHWARZER, Alice, *Simone de Beauvoir aujourd'hui: six entretiens*, traduction française de Léa Marcou, Paris, Mercure de France, 1984

- SIMONS, Margaret A., *Beauvoir and the second sexe: feminism, race, and the origins of existentialisme*, Lanham, Rowman & Littlefield, 1999
- TOESCA, Maurice, *Simone ou le bonheur conjugal*, Paris, Albin Michel, [1952]
- VAN DER BERGHE, Christian Louis, *Dictionnaire des Idées dans L'Oeuvre de Simone de Beauvoir*, Paris, Mouton & Co., 1966
- WHITMARSH, Anne, *Simone de Beauvoir and the limits of Commitment*, London, Cambridge University Press, 1981
- YALE FRENCH STUDIES, *Simone de Beauvoir: Witness to a Century*, Yale, Yale University Press, 1986

5. Outros Textos:

- AAVV, *A Mulher – Mesa Redonda, Dia Aberto 1995*, Aveiro, Edição Fundação João Jacinto de Magalhães, Coleção Universidade Hoje, 1996
- AAVV, “Representações de Portugal nas Literaturas Estrangeiras e Representações do Estrangeiro na Literatura Portuguesa”, *Portugal e o Outro: uma Relação Assimétrica?*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001
- *Afinidades: Revista de Cultura luso-francesa*, propriedade do Instituto Francês em Portugal, Lisboa, 1942-1946
- ALBERES, René Merrill, *L'Aventure intellectuelle du XXe siècle*, Paris, Albin-Michel, 1969
- APOLLONIA, Ariane Chebel, *Histoire politique des intellectuels en France 1994-1954*, Bruxelles, Complexe, 1991
- ARON, Raymond, *L'opium des intellectuels*, Paris, Calmann-Lévy, 1968
- BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa, COSTA, Maria Velho da, *Novas Cartas Portuguesas*, Prefácio de Maria de Lourdes Pintasilgo, Lisboa, Estúdios Cor, 1972
- BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa, COSTA, Maria Velho da, *Novas Cartas Portuguesas, O Livro das Três Marias 25 Anos Depois*, Lisboa, D. Quixote, 1998
- BEAUVOIR, Hélène de, *Souvenirs* (recueillis par Marcelle Routier), Paris, Librairie Séguier, 1987
- CALHEIROS, Pedro, «Afinidades e o dealbar do Neo-realismo», in *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas*, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 9 e 10 de Novembro de 1995

- CALHEIROS, Pedro (organização e coordenação), *O Belo Ver de Hélène de Beauvoir (Pinturas e Desenhos; Portugal, 1940-1945; [Catálogo das Exposições])*, Aveiro, Fundação João Jacinto de Magalhães, 1994
- CHALUMEAU, Jean-Luc, *La pensée en France de Sartre à Foucault*, Paris, Nathan, 1974
- CHARDONNE, Jacques, *Vivre à Madère*, Paris, Grasset, Collection Les Cahiers Rouges, 1953
- CHARLES, Christophe, *Les intellectuels en Europe au Xxe siècle, Essai d'histoire comparée*, Seuil, Paris, 1996
- DURAND, Yves, *La France dans la Deuxième Guerre mondiale, 1939-1945*, Armand Colin, Paris, 1993
- FERREIRA, David Mourão, *Os Ócios do Ofício. Crónicas e Ensaio*, Lisboa, Guimarães Editores, 1989
- FERRO, António, *Salazar. Le Portugal et son chef*, (trad. de Fernanda de Castro, précédé d'une «Note sur l'idée de dictature» de Paul Valéry), Paris, Flammarion, 1934
- FRÉBOURG, Olivier, *Souviens-toi de Lisbonne*, Paris, La Table Ronde, 1998
- GIRAUDOUX, Jean, *Portugal* (suivi de *Combat avec l'image*), Paris, Grasset, 1958
- GREEN, Julien, *La Fin d'un monde, juin 1940*, Paris, Seuil, 1992
- GREEN, Julien, *La lumière du monde. Journal 1978-1981*, Paris, Seuil, 1983
- HYU-SOOK, Sun, « Du langage des femmes au discours féminin » in *Le Français dans le monde*, n.º 299, août-septembre, 1998
- JANEIRO, Helena Pinto, *Salazar e Pétain – Relações luso-francesas durante a Segunda Guerra Mundial (1940-44)*, Lisboa, Cosmos, 1998
- KESSEL, Joseph, *Les amants du Tage*, Paris, Plon, 1968
- LARBAUD, Valéry, *Jaune, Bleu, Blanc*, Paris, Gallimard, 1927
- LOURENÇO, Eduardo, *L'Europe Introuvable*, (trad. de Annie de Faria), Paris, A. M. Métailié, 1991
- MEDINA, João, *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1977
- MEDINA, João, *Salazar, Hitler e Franco*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000
- MICHEL, Henri, *Histoire de la Résistance en France*, Paris, PUF, 1987
- MORAND, Paul, *Le prisonnier de Cintra*, Paris, Arthème Fayard, 1958
- PESSOA, Fernando, *Páginas sobre Literatura e Estética*, (organização, introdução notas e bibliografia básica actualizada de António Quadros), Mem Martins, Europa-América, Colecção Livros de bolso, 1986
- PESSOA, Fernando, *Poesias*, Lisboa, Ática, 1970
- PLOQUIN, Françoise, « Le cinquantenaire du Deuxième Sexe en colloque » in *Le Français dans le Monde*, n.º304, mai – juin, 1999

- QUINTERO, Alejandro, *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1994
- RELVAS, Carlos, «A lição dos escritores franceses» in *Vértice, revista de cultura e arte*, fascículo 2, Abril de 1945
- ROCHA, Clara, *Revistas literárias do séc. XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Colecção Temas portugueses, 1985
- ROTHEVAL, Huguette, «Une voie singulière, celle de Simone de Beauvoir» in *Línguas e Literaturas* II série, Revista da FLUP, volume III, 1986
- ROZIÉ, Fabrice, «Devenir Beauvoir» in *Le Français dans le Monde*, n.º 304, mai -juin, 1999
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, *Lettre à un otage*, Paris, Gallimard, 1944
- VIEIRA, João Martins, *A Economia do turismo em Portugal*, Lisboa, D. Quixote, 1997.
- VOLODINE, Antoine, *Lisbonne dernière marge*, Paris, Les éditions de Minuit, 1990

6. Bibliografia sobre crítica ou análise literária :

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1994
- BARTHES, Roland, *L'aventure Sémiologique*, Paris, Seuil, 1985
- BLOOM, Harold, *The Western Canon: The books and school of the ages*, London, Papermac, 1994
- BOURDIEU, Pierre, *Les Règles de l'art. Genèse et structure du camp littéraire*, Paris, Seuil, coll. «Libre Examen», 1992;
- BRUNEL, Pierre, PICHOS, Claude, ROUSSEAU, André M., *Qu'est-ce que la Littérature Comparée?*, Paris, Armand Colin, 1983
- COELHO, Eduardo Prado, *Os Universos da Crítica*, Lisboa, Edições Setenta, 1982
- GENETTE, Gerard, *Figures III*, Paris, Seuil, 1972
- JAUSS, H.R., *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, Collection Tel Quel, 1978
- KAISER, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980
- KHRAPTCHENKO, Mikhaïl, *La personnalité de l'écrivain et l'évolution de la littérature*, Éd. du Progrès, U.R.S.S., 1974
- MARITAIN, Jacques, *La responsabilité de l'artiste*, Arthème Fayard, Paris, 1961
- PAGEAUX. Daniel-Henri, *Imagens de Portugal na cultura francesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1984

- _____, *Images du Portugal dans les lettres françaises (1700-1755)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1971
- _____, *La Littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin, 1994
- _____, “Une perspective d’études en littérature comparée: l’imagerie culturelle” in *Synthesis*, VIII, Bucarest, 1981
- PEYRE, Henri (coord.) ; LANSON, Gustave, *Essais de méthode de critique et d’histoire littéraire*, Paris, Hachette, 1965
- REIS, Carlos, *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina, 1999
- ROHOU, Jean, *L’Histoire littéraire : objets et méthodes*, Paris, Nathan, 1996
- SARTRE, Jean-Paul, *L’existentialisme est un humanisme*, Paris, Gallimard, Coll. Folio Essais, 1996
- SARTRE, Jean-Paul, *Qu’est-ce que la littérature?*, Paris, Folio, Collection essais, 1947
- WINOCK, Michel, *Le siècle des intellectuels*, Seuil, Paris, 1997

7. Dicionários, enciclopédias e outras obras de referência :

- ABRAHAM, Pierre, *Manuel d’histoire littéraire de la France*, Paris, Éd. Sociales, 1977 ;
- BEAUMARCHAIS, Jean-Pierre, COUTY, Daniel, REY, Alain, *Dictionnaire des littératures de langue française*, Paris, Bordas, 1994
- BONNEFOY, Claude, CARTANO, Tony, OSTER, Daniel, *Dictionnaire de littérature française contemporaine*, Paris, Éd. Universitaires, 1977
- BOURIN, André, ROUSSELOT, Jean, *Dictionnaire de la littérature française contemporaine*, nouvelle édition revue et corrigée, Paris, Ed. Larousse, 1971
- BRUNEL, Pierre (org.), *Histoire de la littérature française*, Paris, Bordas, 1986
- COUTY, Daniel (org.), *XXe siècle. Histoire de la littérature française*, Paris, Bordas, 1988
- HOLLIER, Denis (direction), *De la littérature française*, Paris, Bordas, 1993
- LAGARDE, André, MICHARD, Laurent, *XXe siècle : les grands auteurs français*, Paris, Bordas, 1988
- LANSON, G., *Histoire de la littérature française*, Paris, Hachette, 1982
- LECARME, J. et alii, *XX siècles de littérature française*, Paris, Bordas, 1973
- OLIVEIRA, Américo Lopes de, *Dicionário de mulheres célebres*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981

- ORMESSON, Jean d', *Une autre Histoire de la littérature française*, Paris, Nil éditions, 1999
- PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa periódica literária portuguesa do séc.XX (1941-1974)*, volume II, 1º e 2º tomos, Lisboa, Ed. Grifo, 2000
- REI, J. Esteves, *Curso de Redacção II – O texto*, Porto, Porto Editora, 1994
- ROGER, Jacques (direction), *Histoire de la Littérature française du XVIIIe siècle à nos jours*, Paris, Librairie Armand Colin, 1970
- ROSAS, Fernando, *História de Portugal – O Estado Novo*, (direcção geral de José Mattoso), Lisboa, Editorial Estampa, 1994
- SARAIVA, António José de, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Gradiva, 1994
- VERCIER, Bruno, LECARME, Jacques, *La littérature en France depuis 1968*, Paris, Bordas, 1982